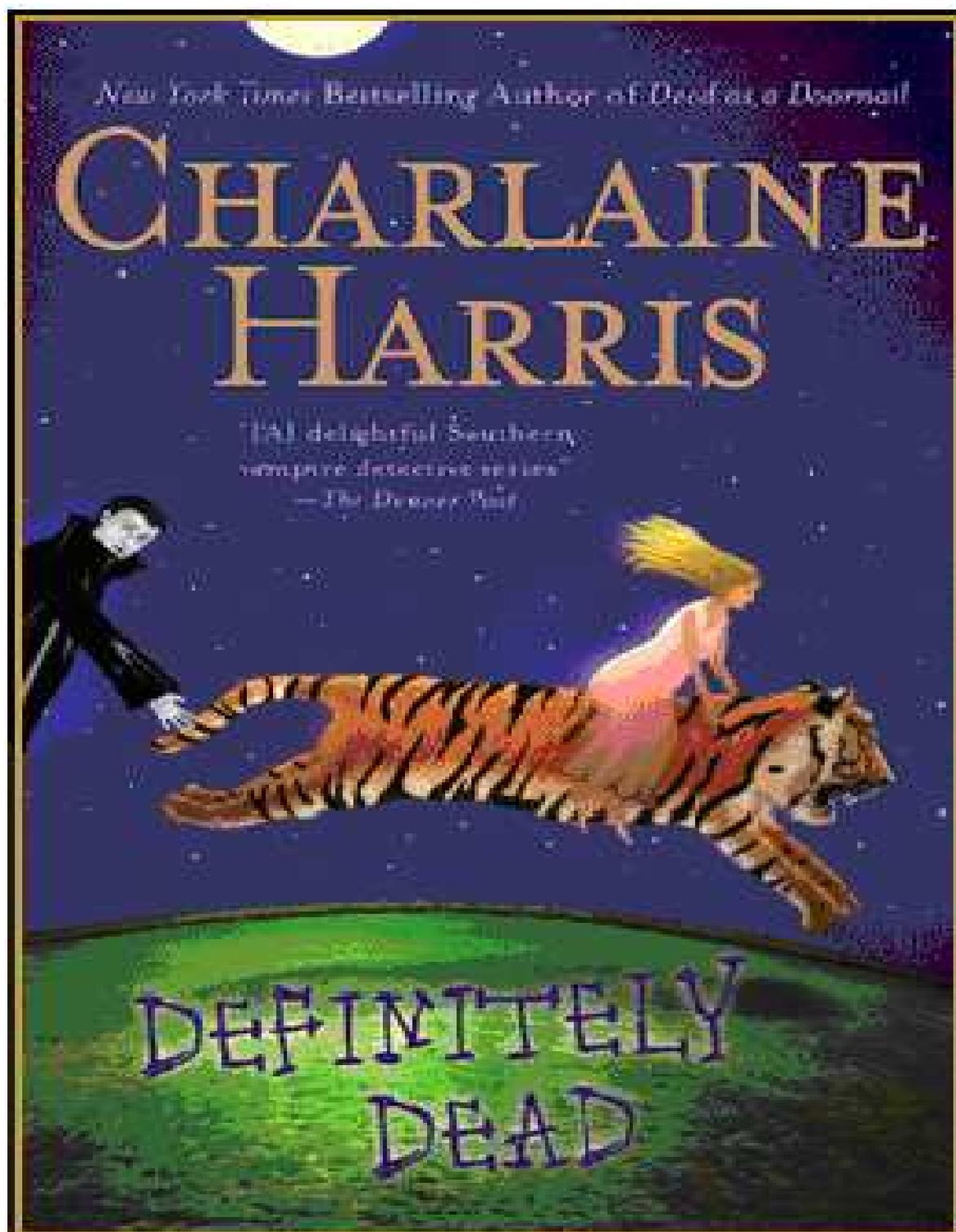


Vol.6 - Definitivamente Morta  
(Vampiros Sulinos)  
Charlaine Harris

---

\*Revisado e Traduzido por Aninha Lizaso – [www.aninhalizaso.blogspot.com](http://www.aninhalizaso.blogspot.com)



\*Obviamente, este livro estava terminado meses antes que o Furacão Katrina batesse na Costa do Golfo. Desde que muito do complô ocorre em Nova Orleans, lutei com que Definitivamente Morta saísse como estava, ou incluir a catástrofe de agosto e setembro. Depois de pensar muito, desde que a visita do Sookie toma lugar dentro da anterior primavera do ano, decidi deixar o livro como originalmente foi escrito. Meu coração sai fora para as pessoas da bela cidade de Nova Orleans e para toda a gente das áreas costeiras do Mississippi, meu estado lar. Meus pensamentos e minhas orações estarão com vocês quando vocês reconstruam suas casas e suas vidas.

## CAPÍTULO 1

Pendurava do braço de um dos homens mais belos que alguma vez tinha visto, e que olhava perdidamente para meus olhos.

-Pensa em... Brad Pitt- sussurrei. Os olhos café escuros ainda me estimaram com interesse remoto. Bem, estava mal encaminhada.

Lembrei do último amante do Claude, um striper.

-Pensa no Charles Bronson- sugeri, - ...ou, um, Edward James Olmos-. Fui recompensada pelos começos de um resplendor quente nesses olhos de longas sobrancelhas.

Pensarás que em amem, Claude ia levantar minha saia bastante crocante e puxar para baixo de meu corpete decotado e me violar até que rogasse piedade. Infelizmente para mim - e todas as outras mulheres de Louisiana - Claude joga para o outro time . Peitos grandes e loira não era o ideal do Claude; duro, rude, e amadurecido, com talvez um pouco de bigode, era o que acendia seu fogo.

-Maria-Estrela, se aproxime e arrume o cabelo dela para trás," Alfred Cumberland pediu desde atrás da câmara. O fotógrafo era um homem negro corpulento com cabelo cinza e bigode. Maria-Estrela Cooper deu um passo diante da câmara para reacomodar um fio perdido de meu comprido cabelo loiro. Estava deitada para trás sobre o braço direito de Claude, minha esquerda invisível (para a câmara, de qualquer maneira) desesperadamente agarrando firmemente a parte de atrás de sua levita negra, meu braço correto descansando amavelmente sobre seu ombro esquerdo. Sua mão esquerda estava em minha cintura. Acho que a pose queria sugerir que ele me baixava ao chão para sair com a sua comigo.

Claude levava posta a levita negra com calças negras ao joelho, meias brancas, e uma camisa espumosa branca. Eu tinha posto um comprido vestido azul com uma ampla saia e anáguas. Como mencionei, o vestido era escasso na parte superior, com as mangas pequenas abaixadas de meus ombros. Estava contente que a temperatura no estudo era moderadamente alta. A luz grande (dava para meus olhos como um prato de satélite) não era tão quente como tinha esperado.

Al Cumberland fotografava enquanto Claude ardia a fogo lento por mim. Me esmerei em arder em fogo lento por ele. Minha vida pessoal tinha sido, poderíamos dizer, árida nas semanas passadas, assim é que estava excessivamente em condição de arder em fogo lento. De fato, estava pronta para arder em chamas.

Maria-Estrela, quem tinha uma bela torrada e brilhante pele e cabelo escuro encaracolado, estava de pé pronta com umas escovas e estojo de penteadeira grande e pentes para realizar reparações de último momento. Quando Claude e eu tínhamos chegado ao estúdio, fiquei surpresa de encontrar com que reconheci a jovem assistente do fotógrafo. Não tinha visto Maria-Estrela desde que o líder da manada de Shreveport tinha sido escolhido algumas semanas antes. Não tinha tido muitas oportunidades para vê-la logo, desde que o concurso do packmaster tinha sido aterrador e sangrento.

Hoje, tinha oportunidade de ver que Maria-Estrela se recuperou completamente de ser atropelada por um carro em janeiro passado. Os lobisomens se curam rapidamente.

Maria-Estrela tinha me reconhecido, também, e fiquei aliviada quando ela sorriu pra mim. Minha posição na manada de Shreveport era, por não dizer mais, incerta. Sem exatamente me oferecer a fazer isso, sem intenção tinha compartilhado minha sorte do candidato perdedor para o trabalho de packleader. O filho desse candidato, Alcide Herveaux, a quem tinha contado como talvez mais que um amigo, sentiu que eu o havia decepcionado durante o concurso; O packmaster novo, Patrick Furnan, sabe que tive laços com a família Herveaux. Fiquei surpresa quando Maria-Estrela conversou comigo enquanto fechava o zíper do traje e escovava meu cabelo. Ela aplicou mais maquiagem do que alguma vez havia trazido posto em minha vida, mas quando olhei perdidamente para o espelho tive que lhe agradecer. Parecia grandiosa, embora não me parecia com a Sookie Stackhouse.

Se Claude não tivesse sido gay, ele poderia ter ficado impressionado, também. Ele é o irmão de minha amiga Claudine, e trabalha despindo-se em um bar de stripers para damas no Hooligan, um clube que ele agora possui. Claude é simplesmente apetitoso; seis pés de alto, com lustroso cabelo negro e olhos café grandes, um nariz perfeito, e lábios cheios. Ele mantém seu cabelo comprido para cobrir completamente suas orelhas: foram cirurgicamente alteradas para serem arredondadas como orelhas humanas, não bicudas como eram originalmente. Se estiver à corrente do mundo sobrenatural, divisará a cirurgia da orelha, e saberá que Claude é uma fada. Não estou usando o término pejorativo para sua orientação sexual. Quero dizer literalmente; Claude é uma fada.

-Agora a máquina do vento-, Al instruía a Maria-Estrela, e depois de trocar de pose, ela conectou um leque grande. Agora parecíamos estar em um vendaval. Meu cabelo ondulou em uma folha loira, embora a rabo-de-cavalo da parte de atrás amarrada de Claude ficou no lugar.

Depois de algumas tomadas para captar essa aparência, Maria-Estrela desamarrou o cabelo de Claude e o acomodou sobre um ombro, assim é que sopraria adiante para formar uma cortina de fundo para seu perfil perfeito.

-Brevíssimo- disse Al, e seguiu fotografando algo mais. Maria-Estrela moveu a máquina um par de vezes, fazendo que a tempestade de vento batesse de diferentes direções. Eventualmente Al me disse que podia ficar de pé. Endireitei-me agradecida.

-Espero que isso não seja muito para seu braço-, disse a Claude, quem se via calmo outra vez.

-Não, não há problema. Tem suco de fruta?- Perguntou a Maria-Estrela.

Claude não era o Sr. Habilidade Social. A linda lobato apontou com o dedo para um refrigerador pequeno no canto do estudo.

-Os copos estão na parte superior- disse ao Claude. Lhe seguiu com seus olhos e suspirou. As mulheres freqüentemente faziam isso depois que tinham falado com o Claude.

O suspiro foi um de "que pena". Depois de inspecionar para se assegurar que seu chefe ainda acomodava a equipe, Maria-Estrela me deu um sorriso brilhante. Embora ela era uma lobato, o que fazia seus pensamentos difíceis de ler, recolhi o fato que ela tinha algo que queria me dizer... e ela não estava segura como ia começar.

A telepatia não é divertida. Sua opinião do você mesma sofre quando sabes o que pensam os demais sobre você. E a telepatia impossibilita quase sair em encontros com pessoas normais. Simplesmente pensa a respeito disso. (E lembre, saberei se o faz, ou não o faz.)

-Alcide teve um tempo difícil desde que seu papai foi derrotado," disse Maria-Estrela, em voz baixa. Claude estava ocupado em estudar a si mesmo em um espelho enquanto bebia seu suco. Al Cumberland tinha atendido uma ligação em seu telefone celular e se retirou a seu escritório para conversar.

-Estou segura que sim," falei. Desde que o adversário do Jackson Herveaux o tinha matado, era de se esperar que o filho do Jackson tivesse seus altos e baixos.

-Lhe enviei uma comemoração a SOCIEDADE AMERICANA PROTETORA DOS ANIMAIS, e sei que notificarão o Alcide e Janice,- falei. (Janice era a irmã mais nova do Alcide, o qual a faz uma não-loba. Perguntei-me como explicaria Alcide a morte de seu pai a sua irmã.) Em aceitação, tinha recebido uma nota de agradecimento impressa, o tipo que a funerária lhe dá, sem uma palavra pessoal escrita nela.

-Bem- Ela parecia ser incapaz de cuspi-lo, o que for que estava entupido em sua garganta. Obtive um vislumbre do que era. A dor titilou através de mim como uma faca, e logo o enclausurei e devorei meu orgulho ao redor de mim. Tinha aprendido a fazer isso excessivamente a primeira hora da vida.

Escolhi um álbum de provas de trabalho do Alfred e comecei às folhear, apenas olhando as fotos de prometidas e namorados, bar mitzvahs, primeiras comunhões, aniversários de bodas de vinte e cinco anos. Fechei esse álbum e o coloquei em seu lugar. Estava tratando de me

ver informal, mas não penso que sortiu efeito. Com um sorriso brilhante que arremedou a própria expressão da Maria-Estrela, falei,

-Alcide e eu não fomos na verdade um casal, sabe-. Poderia ter tido desejos e esperanças, mas nunca tinham tido possibilidade de madurar. A oportunidade do momento sempre tinha estado mau. Os olhos da Maria-Estrela, de um marrom mais brilhante que os do Claude, se alargaram no temor. Ou era medo?

-Ouvi que você podia fazer isso,- ela disse. -Mas é difícil de acreditar.

-Bom- disse cansadamente. -Pois bem, estou contente que você e Alcide estejam saindo, e não tenho direito de interferir, até se tivéssemos saído. Coisa que não-. Isso saiu um pouco desordenado (e não era certo), mas penso que Maria-Estrela entendeu minha intenção: Salvar minha cara.

Como não tinha escutado de Alcide nas semanas seguintes à morte de seu pai, tinha sabido que não importa que sentimentos ele teria por mim, estavam terminados. Esse tinha sido um golpe, mas não um fatal. De uma maneira realista, não tinha esperado nada mais do Alcide. Mas maldição, eu gostava dele, e sempre dá ferroadas quando ficamos sabendo que fomos substituídas com tanta facilidade aparente. Depois de tudo, antes da morte de seu papai Alcide tinha sugerido que vivêssemos juntos. Agora ele estava meneando com esta cria de lobo, talvez planejando ter cachorrinhos com ela.

Detive essa linha de pensamento aí mesmo. Que vergonha! Nenhum ponto em ser uma cadela (que, pensando nisso, Maria-Estrela realmente o era, ao menos três noites ao mês.) Dupla vergonha.

-Espero que esteja muito feliz- falei.

Ela me deu outro álbum silenciosamente, este tinha EYES ONLY escrito. Quando o abri, dava-me conta de que os Olhos eram sobrenaturais. Aqui havia fotos de cerimônias que os humanos nunca veriam... um casal de vampiros que vestiam trajes elaborados, posando ante de um ankh gigante; um jovem na metade de trocar em um urso, provavelmente pela primeira vez; uma foto de um líder de manada com todos seus membros em forma de lobo. Al Cumberland, fotógrafo do estranho. Não é estranho que ele houvesse sido a primeira escolha do Claude para suas fotos, Claude esperava que o lançasse em sua carreira de modelo.

-Próxima tomada- chamou Al, enquanto saía com pressa de seu escritório, fechando seu telefone celular.

-Maria-Estrela, justamente ficamos contratados para umas bodas duplas no canto do bosque de Miss Stackhouse-. Perguntei-me se ele tinha estado comprometido para o trabalho humano normal ou para um acontecimento sobrenatural, mas seria rude perguntar.

Claude e eu nos cercamos outra vez. Seguindo as instruções dele, levantei a saia para exibir minhas pernas. Na era que meu vestido representava, não pensei que as mulheres se bronzeassem ou depilassem suas pernas, e eu estava torrada e suave como a bunda de um bebê. Mas merda. Provavelmente os tipos não passeavam com suas camisas desabotoadas, tampouco.

-Levante sua perna como se você fosse colocá-la ao redor dele,- Alfred indicou. -Agora Claude, esta é sua oportunidade para brilhar. Pareça como se fosse tirar as calças em qualquer segundo. Queremos que os leitores ofeguem quando olhem para você!-

O portfólio de fotos de Claude seria usado quando ele entre na competência Sr.Romance, orquestrado cada ano pela revista Romantic Teme Bookclub.

Quando ele tinha compartilhado sua ambição com Al (supus que se conheceram em uma festa), Al tinha aconselhado ao Claude fazer alguns quadros com um tipo de mulher que freqüentemente aparecia na cobertura de novelas românticas; Havia dito a fada que o aspecto geral escuro do Claude seria complementado por uma loira de olhos azuis. Acertei ser a loira de peitos grandes conhecida do Claude que estava disposta a lhe ajudar grátis. É obvio, Claude conhecia algumas artistas de strip-tease que o teriam feito, mas esperavam ser pagas. Com seu tato usual, Claude havia me dito tudo isto em nosso caminho para o estúdio do fotógrafo. Claude pôde haver mantido em privado estes detalhes, o qual teria deixado me sentir bem a respeito de ajudar ao irmão de minha amiga - mas na forma típica do Claude, ele compartilhou.

-De acordo, Claude, agora sem a camisa,- Alfred chamava.

Claude estava acostumado a receber instruções de tirar suas roupas. Ele tinha um peito largo, sem belo, com uma musculatura impressionante, assim é que ele parecia bem certamente sem sua camisa. Estava hipertensa. Talvez estava me virando imune.

-A saia, a perna,- Alfred lembrando de mim, e disse a mim mesma que este era um trabalho. Al e Maria-Estrela eram certamente profissionais e impessoais, e você não poderia ficar mais frio que Claude. Mas não estava acostumada a levantar minha saia diante de pessoas, e era bastante pessoal para mim. Embora mostrava tanta perna quando usava calças curtas e nunca corei, em certa forma subir a saia longa estava algo mais carregado com sexualidade. Apertei com força meus dentes e subi o material, fazendo dobras nele a intervalos assim é que ficaria na posição correta.

-Srta. Stackhouse, você tem que parecer como se desfrutasse disto,- Al disse. Ele me olhou fixamente de todas partes de sua câmara, sua frente se enrugou em uma forma definitivamente desafortunada.

Fiz uma tentativa de não me zangar. Havia dito ao Claude que lhe faria um favor, e os favores deveriam se fazer voluntariamente. Levantei minha perna assim é que minha coxa foi paralelo com o piso, e apontei com meus dedos do pé nus para o piso no que esperava fora uma posição graciosa. Pus ambas as mãos nos ombros nus de Claude e lhe contemplei. Sua pele se sentia quente e lisa ao tocá-la - não erótico ou despertando.

-Você se vê entediada, Srta. Stackhouse,- Alfred disse. -Supõe-se que se veja como se você queria pular sobre seus ossos. Maria-Estrela, faça que sua aparência seja mais... mais-. Maria-Estrela se aproximou para empurrar as mangas bombadas pequenas mais para baixo de meus braços. Ela esteve também um pouco entusiasmada, e estava contente que o corpete era apertado.

O fato foi, Claude poderia ver-se belo e nu durante todo o dia, e ainda não lhe queria.

Ele era resmungão e tinha não tinha maneiras. Até se ele tinha sido hetero, ele não teria sido minha xícara de chá - depois de que tinha tido uma conversa de dez minutos com ele. Como Claude mais cedo, tive que recorrer à fantasia.

Pensei a respeito do Bill o vampiro, meu primeiro amor em todos os aspectos. Mas em lugar da luxúria, senti cólera. Bill saía com outra mulher, desde por volta de algumas semanas. Certo, o quê, a respeito do Eric, o chefe do Bill, o viking? Eric o vampiro, que compartilhou minha casa e minha cama durante alguns dias em janeiro. Não, esse caminho era muito perigoso. Eric soube um segredo que quis manter escondido pelo resto de meus dias;

Entretanto, desde que ele tinha tido amnésia quando ele se hospedou em meu lugar, ele não era consciente que estava em sua memória em alguma parte. Algumas outras caras jogadas em minha mente - meu chefe, Sam Merlotte, o dono do Bar Merlotte. Não, não vá para lá, pensar a respeito de seu chefe nu é mau. De acordo, Alcide Herveaux? Não, essa foi uma operação cancelada, quanto mais que estava na companhia de sua namorada atual ... Bem, estava totalmente sem material de fantasia e teria que recorrer a um de meus velhos favoritos fictícios.

Mas as estrelas de cinema pareciam brandas depois que o mundo sobrenatural tinha habitado desde que Bill entrou no Merlotte. A última experiência remotamente erótica que tinha tido, por estranho que pareça, tinha envolto minha perna sangrando sendo lambida.

Isso tinha sido desestabilizante. Mas até dadas as circunstâncias, havia feito às coisas o interior profundo eu a contração nervosa. Lembrei como Quinn tinha se movido, o super calvo, enquanto ele limpava minha ferida em uma forma muito pessoal, agarrei firme de seus dedos quentes grandes quando havia segurado minha perna.

-Está bem,- Alfred disse, e começou a fotografar. Claude pôs sua mão em minha coxa nua quando ele pôde sentir que meus músculos começavam a tremer pelo esforço de sustentar a posição. Outra vez, um homem agarra minha perna. Claude agarrou minha coxa o suficiente para lhe dar algum suporte. Tão ajudado grandemente, mas não era nem um pouco erótico.

-Agora algumas tomadas na cama,- Al disse, a ponto que tinha me decidido que não poderia agüentar mais.

-Não,- Claude e eu dissemos ao unísono.

-Mas é parte do pacote,- Al disse. -Você não precisa despir-se, sabe. Não faço esse tipo de fotos. Minha esposa me mataria. Você justamente se deita na cama como você é. Claude se apoiou em um cotovelo e a percorre com o olhar, Srta. Stackhouse.

-Não,- falei firmemente. -Tire algumas fotos dele parado na água. Isso seria melhor-. Havia um lago falso no canto, e os disparos do Claude, aparentemente nu, gotejando água sobre seu peito nu, seria extremamente atrativa (para qualquer mulher que realmente não tinha o conhecido).

-O que acha disso, Claude?- A- perguntou.

O egotismo do Claude repicou dentro. -Acho que seria genial, Al,- ele disse, fazendo uma tentativa para não soar muito excitado.

Fui para o provador, ansiosa de tirar o traje e voltar para minhas calças jeans normais. Joguei uma olhada procurando um relógio. Devia chegar ao trabalho às cinco e trinta, e tinha que dirigir de volta a Bon Temps e agarrar meu uniforme de trabalho antes de ir ao Merlotte.

Claude chamou, -Obrigado, Sookie.

-Claro, Claude. Boa sorte com o contrato de modelo-. Mas ele já admirava a si mesmo em um espelho.

Maria-Estrela me acompanhou até a porta. -Adeus, Sookie. Foi bom te ver outra vez-.

-A ti também,- menti. Até através das passagens retorcidas da mente da lobato, podia ver que Maria-Estrela não podia entender por que deixaria passar o Alcide.

Depois de tudo, era um lobato de aparência agradável em uma forma acidentada, um companheiro entretido, e um varão apaixonado da persuasão heterossexual. Também, ele agora possuía sua companhia de construção e era um homem rico em seu direito.

A resposta se abriu de repente com um pequeno som explosivo em minha cabeça e eu falei antes de pensar.

-Alguém ainda está procurando a Debbie Pelt?- Perguntei-lhe, da mesma forma que atija um dente machucado. Debbie tinha sido durante muito tempo a às vezes sim e as vezes não e amante do Alcide. Ela tinha sido todo um trabalho.

-Não as mesmas pessoas,- Maria-Estrela disse. Sua expressão se obscureceu. Maria- Estrela não gostou de pensar a respeito de Debbie mais que a mim, entretanto indubitavelmente por razões diferentes.

-Os detetives que a família Pelt contrataram se deram por vencidos, disseram que tosquiariam à família se tivessem contínuo. Isso é o que eu ouvi. A polícia exatamente não disse, mas tinham alcançado uma rua sem saída, também. Só encontrei com os Pelt uma vez, quando se aproximaram de Shreveport imediatamente depois de que Debbie desapareceu.

São um casal selvagem-. Pisquei. Esta foi uma declaração medianamente drástica, vindo de um lobo.

-Sandra, sua filha, é a pior. Ela enlouqueceu pela Debbie, e por seu bem ainda consultam às pessoas, alguns companheiros de saídas. Eu acho que Debbie foi plagiada. Ou talvez ela se matou. Quando Alcide a abjurou, talvez ela se perdeu por um bom tempo.

-Talvez,- queixei-me, mas sem convicção.

-Ele está melhor. Espero que ela siga perdida, -Maria-Estrela disse.

Minha opinião tinha sido a mesma, mas a diferença da Maria-Estrela, sabia exatamente o que tinha acontecido a Debbie; esse foi o motivo que tinha separado Alcide de mim.

-Espero que ele nunca veja ela outra vez,- Maria-Estrela disse, sua bonita cara escura mostrando um pouquinho de seu lado selvagem.

Alcide poderia sair com a Maria-Estrela, mas ele não tinha acreditava nela completamente.

Alcide sabia de fato que ele nunca veria Debbie outra vez. E isso era minha culpa, Está bem?

A tinha matado com um tiro.

Havia feito a paz com meu ato, mais ou menos. Mas o fato sombrio se manteve abrindo de repente com um pequeno som explosivo de volta. Não há forma de matar alguém e conseguir sair do outro lado da experiência ilesa. As conseqüências alteram sua vida.

Dois sacerdotes entraram no bar.

Isto soa como a abertura de um milhão de piadas. Mas estes sacerdotes não tiveram a um canguru com eles, e não houve um rabino sentando-se no balcão, ou uma loira, já seja. Tinha visto muitas loiras, um canguru em um zoológico, nenhum rabino. Sem embargo, tinha visto estes dois sacerdotes várias vezes. Tiveram um encontro para jantar conjuntamente cada semana.

O padre Dão Riordan, por completo barbeado e avermelhado, era o sacerdote católico que vinha à igreja pequena de Bon Temps uma vez por semana no sábado para celebrar missa, e o Padre Kempton Littrell, pálido e barbudo, era o sacerdote Episcopal que sustentava a Eucaristia Sagrada na diminuta igreja Episcopal em Clarice uma vez cada quinze dias.

-Olá, Sookie- disse o Padre Riordan. Ele era irlandês; Realmente irlandês, não de extração irlandesa. Eu gosto de ouvi-lo falar. Ele trouxe postos óculos grossos com os marcos negros, e estava em seus quarenta anos.

-Olá, Padre. E olá para você, Padre Littrell. O que lhes posso trazer?

-Ah, eu gostaria de um escocês nas rochas, Srta. Sookie. E você, Kempton?"

-OH, justamente tomarei uma cerveja. E uma cesta de frango, por favor". O sacerdote Episcopal trouxe postos óculos com aro em ouro, e ele era menor que o Padre Riordan. Ele tinha um coração consciencioso.

-Claro. Sorri aos dois. Desde que podia ler seus pensamentos, conhecia a ambos por ser genuinamente bons homens, e isso me fazia feliz. É desconcertante ouvir o conteúdo da cabeça de um ministro e ficar sabendo que não é melhor que você, e é mais, não está tratando de sê-lo.

Desde que estava escuro lá fora, não fiquei surpresa quando Bill Compton entrou. Não poderia dizer o mesmo pelos sacerdotes. As Igrejas da América não haviam se enfrentado com a realidade dos vampiros. Chamar suas políticas confusas era pô-lo brandamente. A Igreja Católica neste momento acreditava que uma convocação a decide se a Igreja declarasse que todos os vampiros condenaram e excomungado aos católicos, ou aceitam na dobra como conversos potenciais. A Igreja Episcopal tinha votado contra aceitar os vampiros como sacerdotes, embora tiveram permissão de receber a comunhão - mas uma fatia física do laicado disse que isso seria sobre seus cadáveres. Infelizmente, a maior parte deles não compreenderam que tão possível que foi.

Ambos os sacerdotes observaram infelizmente como Bill me deu um beijo rápido na bochecha e se acomodaram em sua mesa favorita. Bill apenas lhes deu um olhar, mas desdobrou seu jornal e começou a ler. Ele sempre ficava sério, como se ele estudasse as páginas financeiras ou as notícias do Iraque; Mas soube que ele leu as colunas do primeiro conselho, e logo os cômicos, embora ele freqüentemente não agarrava piadas.

Bill estava sozinho, o qual foi uma mudança bonita. Usualmente, ele trazia a preciosa Selah Pumphrey. A odiei. Desde que Bill tinha sido meu primeiro amor e meu primeiro amante, talvez nunca seria completamente sobre ele. Talvez ele não queria que eu o seja. Ele parecia meter a Selah sem razão no Merlotte cada vez que saíam. Acreditei que ele a esfregava em minha cara. Não era exatamente algo a fazer se não te importava alguém mais, huh?

Sem ter que perguntar, levei- sua bebida favorita, seu TrueBlood tipo O. O deixei pulcramente diante dele em um guardanapo, e tinha começado a ir quando uma mão fresca tocou meu braço. Seu toque sempre me sacudia; talvez sempre faria. Bill sempre tinha dado declarado que o despertava, e depois de toda uma vida de nenhuma relação e nenhum sexo, comecei a voar alto quando Bill deixou claro que ele me encontrava atrativa.

Outros homens tinham me olhado como se tivesse me posto mais interessante, também. Agora soube por que as pessoas pensavam tanto sobre o sexo; Bill tinha me dado uma educação cabal.

-Sookie, fica por um momento. Olhei para baixo seus olhos café, os quais se viam mais escuros na cara branca do Bill. Seu cabelo era café, também, suave e liso. Ele era magro e largo de ombros, seus braços duros com músculos, como o agricultor que ele tinha sido.

-Como você esteve?

-Estou bem, falei, fazendo uma tentativa para não soar assombrada. Não era sempre que Bill passasse a essa hora do dia; o bate-papo não era seu ponto forte. Até quando tínhamos sido um casal, ele não tinha sido o que você chamaria loquaz. E até um vampiro pode ser escravo do trabalho; Bill tinha se convertido em um perito do computador. -As coisas estiveram bem para o você?

-Sim. Quando irá a Nova Orleans para reclamar sua herança?

Agora estava verdadeiramente alarmada. (Isto é possível porque não posso ler as mentes dos vampiros. Por isso é que eu gosto tanto dos vampiros. É algo lindo estar com alguém que é um mistério para mim.) Minha prima tinha sido assassinada faz quase seis semanas em Nova Orleans, e Bill tinha estado comigo quando o emissário da Rainha da Louisiana tinha vindo me contar sobre isso... e me entregar ao assassino para meu julgamento. -Especulo que passarei pelo apartamento de Hadley em alguma ocasião no mês que vem ou pouco mais ou menos. Não falei com o Sam a respeito de tomar um tempo.

-Lamento que perdesse a sua prima. Ficou triste?

Não tinha visto Hadley em anos, e teria sido mais estranho que possa dizer vê-la depois de que ela se converteu em um vampiro. Mas como uma pessoa com muito poucas relações vivas, odiei perder a uma. -um pouco,- falei.

-Não sabe quando poderia ir?

-Não me decidi. Lembra de seu advogado, Mr. Cataliades? Ele disse que me diria quando a vontade tinha experiente convalidação de um testamento. Ele prometeu guardar o lugar intacto para mim, e quando o conselheiro da rainha te diz que o lugar estará intacto, tem que acreditar que estará ileso. Realmente não estive muito interessada, para falar a verdade.

-Poderia ir contigo quando for a Nova Orleans, se não te importa ter um companheiro de viagem.

-Caramba,- falei, com um sotaque de sarcasmo, " Selah não se importará? Ou vai levá-la, também? - Isso propiciaria uma viagem alegre.

-Não-. E ele se fechou definitivamente. Você justamente não poderia tirar nada de Bill quando ele sujeitava sua boca como isso, sabia por experiência.

-Certo-, falei confusa. -Te avisarei- falei, tratando de resolver.

Embora era doloroso estar na companhia do Bill, confiava nele. Bill nunca me machucaria.

Ele não deixaria que alguém me machucasse. Mas há mais que um tipo de dano.

-Sookie,- o Padre Littrell chamou, e eu me afastei. Percorri o olhar de volta apanhando o Bill sorrindo, um sorriso pequeno com uma grande quantidade de satisfação apinhada. Não

estava segura do que quis dizer, mas eu gostei de ver o Bill sorrir. Talvez ele esperava reviver nossa relação? O padre Littrell disse,

-Não estávamos certos se você queria ser interrompida ou não. Olhei para baixo para ele, confusa.

-Estávamos um pouco preocupados de lhe ver associando-se com o vampiro por tanto tempo, e tão fixamente, o Padre Riordan disse. -Estava o duende do inferno tratando de submetê-la com seu feitiço?

Repentinamente seu acento irlandês não era encantado absolutamente. Olhei ao Padre Riordan enigmaticamente.

-Você está brincando? Você sabe que Bill e eu saímos juntos por um bom tempo. Obviamente, você não sabe muito a respeito de duendes do inferno se você acreditar que Bill é algo parecido-. Tinha visto coisas mais escuras que Bill dentro e ao redor de nosso povoado de Bon Temps. Uma certa quantidade dessas coisas tinham sido humanas.

-Pai Riordan, eu entendo minha vida. Entendo a natureza dos vampiros melhor do que você alguma vez o fará. Padre Littrell,- falei, -Você quer mostarda de mel ou molho de tomate com seu frango?

O padre Littrell escolheu mostarda de mel, em um tipo de forma deslumbrada. Saí dali dando meia volta, trabalhando para não fazer caso do incidente pequeno, me perguntando o que os dois sacerdotes fariam se soubessem o que aconteceu neste balcão um par de meses antes quando a clientela do balcão se agrupou em uma turma para me liberar de alguém que estava tratando de me matar.

Desde que esse alguém tinha sido um vampiro, provavelmente o haveriam aprovado. Antes de que ele saísse, o Padre Riordan veio para falar quatro palavras comigo.

-Sookie, eu sei que você não está contente comigo no momento, mas preciso lhe perguntar algo em nome de alguém mais. Se lhe pareci menos inclinado a escutar por meu comportamento, por favor ignore isso e ceda estas pessoas a mesma consideração que você teria".

Suspirei. Em Padre mínimo Riordan tratou de ser um bom homem. Inclinei a cabeça a contra gosto.

-Boa garota. Uma família no Jackson me contatou...

Todos meus alarmes começaram a funcionar. Debbie Pelt estava do Jackson.

-A família Pelt, eu sei que você escutou a respeito deles. Ainda vão em busca de notícias de sua filha, quem desapareceu em janeiro. Debbie, era seu nome. Me chamaram porque seu sacerdote me conhece, sabe que sirvo à congregação Bon Temps. Os Pelt gostariam de visitá-la, Sookie. Querem falar com todo mundo que viu sua filha na noite que ela desapareceu, e tinham medo que se justamente apareciam em sua soleira, você não os

poderia ver. Eles tem medo de você estar zangada porque seus detetives privados lhe entrevistaram, e a polícia falou com você, e talvez você poderia estar indignada por isso.

-Não quero vê-los,- falei. -Padre Riordan, disse tudo o que sei-. Isso foi certo. Justamente não havia dito à polícia ou aos Pelt. -Não quero falar mais de Debbie. Isso foi também verdadeiro, muito certo. -lhes diga, com o devido respeito, não há nada mais de que falar.

-Direi- ele disse. -Mas tenho que dizer, Sookie, estou muito chateado.

-Pois bem, especulo que foi toda uma má noite para mim,- falei. -Perdendo sua boa opinião, e demais".

## CAPÍTULO 2

Era quase a hora de fechar a seguinte noite quando outra coisa estranha ocorreu. Justo quando Sam nos deu o sinal para começar a dizer a nossos clientes que esta seria sua última bebida, alguém que pensei que nunca mais veria outra vez entrou no Merlotte.

Ele se moveu quedamente para um homem tão grande. parou justo perto da porta, olhando ao redor por uma mesa livre, e o notei pelo brilho rápido da luz escura do balcão em sua cabeça barbeada. Era muito alto, e muito amplo, com um nariz orgulhoso e grandes dentes brancos. Tinha lábios cheios e pele azeitonada, e levava posto um tipo de jaqueta bronze sobre uma camisa negra e calças frouxas.

Embora ele ficaria mais natural em botas de motociclista, levava postos sapatos polidos.

-Quinn,- Sam disse quedamente. Suas mãos se voltaram quietas, embora ele havia estado no meio de misturar a um Tom Collins. -O que faz ele aqui?

-Não sabia que o conhecias,- falei, senti minha cara ruborizar-se quando me precavi que tinha estado pensando sobre o homem calvo só um dia antes. Ele tinha sido o que limpou o sangue de minha perna com sua língua - uma experiência interessante.

-Todos em meu mundo conhecem o Quinn,- Sam disse, sua cara neutra. -Mas estou surpreso que você o conheça, desde que não é uma meta.

A diferença do Quinn, Sam não é um homem grande; mas ele é forte, como os metas têm tendência a ser, e seu cabelo ouro vermelho encaracolado rodeia com um halo sua cabeça em uma forma Angelical.

-Conheci o Quinn no concurso para packmaster,- falei. -Ele foi, ah, o professor de

cerimônia. Naturalmente, Sam e eu tínhamos falado da mudança de liderança na manada Shreveport. Shreveport não é muito longe de Bon Temps, e o que os lobatos façam é importante se você for qualquer tipo de meta. Um meta verdadeiro, como Sam, pode transformar-se em algo, embora cada meta tem um animal favorito. E para confundir o assunto, todos os que podem trocar de forma humana a forma animal se chamam a si mesmos metas, embora muito poucos possuem a variabilidade do Sam. Os metas que podem converter-se só em um animal são meta-animais: Meta-tigre (como Quinn), meta-ursos, meta-lobo. Os lobisomens são os únicos que se chamam simplesmente lobatos, e se consideram superiores em dureza e cultura a qualquer dos outros metas.

Lobatos são também o subconjunto mais numeroso de metas, embora se comparem à população total de vampiros, há capitalista poucos deles. Há vários raciocínios para isto. A taxa de nascimentos é baixa, a mortalidade infantil é superior que na população geral de humanos, e só o primeiro menino nascido de um casal Lobato puro se converte em um Lobisomem. Isso ocorre durante a puberdade - como se a puberdade não fosse o suficientemente má já.

Os metas são muito sigilosos. É um hábito duro de quebrar, até ao redor de um humano compassivo e estranho como eu. Os metas não saíram à vista pública ainda, e aprendo de seu mundo em incrementos pequenos.

Até Sam tem muitos segredos que não sei, e o conto como um amigo. Sam se converte em um cão pastor escocês, e ele freqüentemente me visita nessa forma. (Algumas vezes ele dorme no tapete do meu quarto.)

Só tinha visto o Quinn em sua forma humana.

Não tinha mencionado o Quinn quando contei ao Sam sobre a briga entre Jackson Herveaux e Patrick Furnan para a liderança da manada de Shreveport. Sam me olhava agora, aborrecido que o tinha liberado dele, mas não o havia feito de propósito.

Voltei o olhar para o Quinn. Ele tinha levantado seu nariz um pouco. Ele provava o ar, seguindo uma essência. A quem ele estava rastreando?

Quando Quinn foi infalivelmente a uma mesa em minha seção, apesar das muitas vazias na seção mais próxima que Arlene trabalhava, soube que ele rastreava a mim.

Está bem, reações misturadas, sobre isso.

Percorri lateralmente com o olhar ao Sam para obter sua reação. Havia acreditado nele por cinco anos, e nunca tinha falhado.

Agora Sam inclinou a cabeça para mim. Ele não se viu feliz, entretanto.

-Vá ver o que quer," ele disse, sua voz tão baixa que foi quase um grunhido.

Fiquei cada vez mais nervosa à medida que me aproximava do novo cliente.

Podia sentir que minhas bochechas se avermelham. Por que estava eu me pondo tão sobressaltada?

-Olá, Sr. Quinn,- falei. Era estúpido fingir que não lhe reconheci. -O que posso lhe trazer? Lamento que estejamos perto de fechar o bar, mas tenho tempo para lhe servir uma cerveja ou um gole.

Ele fechou seus olhos e tomou um fôlego profundo, como se ele me cheirasse. "Lhe reconheceria em um quarto escuro como o azeviche," ele disse, e sorriu. Foi um sorriso amplo e belo.

Olhei em outra direção, tratando de conter o sorriso aberto involuntário que se elevou à altura de meus lábios. Estava agindo... tímida

Nunca fui tímida. Ou talvez vergonhosa era um melhor término, e um que me desagradou.

-Acho que deveria agradecer- aventurei-me cautelosamente. -É um elogio?

-Pretendia ser. Quem é o cão detrás do balcão que está me dando a olhar fique-longe? Ele quis dizer ao cão como uma declaração de feitos, não como um término pejorativo.

-Esse é meu chefe, Sam Merlotte.

-Ele tem interesse em ti.

-Não faltaria mais. Trabalhei para ele ao redor de cinco anos.

-Hmmm. Que tal uma cerveja?

-Claro. Que tipo?

-Bud.

-Vem em seguida,- falei, e girei para ir. Soube que ele me observou até o balcão porque podia sentir seu olhar fixo. E soube por sua mente, embora a dele era uma mente de meta estreitamente precavida, que ele me observava com admiração.

-O que quer?-, Sam se via quase como... arrepiado. Se ele tivesse estado em forma de cão, o cabelo em seu lombo teria estado parado.

-Uma Bud,- falei.

Sam me olhou com o cenho franzido. -Isso não é o que quis dizer, e sabe.

Encolhi de ombros. Não tinha idéia o que queria Quinn.

Sam bateu o copo cheio no balcão perto de meus dedos, me fazendo pular. Dei um olhar fixo para me assegurar que ele reparou que tinha sido desagradável, e logo levei a cerveja ao Quinn.

Quinn me deu o custo da cerveja e uma boa gorjeta- não uma ridiculamente alta, que teria me feito sentir comprada. Coloquei silenciosamente em meu bolso. Comecei a patrulhar por minhas outras mesas.

-Está visitando alguém por aqui? Perguntei ao Quinn quando passei perto caminho a limpar uma mesa. A maior parte dos clientes estavam pagando e indo à deriva fora do Merlotte. Havia um afterhours que Sam pretendia não estar à corrente, no o caminho para o campo, mas a maior parte dos clientes habituais do Merlotte iriam a casa a deitar-se. Se um bar podia ser de orientação familiar, Merlotte o era.

-Sim- ele disse. -A ti.

Isso me deixou sem lugar para ir, literalmente. Segui sem parar e descarreguei os copos de minha bandeja tão distraidamente que quase deixei cair um. Não podia pensar quando tinha estado tão sobressaltada.

-Negócios ou pessoal?- Perguntei, a próxima vez que estava perto.

-Ambos- ele disse.

Um pouco do prazer drenou quando soube a parte de negócios, mas fiquei com uma atenção mais aguçada... e essa foi uma coisa boa. Você necessita todo seu engenho afiado quando se trata dos super. Os seres sobrenaturais têm metas e desejos que as pessoas de sempre não sondam. Sei, desde que toda minha vida fui confidente involuntário das metas e desejos da humanidade "normal".

Quando Quinn foi uma das poucas pessoas que ficavam em bar - além de as outras empregadas e Sam - que aguardava e me olhava impacientemente. Tive êxito, sorrindo brilhantemente, como faço quando estou tensa. Tive interesse em encontrar que Quinn estava quase igualmente tenso. Podia sentir a tensão em seu padrão cerebral.

-Te verei em sua casa, se isso for conveniente para ti-. Ele me olhou para baixo seriamente. - Se ficar nervosa, podemos nos encontrar em qualquer outra parte. Mas quero falar contigo esta noite, a menos que esteja exausta.

Isso tinha sido posto o suficientemente atentamente. Arlene e Danielle colocavam empenho para não ficar olhando - pois bem, esforçavam-se em ficar com o olhar fixo quando sabiam que Quinn não as veria- mas Sam virou para perder o tempo com algo atrás do balcão, ignorando o outro meta. Ele se comportava muito mal.

Rapidamente processei a petição do Quinn. Se ele fosse a minha casa, estaria a sua mercê. Vivo em um lugar remoto. Meu vizinho mais próximo é meu ex, Bill, e ele vive atravessando o cemitério. Por outra parte, se Quinn tivesse sido um encontro normal, teria deixado me

levar a casa sem um segundo pensamento. Pelo que podia enganchar de seus pensamentos, ele não queria me machucar.

-Está bem- falei, finalmente. Ele relaxou, e sorriu seu sorriso grande para mim outra vez.

Tirei rapidamente seu copo vazio e me dava conta que três pares de olhos me observassem de maneira condenatória. Sam mal-humorado, Danielle e Arlene não poderiam entender por que alguém preferiria a mim do que elas, embora Quinn deu a essas duas experientes empregadas de bar uma pausa. Quinn emitiu um sopro de autoridade que deve ser perceptível para o humano mais prosaico.

-Terminarei dentro de um minuto- falei.

-Tome seu tempo.

Terminei de encher o retângulo pequeno de porcelana da China em cada mesa com pacotes de açúcar e adoçante. Assegurei-me que os portas-guardanapo estavam cheios e comprovei os agitadores do sal e pimenta. Estava preparada. Recolhi minha bolsa do escritório do Sam e lhe disse adeus.

Quinn saiu para me seguir em uma caminhonete verde escura. Sob as luzes do estacionamento, a camionete se via nova, com calota e aros destelhantes, uma cabine estendida, e um porta-malas coberto. Tinha apostado bastante dinheiro que estava carregado com opções. A camionete do Quinn era o veículo mais seletivo que tinha visto em muito tempo. Meu irmão, Jason, teria babado incontroladamente, e ele tem os redemoinhos aqua e rosados pintados aos lados de sua camionete.

Voltei do sul na Estrada do Colibri e dava volta à esquerda em meu caminho de acesso. Depois de seguir o passeio em carro através de dois acres de bosque, alcancei a clareira onde a velha casa de nossa família estava. Tinha aceso as luzes de fora antes de sair, e havia uma luz de segurança no pólo elétrico que era automática, assim é que a clareira estava bem iluminada. Estacionei detrás da casa, e Quinn estacionou ao lado.

Ele saiu de sua camionete e olhou ao redor dele. A luz acesa lhe mostrou um pátio ordenado. O caminho de acesso estava em excelentes condições, e recentemente havia repintado a garagem para ferramentas na parte traseira. Havia um tanque de propano, o qual não podia disfarçar-se com decoração externa, mas minha avó tinha plantado muitos maciços de flores para acrescentar os que minha família tinha plantado ao longo dos cento e cinquenta anos que a família tinha vivido aqui. Tinha vivido desta terra, nesta casa, dos sete anos, e a amava.

Não há nada grandioso a respeito de minha casa. Começou como uma casa de granja familiar e foi ampliada e remodelada com os anos. Mantenho-a limpa, e trato de guardar o pátio em bom estado. As reparações grandes estão além de minhas habilidades, mas Jason algumas vezes me dá uma mão. Ele não tinha ficado feliz quando a avó me deixou a casa e a terra, mas ele se mudou à casa de nossos pais quando ele tinha alcançado os vinte e um anos de idade, e nunca tinha feito me pagar minha metade dessa propriedade. A vontade da avó tinha me parecido justa . Havia requerido ao Jason um momento para admitir que isso tinha

sido o correto.

Havíamos nos tornado mais próximos nos passados poucos meses.

Abri a porta traseira e induzi ao Quinn à cozinha. Ele olhou ao redor curiosamente enquanto pendurei minha jaqueta em umas das cadeiras empurradas sob a mesa na metade da cozinha onde comia minhas comidas.

-Isto não está terminado- Quinn disse.

As gavetas descansavam sobre o piso, em condição de ser armados. Depois disso, o quarto inteiro tinha que ser pintado e as contrapartes superiores instaladas. Logo poderia dormir tranqüila.

-Minha velha cozinha pegou fogo faz algumas semanas- Falei. -O construtor teve um cancelamento e o terminou de fato em um tempo recorde, mas então quando os moveis não chegaram a tempo, ele pôs a sua tripulação em outro trabalho. Mas quando os moveis vieram, ali ficaram. Espelho que retornarão eventualmente-. Enquanto tanto, pelo menos eu podia desfrutar estar de volta em minha casa. Sam tinha tido tremendamente bom coração em me deixar viver em uma de suas casas de aluguel (e caramba, tinha desfrutado dos pisos nivelados e a cobertura de chumbo nova e os vizinhos), mas não há nada como estar em casa.

A estufa nova estava dentro, assim era que podia cozinhar, e que eu tinha, estendeu uma folha de madeira compensada sobre a parte superior dos gabinetes assim eu podia usá-la como uma estação de trabalho enquanto cozinava. O refrigerador novo brilhava e zumbia quedamente, muito diferente do Grande que tinha tido por trinta anos. A novidade da cozinha me batia cada vez que cruzava o alpendre de atrás - agora maior e anexado no presente - para destrancar a porta traseira nova, mais pesada, com sua olho mágico e fechaduras.

-Isto está onde a casa velha começava,- falei, indo da cozinha ao vestíbulo.

Só algumas juntas tinham tido que ser substituídas no piso no resto de casa, e tudo foi frescamente limpo e pintado. Não só se as paredes e os céus rasos tivessem sido manchados em fumaça, mas tinha tido que erradicar o aroma queimado.

Tinha substituído algumas cortinas, jogadas fora de um tapete pequeno ou dois, e tinha limpado, tinha limpado, tinha limpado. Este projeto tinha ocupado cada momento de vigília que tinha tido por um bom momento.

-Um bom trabalho,- Quinn comentou, estudando como tinham estado as duas partes unidas.

-Venha a sala de estar - falei, agradada. Desfrutei mostrar a alguém a casa agora que soube que a tapeçaria estava limpa, não houve coelhinhos de pó, e o vidro sobre os quadros simplesmente era deslumbrante. As cortinas do quarto tinham sido substituídas, algo que tinha querido fazer em menos um ano.

Deus abençoe a clareira, e meu Deus abençoe o dinheiro que tinha ganho por esconder ao Eric de um inimigo. Fazia um oco em minha conta de economias, mas o tinha tido quando o necessitei, e isso era algo pelo qual poderia estar agradecida.

A chaminé foi colocada, pronta para um fogo, mas justamente estava muito quente para justificar acender um. Quinn se sentou em uma poltrona, e me sentei em frente dele.

-Posso-te oferecer uma bebida: uma cerveja, ou café ou chá gelado?- Perguntei, consciente de meu papel como anfitriã.

-Não, obrigado,- ele disse. Ele me sorriu. -quis te ver outra vez desde que lhe conheci em Shreveport.

Tratei de conservar meus olhos nele. O impulso de olhar os pés ou minhas mãos era quase esmagador. Seus olhos realmente foram púrpura profunda, profundo que recordei.

-Esse foi uma dia duro para os Herveauxes,- falei.

-Você saiu com o Alcide por algum tempo,- ele comentou, em um tipo neutro de voz.

Pensei a respeito de um par de respostas possíveis. Me reacomodei.

-Não lhe vi desde a escolha de um novo packmaster.

Ele sorriu amplamente.

-Assim que ele não é seu namorado?

Neguei com a cabeça.

-Então está sem compromissos?

-Sim.

-Nenhum dedo do pé que pisaria?

Tratei de sorrir, mas meu esforço não foi um feliz.

-Não disse isso-. Havia dedos do pé. Esses dedos do pé não eram porquinhos felizes. Mas não tinham nenhum direito ficar no meio.

-Espelho que posso manobrar alguns ex-mal-humorados. Então sairá comigo?

O olhei por um segundo ou dois, procurando por todos os lugares minha mente para considerações. De seu cérebro obtinha nada menos que o otimismo: Não vi dor ou egoísmo. Quando examinei as reservas que tinha, desfizeram-se em nada.

-Sim,- falei. –claro que sim-. Seu sorriso branco belo me deu início a sorrir em troca, e esta vez meu sorriso foi genuíno.

-Aí,- ele disse. -negociamos a parte do prazer. Agora a parte comercial, a qual não tem nada que ver.

-Está bem,- falei, e rechacei meu sorriso. Esperei que tivesse ocasião para puxá-lo mais tarde, mas qualquer negócio que ele teria comigo estaria relacionado com o mundo super, e por consequência causaria ansiedade.

-Soubeste do topo regional?

O topo vampiro: Os reis e as rainhas de um grupo de estados se reuniram para conferenciar sobre... assuntos de vampiros. -Eric disse algo a respeito disso.

-Te contratou para trabalhar ali?

-Ele mencionou que poderia me necessitar.

-Porque a Rainha da Louisiana soube que eu estava na área, e ela solicitou a mim que peça seus serviços. Penso que seu requerimento tenha que cancelar o do Eric.

-Você teria que perguntar ao Eric sobre isso.

-Acho que seu teria que lhe dizer. Os desejos da rainha são as ordens de Eric.

Podia sentir minha cara cair. Não queria contar ao Eric, o xerife da Área Cinco da Louisiana, algo. Os sentimentos do Eric para mim eram confusos. Posso-lhes assegurar, os vampiros não gostam de se sentirem confusos. O xerife tinha perdido sua memória pelo curto tempo que ele tinha passado oculto em minha casa. Essa parte de memória havia tornado louco ao Eric; gostava de estar no controle, e isso quer dizer conhecedor de suas ações cada segundo da noite. Assim é que ele tinha esperado até que poderia realizar uma ação em meu benefício, e como pagamento dessa ação ele havia exigido que lhe contasse o que aconteceu enquanto ele ficou comigo.

Talvez tinha levado a coisa da franqueza muito longe. Eric não se surpreendeu exatamente que tivéssemos tido relações sexuais; Mas ele ficou aturdido quando lhe disse que se ofereceu a entregar sua posição ganha em duras penas na hierarquia dos vampiros e viver comigo.

Se você conhecesse o Eric, você saberia que isso era bastante intolerável para ele.

Ele não falou comigo mais. Ele cravou os olhos em mim quando nos encontramos, como se ele provasse ressuscitar suas próprias memórias de então, para me desmentir. Me deixou triste que a relação que tínhamos tido - não a felicidade secreta dos poucos dias que ele tinha passado comigo, mas a relação entre um homem e uma mulher que tinha pouco em comum exceto um senso de humor - não pareceu existir mais.

Soube que dependia de mim lhe dizer que sua rainha tinha o substituído, mas claro não quis.

-Não mais sorrisos- comentou Quinn. Ele se viu sério.

-Pois bem, Eric é...- que não soube como terminar a frase. -Ele é um tipo complicado, falei fracamente.

-O que faremos em nosso primeiro encontro? Quinn perguntou. Assim é que ele era um bom trocador de tema.

-Poderíamos ir ao cinema,- falei, para começar a conversa.

-Poderíamos. Logo, poderíamos jantar em Shreveport. Talvez Ralph e Kacoo's, - ele sugeriu.

-Escutei que seu etouffee de caranguejo de rio é bom,- falei, mantendo a bola coloquial rodando.

-E quem não gosta do etouffee de caranguejo do rio? Ou poderíamos ir jogar boliche.

Meu tio avô tinha sido um jogador de boliches ávido. Poderia ver seus pés, em sua bola de boliche ferra, propriamente ante meus olhos. Estremeci. Não sei como.

-Poderíamos ir a um jogo de hóquei.

-Isso poderia ser divertido.

-Poderíamos cozinhar juntos em sua cozinha, e logo ver um filme em seu DVD.

-Melhor colocar isso no final da lista-. Isso soava um pouco pessoal para um primeiro encontro, não que tenha muita experiência com primeiros encontros. Mas sei que a proximidade de um dormitório não é nunca uma boa idéia a menos que você esteja claro que não prestaria atenção se o fluxo da tarde lhe levou nessa direção.

-Poderíamos ir ver os Produtores. No teatro Linha.

-Realmente?- Aprovado, estou entusiasmada agora. O teatro restaurado Linha de Shreveport apresentava produções desde direções cênicas indo de peças teatrais até balé.

Nunca tinha visto uma peça teatral verdadeira antes. Isso não seria terrivelmente caro? Certamente não lhe teria sugerido se ele não pôde permitir ao luxo. -nós poderíamos?-

Ele inclinou a cabeça, agradado em minha reação. -Posso fazer as reservar para este fim de semana. Quais são seus horários e planos de trabalho?

-Estou livre na noite de sexta-feira,- falei felizmente. -e, hum, terei gosto em contribuir com meu ingresso".

-Te convidei-te. Meu presente,- Quinn disse firmemente. Poderia ler de seus pensamentos que pensou que era surpreendente o que lhe tinha oferecido. E ele manuseio.  
Hmmm. Não eu gostei disso.

-Está decidido. Quando voltar a meu computador portátil, pedirei os ingressos em linha. Si há algo de bom uns saíram, porque revisava nossas opções antes de que chegasse aqui de carro.

Naturalmente, comecei a me perguntar a respeito de roupas corretas. Mas coloquei isso fora para mais adiante.

-Quinn, aonde você vive?

-Tenho uma casa fora do Memphis.

-OH,- falei, pensar nisso pareceu bastante fora para uma relação.

-Sou sócio em uma companhia de Eventos Especiais. Somos uma classe de ramo de Eventos (Elegantes) Extremos secretos. Viu o logotipo, que sei. E (E) E?- Ele fez os parêntese com seus dedos. Inclinei a cabeça. E(E)E fez uma grande quantidade de acontecimentos muito seletos desenhados nacionalmente.

-Há quatro sócios que trabalham horário completo para os Eventos Especiais, e cada um de nós emprega algumas pessoas que trabalham meio tempo. Desde que viajamos o bastante, temos lugares que usamos por todo o país; uma certa quantidade deles é simplesmente quartos em casas de amigos ou sócios, e uma certa quantidade deles são realmente apartamentos. O lugar que tenho nesta área está em Shreveport, uma casa de hóspedes detrás da mansão de um meta.

Tinha aprendido bastante a respeito dele em menos de dois minutos.

-Assim é que você acerta os acontecimentos no mundo sobrenatural, como o concurso de packmaster-. Esse tinha sido um trabalho perigoso e havia requerido uma grande quantidade de parafernália especializada. -Mas o que mais há para fazer? O concurso de packmaster só pode surgir cada tanto. Quanto tem que viajar? Que outros acontecimentos especiais pode encenar ?

-Geralmente dirijo o Sudeste, desde a Georgia até Telhas-. Ele se sentou adiante em sua cadeira, suas mãos grandes descansando sobre seus joelhos. -Tennessee do sul através da Florida. Nesses estados, se você quer encenar uma briga para packmaster, ou um rito de ascensão para um shaman ou bruxa, ou umas bodas vampiro hierárquica - e quer fazer bem, com todos os adornos - vem para mim.

Lembrei os quadros extraordinários na galeria de foto do Alfred Cumberland.

-Há bastante para te manter ocupado?

-OH, sim,- ele disse. -É obvio, uma certa quantidade disso é sazonal. Os vampiros se casam no inverno, desde que as noites são mais largas. Fiz umas bodas hierárquica em Nova Orleans em janeiro, este ano passado. E logo, uma certa quantidade de ocasiões estão amarradas ao calendário Wiccan. Ou para a puberdade.

Não poderia começar a imaginar as cerimônias que ele arrumou, mas uma descrição teria que esperar para outra vez.

-E você tem três sócios que fazem este horário completo, também? Sinto muito. Justamente parece que te assou na churrasqueira. Mas esta é uma forma tão interessante para ganhar vida.

-Alegra-me que pense sim. Tem habilidade com as pessoas, e uma mente para os detalhes e a organização.

-Tem que ser assim realmente, realmente, é um trabalho duro,- queixei-me, somando meu pensamento.

Ele sorriu, um sorriso lento. -Nenhum problema ali.

Yep, não pareceu que como se a dureza fosse um problema para o Quinn.

-E tem que ser hábil em dirigir pessoas, assim pode colocar aos clientes na direção correta, lhes deixar felizes com o trabalho que tem feito,- ele disse.

-Pode-me contar algumas historia? Ou há uma cláusula de confidencialidade do cliente com seus trabalhos?"

-Os clientes assinam um contrato, mas nenhum deles alguma vez pediu uma cláusula de confidencialidade," ele disse. "Em eventos especiais, não tem muitas oportunidades para falar do que faz, obviamente, desde que os clientes em sua maior parte ainda viajam sob a superfície do mundo normal. É realmente um alívio poder falar do tema. Usualmente tenho que dizer a uma garota que sou um assessor, ou algo falso como isso".

-É um alívio para mim, também, poder falar sem me preocupar de estar guardando segredo.

-Então é afortunado que nos conhecêssemos, huh?- Outra vez, o sorriso aberto branco. - Melhor te deixo descansar, desde que logo saiu do trabalho-. Quinn se levantou e se espreguiçou depois de que ele tinha alcançado sua altura completa. Foi um gesto impressionante em alguém tão musculoso como ele. Era possível que Quinn soubesse que tão excelente se via quando se espreguiçava. Baixei o olhar para silenciar meu sorriso. Não me importava nada que ele queira me impressionar.

Ele alcançou minha mão e me parou sobre meus pés em um movimento fácil. Podia sentir seu foco centrado em mim. Sua mão estava quente e dura. Ele poderia quebrar meus ossos.

A mulher comum não deliberava com que rapidez seu encontro a poderia matar, mas nunca serei uma mulher comum. Tinha me dado conta disso quando me virei suficientemente mais velha para entender que nenhum outro menino podia entender o que os membros de sua família pensavam a respeito dela. Cada garotinha não sabia quando seus professores gostavam dela, ou sentiram desprezo por ela, ou comparou a ela com seu irmão (Jason tem um encanto fácil). Cada garotinha não teve a um tio engraçado que tratou de tê-la a sós em cada reunião familiar.

Assim é que deixei ao Quinn segurar minha mão, e olhei para cima em seus olhos púrpuras, e por um minuto me dava o gosto de deixar que sua admiração caísse sobre mim como um banho de aprovação.

Sim, soube que ele era um tigre. E não quero dizer na cama, embora estava disposta a acreditar que era feroz e poderoso ali, também.

Quando ele me beijou, seus lábios escovaram minha bochecha, e sorri.

Eu gosto de um homem que sabe quando apressar as coisas... e quando não. Ele saiu sem outra palavra, o qual foi exatamente o que tinha querido.

## CAPÍTULO 3

Recebi uma ligação Telefônica na noite seguinte no Merlotte. É obvio, não é uma coisa boa ter ligações telefônicas no trabalho; Sam não gosta, a menos que haja algum tipo de emergência doméstica. Desde que tenho menos que qualquer das outras empregadas de botequim - de fato, poderia contar as ligações ao trabalho com uma mão- fiz uma tentativa para não me sentir culpada quando gesticulei para o Sam que atenderia a ligação no telefone de seu escritório.

-Olá,- falei cautelosamente.

-Sookie,- disse uma voz familiar.

-OH, Pam. Olá-. Me senti aliviada, mas só por um segundo. Pam era a segunda em comando do Eric, e ela era sua filha, no sentido vampiro.

-O chefe quer te ver,- ela disse. -chamo de seu escritório.

O escritório do Eric, na parte de atrás de seu clube, Fangtasia, estava bem isolado a prova de ruído. Logo que poderia ouvir o KDED, a toda estação de rádio do vampiro, soando de fundo: A versão de "depois da Meia-noite" do Clapton.

-Pois bem, lah-de-dah. Ele é muito nobre para fazer suas próprias ligações telefônicas?

-Sim,- Pam disse. Essa Pam de mente -literal foi a locução para ela.

-Do que se trata?

-Sigo suas instruções,- ela disse. -Ele me diz que chame a telepata, e eu chamo. Você é chamada.

-Pam, eu necessito uma explicação melhor. Especialmente não quero ver o Eric.

-Está sendo recalcitrante?

Uh-OH. Não tinha tido essa palavra em meu calendário de palavra do Dia ainda.

-Não estou segura se entendo-. Certo mais justamente seguir e confessar ignorância que o tentar escapulir com enganos.

Pam suspirou, uma baforada de resignação. -Está cravada em seus calcanhares,- esclareceu, seu acento inglês dando a conhecer. -E não deveria. Eric te trata muito bem-. Ela souou fracamente incrédula.

"Não tenho trabalho ou tempo livre para ir de carro a Shreveport porque o Mr Alto e Poderoso quer que pule para cumprir seu mandato. Protestei - razoavelmente, pensei. -Ele pode transportar sua bunda para cá se quer me dizer algo. Ou ele pode pegar o telefone por si mesmo-. assim.

-Se ele tivesse querido pegar o telefone ' por si mesmo, ' como diz, ele o haveria feito. Vem aqui na noite de sexta-feira às oito, ele me ordena que te diga.

-Sinto muito, não posso.

Um silêncio significativo.

-Não virá?

-Não posso. Tenho um encontro,- falei, tratando de manter qualquer rastro de satisfação separada de minha voz.

Houve outro silêncio. Logo Pam riu dissimuladamente. -OH, isso é delicioso,- ela disse, abruptamente trocando a língua vernácula americana. -OH, vou amar lhe dizer isso.

Sua reação me fez começar a me sentir inquieta. -Hum, Pam,- comecei, me perguntando se deveria andar para trás, -Escuta...

-OH, não,- ela disse, quase soltando uma gargalhada, não-parecida-com-a Pam.

-Lhe diga que agradeço pelos calendários,- falei. Eric, sempre pensando numa forma para fazer o Fangtasia mais lucrativo, fez um calendário vampiro para vender na pequena loja de

presentes. Eric mesmo foi o Sr. Janeiro. Ele tinha posado em uma cama e com uma túnica de pele branca. Eric e a cama se encontravam com um fundo cinza pálido pendurado com gigantes flocos de neve brilhantes. Ele não levava posta a túnica: OH, não. Ele não tinha posto algo. Tinha um joelho dobrado na cama enrugada, e o outro pé estava no piso, e ele estava olhando diretamente à câmara, ardendo de fogo.

(Podia ter dado ao Claude algumas lições.) O cabelo loiro do Eric caía em uma juba desgrenhada ao redor de seus ombros, e sua mão direita sustentava a túnica lançada na cama, assim é que a pelagem branca se levantou simplesmente a grande altura o suficiente para abrigar seu jogo 'n' 'kaboodle. Seu corpo foi revolto simplesmente ligeiramente para ostentar a curva de seu cabo extremo de categoria mundial. Um rastro de belo trigo pontudo ao sul de seu umbigo.

Virtualmente gritava, "Tire o escondido!"

Acontece que eu sabia que a pistola do Eric era mais de um .357 Magnum que um nariz chato.

Em certa forma nunca tinha superado olhar janeiro.

-OH, o deixarei saber,- Pam disse. -Eric disse que muitas pessoas não gostariam se eu estivesse em um calendário feito para mulheres... assim é que estou no que está feito para homens. Você gostaria que te envie uma cópia de minha foto?

-Isso me assombra,- disse a ela. -Realmente. Digo, que não te importe posar-. Me custava imaginar sua participação em um projeto para o gosto humano.

-Eric me diz que pose, eu poso,- ela disse como um fato.

Embora Eric tinha poder considerável sobre Pam desde que ele foi seu fabricante, tenho que dizer que nunca soube que Eric pedisse a Pam fazer algo que ela não estava pronta para fazer. Ou ele a conhecia bem (o qual, estava claro, assim era) ou Pam estava disposta a fazer justamente algo.

-Tenho um chicote em minha foto," Pam disse. "O fotógrafo diz que venderá um milhão". Pam tinha gostos muito amplos em matéria de sexo. Depois de um longo momento enquanto contemplei a imagem mental que levantou, falei,

-Estou segura que o fará, Pam. Mas eu passo.

-Todos nós obteremos uma percentagem, todos os que aceitamos posar.

-Mas Eric obterá uma maior percentagem que o resto.

-Pois bem, ele é o xerife,- Pam disse razoavelmente.

-Está bem. Pois bem, adeus-. Comecei a desligar o telefone.

-Um momento, o que devo dizer ao Eric?

-Simplesmente lhe diga a verdade.

-Sabe que ficará zangado-. Pam não sou absolutamente assustada. De fato, sou jubilosa.

-Pois bem, dane-se ele,- falei, talvez um pouco infantilmente, e desta vez eu desliguei o telefone. Um Eric zangado certamente era meu problema, também.

Tive a impressão que tinha dado um passo sério ao me negar a Eric. Não tinha idéia o que ocorreria agora. Quando conheci o xerife da Área Cinco, tinha estado saindo em encontros com o Bill. Eric tinha querido usar meu talento incomum. Ele simplesmente havia ameaçado machucando ao Bill para me obrigar a cessar. Quando tinha terminado a relação com o Bill, Eric tinha carecido de qualquer maneira de coerção até que havia necessitado um favor dele, e logo havia provido ao Eric da munição mais potente de todas - saber que eu atirei contra Debbie Pelt. Não importou que ele tivesse escondido seu corpo e seu carro e ele mesmo não podia recordar onde; A acusação era suficiente para arruinar o resto de minha vida, até se não ficou nenhuma evidência. Até se poderia me resignar a negá-lo.

Como cumpro com meus deveres no bar o resto dessa noite, encontrei me perguntando se Eric realmente revelaria meu segredo. Se Eric disser à polícia o que eu tinha feito, ele teria que admitir que tinha tido uma parte nisso?

Fui emboscada pelo Detetive Andy Bellefleur quando estava caminho ao balcão. Conheço o Andy e a sua irmã Portia de toda minha vida. São alguns anos mais velhos que eu, mas tínhamos chegado ao final na mesma escola, crescido no mesmo povoado. Como eu, criaram-se com sua avó. O detetive e eu tivemos nossas desigualdades. Andy tinha estado saindo nuns encontros com uma jovem professora de escola, Halleigh Robinson, durante alguns meses.

Esta noite, ele tinha um segredo para compartilhar comigo e um favor para me pedir.

-Escuta, ela vai pedir a cesta de frango,- ele disse, sem preâmbulo. Olhei para sua mesa, para me assegurar que Halleigh estava sentada de costas. Estava.

-Quando trazer a comida à mesa, te assegure que isto esteja dentro, bem coberto-. Ele pôs uma caixa forrada de veludo em minha mão. Havia uma nota de dez dólares debaixo.

-Claro, Andy, não há problema,- falei, sorrindo.

-Obrigado, Sookie,- disse, e por uma vez sorriu, um sorriso simples e elementar e aterrorizado.

Andy tinha estado correto. Halleigh pediu a cesta de frango quando fui a sua mesa. -Ponha batatas fritas adicionais,- disse para nosso cozinheiro novo quando lhe passei o pedido. Quis bastante camuflagem. O cozinheiro se separou da churrasqueira para me olhar.

Tivemos um sortido de cozinheiros, de cada idade, cor, gênero, e preferência sexual.

Inclusive tivemos um vampiro, uma vez. Nosso cozinheiro atual era uma negra de média idade chamada Callie Collins. Callie era uma pessoa grande, tão grande que não soube como ela poderia passar através das horas que ela estava sobre seus pés na cozinha quente.

-Fritas adicionais? Callie disse, como se ela nunca tinha escutado a respeito de tal coisa.

-Ajá.

-As pessoas têm fritas adicionais quando pagam por elas, não porque sejam seus amigos.

Pode ser que Callie era tão afiada porque ela era o suficientemente velha para lembrar os velhos maus dias quando os negros e os brancos tinham escolas diferentes, salas de espera diferentes, fontes diferentes de água. Não lembrei qualquer dessas coisas, e não estava disposta a ter em conta a bagagem de Callie cada vez que falava com ela.

-Pagaram mais- menti, não querendo chamar a atenção alguém o suficientemente perto poderia ouvir sem intenção. Coloquei um dólar de minhas gorjetas na gaveta.

Apesar de nossas diferenças, desejei que Andy e sua professora de escola os fora bem. Alguém que ia ser neta política de Caroline Bellefleur merecia um momento romântico.

Quando Callie teve pronta a cesta, trotei para pegá-la. Escorreguei a caixa pequena baixo as fritadas e foi mais duro do que supus, e requereu um pouquinho de nova disposição sub-reptícia. Perguntei-me se Andy se deu conta de que o veludo ficaria gorduroso e salgado. Bom OH, este não era de meu gosto romântico, mas dele sim.

Levei a bandeja para a mesa com antecipação feliz. De fato, Andy teve que me advertir (com um olhar severo) que neutralizasse minha expressão quando servi sua comida.

Andy já tinha uma cerveja diante dele, e ela tomava um copo de vinho branco.

Halleigh não era uma grande bebedora, como correspondia a uma professora de escola primária. Parti dando meia volta logo que a comida esteve na mesa, até esquecendo de perguntar se necessitavam qualquer outra coisa, como uma boa garçonete devia fazer.

Estava fora de mim tratando de permanecer afastada depois disso. Embora fiz uma tentativa para não ser óbvia, observei o casal tão estreitamente como podia. Andy estava sobre brasas, e podia ouvir seu cérebro, o qual estava simplesmente agitado. Ele na realidade não estava claro se seria aceito, e sua mente atravessava correndo a lista de coisas que ela poderia desaproveitar: O fato que Andy era quase dez anos mais velho, sua profissão arriscada...

Soube o momento quando ela espiou a caixa. Talvez não era simpático escutar escondida mentalmente em um momento muito especial, mas para falar a verdade, não pensei nesse momento. Entretanto ordinariamente me mantenho em guarda, estou acostumada a cair nas cabeças de pessoas se espiar algo interessante. Estou também acostumada a acreditar que minha habilidade é uma desvantagem, não um dom, assim é que especulo que aproveito qualquer possibilidade de diversão que possa ter com ela.

Aproximei-me deles, limpando uma mesa, o que deveria ter deixado para que o ajudante de garçom faça. Assim é que estive o suficientemente perto para ouvir.

Ela ficou congelada por um longo momento. -Há uma caixa em minha comida, ela disse, finalmente, conservando sua voz muito baixa porque ela pensou que zangaria Sam se armava uma confusão.

-Sei,- ele disse. -é de minha parte.

Ela soube então; tudo em seu cérebro começou a acelerar, e os pensamentos virtualmente tropeçaram com eles mesmos em sua ânsia.

-OH, Andy,- ela sussurrou. Ela deve ter aberto a caixa. Fiz tudo o que pude para não dar a volta e olhar com ela.

-Você gosta?

-Sim, é lindo.

-Usará?

Houve um silêncio. Sua cabeça estava confusa. A metade ia de " Yupi!" E a outra metade estava preocupada.

-Sim, com uma condição,- ela disse lentamente.

Podia sentir sua sacudida. O que fora que Andy tinha esperado, não era isso.

-E qual é?- Ele perguntou, repentinamente soando bastante mais como um policial que como amante.

-Temos que viver em nosso próprio lugar.

-O que?- Outra vez, ela tinha assombrado ao Andy.

-Sempre tive a idéia de que você permaneceria na casa familiar, com sua avó e sua irmã, até depois de se casar. É uma velha casa maravilhosa, e sua avó e Portia são grandes mulheres.

Isso teve tato. Bem para o Halleigh.

-Mas eu gostaria de ter uma casa própria,- ela disse quedamente, ganhando minha admiração.

E logo na realidade tive que mover a bunda; tinha mesas que tender. Mas enquanto repunha jarras de cerveja, retirava pratos vazios, e levava mais dinheiro ao Sam ba caixa registradora, enchi de temor pela posição do Halleigh, desde que a mansão Bellefleur era a residência de maior luxo em Bon Temps. A maioria das jovens mulheres dariam um dedo ou dois por viver ali, quanto mais que a velha casa grande havia sido extensamente remodelada e refrescada com o fluxo de dinheiro de um desconhecido misterioso. Esse desconhecido era

de fato Bill, quem tinha descoberto que os Bellefleurs eram seus descendentes. Ele tinha sabido que não aceitariam dinheiro de um vampiro, assim é que tinha arrumado a mutreta do "legado" inteiramente "misterioso", e Caroline Bellefleur tinha decidido precipitadamente gastá-lo na mansão com tanto deleite como Andy se comia um hambúrguer de queijo.

Andy me alcançou alguns minutos mais tarde. Ele me agarrou caminho da mesa de Sid Matt Lancaster, assim é que o advogado envelhecido teve que esperar um pouco de mais para seu hambúrguer e suas fritadas.

-Sookie, tenho que saber, ele disse urgentemente, mas em um tom muito baixo.

-O que, Andy?- Estava alarmada em sua intensidade.

-Ela me ama?-Havia bordas de humilhação em sua cabeça, por me haver perguntado.

Andy era orgulhoso, e ele quis algum tipo de segurança que Halleigh não queria o sobrenome de sua família ou sua casa familiar como ele tinha encontrado que outras mulheres queriam. Pois bem, ele tinha se informado da casa. Halleigh não a queria, e ele se mudaria a uma humilde pequena casa com ela, se ela realmente o amasse.

Ninguém alguma vez tinha exigido isto de mim antes. Depois de todos estes anos de querer que as pessoas acreditassem em mim, entendessem meu talento fora do normal, encontrei que não desfrutei ser tomada a sério, depois de tudo. Mas Andy estava esperando uma resposta, e não podia me recusar. Era um dos homens mais tenazes que alguma vez tinha encontrado.

-Ela te ama tanto como você a ama ela,- falei, e ele soltou meu braço. Continuei em meu caminho para a mesa do Sid Matt. Quando virei o olhar atrás para ele, ele cravava os olhos em mim.

Mastiga isso, Andy Bellefleur, pensei. Logo me envergonhei um pouco de mim mesma. Mas ele não deveria ter perguntado, se não queria saber a resposta.

Havia algo no bosque ao redor de minha casa.

Tinha me preparado para deitar logo que retornei a casa, porque um de meus momentos favoritos cada vinte e quatro horas é quando consigo pôr minha camisola. Estava suficientemente quente como para não necessitar uma roupão de banho, assim é que andava sem rumo fixo em minha velha camisola azul até a altura do joelho.

Pensava justamente, em fechar a janela da cozinha, desde que as noites de março ficavam frias. Tinha estado escutando os sons da noite enquanto lavava os pratos; as rãs e os insetos tinham estado enchendo o ar com seu coro.

Repentinamente, os ruídos que tinha feito a noite parecem tão acolhedores e ocupados como o dia se tratou de um alto, cortaram-se.

Fiz uma pausa, minhas mãos inundadas na água ensaboadamente quente. Olhar com atenção lá fora na escuridão não ajudou nem um pouco, e me precavi que tão visível devia ser, parada em uma janela aberta com suas cortinas abertas. O pátio estava iluminado com a luz de segurança, mas além das árvores que anelavam a clareira, o bosque jazia em escuridão e silêncio.

Algo estava ali fora. Fechei meus olhos e tratei de estender a mão com meu cérebro, e encontrei algum tipo de atividade. Mas não foi o suficientemente claro para defini-la. Pensei em chamar por telefone ao Bill, mas tinha lhe chamado antes quando havia estado preocupada com minha segurança. Não podia deixar que se converter-se em um hábito.

Ouçá, pode ser o observador no bosque, o mesmo Bill? Ele algumas vezes andava sem rumo fixo na noite, e devia averiguar sobre mim de vez em quando. Olhei ansiosamente o telefone na parede ao final da estante. (Pois bem, onde o móvel estava quando estava tudo posto conjuntamente.) Meu telefone novo era portátil. Poderia agarrá-lo, ir a meu dormitório, e chamar o Bill em um estalo, desde que ele estava em minha discagem rápida. Se ele atendesse o telefone, saberia que o que estava fora no bosque era algo pelo que precisava me preocupar.

Mas se ele estava em casa, ele teria vindo correndo velozmente para cá. Ele ouviria meu chamada como isto: “OH, Bill, por favor vem me salvar! Não posso pensar a respeito de algo para fazer mas chamar um vampiro grande, forte a me resgatar!”

Me obriguei a admitir que eu na realidade sabia que o que fora que estava no bosque, não era Bill. Tinha obtido um sinal do cérebro de algum tipo. Se o observador tivesse sido um vampiro, não haveria sentido nada. Só duas vezes obtive um piscada de sinal de um cérebro de um vampiro, e tinha sido como um brilho de eletricidade em uma interrupção. E perto desse telefone estava a porta de atrás - que não estava trancada.

Nada na terra poderia me manter na pia depois de que o fato de a porta franca tivesse me ocorrido. Simplesmente fiz um bom esforço para alcançar o objetivo. Saí um momento ,no terraço posterior da casa, coloquei o trinco na porta de vidro, saltei para trás na cozinha e fechei a porta de madeira grande, qual tinha tido equipado com um trinco de polegar e uma fechadura.

Apoiei-me contra a porta depois de que estivesse fechada com chave e passador.

Melhor que ninguém, eu sabia a futilidade de portas e fechaduras. Para um vampiro, a barreira física não era nada - mas um vampiro tinha que ser convidado a entrar. Para um lobo, as portas eram de maior consequência, mas ainda pouco problema; com sua força incrível, os lobatos poderiam ir em qualquer lugar que quisessem entrar. O mesmo era valido para outros metas.

Por que não manter uma casa aberta para todos?

Entretanto, senti-me assombrosamente melhor com duas portas fechadas entre eu e o que fora que estava no bosque. Soube que a porta principal estava fechada com chave, desde que

não tinha sido aberta em dias. Não tenho tantas visitas, e normalmente entrava e saía através da parte de atrás.

Avancei a rastro de volta à janela, fechei e travei. Corri as cortinas, também. Fazia tudo o que podia para aumentar minha segurança. Voltei para os pratos.

Tinha um círculo molhado na frente de minha camisola porque tive que me apoiar contra o bordo da pia para estabilizar minhas pernas trepidantes. Mas me obriguei a continuar até que todos os pratos estivessem em forma segura no coador e a pia tinha sido limpa totalmente.

Escutei intensamente depois disso. O bosque ainda estava silencioso. Não importa quanto escutei com cada sentido a minha disposição, o sinal débil não chocou meu cérebro outra vez. Foi.

Sentei-me na cozinha por um momento, meu cérebro ainda a todo gás, mas então me obriguei a seguir minha rotina usual. Meu ritmo cardíaco tinha voltado na normalidade para quando escovei meus dentes, e quando subi na cama que, quase tinha persuadido a mim mesma de quão insignificante era o que tinha ocorrido ali fora na escuridão silenciosa.

Mas tomo cuidado a respeito de ser honesta dentro de mim.

Soube que alguma criatura tinha estado fora em meu bosque; e essa criatura tinha sido algo maior e mais horripilante que um esquilo.

A pouco momento de apagar meu abajur da mesa de luz, ouvi os insetos e as rãs reatar seu coro. Finalmente, quando continuou ininterrupto, dormi.

## CAPÍTULO 4

Disquei o número de telefone celular de meu irmão quando me levantei na manhã seguinte. Não tinha passado uma noite muito boa, mas pelo menos eu havia dormido um pouco. Jason respondeu no segundo toque. Soou um pouco preocupado quando ele disse,-Olá?

-Olá, irmão. Como está indo?

-Escuta, preciso falar contigo. Não posso fazê-lo agora. Estarei ai, provavelmente em um par de horas-. Desligou o telefone sem despedir-se, e tinha parecido bastante preocupado a respeito de algo. Bem. Necessitava outra complicação.

Percorri com o olhar o relógio. Um par de horas me davam bastante tempo para fazer limpeza e correr ao povoado à loja de comestíveis. Jason viria sobre o meio-dia, e se o conhecia esperaria que eu fizesse almoço. Amarrei bruscamente meu cabelo em uma rabo-de-cavalo e logo dupliquei o elástico ao redor dele, convertendo-a em um tipo de coque. Eu

gostava das pontas ondeando em cima de minha cabeça. Embora fiz uma tentativa para não conceder isso a mim mesma, pensei que este penteado descuidado era divertido e lindo.

Foi uma dessas manhãs precisas, frescas de março, o tipo que promete uma tarde quente. O céu estava tão brilhante e ensolarado que meu espírito se levantou, e conduzi para Bon Temps com a janela semi baixa, cantando em conjunto com a rádio no alto de minha voz. Eu cantaria em conjunto com o Weird Ao Yankovic essa manhã.

Conduzi passando o bosque, alguma casa ocasional, e um campo cheio de vacas (e um par de búfalos; nunca se sabe o que criam as pessoas).

O som tocou "Azul Hawai" como um velho dourado, e me perguntei onde estava Bubba - não meu irmão, a não ser o vampiro agora conhecido como Bubba. Não o tinha visto em três ou quatro semanas. Talvez os vampiros da Louisiana o haviam mudado a outro esconderijo, ou talvez ele se desviou do rumo, como o faz de vez em quando. Isso é quando coloca seus largos artigos nos papéis que conservam pela loja de comestíveis revisam posição.

Embora tinha um bem-aventurado momento de felicidade e contente, tive uma de essas idéias perdidas que temos em momentos perdidos. Pensei, que agradável seria se Eric estivesse aqui comigo no carro. Ele se veria tão bem com o vento soprando em seu cabelo, e ele gozaria o momento. Pois bem, bravo, antes de que ele ardesse vigorosamente.

Mas me precavi que tinha pensado a respeito do Eric porque foi o tipo de dia que você gostaria de compartilhar com a pessoa que lhe importasse, a pessoa cuja companhia gozasse mais que nada. E esse era Eric como ele tinha sido enquanto ele foi amaldiçoado por uma bruxa: o Eric que não tinha estado endurecido pelos séculos de política de vampiro, o Eric que não desprezava aos humanos e seus assuntos, o Eric que se não se encarregava de muitas empresas financeiras e responsável pelas vidas e os ganhos de um bom número de humanos e vampiros. Em outras palavras, Eric como ele nunca mais seria outra vez.

O talam talam, a bruxa estava morta, e Eric tinha recuperado seu caráter como era agora. O Eric recuperado era precavido comigo, era aficionado a mim, e não confiava em mim (ou seus sentimentos) uma polegada.

Suspirei com excesso, e a canção desapareceu de meus lábios. Se aproximou apagada em meu coração até que disse a mim mesma que deixasse de ser uma idiota melancólica. Era jovem, saudável. O dia era lindo. E tinha um encontro real para a noite da sexta-feira. Prometi a mim mesma um presente grande. Em lugar de ir diretamente à loja de comestíveis, andei por pela loja de Tara, minha amiga Tara Thornton era sua proprietária.

Não tinha visto a Tara por um tempo. Ela tinha ido de férias para visitar uma tia no sul de Texas, e desde que ela tinha retornado tinha estado trabalhando muitas horas diárias na loja. Pelo menos, isso é o que ela havia dito quando tinha ligado para lhe agradecer pelo carro.

Quando minha cozinha pegou fogo, meu carro ardeu também, e Tara tinha me emprestado seu automóvel velho, um Malibu de dois anos.

Ela tinha adquirido um carro completamente novo (nunca preste atenção como) e

não tinha vendido o Malibu.

Para meu assombro, a respeito de um mês atrás, Tara me enviou por correio o título e a escritura de venda, com uma carta me dizendo que o carro era meu agora. Tinha chamado para protestar, mas ela tinha me respondido com evasivas, e ao fim, não pareceu haver outra coisa a fazer mais que aceitar o presente graciosamente.

Ela o pretendeu como pagamento, desde que a tinha liberado de uma situação terrível. Para ajudá-la, tinha tido que me pôr em dívida a mim mesma com o Eric. Não tinha me importado. Tara tinha sido minha amiga toda minha vida. Agora ela estava a salvo, se ela era suficientemente inteligente para manter-se longe do mundo sobrenatural.

Embora agradecida e aliviada de ter o veículo mais novo que alguma vez havia possuído, teria sido mais feliz de ter sua amizade ininterrupta. Havia me mantido afastada, desde que dava é obvio que recordava a ela muitas coisas más. Mas estava de humor para tratar de rasgar esse véu. Talvez Tara tinha tido tempo suficiente.

A loja de Tara estava em uma franja no lado sul de Bon Temps. Havia outro carro estacionado diante da loja. Decidi que poderia ser bom que um terceiro estivesse ali; Despersonalizaria o encontro.

Tara atendia a Portia, a irmã do Andy Bellefleur, quando entrei, assim é que comecei dando golpezinhos através do número 40, e logo o 38. Portia se sentava à mesa de Isabelle, o qual era extremamente interessante. Tara é o agente de praça para Isabelle Casamentos, uma companhia nacional que produz um catálogo que é a Bíblia de todas as coisas relacionadas com um casamento . Você pode provar vestidos da madrinha de casamento no salão local, assim é que você pode pedir o tamanho correto, e cada vestido vem em perto de vinte cores. Os vestidos de noiva são muito populares.

Isabelle tem vinte e cinco modelos. A Companhia também oferece convites de chá de panela, decorações, presentes de madrinhas de casamento, e qualquer parafernália matrimonial que você pode imaginar. Entretanto, Isabelle era mais bem um fenômeno de classe média, e Portia era definitivamente uma mulher de classe alta.

Desde que ela vivia com sua avó e seu irmã na mansão Bellefleur na Rua da Magnólia, Portia tinha crescido em um tipo de esplendor gótico decadente.

Agora que a mansão se reparou e sua avó entreteve mais, Portia tinha se visto marcadamente mais feliz quando a tinha vislumbrado no povoado. Ela não entra tanto no Merlotte, mas quando ela estava no bar tinha de sobra tempo para outras pessoas, e ela sorria ocasionalmente. Uma mulher passado dos trinta, a melhor característica de Portia está em seu grosso, brilhante cabelo marrom.

Porta pensava no casamento, e Tara pensava em dinheiro.

-Tenho que falar com Halleigh outra vez, mas acho que necessitaremos quatrocentas convites,- Porta dizia, e pensei que minha mandíbula cairia.

-Bem, Porta, se você não se importar em pagar a urgência, podemos ter esses em dez dias.

-OH, bem!- Portia estava definitivamente encantada. -É obvio, Halleigh e eu levaremos postos vestidos diferentes, mas pensamos que poderíamos tratar de escolher o mesmo vestido da madrinha. Talvez em cores diferentes. O que acha?

Pensei que ia me engasgar com minha curiosidade. Portia ia casar, também? Com essa vara de cortar com o que ela tinha estado saindo, o tipo do Clarice? Tara viu momentaneamente minha cara sobre a parte superior da cabide de pé de vestidos. Como Portia tinha os olhos no catálogo, Tara piscou. Ela estava definitivamente contente de ter a um cliente rico, e estávamos definitivamente bem uma com a outra. O alívio me alagou.

-Penso que ter o mesmo estilo em cores diferentes - coordenando cores, é obvio- pode ser realmente original,- Tara disse. -Quantas madrinhas haviam?

-Cinco por cabeça,- Portia disse, sua atenção na página diante dela. " Posso levar para casa uma cópia do catálogo? Desse modo, Halleigh e eu o podemos olhar esta noite.

-Só tenho uma cópia extra; você sabe, uma das formas em que Isabelle faz dinheiro é cobrando um braço e uma perna pelo maldito catálogo, - Tara disse com um sorriso encantador. Tara pode colocar adiante quando ela necessita. -deixarei que leve para casa, se você cruzar seu coração que você o trará de volta amanhã!

Portia fez o gesto infantil, e colocou o grosso catálogo sob seu braço. Ela trazia posta um de seus "trajes de advogada," uma saia parecida ao tweed atirando a marrom e jaqueta com uma blusa de seda debaixo. Tinha postas meias bege e salto baixo, e uma bolsa combinando. Tédio total

Portia estava entusiasmada, e seu cérebro girava como uma roda imagens felizes. Ela soube que se veria um pouco velha como prometida, especialmente comparada com Halleigh; mas Por Deus, ela ia finalmente a ser uma prometida. Porta obtinha sua parte da diversão, presente, a atenção, e as roupas, para não dizer nada da validação de ter um marido. Ela olhou por cima do catálogo e me espiou espreitando pelo cabide de calças frouxas. Sua felicidade foi o suficientemente profunda para abranger a mim.

-Olá, Sookie!- Disse, virtualmente resplandecendo. -Andy me disse que o ajudou, com sua surpresa para Halleigh. Realmente aprecio.

-Foi ótimo,- falei, com minha versão de um sorriso gentil. -É certo que as felicitações são para ti também?- Sei que se supõe que uma não felicita à prometida, só ao noivo, mas não pensei que Portia prestaria atenção.

Claro que ela não fez. -Pois bem, vou me casar- ela confessou. -E decidimos ter uma cerimônia dupla com o Andy e Halleigh. A recepção será na casa. É obvio. Para que ter uma mansão, se você não poderia ter a recepção ali?

-Vai ser uma grande quantidade de trabalho, arrumando os casamentos - quando?- Falei, tratando de soar compassiva e preocupada.

-Abril - Portia disse, se rendendo. -A avó está já meio louca. Ela chamou cada fornecedor que ela conhece para fazer uma tentativa de registrar alguém para o segundo fim de semana, finalmente os fazendeiros: Acontecimentos (ly Elegantes) Extremos porque tiveram um cancelamento. Mas, o tipo que corre Bosque Esculpido em Shreveport a visita esta tarde.

O Bosque Esculpido foi o centro de paisagem planejando de primeira fila e creche na área, ao menos se você andou por seus anúncios onipresentes.

Alugar ambos os Bosque Esculpido e os Acontecimentos (ly Elegant) Extremos queria dizer que este casamento duplo seria a ocasião mais forte do ano em Bon Temps.

-Pensamos num casamento externo na casa, com tendas no pátio de trás,- Portia disse. -Em caso de chuva, teremos que movê-lo à igreja, e ter a recepção no Renard Parish Community Building. Mas esperamos que tudo saia bem.

-Soa maravilhoso-. Eu na realidade não poderia pensar outra coisa para dizer.-Como você vai manter o trabalho, com todas estas coisas para fazer?

-Darei um jeito.

Me perguntei porque a pressa. Por que não estavam os felizes casais esperando até o verão, quando Halleigh não estava trabalhando? Por que não esperar, assim Portia poderia limpar seu calendário para o casamento e a lua de mel? E não era o homem com o que ela saía em encontro um contador? Certamente um casamento durante a estação tarifária era o pior planejamento possível.

... talvez Portia estava grávida. Mas se ela estava grávida, ela não estava pensando a respeito disso, e logo que pensei que ela faria de outra maneira. Caramba, se alguma vez ficasse sabendo que estava grávida, seria tão feliz! Se o tipo me amava e casaria comigo, isso - porque não era o suficientemente forte para criar a um menino por mim mesma, e minha avó ficaria se revirando em sua tumba se fosse uma mãe solteira. A forma moderna de pensar nesse tema tinha passado completamente de longe a minha avó, sem até enrolar seu cabelo com sua passagem.

Enquanto todos estes pensamentos cochichavam em minha cabeça, tomou um minuto para processar as palavras de Portia. -Assim é que trata de manter o segundo sábado em abril livre,- disse com um sorriso tão encantada como Portia Bellefleur pôde fazer. Prometi que o faria, tentando não tropeçar com minha língua com assombro. Ela deve estar drogada ou com febre. Por que gostaria de minha presença no casamento? Não era amiga de qualquer dos Bellefleurs.

-Perguntamos ao Sam se seria bartending na recepção,- ela continuou, e meu mundo se realinhou em um padrão mais familiar. Ela me quis ali para ajudar ao Sam.

-Um casamento de tarde?- Perguntei. Sam algumas vezes pegou trabalhos de bartending, mas no sábado era usualmente nosso dia pesado no Merlotte.

-Não, de noite,- ela disse, -mas já falei com o Sam esta manhã, e está de acordo.

-Muito bem,- falei.

Ela leu mais em meu tom do que tinha posto ali, e se ruborizou. -Glen tem alguns clientes que ele quer convidar,- ela disse, embora não tinha pedido nenhuma explicação. -Só podem vir depois do anoitecer. A Glen Vicks era o contador.

Alegrei-me de recuperar seu sobrenome de minha memória. Logo tudo fez clique em seu lugar, e entendi a vergonha de Portia. Portia quis dizer que os clientes do Glen eram vampiros.

Bem, bem, bem. Sorri.

-Estou segura que será um lindo casamento, e estou desejando estar ali,- falei,-desde que foi suficientemente amável para me convidar. Deliberadamente interpretei mal, e como tinha previsto, ela se ruborizou até mais forte. Logo uma idéia relacionada ocorreu, uma tão importante que dobrei uma de minhas regras pessoais.

-Porta,- falei lentamente, querendo estar segura que ela obteve meu significado,-Deveria convidar Bill Compton".

Agora a Porta lhe chateava Bill - mas quando ela tinha estado reenviando um de seus complôs, ela tinha saído de encontro com o Bill brevemente - não gostava dos vampiros. O qual tinha sido um obstáculo, porque logo Bill tinha descoberto que Portia era realmente sua grande, grande, grande tataraneta, ou algo do estilo.

Bill tinha estado de acordo com sua pretensão de interesse nele. No momento, ele justamente tinha querido encontrar qual era sua meta. Ele se tinha dado conta que deixava Porta arrepiada. Mas quando ele tinha descoberto que seus parentes Bellefleurs super viventes, ele anonimamente lhes tinha dado um bom cacho de dinheiro.

Eu posso "ouvir" que Portia pensou que a propósito lhe recordava as poucas vezes que ela tinha saído de encontro com o Bill. Ela não queria que a lembrassem disso, e acabou se zangando.

-Por que sugere isso?- Ela perguntou friamente, e lhe dei alguns pontos no que pensar. Tara estava meticulosamente ocupada em cima da mesa de Isabelle, mas soube que ela poderia ouvir nossa conversa. Nenhum problema com a Tara escutando.

Tive um debate interno feroz. Finalmente, o que Bill queria prevaleceu sobre o que queria para ele. "Não importa," disse a contra gosto. -É seu casamento, é sua lista.

Portia me olhou como se realmente me visse pela primeira vez. -Está saindo com ele de novo?- Ela perguntou.

-Não, ele está saindo com Selah Pumphrey,- falei, conservando minha voz constante e oca.

Portia me deu um olhar ilegível. Sem outra palavra, ela foi para seu carro.

-O que foi todo isso?- Tara perguntou.

Não poderia explicar, assim é que troquei o tema por um mais próximo para o coração de vendedora da Tara. -Estou muito feliz de que esteja no negócio,- falei.

-Você e eu ambas. Se ela não tivesse que armar tudo em tão pouco tempo, pode apostar que Porta Bellefleur nunca usaria Isabelle - Tara disse francamente. -Ela dirigiria a Shreveport um milhão de vezes, se ela tivesse tempo para fazê-lo. Halleigh justamente se atrasa diante de Portia, pobrezinha. Ela virá esta tarde, e mostrarei a ela o mesmo que mostrei a Portia, e ela terá que grampear-se debaixo. Mas é tudo bom para mim. Obtêm o pacote inteiro, porque o sistema Isabelle pode entregar tudo a tempo. Os convites, as notas de agradecimento, os vestidos, os presentes das madrinhas de casamento, até os trajes de noite da mãe da prometida - Srta. Caroline comprará um, e a mãe de Halleigh – obterão tudo aqui, seja de minha parte ou do livro do Isabelle. Ela me olhou de acima a abaixo. -O que te trouxe por aqui?

-Necessito uma roupa para um encontro, para uma peça teatral em Shreveport,- falei, -e tenho que ir à loja de comestíveis e chegar em casa para cozinhar o almoço do Jason. Então, algo para me mostrar?

O sorriso da Tara ficou totalmente brilhante. -OH,- ela disse, -Simplesmente algumas coisas.

## **CAPÍTULO 5**

ESTAVA CONTENTE porque que Jason estava um pouco atrasado. Havia terminado o toucinho e colocava os hambúrgueres na frigideira quando ele chegou. Já havia aberto o pacote de pãezinhos e tinha posto dois no prato do Jason, e tinha posto uma bolsa de batatas fritas na mesa. Tinha lhe servido um copo de chá e o tinha colocado ao lado de seu lugar.

Jason entrou sem chamar, como ele sempre faz. Jason não havia mudado tanto assim, pelo menos para os olhos, desde que ele se converteu em um meta-pantera. Ele foi loiro quieto e atrativo, e quero dizer atrativo na forma velha; estava bom para olhá-lo, mas também é o tipo de homem que todo mundo olha quando ele entra em uma sala. Em cima disso, ele sempre tinha tido uma nervura término médio. Mas desde sua mudança, ele de certa forma

tinha estado agindo como uma melhor pessoa. Não tinha decidido por que era. Talvez ser um animal desatinado uma vez ao mês satisfizesse um pouco do desejo que ele não tinha sabido que tinha.

Desde que ele tinha sido mordido, não nascido, ele não mudava totalmente; se voltou um tipo de híbrido. No princípio, ele tinha estado desiludido a respeito disso. Mas ele tinha atravessado. Ele tinha estado saindo com uma meta-pantera chamada Crystal desde vários meses atrás. Crystal vivia em uma comunidade diminuta de algumas milhas fora do mapa- e direi, fora do mapa de Bon Temps, Louisiana, esteja realmente fora do mapa.

Dissemos uma oração breve e começamos a comer. Jason não comeu com seu gosto usual. Desde que o hambúrguer ficou bem para mim, acreditei que o que fora que estava em sua mente era importante. Não poderia ler de seu cérebro. Desde que meu irmão tinha se convertido em um meta, seus pensamentos não tinham sido tão claros para mim.

Na maior parte, esse era um alívio.

Depois de duas dentadas, Jason pôs no prato seu hambúrguer, e a postura do corpo mudou.

Ele estava se preparando para falar. -Tenho algo para te dizer,- ele disse. -Crystal não quer que conte a ninguém, mas estou realmente preocupado por ela. Ontem, Crystal... ela teve um aborto.

Fechei meus olhos por breves segundos. Tive aproximadamente vinte pensamentos nesse tempo breve, e não pude completar nenhum deles. -Lamento- falei. -Espero que Crystal esteja bem.

Jason me olhou sobre um prato de comida que ele completamente tinha esquecido.

-Ela não irá ao doutor.

Cravei os olhos nele inexpressivamente. -Mas ela tem que ir- falei razoavelmente. -Ela necessita uma D e C. Não estava claro o que era um "D e C", mas sabia que depois de um abortado involuntariamente, tinha que ir a um hospital e isso é o que eles faziam ali. Minha amiga e colega de trabalho Arlene tinha tido uma D e C depois de seu aborto, e ela tinha me contado sobre isso várias vezes. Várias vezes.

-Entram Y... comecei, mas Jason me cortou no meio.

-Ouça, não preciso saber,- ele disse, vendo-se muito incômodo. -Justamente sei que desde que Crystal é um meta-pantera, ela não quis ir ao hospital. Ela teve que ir quando ela foi chifrada pelo javali, assim como Calvin teve que ir quando lhe dispararam, mas ambos se curaram tão rápido que houve comentários na sala de doutores, ela ouviu. Assim é que ela não irá agora. Ela está em minha casa, mas ela é... ela não está bem. Ela fica pior, não melhor".

-Uh-OH,- falei. -O que está acontecendo?

-Ela sangra muito forte, e suas pernas não andam bem-. Ele engoliu. -Ela está resistindo, mas não consegue caminhar.

-Chamou o Calvin?- Perguntei. Calvin Norris, o tio da Crystal, é o líder da comunidade pantera do Hotshot.

-Ela não quer que diga ao Calvin. Tem medo que Calvin me mate por fecundá-la. Crystal não queria que te dissesse tampouco, mas necessito ajuda.

Embora sua mãe não vivia, Crystal tinha parentes fêmeas em abundância em Hotshot. Nunca tinha tido um menino, nunca tinha estado grávida, e não era um meta. Qualquer deles sabia mais a respeito da situação que eu. Disse ao Jason isto.

-Não quero que ela fique direita o suficiente para voltar para Hotshot, em especial em minha camionete-. Meu irmão se viu teimoso como uma mula.

Por um horrível minuto, pensei que a preocupação do Jason era Crystal sangrando em sua tapeçaria. Estava a ponto de saltar em sua garganta, quando ele adicionou, -Os amortecedores precisam ser substituídos, e estou assustado que o rebote do caminhão nessa estrada má faça pior a Crystal.

Então seus parentes poderiam vir por Crystal. Mas soube antes de que falasse que Jason encontraria uma razão para vetar isso, também. Ele tinha algum tipo de plano.

-Está bem. O que posso fazer?

-Não me disse uma vez quando te machucou, que houve um tipo especial de doutor que os vampiros chamaram para olhar suas costas?

Eu não gostei de pensar nessa noite. Minhas costas ainda tinham as cicatrizes do ataque. O veneno nas garras da mênade quase tinha me matado. -Sim,- falei lentamente, -a Dra. Ludwig. A doutora para tudo o que era estranho e estranho. Ludwig era si própria uma raridade. Ela era extremamente pequena, muito curta.

E suas características não eram exatamente normais. Seria como uma surpresa extrema para mim se a Dra. Ludwig seja humana. Tinha a visto uma segunda vez no concurso para líder de manada. As duas vezes, tinha estado em Shreveport; era muito cômodo que a Dr. Ludwig realmente vivesse ali.

Desde que não quis passar por cima do óbvio, tirei um diretório Shreveport da gaveta debaixo do telefone encarapitado na parede. Havia uma Doutora Amy Ludwig.

Amy? Refreei um estalo de risada.

Estava muito nervosa a respeito de me aproximar da Dra. Ludwig por mim mesma, exceto quando vi que tão preocupado estava Jason, não poderia protestar sobre fazer uma chamada Telefônica piolhenta.

Tocou quatro vezes. Uma máquina respondeu. Uma voz mecânica disse, " Você chamou ao telefone da Dra. Amy Ludwig. Dra. Ludwig não aceita pacientes novos, com seguro ou sem seguro. Dra. Ludwig não quer amostras farmacêuticas, e não necessita seguro de qualquer tipo. Não está interessada em investir seu dinheiro, ou dá-lo a caridades que ela pessoalmente não selecionou". Houve um longo silêncio, durante qual desligariam o telefone a maioria das pessoas que chamam provavelmente. Não fiz. Depois de um momento, ouvi outro estalo sem retardo.

-Alô?-Perguntou uma pequena voz brusca.

-Dra. Ludwig? -Perguntei cautelosamente.

-Sim? Não aceito aos pacientes novos, você sabe! Estou muito ocupada!- Ela soou impaciente e cuidadosa.

-Sou Sookie Stackhouse. Você é a Dra. Ludwig que me tratou no escritório de Eric no Fangtasia?

-Você é a jovem envenenada pelas garras da mênade?

-Sim. A vi outra vez faz algumas semanas, lembra-se?

-E onde era isso?- Ela lembrou bastante bem, mas ela quis outra prova por minha identidade.

-Um edifício vazio em um parque industrial.

-E quem controlava a ação ali?

-Um tipo calvo grande chamado Quinn.

-OH, está bem. Ela suspirou. -O que você quer? Estou muito ocupada.

-Tenho um paciente para você. Por favor visite-a.

-Traga-me isso

-Ela está muito doente para viajar.

-Ela está muita doente para viajar- ouviu-se o burburinho da doutora para a si mesma, mas não poderia elaborar as palavras.-Ora - a doutora disse. -OH, muito bem, Srta. Stackhouse. Me diga qual é o problema".

Expliquei melhor que pude. Jason ia de cima abaixo pela cozinha, porque ele estava muito preocupado para ficar quieto.

-Idiotas. Tolos, - Dra. Ludwig disse. -me diga como chegar a sua casa. Logo você pode me indicar aonde está a garota.

-Posso ter que sair para trabalhar antes que você chegue - falei, depois de percorrer com o olhar o relógio e fazer cálculos de quanto tempo lhe requereria a doutora para conduzir de Shreveport. -Meu irmão estará aqui à espera".

-É ele o responsável pela festa?

Não soube se ela falava da conta de seus serviços, ou da gravidez. De qualquer modo, disse a ela que Jason definitivamente era o responsável pela festa.

-Ela vem- disse a meu irmão, depois de ter dado as direções a Dra. e tinha desligado o telefone. -Não sei quanto cobra, mas disse a ela que você pagaria.

-Claro, claro. Como a reconhecerei?

-Não pode a confundir com ninguém que conheça. Ela disse que teria um motorista. Ela não é o suficientemente alta para ver por cima do volante, assim que preste atenção.

Lavei os pratos enquanto Jason se moveu nervosamente. Ele chamou Crystal para saber como estava, pareceu estar bem com o que escutou. Finalmente, pedi que fosse para fora bati ninhos velhos da garagem para ferramentas. Não parecia poder assentar-se, assim é que podia ser útil.

Pensei a respeito da situação enquanto iniciei uma carga de tanque e me pus meu traje de empregada de botequim (calças curtas pretas, a remadora branca de gola alta com "o Merlotte" bordado sobre o peito esquerdo, e Adidas pretos). Não estava malditamente feliz. Estava preocupada com Crystal - e não gostava dela. Lamentava que tinha perdido o bebê porque sei que essa é uma experiência amarga, mas estava feliz porque na realidade não quis que Jason se casasse com a garota, e claro ele faria se a gravidez tivesse continuado. Tento dar com algo que me faça sentir melhor. Abri o armário para olhar minha roupa nova, que tinha comprado na Tara's Togs para meu encontro.

Mas inclusive não poderia tirar qualquer desfrute dele.

Finalmente, fiz o que tinha planejado fazer antes de escutar as notícias de Jason: agarrei um livro e me acomodei em uma cadeira no alpendre dianteiro, lendo algumas frases de vez em quando e admirando a pereira no pátio dianteiro, o qual estava coberto em flores brancas e zumbantes abelhas.

O sol resplandecia, as narcíseas estavam passando seu florescimento, e tinha um encontro para sexta-feira. E já tinha completado com minha boa obra do dia, ao chamar a Dra. Ludwig. A bobina de preocupação em meu estômago afrouxou um pouco.

De vez em quando, podia ouvir sons ambíguos do pátio traseiro; Jason havia encontrado algo para manter-se ocupado depois de que ele tinha terminado com os ninhos.

Talvez ele levantou os maciços de flores. Fiquei de bom humor. Isso era simpático, desde que não tinha o entusiasmo de minha avó para trabalhar no jardim.

Admiro os resultados, mas não desfruto do processo inteiro como ela.

Depois de comprovar meu relógio bracelete repetidamente, senti alívio de ver um grande Cadillac entrando na área de estacionamento da frente. Havia uma forma diminuta no assento do passageiro dianteiro. A porta do condutor se abriu, e uma meta chamada Amanda saiu. Ela e eu tínhamos tido nossas diferenças, mas tínhamos saído nos termos justos. Estava aliviada de ver alguém conhecido.

Amanda, quem se parecia exatamente a uma mãe de futebol de classe média, estava em seus trinta anos. Seu cabelo vermelho se via natural, muito diferente ao de minha amiga Arlene.

-Sookie, ouça- ela disse. -Quando a doutora me disse onde íamos, suspirei aliviada, pois já sabia como vir.

-Não é seu motorista usual? Ouça, eu gosto de seu corte de cabelo.

-OH, obrigado-. O cabelo da Amanda estava recém cortado em um estilo descuidado, quase de moço que raramente se via bem com ela. Digo raramente, porque o corpo de Amanda era definitivamente feminino.

-Não me acostumei ainda- ela admitiu, correndo sua mão sobre seu pescoço.

-Na realidade, é usualmente meu filho mais velho quem dirige para a Dr. Ludwig, mas ele está na escola hoje, é obvio. É sua cunhada a que está doente?

-Noiva de meu irmão- falei, tratando de pôr uma boa cara nisso. -É Crystal. Ela é uma pantera.

Amanda se viu quase respeitosa. Lobatos tem só desprezo para outros metas de forma, mas algo de formidável como uma pantera obteria seu atenção. -Ouvi que há um grupo de panteras aqui fora em alguma parte. Nunca encontrei uma antes.

-Tenho que ir trabalhar, mas meu irmão as guiará para sua casa.

-Então, realmente não você não está próxima a noiva de seu irmão?

Fiquei chocada por não estar tão preocupada com o bem-estar de Crystal. Talvez deveria ter ido ficar de seu lado da cama, e deveria ter deixado Jason aqui para guiar a doutora? Repentinamente vi meu desfrute de meus momentos de calma como uma desatenção calosa para Crystal. Mas agora não era hora de derrubar-se na culpabilidade.

Verdadeiramente- falei, -não, não sou próxima dela. Mas Jason não parece pensar que haja algo que poderia fazer por ela, e minha presença não seria exatamente sossegadora desde que ela não é mais carinhosa comigo do que eu sou com ela.

Amanda se encolheu de ombros. -De acordo, onde ele está?

Jason veio ao redor da esquina da casa, para meu alívio.

-OH, grandioso- disse. -Você é a doutora?

-Não- Amanda disse. "A doutora está no carro. Sou a motorista hoje".

-A guiarei até lá. Eu estava falando por telefone com Crystal, e ela não fica melhor.

Senti outra onda de remorso. -me chame no trabalho, Jason, e me deixe saber como vai, certo? Posso dar uma passada depois do trabalho e posso passar a noite, se me necessita.

-Obrigado, irmã-. Ele me deu um abraço rápido e logo ficou sem jeito. -Hum, me alegro que não mantive em segredo como Crystal queria. Ela não achou que você ajudaria.

-Eu gostaria de pensar que sou pelo menos uma pessoa bastante boa para ajudar alguém que necessita, não importa se estávamos perto ou não-. Certamente Crystal não se imaginou que fosse indiferente, ou até feliz, que ela estivesse doente?

Pasma, observei os dois veículos muito diferentes dirigir-se ao caminho de acesso de volta para o caminho Hummingbird. Girei a chave e fui no meu próprio automóvel em um estado de ânimo nada contente.

Continuando o tema de um dia infeliz, quando passei em meio da porta traseira nessa tarde do Merlotte, Sam me chamou desde seu escritório.

Entrei para ver o que queria, sabendo com antecipação que algumas outras pessoas estavam à espera ali dentro. Para minha súbita desilusão, percebi que o Padre Riordan tinha me emboscado.

Havia quatro pessoas no escritório do Sam, além de meu chefe. Sam estava infeliz, mas tratando de manter uma boa cara. Para minha surpresa, o Padre Riordan não estava muito contente com as pessoas que tinham lhe acompanhado. Suspeitei que sabia quem eram. Merda. Não só o Padre Riordan trazia em reboque aos Pelt, também a uma jovem de aproximadamente dezessete, que deve ser a irmã de Debbie, Sandra.

As três pessoas novas me olharam fixamente. Os Pelt mais velhos eram altos e magros. Ele trazia postos óculos e era descascado, com orelhas fincadas fora de sua cabeça como asas da jarra. Ela era atrativa, um pouco excessivamente maquiada. Ela levava postos umas calças Donna Karan e uma bolsa com um logotipo famoso nele. Os saltos, também. Sandra Pelt era mais informal, suas calças jeans e sua camisa canção acomodando-se a sua figura estreita muito apertadamente.

Logo que ouvi o Padre Riordan formalmente introduzir os Pelt, estava tão afligida e irritada que se intrometessem eles mesmos em minha vida até tal ponto. Havia dito ao Padre Riordan que não queria encontrá-los, e aqui estavam. Os Pelt mais velhos me comeram com seus olhos ávidos. Selvagens, Maria-Estrela os tinha chamado. Desesperados era a palavra que veio a minha mente.

Sandra era farinha de outro saco inteiramente: Desde que ela era a segunda menina, ela não poderia ser um meta como seus pais, mas ela não era inteiramente uma humana tampouco. Mas algo tentou agarrar meu cérebro, me fez tomar uma pausa. Sandra Pelt era uma meta de

algum tipo. Tinha ouvido os Pelt descritos como mais envolvidos com sua segunda filha que com Debbie. Agora, obtendo pedacinhos de informação deles, vi por que isso poderia ser. Sandra Pelt poderia ser menor de idade, mas ela era formidável. Ela era uma lobato. Mas isso não poderia ser, a menos que...

Está bem. Debbie Pelt, lobato, tinha sido adotada. Tinha me informado de que os Lobatos eram propensos aos problemas de fertilidade, e dei por suspeito que os Pelt tinham perdido as esperanças a respeito de ter um pequeno lobato, e tinham adotado a um bebê que era pelo menos algum tipo de meta, se não de seu próprio tipo. Até uma raposa de pura raça devia ter parecido preferível a um humano simples. Logo os Pelt tinham adotado a outra filha, uma lobato.

-Sookie- o Padre Riordan disse, sua voz irlandesa enfeitada mas infeliz, -Barbara e Gordon apareceram em minha soleira hoje. Quando falei que você havia dito tudo o que tinha que dizer a respeito do desaparecimento de Debbie, não se contentaram com isso. Insistiram em que os trouxesse aqui comigo.

Minha cólera intensa com o sacerdote se retirou um pouco. Mas outra emoção encheu seu lugar. Estava o suficientemente ansiosa sobre o encontro para me apalpar minha colcha nervosa de sorriso através de minha cara. Resplandeci para os Pelt, apanhei a contracorrente de sua desaprovação.

-Sinto por sua situação- falei. -Sinto pesar que vocês fiquem perguntando o que aconteceu com Debbie. Mas não sei que mais posso dizer.

Uma lágrima desceu correndo pela cara de Barbara Pelt, e abri minha bolsa para tirar um lenço. Dei a mulher, quem limpou sua cara.

-Ela pensava que você roubava o Alcide - Barbara disse.

Supõe-se que não se fala mal dos mortos, mas no caso de Debbie Pelt, isso era francamente impossível. -Senhora Pelt, vou ser franca,- disse a ela. Embora não muito franca. -Debbie estava comprometida com outro no tempo de seu desaparecimento, um homem chamado Clausen, se mal lembro. Barbara Pelt inclinou a cabeça, a contra gosto. -Esse compromisso deixou o Alcide em liberdade perfeita de sair para ter um encontro com alguém que goste, e nós passamos muito pouco tempo juntos-. Nenhuma mentira ali. -Não vimos um ao outro em semanas, e ele sai com alguém mais agora. Assim é que Debbie realmente estava equivocada no que ela pensou.

Sandra Pelt mordeu seu lábio inferior. Ela foi parca, com pele clara e cabelo café escuro. Ela trouxe posto pouca maquiagem, e seus dentes eram deslumbrantemente brancos e parecidos. Seus brincos podiam prover um cabide para um periquito; eram muito grandes. Tinha um corpo estreito e roupas caras: A parte superior da corrente da alameda.

Sua expressão era fera. Não gostou do que dizia, nenhuma pequena quantidade. Ela era uma adolescente, e tinha ondas fortes de emoção na garota. Lembrei o que minha vida tinha sido quando tinha a idade da Sandra, e a compadecei.

-Já que você conheceu os dois,- Barbara Pelt disse cuidadosamente, não admitindo minhas palavras, -você deve ter sabido que tiveram- têm - uma forte relação de amor e ódio, não importa o que Debbie fez.

- OH, isso é certo,- falei, e talvez não soei o suficientemente respeitosa. Se fiz um favor a alguém ao matar Debbie Pelt, essa pessoa era Alcide Herveaux.

De outra maneira, ele e a Pelt teriam estado destroçando-se animicamente um ao outro por anos, se não o resto de suas vidas.

Sam partiu dando meia volta quando o telefone tocou, mas vislumbrei um sorriso em sua cara.

-Consideramos que deve haver algo que você saiba, alguma coisa pequena, que nos ajudaria a descobrir o que aconteceu a nossa filha. Se - se ela encontrou sua morte, queremos que seu assassino vá à justiça.

Olhei os Pelt por um longo momento. Poderia ouvir a voz do Sam no fundo quando reagiu com assombro por algo que ouvia pelo telefone.

-Sr. e Senhora Pelt, Sandra,- falei. -Falei com a polícia quando Debbie desapareceu. Cooperei com eles completamente. Falei com seus investigadores privados quando vieram aqui, no meu lugar de trabalho, assim como vocês têm feito. Os deixei entrar em minha casa. Respondi suas perguntas-. Simplesmente não com toda a verdade. (Se, o edifício inteiro era uma mentira, fazia o melhor possível.)

-Estou muito triste por sua perda e eu me compadeço de sua ansiedade por descobrir o que ocorreu com Debbie- continuei falando lentamente assim é que poderia escolher as palavras. Respirei profundamente. -Mas isto tem que acabar. Bastante é suficiente. Não posso lhe dizer uma coisa mais, além do que já hei dito.

Para minha surpresa, Sam avançou ligeiramente ao redor de mim e entrou no balcão, movendo-se rápido. Ele não disse uma só palavra a alguém no escritório. O padre Riordan percorreu o olhar depois dele, sobressaltou-se. Fiquei até mais ansiosa de que os Pelts fossem. Algo estava acontecendo.

-Entendo o que você diz,- Gordon Pelt disse rigidamente. Foi a primeira vez que o homem tinha falado. Ele não soou feliz de estar onde ele estava, ou de estar fazendo o que ele estava fazendo. -sei que não agimos de um modo ético, mas estou certo que você nos desculpará quando você pense pelo que temos passado.

-OH, sim,- falei, e se essa não era uma verdade completa, não era uma mentira completa, tampouco. Fechei minha bolsa e o coloquei na gaveta no escritório do Sam onde todos os empregados guardavam suas bolsas, e saí correndo para o balcão.

Senti a lavagem de agitação sobre mim. Algo estava mau; quase cada cérebro no bar estava difundindo um sinal combinado de excitação com ansiedade raiando em pânico.

-O que está acontecendo?- Perguntei ao Sam, movendo-se furtivamente detrás do balcão.

-Justamente disse a Holly que a escola a chamava. O menino de Holly não estava.

Senti um frio começar na base de minha coluna vertebral e subir por cima. -O que aconteceu?

-A mãe de Danielle usualmente recolhe Cody da escola quando ela recolhe à garotinha de Danielle, Ashley-. Danielle Gray e Holly Cleary tinham sido melhores amigas através da escola secundária e sua amizade tinha continuado através do fracasso de ambos os matrimônios. Gostavam de trabalhar no mesmo turno. A mãe de Danielle, Mary Jane Jasper, tinha sido um salva-vidas para Danielle, e de vez em quando sua generosidade tinha redundado para incluir Holly. Ashley deve ter aproximadamente oito, e o filho de Danielle, Mark Robert, deveria ter quatro anos de idade. O filho único de Holly, Cody, tem seis anos de idade. Ele estava no primeiro grau.

-A escola deixou alguém mais recolher ao Cody? Tinha ouvido que os professores estavam vigilantes por maridos não autorizados recolhendo a seus meninos.

-Ninguém sabe o que aconteceu ao pequeno. A professora do turno, Halleigh Robinson, estava de pé lá fora observando aos meninos entrar em seus automóveis. Ela diz que Cody repentinamente se lembrou de que tinha deixado um desenho a sua mamãe em sua sala, e ele voltou correndo à escola para pegá-lo. Ela não lembra de vê-lo sair fora, mas ela não podia o encontrar quando entrou para inspecionar.

-Assim é que a Senhora Jasper estava ali esperando o Cody?

-Sim, ela foi a única esperando, sentada ali em seu carro com seus netos.

-Isto é muito horripilante. Suponho que David não sabe algo?- David, o ex de Holly, vivia em Springhill e se casou de novo. Registrei a partida dos Pelt: Uma gente irritante menos.

-Aparentemente não. Holly chamou a seu trabalho, e ele estava ali e tinha estado toda a tarde, sem lugar a dúvidas. Ele chamou a sua nova esposa, e ela justamente havia retornado de pegar seus meninos na escola de Springhill. O guarda municipal andou por sua casa e procurou, simplesmente para estar segura. Agora David está caminho daqui.

Holly se sentava em uma das mesas, e embora sua cara estava seca, seus olhos tiveram a aparência de alguém que tinha visto dentro do Inferno. Danielle estava encurvada no piso ao lado dela, segurando sua mão e falando com o Holly urgentemente e quedamente. Alcee Beck, um dos detetives locais, sentava-se à mesma mesa. Um bloco de notas e uma caneta estavam diante dele, e falava por seu telefone celular.

-Procuraram na escola?

-Bom, é aí onde está Andy entra. E Kevin e Quênia-. Kevin e Quênia eram dois oficiais de polícia uniformizados. -O Bud Dearborn está no fundo telefônico acima de um Alerta Âmbar.

Regulei um pensamento de como devia estar se sentindo Halleigh agora; ela tinha só vinte e três anos de idade ou pouco mais ou menos, e este era seu primeiro trabalho de professora. Ela não tinha feito nada mal, ao menos pelo que podia dizer - mas quando um menino se perde, ninguém se livra da culpa.

Tratei de pensar como podia ajudar. Era uma oportunidade única para minha pequena incapacidade de trabalhar pelo bem maior. Tinha calado a boca por anos sobre todo tipo de coisas. As pessoas não queriam saber o que eu sabia. As pessoas não quiseram estar ao redor de alguém que podia fazer o que eu podia fazer. A forma que sobrevivi foi mantendo minha boca fechada, porque era fácil para os humanos ao redor me esquecer ou não acreditar, quando a prova de meu estranho talento não lhes era esfregada em sua cara.

Você gostaria de estar ao redor de uma mulher que sabe que enganas a seu marido, e com quem? Se é um tipo, gostarias de estar ao redor de uma mulher que sabe que você em segredo quer trazer posta roupa íntima? Gostarias de andar com uma garota que conhece seus julgamentos mais secretos de outras pessoas e todos seus defeitos escondidos?

Não, pensei que não.

Mas se um menino estava envolvido, como posso me conter?

Olhei ao Sam, e ele me devolveu o olhar tristemente. -É duro, não é assim, cher?

Ele disse. -O que vai fazer?

-O que for que tenha que fazer. Mas tenho que fazê-lo agora, - falei.

Ele inclinou a cabeça. -Vai à escola,- ele disse, e saí.

## CAPÍTULO 6

NÃO SABIA COMO IA OBTER ISTO. Não sabia quem admitiria que poderia ajudar. Havia uma multidão na escola primária, é obvio. Um grupo de aproximadamente trinta adultos estavam de pé sobre a grama na calçada em frente a escola, e Bud Dearborn, o xerife, falava com o Andy na grama dianteira.

Betty Ford Elementary era a mesma escola a que eu tinha ido. O edifício havia sido medianamente novo então, um edifício com um só andar franco de tijolo com uma galeria

contendo os escritórios, o parquinho, o primeiro grau, e o restaurante de auto-serviço. Ali uma ala direita para o segundo grau, uma ala à esquerda para a terceira parte. Um edifício recreativo pequeno estava atrás da escola no grande campo de jogo, acessível por um corredor coberto. Servia para as sessões de exercício dos meninos nos dias de mau tempo.

É obvio havia hastes de bandeira diante da escola, um para a bandeira americana e um para a bandeira de Louisiana. Amava passar pela frente quando estalavam na brisa em um dia como hoje. Amava pensar a respeito de todos os meninos pequenos dentro, ocupados em ser meninos. Mas as bandeiras tinham sido desprendidas nesse dia, e só as cordas amarradas se moveram entre o vento firme. A grama verde da escola estava salpicado do envoltório ocasional de caramelos ou papel amassado de caderno. A zeladora da escola, Madelyn Pepper (sempre chamada "Senhorita Maddy"), conferenciava sobre uma cadeira plástica bem fora das portas principais da escola, seu carrinho ao lado dela. A Senhorita Maddy tinha sido a zeladora por longos anos. A Senhorita Maddy era uma mulher muito lenta, mentalmente, mas era uma trabalhadora conscienciosa, e absolutamente confiável. Ela se via quase igual a como quando eu tinha ido à escola ali: alta, branca, com um longo caimento de cabelo tingido de platina. Ela fumava um charuto. A Diretora, Senhora Garfield, tinha tido uma batalha com a Srta. Maddy por anos a respeito de seu hábito, uma batalha que Srta. Maddy sempre tinha ganho. Ela fumava fora, mas ela fumava.

Hoje, Mrs. Garfield era completamente indiferente do habito da Srta. Maddy. A Senhora Garfield, esposa de um ministro episcopal metodista, estava vestida com um traje de rua de cor mostarda, mangueira simples, e bombas negras. Ela estava tão tensa como Srta. Maddy, e muito menos protegida a respeito de mostrá-lo.

Abri passo entre a multidão, sem saber como começar a fazer o que tinha que fazer.

Andy me viu primeiro, e tocou Bud Dearborn no ombro. O Bud tinha um telefone celular em sua orelha. O Bud começou a me olhar. Inclinei a cabeça para eles. O xerife Dearborn não era meu amigo. Ele tinha sido amigo de meus pais, mas ele nunca tinha tido tempo para mim. Para o xerife, as pessoas se subdividiam em duas categorias: As pessoas que quebravam a lei e podiam estar presas, e as pessoas que não quebravam a lei e não podiam sê-lo. E a maior parte desses eram pessoas que não tinham sido apanhadas infringindo a lei ainda; isso era o que Bud acreditava. Eu caía em alguma parte no meio. Ele tinha certeza que era culpado de algo, mas ele não podia resolver o que era.

Andy não gostava muito de mim, mas ele era um crente. Ele sacudiu sua cabeça à esquerda, quase imperceptivelmente. Não podia ver claramente a cara do Bud Dearborn, mas seus ombros ficaram rígidos com irritação, e ele se inclinou adiante um pouco, sua postura corporal inteira dizendo que ele estava furioso com seu detetive.

Consegui sair do nó de cidadãos ansiosos e curiosos e me deslizei ao redor da ala do terceiro grau para a parte de atrás da escola. O campo de jogo, do tamanho da metade de uma quadra de esportes de futebol, estava cercado, e o portão estava normalmente fechado com chave com uma corrente presa por um cadeado. Tinha sido aberta, provavelmente para a conveniência dos buscadores. Vi o Kevin Pryor, um oficial de polícia jovem magro que sempre ganhou a carreira do 4K no Festival da Azálea, inclinando-se para olhar com atenção

em uma boca-de-lobo diretamente através da rua. A grama na sarjeta era alta, e suas calças uniformes escuros foram polvilhados com amarelo. Sua parceira, Kenya, tão robusta como Kevin era magro, estava em frente do outro lado da quadra, e a observei mover a cabeça de um lado para outro esquadrinhando os pátios circundantes.

A escola ocupava uma quadra inteira na metade de uma zona residencial. Todas as casas da zona eram casas modestas em lotes modestos, o tipo de bairro onde houve cestas de basquete e bicicletas, cães ladradores, e os caminhos de acesso iluminados na calçada.

Hoje cada superfície estava empoeirada com um pó amarelo ligeiro; era o mesmo começo do tempo do pólen. Se lavar seu carro na cidade em sua rua, haveria um anel de amarelo ao redor do tubo de deságüe da tormenta. As barrigas dos gatos estariam pintadas e os cães altos com as patas amarelas. Cada pessoa com quem fale tem os olhos avermelhados e leva lenços.

Notei várias zonas limpas ao redor do campo de jogo. Havia emplastos de pasto verde novo e emplastos de pasto duro, em áreas onde os meninos se congregaram mais que nada.

Um mapa grande dos Estados Unidos tinha estado pintado no concreto fora das portas da escola. O nome de cada estado foi pintado cuidadosamente e claramente. Louisiana era o único estado pintado de vermelho brilhante. A palavra Louisiana era muito longa para competir com o pelicano, e tinha sido pintado na direita do pavimento onde o Golfo do México estava.

Andy emergiu da porta traseira, sua cara dura. Ele se viu dez anos mais velho.

-Como está Halleigh?- Perguntei.

-Ela está chorando dentro da escola,- ele disse. -Temos que encontrar este menino.

-O que Bud diz?- Perguntei. Dava um passo dentro da porteira.

-Não pergunte,- ele disse. -Se houver algo que possa fazer por nós, necessitamos toda a ajuda que podemos obter.

-Está no limbo.

-Você também.

-Onde estão as pessoas que estavam dentro da escola quando ele voltou correndo?

-Estão todos aqui dentro, exceto a diretora e a tesoureira.

-As vi lá fora.

-As trarei. Todos os professores estão no restaurante do auto-serviço. Tem essa parte pequena em um extremo. Sente-se entre as decorações dali. Vê se pode obter algo.

-Está bem-. Não tive uma melhor idéia.

Andy ficou em caminho para a frente da escola para trazer para a Diretora e a tesoureira.

Me movi gradualmente para o fim do corredor do terceiro grau. Havia quadros brilhantes decorando as paredes fora de cada sala de aula. Cravei os olhos nos desenhos de pessoas rudimentares tendo piqueniques e pescando, e as lágrimas arderam meus olhos. Pela primeira vez, desejei que fosse psíquica telepática.

Então poderia visualizar o que aconteceu com o Cody, no lugar de ter que esperar alguém que pensasse nele. Nunca tinha encontrado a um psíquico verdadeiro, mas tinha entendido que era um talento muito incerto de ter, um que não era o suficientemente específico às vezes, e muito específico em outros. Minha pequena raridade era bastante mais digna, e me fiz acreditar que poderia ajudar este menino.

Consegui chegar ao restaurante de auto-serviço, o aroma da escola evocou uma série de memórias. A maior parte deles eram dolorosos; alguns eram agradáveis. Quando tinha sido pequena, não tinha tido controle sobre minha telepatia e não tinha nenhuma idéia do que estava errado comigo. Meus pais tinham me feito passar através do moinho de saúde mental tratando de encontrar o que fora, o qual teve mais à frente me coloca completamente de meus olhares fixos. Mas a maior parte de meus professores haviam tido bom coração. Tinham entendido que me esmerava em aprender - que em certa forma era constantemente distraída, mas não era minha opção. Cheirar o perfume de limpador cretáceo, papel e livros trouxe de volta tudo.

Lembrei todos os corredores e os portais como se justamente houvesse saído logo. As paredes eram de uma cor pêssego agora, em lugar do esbranquiçado que, e o tapete era de um tipo de cinza em lugar do linóleo café; mas a estrutura da escola era inalterável. Sem titubear, escapuli por uma porta traseira para a parte pequena, a qual estava a um extremo do restaurante pequeno. Se lembrava corretamente, o espaço era designado o "quarto multiuso". A área de servir podia ser fechada com portas de correr, e as mesas de piquenique que se alinhavam ao quarto podiam ser pregadas e empilhadas. Agora se faziam cargo o piso em regulamento remo, e as pessoas sentadas nelas eram todos adultos, com exceção dos meninos de alguns professores que tinham estado nas salas de aula com suas mães quando o alarme tinha tocado.

Encontrei uma cadeira plástica diminuta e a joguei atrás das cortinas na esquerda. Fechei meus olhos e comecei a me concentrar. Perdi a consciência de meu corpo ao fechar todos os estímulos e comecei a deixar minha mente vagar livremente.

*É minha culpa, minha culpa, minha culpa! Por que não notei que ele não tinha voltado para fora? Ou ele passou inadvertido por mim? Pôde ter entrado em um carro sem me dar conta?*

Pobre Halleigh. Ela estava sentada, e o monte de lenços mostrava como tinha estado passando seu tempo de espera. Ela era completamente inocente de algo, assim é que reatei minha mente.

*OH meu Deus, obrigado Deus que não é meu filho l que falta*

*... ir a casa e agarrar algumas bolachas...*

*Não posso ir à loja comprar carne para hambúrgueres, talvez possa chamar ao Ralph e ele pode andar pelo Sonic... mas nós comemos comida rápida ontem à noite, não está bem*

*Sua mamãe é uma empregada de botequim, quantas lowlifes ela sabe fazer?  
Provavelmente um deles.*

Seguiu sem parar, uma lentidão de pensamentos inofensivos. Os meninos estavam pensando a respeito de sanduíches e televisão, e estavam assustados também. Os adultos, na maioria dos casos, estavam muito assustados por seus meninos e estavam preocupados pelo efeito do desaparecimento do Cody em suas famílias e sua classe.

Andy Bellefleur disse, -Em um minuto o Xerife Dearborn estará aqui dentro, e logo os dividiremos em dois grupos.

Os professores relaxaram. Estas eram instruções familiares, como elas mesmas freqüentemente tinham dado.

-Faremos perguntas a cada um de vocês, e logo poderão ir. Sei que estão preocupados, e temos oficiais de polícia registrando a área, mas talvez possamos obter alguma informação que nos ajudará a encontrar o Cody.

A Senhora Garfield entrou. Podia sentir sua ansiedade precedendo como uma nuvem escura, cheia de trovões. A Senhorita Maddy estava detrás dela. Podia ouvir as rodas de seu carrinho, carregado com seu cesto de lixo forrado e cheio de artigos para limpar.

Todos os perfumes que a rodeavam eram familiares. É obvio, ela começava a limpeza imediatamente depois do horário de escola. Ela devia estar dentro de uma das salas de aula, e provavelmente não tinha visto nada. A Senhora Garfield podia haver estado em seu escritório. O Diretor em minha época, Mr. Heffernan, parava fora com o professor do turno até que todos os meninos se foram, a fim de que os pais tivessem a possibilidade de falar com ele se tivessem perguntas sobre o progresso de seu menino... ou a falta de progresso.

Não apareci de atrás da cortina poeirenta para ver, mas podia seguir o progresso das duas facilmente. A Senhora Garfield era uma bola de tensão tão densa que carregava o ar ao redor dela, e Srta. Maddy estava igualmente rodeada pelo aroma de todos os produtos de limpeza e os sons de seu carrinho. Ela se sentia miserável também, e sobre tudo ela queria retornar a sua rotina. Maddy Pepper podia ser uma mulher de inteligência limitada, mas ela amava seu trabalho porque era hábil nele.

Aprendi bastante enquanto estava sentada ali. Fiquei sabendo de que uma das professoras era uma lésbica, embora ela estava casada e tinha três meninos. Outra professora estava grávida mas não havia dito a ninguém ainda. Aprendi que a maior parte das mulheres (não havia professores na escola primária) estavam curvadas por obrigações múltiplas para suas famílias, seus trabalhos, e sua Igreja. A professora de Cody estava muito triste, porque gostava do garotinho, embora ela pensava que seu mãe era estranha.

Ela acreditava que Holly se empenhava em ser uma boa mãe, mas rebatia sua aversão para o estilo gótico de Holly.

Mas nada do que aprendi me ajudou a descobrir algo sobre o Cody até que me aventurei na cabeça de Maddy Pepper.

Quando Kenya subiu detrás de mim, estava dobrada sobre mim, minha mão sobre minha boca, tentando chorar silenciosamente. Não fui capaz de me levantar para procurar Andy ou qualquer outro. Soube onde estava o menino.

-Vim aqui para averiguar o que sabe- Quênia sussurrou. Ela estava maciçamente descontente a respeito de seu mandado, e embora sempre havia gostado de mim, ela não pensava que podia fazer algo para ajudar à polícia. Ela pensou que Andy era um idiota por arruinar sua carreira ao me fazer sentar alí escondida.

Logo percebi alguma outra coisa, algo fraco e débil.

Levantei e agarrei a Kenya pelo ombro. -Olhe no cesto de lixo, o que está no carrinho, agora mesmo!- Falei, em voz baixa (esperei) com suficiente urgência para acender um fogo na Kenya. -Está no cesto, ainda está vivo!

Kenya não era suficientemente impulsiva para pular desde atrás da cortina, lançar do camarote cênico, e arremeter em cima do carrinho da zeladora. Ela me deu um olhar duro, dura.

Saí de atrás da cortina para observar como Kenya abria passo abaixo das escadas pequenas na parte da frente do cenário, e teve êxito para onde Maddy Pepper estava sentada, seus dedos tamborilando contra de suas pernas.

A Senhorita Maddy queria um cigarro. Logo ela se deu conta que Kenya estava perto dela, e um alarme aborrecido soou em seu cérebro. Quando a zeladora viu Kenya realmente tocar o bordo do cesto grande de lixo, saltou sobre seus pés e gritou, -Não foi minha intenção! Não foi minha intenção!

Todo mundo na sala se fixou na comoção, e o rosto de todos refletiu expressões idênticas de horror. Andy caminhou a grandes passos, sua cara dura. Kenya estava dobrada sobre a lata, rebuscando, lançando sobre seu ombro uma tormenta de neve de lenços usados. Ela congelou por um segundo quando encontrou o que havia estado procurando.

Ela se inclinou mais, ao ponto de cair no pote.

-Está vivo,- disse em voz alta para o Andy. -Chame o 911!

-Ela limpava o andar com bucha quando ele voltou correndo à escola para procurar o desenho,- Andy disse. Estávamos sentados na cafeteria. -Não sei se pôde ter escutado, havia muito ruído no quarto.

Inclinei a cabeça. Tinha podido escutar seus pensamentos enquanto ela havia falado.

Todos estes anos em seu trabalho, e ela nunca tinha tido algum problema com um estudante que não resolvesse facilmente com algumas palavras fortes de sua parte. Logo, hoje, Cody tinha entrado correndo à sala de aula, com pólen em seus sapatos e nas barras da calça, pelo piso recém esfregado de Maddy. Tinha gritado, e ele tinha se assustado tanto que seus pés haviam escorregado no piso molhado. O garotinho tinha caído para trás e tinha batido a cabeça contra o piso. O corredor tinha atapetado para reduzir o ruído, mas as salas de aula não, e sua cabeça tinha batido sobre o linóleo.

Maddy tinha pensado que o tinha matado, e ela tinha ocultado seu corpo precipitadamente no recipiente mais próximo. Ela tinha se precavido que perderia seu emprego se o menino estivesse morto, e em um impulso tinha tratado de escondê-lo. Ela não teve um plano e nenhuma idéia do que ocorreria. Não tinha pensado como se desfaria de seu corpo, e ela não tinha contado que tão miserável se sentiria a respeito de todo o assunto, de tão culpada.

Para conservar minha parte neste silencioso, o qual a polícia e eu estávamos de acordo era absolutamente a melhor ideia, Andy sugerir que Kenya repentinamente tinha se dado conta que o único recipiente dentro da escola que ela não havia dado uma olhada era o cesto de lixo de Maddy Pepper.

-Isso é exatamente o que pensei,- Kenya disse. -Deveria ter dado uma olhada, pelo menos Ver se alguém teria jogado algo aí-. A cara redonda de Kenya era ilegível. Kevin a olhou, suas sobrancelhas franzidas, sentindo algo debaixo da superfície da conversa.

Kevin não era tolo, especialmente se envolvia Kenya.

Os pensamentos do Andy eram claros para mim. -Não me peça que faça outra vez- lhe disse.

Ele inclinou a cabeça com aquiescência, mas ele estava mentindo. Ele estava tendo uma imagem de casos resolvidos, de malfeitores preso, de que tão limpo Bon Temps seria quando lhe houvesse dito quais eram todos os criminosos e ele houvesse encontrado a maneira de culpa-os de algo.

-Não vou fazer,- falei. -Não vou te ajudar todo o tempo. Você é o detetive. Você tem que encontrar coisas de uma forma legal, assim pode levar um caso a os tribunais. Se me usar todo o tempo, ficará negligente. Os casos virão abaixo. Terás uma má reputação-. Falei desesperadamente, impotentemente. Não pensei que minhas palavras teriam algum efeito.

-Ela não é uma Bola 8 Mágica,- Kevin disse.

Kenya se viu assombrada, e Andy foi o que mais se assombrou; pensou que esta era quase uma heresia. Kevin era um patrulhador; Andy era um detetive. E Kevin era um homem tranquilo, o tipo de homem que escuta a todos seus colegas de trabalho, mas que não freqüentemente oferece um comentário. Ele era notavelmente mandado por sua mãe; talvez ele tinha aprendido nos joelhos de sua mãe a não oferecer opiniões.

-Não pode a sacudir e obter a resposta correta,- Kevin continuou.-Tem que descobrir a resposta por ti mesmo. Não é correto assumir o controle da vida de Sookie, assim você pode cumprir melhor com seu trabalho.

-Bem- disse Andy, pouco convencido. -Mas qualquer cidadão gostaria que seu povoado esteja livre de ladrões e violadores e assassinos.

-A respeito de adultérios e pessoas que roubam os jornais dos entregadores de jornal? Deveria entregar esses, também? A respeito de meninos que colam em suas provas?

-Sookie, sabe o que quero dizer,- ele disse, pálido e furioso.

-Sim, tenho uma boa idéia do que quer dizer. Nem pense. Ajudei a salvar a vida desse menino. Não me faça pensar em lamentá-lo-. Saí na mesma forma que tinha vindo, pelo portão de trás e pelo flanco da propriedade da escola para onde tinha deixado meu carro.

Dirigi de volta a meu trabalho muito cuidadosamente, porque ainda tremia da intensidade das emoções que tinham fluído através da escola esta tarde.

No bar, Holly e Danielle tinham ido - Holly no hospital para estar com seu filho, e Danielle para conduzi-la ali porque estava tremendo muito.

-A polícia teria levado Holly, bondosamente- Sam disse. -Mas soube que Holly não tem ninguém mais que Danielle aqui, assim pensei que também podia deixar a Danielle ir.

-É obvio, isso me deixa para servir sozinha,- disse friamente, pensando que estava sendo duplamente castigada por ajudar Holly.

Ele sorriu, e por um segundo não poderia ajudar a devolver o sorriso. - Chamei Tanya Grissom. Ela disse que gostaria de dar uma mão, simplesmente em uma base de artigo de recheio.

Tanya Grissom justamente se mudou a Bon Temps, e ela tinha entrado no Merlotte's imediatamente para apresentar um currículo. Ela tinha passado através da universidade Waitressing, havia dito ao Sam. Ela esperava juntar ao redor de duzentos dólares uma noite em gorjetas. Isso não ia ocorrer em Bon Temps, e eu havia dito assim a ela francamente.

-Chamou Arlene e Charlsie primeiro?- Precavi que tinha me ultrapassado, porque era só uma garçonete/moça de botequim, não a proprietária. Não era que eu lembrasse ao Sam que ele deveria chamar as mulheres com tempo mais antigas antes de que ele chamasse uma recém chegada. A recém chegada era definitivamente uma meta, e estava assustada que Sam estava prejudgado em seu favor.

Sam não pareceu irritado, de fato. -Bom, as chamei primeiro. Arlene disse que ela tinha um encontro, e Charlsie cuidava de seu neto. Ela sugeriu que ela não estará trabalhando muito mais tempo. Acho que ela vai cuidar do bebê o dia todo quando sua nora volte a trabalhar.

-OH- falei, desconcertada. Teria que me acostumar com alguém novo. Claro, as empregadas de bar vêm e vão, e tinha visto um bom número de passagem a través da porta de empregados do Merlotte's em meus - caramba, agora cinco - anos de trabalho para o Sam.

Merlotte's estava aberto até a meia-noite em noites de dia de semana e até a uma na sexta-feira e sábado. Sam tinha provado abrir os domingos por algum momento, mas não pegou. Portanto agora Merlotte's estava fechado no domingo, a menos que tivesse estado alugado para uma festa privada.

Sam tratava de rodar nossos turnos para que todo mundo tivesse a oportunidade trabalhar a noite mais lucrativa, portanto alguns dias trabalhava de onze a cinco (ou seis e trinta, se havia muito trabalho) e algumas vezes trabalhava de cinco até o fechamento. Ele tinha experimentado com os horários e turnos até que nós todos tivéssemos convencido no que funcionava melhor. Ele esperava um pouco de flexibilidade de nós, e em troca ele era bom a respeito de nos soltar para os enterros, casamentos e outros assuntos.

Tinha tido um par de outros trabalhos antes de começar a trabalhar para o Sam. Ele era a pessoa mais fácil para trabalhar, com muito. Ele tinha se convertido em mais que meu chefe em algum momento do caminho; ele era meu amigo. Quando tinha me contado que era um metamorfo, não tinha me incomodado nem um pouco. Tinha ouvido rumores na comunidade alternante que os Lobatos pensavam em tornar-se públicos, da forma em que os vampiros fizeram. Preocupei-me com o Sam. Preocupei-me com as pessoas de Bon Temps lhe aceitando. Sentiriam que ele os tinha estado enganando todos estes anos, ou o aceitariam sem mais? Desde que os vampiros tinham feito sua revelação cuidadosamente orquestrada, a vida como a conhecíamos mudou, no mundo inteiro. Alguns países, depois de que o trauma inicial se desgastou, tinha começado a operar incluindo os vampiros no pensamento prevaiente da vida; outros declararam os vampiros não humanos e insistiram a seus cidadãos a matá-los a primeira vista (mais fácil de dizer que de fazer).

-Estou certa que Tanya estará bem,- falei, mas soei incerta, inclusive a meus ouvidos.

Agindo por um impulso - e só posso supor que a onda gigantesca de emoções que tinha experimentado nesse dia teve algo que ver com isto - joguei meus braços ao redor do Sam e lhe dei um abraço. Cheirava a pele e cabelo limpo e a leve fragrância de uma loção para depois de barbear, um tom de vinho, um sopro de cerveja... o aroma de Sam. Enchi disso meus pulmões como oxigênio.

Assombrado Sam, abraçou-me de volta, e por um segundo o calor de seu abraço me fez sentir quase insensata com muito prazer. Logo ambos nos jogamos par trás, porque depois de tudo, este era nosso lugar de trabalho e havia alguns clientes ao redor. Tanya entrou, assim era bom que estivéssemos fora da luta corpo a corpo. Não quis que ela pensasse que isto era rotina.

Tanya era mais baixa que eu, e era uma mulher de bom aspecto maior de vinte e cinco anos. Seu cabelo era curto, murcho e brilhante, uma cor morena média que parecia com de seus olhos. Tinha uma boca pequena e um nariz como um botão e uma figura bonita. Não tinha absolutamente nenhum motivo para me desagradar, mas não estava encantada de vê-la. Senti

vergonha de mim mesma. Deveria dar a Tanya uma boa possibilidade para demonstrar seu caráter verdadeiro.

Depois de tudo, descobriria cedo ou tarde. Não pode esconder o que você na realidade é, não de mim - não se você for um ser humano normal. Faço uma tentativa de não escutar às escondidas, mas não posso bloquear a visão de tudo. Quando tinha saído com o Bill, ele tinha me ajudado a aprender a fechar minha mente. Após, a vida tinha sido mais fácil - mais agradável, mais relaxada.

Tanya era uma mulher sorridente, lhe concederia isso. Sorriu ao Sam, e sorriu para mim, e sorriu aos clientes. Não foi um sorriso nervoso, como o meu, o sorriso aberto que diz "ouço um clamor dentro de minha cabeça e estou tratando de me ver normal por fora"; o sorriso da Tanya era mais bem um tipo de sorriso "sou realmente linda e vivaz e farei querer por mim mesma por todo mundo" . antes de pegar uma bandeja e começar a trabalhar, Tanya formulou uma lista de perguntas apreciáveis, e poderia dizer todo ela tinha tido experiência.

-O que está errado?- Sam perguntou.

-Nada,- falei. -Eu só...-

-Ela parece agradável,- ele disse. -Acha que há algo mal com ela?

-Nada que eu saiba,- falei, tratando de soar enérgica e alegre. Soube que sorria esse sorriso nervoso. -Olhe, Jane Bodehouse faz sinais para outra rodada. Teremos que chamar seu filho outra vez.

Tanya deu a volta e me olhou então, como se ela sentisse meus olhos em seu costas.

Seu próprio sorriso se foi, substituído por um olhar tão nivelado que minha estimativa de sua aptidão para a ação séria instantaneamente melhorou. Mantivemo-nos por um momento, nos avaliando mutuamente com fixidez, e logo ela resplandeceu em mim e continuou para a seguinte mesa, perguntando ao homem ali se ele estava preparado para outra cerveja.

Repentinamente pensei, pergunto-me se Tanya está interessada no Sam. Não gostei da forma em que me senti quando pensei a respeito disso. Decidi que o dia havia sido bastante exaustivo sem criar uma preocupação nova. E nenhuma ligação do Jason.

Depois do trabalho, fui casa com muito em minha mente: O padre Riordan, os Pelt, Cody, o aborto do Crystal.

Dirigi para o caminho de acesso coberto de graveto através do bosque, e quando entrei na clareira e conduzi detrás da casa para estacionar na porta traseira, seu isolamento me golpeou uma vez mais. Viver na cidade por algumas semanas tinha feito à casa parecer até mais solitária, e embora amava estar de volta no velho lugar, não era como antes do fogo.

Estranha vez me havia sentido preocupada com minha vida neste lugar isolado, mas dos passados poucos meses minha vulnerabilidade tinha estado me impressionando. Havia tido

algumas fugas muito comprometidas, e duas vezes tinha tido intrusos em minha casa me esperando quando tinha entrado. Agora tinha instalado alguns ferrolhos realmente bons em minhas portas, tinha anverso e reverso de olhos mágicos, e meu irmão tinha me dado sua escopeta Benelli para conservá-la.

Tinha luzes fortes nas esquinas da casa, mas eu não gostava de deixar acesas toda a noite. Considerei a compra de uma dessas luzes com detectores de movimento. O inconveniente era que, desde que vivia em uma clareira grande na metade do bosque, os animais freqüentemente cruzam meu pátio de noite, e a luz se acendia cada vez que um pequeno guaxinim vagasse através da grama.

O segundo ponto a respeito de uma luz de frente era... o que?

O tipo de coisa que me assustava não ia ser intimidada por uma luz. Justamente poderia vê-lo melhor antes de que comesse. Além disso, não havia vizinhos para que a luz poderia sobressaltar ou despertar. Estranho, refleti, que estranha vez tivesse assustada quando minha avó vivia. Ela tinha sido uma pequena dama arruda para uma mulher em seus setenta anos, mas ela não poderia ter me defendido contra uma pulga. Em certa forma, o fato simples de não estar sozinha tinha me feito sentir mais segura.

Depois de todas estas reflexões sobre o perigo, estava tensa quando saí de meu carro. Tinha passado uma camionete estacionada na frente, abri com a chave a porta de atrás e passei através da casa para abrir a porta principal com o desgraçado sentimento que estava a ponto de ter que acontecer uma cena. O interlúdio tranqüilo em meu alpendre dianteiro observando às abelhas na pereira pareceu uma semana atrás, em lugar de horas.

Calvin Norris, líder dos Hotshot meta-panteras, saiu de seu caminhão e subiu as escadas. Era um homem com barba no princípio dos quarenta, e era um homem sério cujas responsabilidades estavam totalmente sobre seus ombros. Evidentemente Calvin tinha saído do trabalho. Ele levava posto camisa azul e jeans que todos os líderes de equipe do Norcross usavam.

-Sookie - ele disse, inclinando a cabeça para mim.

-Por favor entra - respondi, embora estava relutante. Entretanto, Calvin nunca tinha sido algo exceto cortês para comigo, e ele tinha me ajudado a resgatar meu irmão faz um par de meses, quando Jason tinha sido refém. Pelo menos, o endividei urbanidade.

-Minha sobrinha me chamou quando o perigo tinha passado," ele disse lentamente, tomando assento no sofá depois de que eu tinha agitado minha mão para lhe mostrar que era bem-vindo. -Acho que salvou sua vida.

-Estou realmente contente de ouvir que Crystal está melhor. Tudo o que fiz foi fazer uma ligação Telefônica-. Sentei em minha velha cadeira favorita, e notei que caía de cansaço. Endireitei meus ombros. -A Dra. Ludwig pôde deter seu sangrado?

Calvin inclinou a cabeça. Ele me olhou firmemente, seus estranhos olhos solenes.

-Ela vai ficar bem. Nossas mulheres abortam involuntariamente freqüentemente. Por isso é que esperávamos... Bom.

Sobressaltei-me, o peso das esperanças do Calvin que me juntaria com ele descansando com excesso sobre meus ombros. Não estou certa por que me senti culpada; por sua decepção, adivinho. Depois de tudo, não era meu enguiço que a idéia havia bordejado meu interesse.

-Aposto que Jason e Cristal terminarão juntos,- Calvin disse a maneira de fato.-Tenho que dizer, não estou louco por seu irmão, mas não sou quem se casa com ele.

Estava desconcertada. Não sabia se este casamento era idéia do Jason, ou do Calvin', ou de Crystal. Jason certamente não tinha estado pensando em matrimônio esta manhã, a menos que fosse algo que ele tinha tido o descuido de não mencionar no revôo de sua preocupação a respeito de Cristal. Falei, -Pois bem, para ser honestos, não estou louca por Cristal. Mas não sou a que se casa com ela-. Respirei profundamente. -Lhes dareicuma mão, se decidem fazer isso. Jason é tudo o que tenho, como sabe.

-Sookie,- ele disse, e sua voz foi repentinamente muito menos certa, -quero falar de algo mais, também.

É obvio que sim. Nenhuma forma de que eu esquivasse esta bala.

-Sei que algo que te disseram, quando saiu para fora da casa, afastou-te de mim. Eu gostaria de saber o que foi.

Tomei um fôlego profundo, enquanto considerava minhas seguintes palavras muito cuidadosamente. -Calvin, sei que Terry é sua filha-. Quando tinha ido visitar o Calvin depois que ele tinha saído do hospital por terem atirado nele, tinha conhecido Terry e a sua mãe Maryelizabeth na casa do Calvin. Embora claramente não viviam ali, foi igualmente claro que tratavam o lugar como uma extensão de sua casa. Logo a Terry tinha me perguntado se ia casar com seu pai.

-Sim- Calvin disse. - Teria dito se tivesse me perguntado.

-Tem outros meninos?

-Sim. Tenho três meninos mais.

-De mães diferentes?

-De três mães diferentes.

Tinha estado no correto. -por que isso?- Perguntei, para estar segura.

-Porque sou puro-sangue,- ele disse, como se fora óbvio. -Desde que só o primeiro menino de um casal puro resulta ser uma pantera completa, temos que agir em conseqüência.

Alegrei-me profundamente nunca ter considerado seriamente me casar com Calvin, porque se o tivesse feito, teria vomitado nesse mesmo momento. O que tinha suspeitado, depois de presenciar o ritual de sucessão de packmaster, era certo.

-Assim é que não é o primeiro menino da mulher, e ponto, que resulta ser um meta de pura raça... mas sim é seu primeiro menino com um homem específico.

-Correto-. Calvin se viu surpreso que não tinha sabido isso. -O primeiro menino de qualquer casal puro dado é a coisa verdadeira. Assim se nossa população se faz muito pequena, um varão puro-sangue tem que formar casal com tantas mulheres puro-sangue como ele possa, para aumentar a manada.

-Bem-. Esperei por um minuto, para me congregar a mim mesma. -Pensou que eu estaria bem contigo fecundando a outras mulheres, se nos casarmos?

-Não, não pretendia de uma pessoa alheia," ele respondeu, com a mesma voz prática. - Acho que é hora de me assentar com uma mulher. cumpro com o dever de líder.

Provei não pôr os olhos em branco. Se tivesse sido qualquer outro teria rido dissimuladamente, mas Calvin era um homem de bem, e ele não merecia essa reação.

-Agora quero uma companheira por vida, e seria bom para a manada se pudesse trazer sangue novo na comunidade. Você pode dizer tudo que havemos proliferado entre nós por muito tempo. Meus olhos podem ser tomados por humanos, e Crystal lhe dificulta trocar. Temos que acrescentar algo novo a nossa bagagem de genes, como os cientistas dizem. Se você e eu temos um menino, o que espero, o bebê não seria um completo meta; mas ele ou ela poderia proliferar na comunidade, poderia trazer sangue novo e habilidades novas.

-Por que me escolheu?

Ele disse, quase timidamente. -Eu gosto de você. E é muito linda-. Ele sorriu então, uma expressão estranha e doce. -Te observei no bar por anos. É amável com todo o mundo, e é uma trabalhadora conscienciosa, e não te dão valor como merece. E sabe a respeito de nós; não seria um grande choque.

-Fazem outras classes de metas o mesmo?- Perguntei isto tão quietamente, que apenas pude ouvir a mim mesma. Fiquei com o olhar fixo em minhas mãos, agarrei com força conjuntamente em meu colo, e logo que podia respirar enquanto esperava escutar sua resposta. Os olhos verdes do Alcide encheram meus pensamentos.

-Quando a manada diminui seu tamanho muito, é seu dever fazê-lo,- ele disse lentamente.

-No que está pensando, Sookie?

-Quando fui ao concurso para o Packmaster de Shreveport, que ganhou- Patrick Furnan - ele teve relações sexuais com uma jovem lobato, embora ele estava casado. Comecei a me perguntar.

-Alguma vez tive uma possibilidade contigo?- Calvin perguntou. Pareceu haver tirado suas próprias conclusões.

Calvin não poderia ser culpado de querer conservar sua forma de vida. Se encontrei essa forma desagradável, esse era meu problema.

-Você definitivamente me interessava,- falei. -Mas sou muito humana para pensar em ter aos filhos de meu marido ao meu redor. Justamente seria muito... Justamente sentiria todo o tempo, sabendo que meu marido tinha, teve relações sexuais com quase cada mulher que veria dia a dia-. Pensando a respeito disso, Jason caberia diretamente dentro da comunidade Hotshot. Fiz uma pausa por um segundo, mas ele aguardou em silêncio. -Espero que meu irmão seja bem-vindo em sua comunidade, apesar de minha resposta.

-Não sei se ele entende o que fazemos,- Calvin disse. -Mas Crystal já abortou involuntariamente uma vez antes, por um meta puro. Agora ela abortou involuntariamente este bebê de seu irmão. Penso que Cristal estaria melhor não tentando ter uma pantera. Ela poderia não ser capaz de ter um menino de seu irmão. Sente-se inclinada a falar com ele a respeito disso ?

-Não acho que possa discutir isto com o Jason... deveria fazê-lo Crystal-. Me encontrei com os olhos do Calvin. Abri minha boca para comentar que se Jason queria bebês, ele não deveria casar-se; mas então reconheci que esse era um tema sensível, e me detive quanto estava por falar.

Calvin sacudiu minha mão em uma forma estranha, formal, quando ele saiu. Acreditei que isso marcava o fim de seu cortejo. Nunca tinha estado profundamente atraída por Calvin Norris, e nunca tinha pensado seriamente a respeito de aceitar sua oferta. Mas seria menos que honesto se não admitisse que tinha imaginado a respeito de um marido sensato com um bom trabalho e benefícios, um marido que voltava diretamente a casa depois de seu turno e arrumava coisas quebradas em seus dias de descanso. Havia homens que faziam isso, homens que não se transformavam em algo além de sua forma, os homens que estavam vivos vinte e quatro horas do dia toda a semana. Sabia isso de ler tantas mentes no bar.

Temo que o que realmente me golpeou a respeito da confissão do Calvin - ou sua explicação - é o que podia revelar a respeito do Alcide.

Alcide tinha dado início a meu afeto, e minha luxúria. Pensar nele me fez perguntar como seria o casamento com ele, perguntava-me em uma forma muito pessoal, a diferença de minha especulação impessoal a respeito do seguro médico que Calvin tinha.

Tinha abandonado a esperança secreta que Alcide tinha inspirado em mim, depois de que tivesse me visto forçada a atirar contra sua anterior namorada; mas algo em mim tinha grudado no pensamento, algo que tinha conservado secreto até a mim mesma, até depois de que tinha me informado que saía com Maria-Estrela. Como recentemente neste mesmo dia, neguei esforçadamente aos Pelts que Alcide tivesse qualquer interesse em mim.

Mas algo em meu interior solitário tinha guardado uma esperança.

Levantei lentamente, sentindo perto de duas vezes minha idade real, e entrei na cozinha para tirar algo do congelador para meu jantar. Não tinha fome, mas comeria imprudentemente mais tarde se não arrumasse algo agora, disse a mim mesma severamente. Mas preparei uma comida para mim essa noite.

No lugar disso, apoiei contra a porta do refrigerador e chorei.

## CAPÍTULO 7

NO DIA SEGUINTE era sexta-feira; não só era meu dia livre esta semana, mas também tinha um encontro, assim é que era virtualmente um dia memorável. Recusei-me a arruiná-lo estando melancólica. Embora ainda estava fresco para tal passatempo, fiz uma de minhas coisas favoritas: coloquei um biquíni, subornei a mim mesma, e fui deitar ao sol na cadeira regulável que tinha comprado no Wal-Mart no verão prévio. Levei um livro, um rádio, e um chapéu ao pátio dianteiro, onde havia menos árvores e menos plantas fluorescentes para atrair insetos que mordessem. Li, cantei com as melodias da rádio, e pintei as unhas dos dedos do pé e mãos. Embora fiquei arrepiada ao princípio, esquentei rapidamente ao sol, e não havia brisa nesse dia que me esfriasse.

Sei que tomar sol é mau e machuca, e pagarei por isso mais tarde, etc., etc., mas é um dos poucos prazeres gratuitos disponíveis para mim.

Ninguém veio me fazer uma visita, não podia ouvir o telefone, e desde que o sol estava fora, os vampiros não estavam. Passei um tempo encantador, por mim mesma.

Ao redor da uma em ponto, decidi ir correndo ao povoado por alguns mantimentos e um sutiã novo, e fiz escala na caixa de correio lá fora do Colibri Road para ver se o carteiro havia passado já. Sim. Minha conta de água e minha conta de luz estavam na caixa, o qual era uma experiência desalentadora. Mas detrás de um folheto de vendas do Sears havia um convite para um chá de panela de Halleigh. Bem... caramba. Estava assombrada, mas contente. É obvio, tinha vivido ao lado de Halleigh em um dos duplex do Sam por algumas semanas enquanto minha casa se reparava depois do fogo, e tínhamos nos visto cada uma ao menos uma vez ao dia durante esse tempo. Assim é que não foi uma completa surpresa, que eu estivesse em sua lista de convidados. Mas, talvez ela estava aliviada que a situação do Cody tinha sido esclarecida tão rapidamente?

Não tinha muitos convites, portanto receber uma acrescentou meu sentido de bem estar.

Outros três professores davam o chá de panela, e o convite indicava presentes de cozinha. Que oportuno, desde que estava em caminho para o Wal-Mart Supercenter em Clarice.

Depois de pensá-lo muitas vezes, comprei uma caçarola de louça de dois litros. Esses eram sempre convenientes. (Também comprei suco de fruta, pedaços de queijo do Cheddar, de

toucinho, papel de presente, e um sutiã realmente azul e calcinha fazendo jogo, mas isso não vem ao caso.)

Depois de que tinha chegado a casa e tinha descarregado minhas compras, embrulhei a caçarola em papel prateado e coleí um arco branco grande nele. Escreví a data e hora do chá de panela em meu calendário, e coloqueí o convite em cima da mesinha. Estava em controle da situação do chá de panela.

Indo a grande altura em uma crista de virtude, limpei dentro e fora meu refrigerador novo depois de almoçar.

Laveí uma carga de roupas em minha máquina de lavar nova, esperando com ilusão por centésima vez que meus estivessem em seu sítio desde que estava cansada de procurar coisas na desordem do andar.

Passeí em meio da casa para me assegurar que se via bonita, desde que Quinn passaria. Sem me deixar pensar, troqueí os lençóis e limpei meu banheiro – não que tivesse qualquer intenção de cair na cama com o Quinn, mas é melhor estar preparada, não? Além disso, fez-me sentir bem, com a segurança de que tudo estava limpo e agradável.

As toalhas limpas em ambos banheiros, limpei o pó da sala de estar e o dormitório, um circuito rápido com o resto. Antes de tomar banho, inclusive varri os alpendres, embora soube que estariam cobertos com a neblina amarela antes de que retornasse de meu encontro.

Deixei que o sol secasse meu cabelo, provavelmente se encheu de pólen, também. Me maquieí cuidadosamente; não usava muito, mas foi legal fazê-lo para algo mais interessante que o trabalho. Um pouco de sombra nos olhos, uma grande quantidade de rímel, algum pó e o lápis labial. Logo pus minha roupa interior nova para a saída. Me fez sentir especial da pele para fora: renda azul meia-noite. Olhei-me no espelho de corpo inteiro para revisar o efeito. Dei uma aprovação. Terá que fazer corar-se uma mesma, não?

O traje que comprei na loja da Tara era azul marinho e feito de alguma tecido que pendurava belamente. Fecheí com o zíper a calça e me pus a parte superior. Era sem mangas e envolvente através de meus seios e amarrado. Experimentei com a profundidade da fenda, por fim escolhendo um grau de revelação seguro tocava a linha entre sexualmente atrativo e barato.

Tireí meu xale preto do armário, que Alcide tinha me dado para substituir o que Debbie Pelt tinha arruinado. O necessitaria mais tarde de noite. Coloqueí-me silenciosamente em minhas sandálias pretas. Experimentei a joalheria que tinha, finalmente fiquei com uma corrente simples de ouro (tinham sido de minha avó) e brincos simples.  
Hah!

Soou um golpe na porta principal, e percorri com o olhar o relógio, um pouco assombrada que Quinn viesse quinze minutos cedo. Não tinha ouvido sua camionete, tampouco. Abri a porta não para encontrar ao Quinn, mas sim o Eric, parado ali.

Estou segura que ele desfrutou de meu estertor de surpresa.

Nunca abra sua porta sem inspecionar. Nunca assuma que você sabe quem está do outro lado. Por isso é que tinha posto os olhos mágicos! Estúpida de mim. Eric devia ter voado, porque não podia ver seu carro em qualquer lugar.

-Posso entrar?- Eric perguntou atentamente. Ele me olhou completa. Depois de apreciar a vista, ele se precaveu que não tinha sido desenhada com ele em mente. Ele não estava contente. -Suponho que está esperando companhia?

-De fato sim, e realmente, preferiria que ficasse desse lado da soleira - falei. Dava um passo atrás assim ele não me poderia alcançar.

-Disse a Pam que não queria ir a Shreveport,- ele disse. OH sim, ele estava zangado. -Então aqui estou, para saber por que não responde minhas ligações.

Usualmente, seu acento era muito leve, mas esta noite notei que era pronunciado.

-Não tinha tempo,- falei. -Saio fora esta noite.

-Já vejo,- ele disse, mais quedamente. -Com quem sairá?

-É realmente de seu interesse?- Choquei com seus olhos, desafiadamente.

-É obvio que é,- ele disse.

Estava desconcertado. -E isso por que?- Refiz-me um pouco.

-Você deveria ser minha. Deitei-me contigo, cuidei que ti, e te... assisti financeiramente.

-Você me pagou dinheiro que me devias, por serviços prestados,- respondi. -Você pode ter deitado comigo, mas não recentemente, e não deu sinais de querer fazê-lo outra vez. Se você se preocupa por mim, mostra em uma forma muito estranha. Nunca ouvi que ' o impedimento total além das ordens provindo de outros lacaios ' fosse uma forma válida para mostrar que te importa alguém-. Esta foi uma frase desordenadamente misturada, bem, mas soube que ele teve o ponto.

-Chama a Pam de lacaios?"-Ele teve um fantasma de sorriso em seus lábios. Logo ele retornou ao mau humor. Podia dizê-lo porque ele começou a descartar suas contrações.

-Não tenho que andar te rondando para lhe demonstrar isso. Sou xerife. Você... está em minha área.

Soube que minha boca se pendurou aberta, mas não podia evitar. "apanhando moscas," minha avó tinha chamado essa expressão, e senti como apanhava a umas quantas.

-Sua área?- Consegui balbuciar. -Pois bem, vai para o inferno você e sua área. Você não me diz o que fazer!

-Está comprometida para ir comigo à convenção,- Eric disse, sua boca tensa e seus olhos resplandecentes. -Isso foi por que te chamei a Shreveport, para falar contigo sobre a viagem e todos os acertos.

-Não estou obrigada a ir a nenhum lugar contigo. Está se excedendo, amigo.

-Amigo? Amigo!

E tudo teria se degenerado, se Quinn não tivesse se detido no caminho. No lugar de chegar em sua camionete, Quinn estava em um Lincoln Continental. Senti um momento de prazer perpendicularmente esnobe ao pensar em andar nele. Tinha selecionado o traje de calças pelo menos em parte porque pensei que teria que subir em uma caminhonete, mas estava contente de me deslizar em um carro luxuoso. Quinn veio através da grama e encarapitou-se no alpendre com uma velocidade subestimada. Ele não se via como se estivesse com presa, mas repentinamente estava ali, e eu sorria, e ele se via maravilhoso. Ele tinha posto um traje cinza escuro, uma camisa roxa, e uma gravata de duas cores misturadas. Tinha posto um brinco simples de ouro.

Eric estava mostrando as presas.

-Olá, Eric,- Quinn disse serenamente. Sua voz profunda retumbou ao longo de minha coluna vertebral. -Sookie, você está deliciosa, como para te comer-. Ele me sorriu, e os pequenos tremores ao longo de minha coluna vertebral se propagaram inteiramente para outra área.

Nunca teria acreditado que na presença do Eric poderia pensar que outro homem fosse atrativo. Teria estado errada de acreditar que sim.

-Você está muito bem, também,- falei, fazer uma tentativa para não resplandecer como uma idiota. Não estaria bem babar incontroladamente.

-O que estivesse dizendo a Sookie, Quinn?- Eric disse

Os dois homens altos se olharam. Não acreditei que eu fosse a fonte de sua animosidade. Era um sintoma, não a enfermidade. Algo jazia debaixo disto.

-Estive dizendo a Sookie que a rainha requer a presença de Sookie na convenção como parte de seu grupo, e que a chamada da rainha ultrapassa a tua- Quinn disse rotundamente.

-Desde quando a rainha dá ordens através de um meta?- Eric disse, desprezo suavizando sua voz.

-Desde que este meta realizou um serviço valioso para ela na linha do negócio,- Quinn respondeu, sem vacilação. -O Sr. Cataliades sugeriu a Sua Majestade que eu poderia ser de grande ajuda em uma aptidão diplomática, e meus sócios tiveram gosto em me dar tempo extra para realizar qualquer dever que ela pudesse me encomendar.

Não estava completamente claro de seguir isto, mas compreendi a essência.

Eric se indignou, por usar uma boa entrada de meu calendário "Palavra do Dia".

De fato, seus olhos quase atiravam faíscas, ele estava muito zangado. -Esta mulher foi minha, e será minha,- ele disse, nos tons tão definitivos que pensei a respeito de comprovar se tinha uma selo em meu traseiro.

Quinn intercambiou seu olhar fixo para mim. "Bebê, é dele, ou não? - Ele perguntou.

-Não,- falei.

-Então vamos desfrutar da função,- Quinn disse. Ele não pareceu assustado, ou preocupado. Era uma reação verdadeira, ou uma máscara? Qualquer das duas opções, era impressionante.

Tive que passar ao lado do Eric em meu caminho ao carro do Quinn. Contemplei-lhe, porque não pude evitar. Estar próxima a ele enquanto estava zangado não era uma coisa segura, e precisei estar em guarda. Eric eram raras vez cruzado em assuntos sérios, e minha anexação pela Rainha da Louisiana - sua rainha - era um assunto sério. Minha saída com o Quinn estava obstruída em sua garganta, também. Eric ia justamente ter que engolir.

Logo fomos ambos no carro, com os cintos postos, e Quinn fez uma manobra para pôr o Lincoln de volta à Estrada Hummingbird.

Exalei, lenta e cuidadosamente. Tomou alguns momentos para sentir calma outra vez.

Gradualmente minhas mãos se relaxaram. Me dei conta do silêncio que estava se construindo. Dei uma sacudida mental. -Vai ao teatro frequentemente, já que viaja tanto? - Perguntei socialmente.

Ele riu, e o som profundo, rico encheu o carro. -Sim,- ele disse. -Vou ao cinema e ao teatro e a qualquer evento esportivo que esteja ocorrendo. Eu gosto de ver que as pessoas fazem coisas. Não vejo muita televisão. Eu gosto de sair de meu quarto de hotel ou meu apartamento e ver coisas acontecerem ou fazer que aconteçam por mim mesmo.

-Então dança?

Ele me deu um olhar rápido. -Faço.

Sorri. -Eu gosto de dançar-. E era realmente boa dançando, não que tinha muitas ocasiões para praticar. -Não sou boa cantando,- admiti, -Mas realmente adoro dançar.

-Isso soa prometer.

Pensei que teríamos que ver como ia esta tarde antes de que fizéssemos qualquer saída dançante, mas pelo menos soubemos algo que a ambos gostávamos de fazer. -Eu gosto dos filmes,- falei. -Mas não acho que alguma vez tenha ido a qualquer jogo ao vivo além dos jogos da escola secundária. Mas a esses, eu assisti. Futebol, basquete, beisebol... vou a todos, quando meu trabalho deixa.

-Jogou algum esporte na escola?- Quinn perguntou. Reconheci que havia jogado softball, e ele me disse que ele tinha jogado basquete, o qual, considerando sua altura, não era de assombrar-se absolutamente.

Com Quinn era fácil falar. Escutava quando falava. Ele dirigia bem; pelo menos não amaldiçoou aos outros condutores, como Jason fazia. Meu irmão tendia a estar no lado impaciente quando dirigia.

Estava esperando que o outro sapato caísse. Estava esperando esse momento - sabe o que quero dizer - o momento quando seu encontro repentinamente confessava algo que não pode suportar: revela-se a si mesmo como um racista ou homofóbico, admite que ele nunca se casaria com alguém exceto outro batista (sulina, morena, maratónica, qualquer coisa), conta sobre seus meninos com suas primeiras três esposas, descreve a gosto por ser espalmado, ou relata suas experiências de jovem em explorar rãs ou atormentar gatos.

Depois desse momento, não importa quanto te divirta sabe que não vai funcionar. E nunca tive que esperar que um tipo me dissesse estas coisas; podia ler diretamente de sua cabeça até antes de que saíssemos.

Nunca fui popular com as pessoas normais. Já seja que o admitissem ou não, não podiam agüentar a idéia de sair com uma garota que conhecia exatamente cada quanto se masturbavam, se tiveram um pensamento luxurioso a respeito de outra mulher, ou se perguntaram como se veria sua professora sem suas roupas.

Quinn deu a volta e abriu minha porta quando estacionamos em frente do Fio, e ele tomou minha mão quando cruzamos a rua. Desfrutei da cortesia.

Havia muita gente entrando no teatro, e todos pareciam olhar o Quinn. Com certeza que, um tipo calvo tão alto como Quinn geraria olhares. Fiz uma tentativa para não pensar a respeito de sua mão; era muito grande e muito quente e muito seca.

-Estão todos te olhando,- ele disse, enquanto tirou os ingressos de seu bolso, e apertei meus lábios para não rir.

-OH, acredito que não,- falei.

-Por que não estariam olhando?

-A ti,- falei, assombrada.

Ele soltou uma gargalhada, essa risada profunda que me fez vibrar dentro.

Tivemos assentos muito bons, em pleno centro e para a frente do teatro. Quinn encheu seu assento, sem lugar a dúvidas, e me perguntei se as pessoas detrás dele poderiam ver.

Olhei meu programa com curiosidade, encontrei que não reconhecia os nomes de qualquer dos atores na produção, e decidi que não me importou absolutamente. Olhei para acima para

encontrar que Quinn cravava os olhos em mim. Senti minha cara se encher de cor. Tinha dobrado meu xale preto e a coloquei em meu colo, e tive o desejo abrupto de tirar minha parte superior para cobrir cada polegada de meu decote.

-Definitivamente olhando para você,- ele disse, e sorriu. Agachei minha cabeça, contente mas coibida.

Muita gente viu aos Produtores. Não preciso descrever o complô, como não seja para dizer que se trata de pessoas ingênuas e patifes adoráveis, e é divertidíssima. Gozei cada minuto. Foi maravilhoso observar a pessoas atuando ante meus olhos em um nível profissional. A estrela convidada, que as pessoas mais velhas na audiência pareceram reconhecer, deslizou-se através do papel principal com uma segurança assombrosa. Quinn riu também, e depois do intermédio ele voltou a tomar minha mão.

Meus dedos se fecharam ao redor dos seus muito naturalmente, e não me senti coibida sobre o contato.

Repentinamente foi uma hora mais tarde, e a peça teatral estava terminada. Nos pusemos de pé junto com todos outros, embora poderíamos dizer que tomou um momento para que o teatro se esvaziasse. Quinn pegou meu xale e a segurou para mim, e a atirei ao redor de mim. Ele lamentou que me cobrisse mesmo - obtive isso diretamente de seu cérebro.

-Obrigado,- falei, puxando fortemente em sua manga para me assegurar que ele tinha ouvido. Quis que ele soubesse quanto o quis dizer. -Isso foi justamente genial-.

-Desfrutei, também. Quer ir comer algo?

-Está bem,- falei, depois de um momento.

-Teve que pensá-lo?

Tive realmente pensamentos a respeito de vários itens diferentes. Se os tivesse numerado, teriam deslocado algo assim como, ele deve estar passando um bom momento ou não sugeriria mais para a noite. Tenho que me levantar e ir ao trabalho amanhã mas não quero perder esta oportunidade. Se formos comer tenho que me cuidar de não derramar algo em minhas roupas novas. Estará bem gastar até mais de seu dinheiro, desde que os ingressos custam tanto?

-OH, tive que considerar as calorias,- falei, batendo em meu traseiro.

-Não há nada errado contigo, pela frente ou por detrás,- Quinn disse, e o calor em seus olhos me fez sentir como o forno. Soube que tinha mais curva que o ideal.

Realmente tinha ouvido Holly dizer a Danielle que algo sobre um 38 era asqueroso. Desde que um dia me pus em um 38 e foi um dia feliz para mim, havia-me sentido bastante desesperada durante três minutos. Teria relatado esta conversa a Quinn se não tivesse estado segura que soaria como se fosse à pesca de um completo.

-Deixa o restaurante ser meu presente,- falei.

-Com o devido respeito por seu orgulho, não-. Quinn me olhou bem nos olhos para assegurar-se que sabia o que ele quis dizer.

Tínhamos alcançado a calçada para então. Surpreendida por sua veemência, não soube como reagir. Em um nível, estava aliviada, desde que tinha que tomar cuidado com meu dinheiro. Em outro nível, soube que era correto que eu me oferecesse e me haveria sentido bem se ele houvesse dito que isso estaria bem.

-Sabe que não estou tratando de te insultar, não? -Falei.

-Entendo que está sendo justa.

Contemplei-lhe duvidosamente, mas ele estava sério.

Quinn disse, -Acredito que é absolutamente tão boa como eu em todos os aspectos. Mas te convidei a sair, e provejo o respaldo financeiro para nossa saída.

-O que ocorre se eu te convido para sair?

Ele se viu sombrio. -Então teria que me encostar e deixar que você se encarregue da saída,- ele disse. Ele disse a contra gosto, mas disse. Apartei o olhar e sorri.

Os automóveis partiam do estacionamento em um constante passo. Desde que tínhamos tomado nosso tempo deixando o teatro, o carro do Quinn se via solitário na segunda fila. Repentinamente, meu alarme mental saltou. Em alguma parte perto, o ar se encheu hostilidade e tentativa de machucar. Tínhamos deixado a calçada para cruzar a rua para o estacionamento. Agarrei o braço do Quinn e logo deixei ir assim poderíamos nos limpar para a ação.

-Algo está mau,- falei.

Sem responder, Quinn começou a esquadrihar a área. Ele desabotoou seu casaco do traje com a mão esquerda assim é que ele poderia mover-se sem inconveniente. Seus dedos dobrados em punhos. Pois ele era um homem com um poderoso instinto protetor, avançou um passo diante de mim.

Então é obvio, fomos atacados desde trás.

## CAPÍTULO 8

EM UM BORRÃO ou movimento que não pude seguir, que meu olho não poderia claramente reconhecer, uma besta me bateu contra Quinn, quem tropeçou adiante um passo. Estava na terra debaixo do grunhidor meio homem, meio lobo para quando Quinn girou, e logo que ele o fez, outro lobato que pareceu surgir de um nada, se equilibrou sobre as costas do Quinn.

A criatura em cima de mim era um lobisomem recente, tão jovem que só pôde ter sido mordido nas passadas três semanas. Ele estava em tal frenesi que tinha atacado antes de completar a mudança parcial que um lobisomem mordido pode obter. Sua cara ainda se expandia em um focinho, ao mesmo tempo tratava de me estrangular. Nunca obteria a bela forma do lobo de um lobisomem de pura raça. Ele era "mordido, não de sangue," como os lobatos e metas o põem. Ainda tinha braços, ainda tinha pernas, tinha um corpo coberto de cabelo, e a cabeça de um lobo. Mas era tão selvagem como um pura raça.

Dava socos a suas mãos, as mãos que agarravam meu pescoço com tal ferocidade. Não levava posta minha corrente de prata esta noite. Tinha decidido que era de mau gosto, desde que meu encontro era por si mesmo um metamorfo. Ser de mau gosto poderia ter salvado minha vida, pensei em um instante, embora foi o último pensamento coerente que tive por alguns momentos.

O lobisomem ultrapassava meu corpo, e subi meus joelhos agudamente, tratando de lhe dar uma sacudida bastante grande que afrouxaria seu aperto. Houve chiados de alarme dos poucos pedestres restantes, e um chiado superior, mais lacerante do agressor de Quinn, a quem vi voar pelos ares como se tivesse sido jogado com um canhão. Logo uma mão grande agarrou a meu agressor de seu próprio pescoço e o levantou.

Infelizmente, a meia besta que tinha suas mãos ao redor de minha garganta não me deixou ir. Comecei a me levantar do pavimento, também, minha garganta ficando cada vez mais estreita pelo aperto.

Quinn devia ver minha situação desesperada, porque bateu no lobisomem com sua mão livre, a cabeça se balançou de um lado a outro e simplesmente o afrouxou tão a fundo que soltou meu pescoço.

Logo Quinn agarrou ao jovem pelos ombros e o jogou a um lado. O moço caiu no pavimento e não se moveu.

-Sookie,- Quinn disse, logo soando sem fôlego. Sem fôlego estava eu, lutando para abrir minha garganta para que entrasse algum oxigênio. Podia ouvir uma sirene de polícia, e me senti profundamente agradecida. Quinn escorregou seu braço para meus ombros e me segurou. Finalmente respirei, e o ar foi maravilhoso, bem-aventurado. -Pode respirar bem?- perguntou. Congreguei a mim mesma o suficiente para inclinar a cabeça.

-Algum osso quebrado em sua garganta?- Tratei de levantar a mão para meu pescoço, mas minha mão não cooperava no momento.

Sua cara encheu meu campo de visão, e na luz tênue do poste da esquina podia ver que ele estava sondando. -Os matarei se lhe machucaram,- grunhiu, e justo então, essas foram notícias encantadoras.

-Mordido,- respirei com dificuldade, e ele me examinou horrorizado, com mãos e olhos procurando marcas de dentadas. -Não eu,- esclareci. -Eles. Não são nascidos lobisomens. Suguei uma grande quantidade de ar. -E talvez drogados,- falei. A compreensão apareceu em seus olhos.

Essa era a única explicação para tal comportamento demente.  
Um patrulha negro e corpulento se apressou para mim.

-Necessitamos uma ambulância no Fio,- ele disse a alguém em seu ombro. Não, era um aparelho de rádio pequeno. Neguei com a cabeça.

-Você necessita uma ambulância, senhora,- ele insistiu. -A garota por ali diz que o homem a jogou e tratou de estrangulá-la.

-Estou bem,- falei, minha voz raspou e minha garganta inegavelmente dolorosa.

-Senhor, você está com esta senhora?- O patrulha perguntou ao Quinn. Quando ele trocou de direção, a luz iluminou seu distintivo; dizia Boling.

-Sim.

-Você... ah, você deteve estes punks?

-Sim.

O companheiro do Boling, uma versão caucasiana do Boling, chegou a nós então. Olhou o Quinn com alguma reserva. Tinha estado examinando nossos agressores, quem tinham se convertido em forma humana completamente antes de que a polícia tivesse chegado. É obvio, estavam nus.

-Um tem uma perna quebrada,- disse-nos. -O outro reclama que seu ombro está deslocado. Boling se encolheu de ombros. -Tiveram o que procuravam-. Poderia ter sido minha imaginação, mas ele também, pareceu outro pouquinho cauteloso quando olhou a meu companheiro.

-Obtiveram mais do que esperavam- disse seu companheiro neutralmente. -Senhor, conhece estes meninos?- Ele inclinou sua cabeça para os adolescentes, quem estavam sendo examinados por um patrulha de outro carro, um homem jovem com uma constituição mais atlética. Os meninos estavam apoiados entre eles, vendo-se aturdidos.

-Nunca os vi antes,- Quinn disse. -Você, bebê?- Ele olhou para baixo inquisitivamente.

Neguei com a cabeça. Me sentia o suficientemente melhor como para me sentir em desvantagem, estando sentada na terra. Quis me levantar, e disse a meu encontro. Antes de que os oficiais de polícia pudessem me dizer outra vez que espere uma ambulância, Quinn conseguiu me parar em meus pés com a mínima dor possível.

Olhei para baixo meu belo traje novo. Estava realmente sujo. -Como está a parte de trás? Perguntei ao Quinn, e pude ouvir o medo em minha voz. Dava minhas costas a Quinn e olhei ansiosamente sobre meu ombro. Quinn pareceu um pouco alarmado, mas ele cumpridoramente observou minha parte traseira.

-Nenhum rasgo,- ele reportou. -Pode haver um lugar ou dois onde o material raspou um pouco contra o pavimento.

Comecei a chorar. Provavelmente teria começado a gritar, sem importar nada porque sentia uma reação poderosa pela adrenalina que tinha deslocado através de meu corpo quando tínhamos sido atacados, mas a oportunidade do momento foi perfeita.

A polícia ficou mais avuncular quanto mais chorava, e como um bônus adicional, Quinn devorou-me em seus braços e eu descansei minha bochecha contra seu peito. Escutei os batimentos de seu coração quando deixei de soluçar. Tinha-me desfeito de minha reação nervosa pelo ataque e tinha desarmado à polícia ao mesmo tempo, entretanto soube que ainda se perguntariam a respeito do Quinn e sua força.

Outro policial foi chamado de seu lugar por um dos agressores, que Quinn havia jogado. Nossos dois patrulhas foram para responder a chamada, e estávamos brevemente sozinhos.

-Inteligente,- Quinn murmurou em meu ouvido.

-Mmmm," falei, aconchegando-me contra ele.

Ele apertou seus braços ao meu redor. -Se te aproximar mais, vamos ter que nos desculpar e procurar um quarto,- ele sussurrou.

-Sinto muito-. Joguei-me para trás ligeiramente e lhe contemplei. -Quem ache que os contratou?

Ele pôde ter estado surpreso de que pensasse nisso, mas não poderia dizê-lo por seu cérebro. A reação química que tinha dado a minhas lágrimas tinha feito seu matagal mental mais complicado. -Definitivamente vou descobrir,- ele disse. -Como está sua garganta?

-Dói,- admiti, minha voz raspando. -Mas sei que não há nada realmente machucado. E não tenho seguro médico. Assim é que não quero ir ao hospital. Seria uma perda de tempo e dinheiro.

-Então não iremos-. Ele se inclinou e beijou minha bochecha. Virei minha cara até ele, e seu seguinte beijo aterrissou exatamente no lugar correto. Depois de um segundo cortês,

acendeu-se uma labareda mais intensa. Ambos estávamos sentindo as conseqüências da adrenalina correndo.

O som de uma garganta limpando trouxe a mente de volta de maneira impressionante como se o Oficial Boling nos tivesse jogado um balde de água fria.

Desembreei e enterrei minha cara no peito do Quinn outra vez. Soube que não poderia me tirar por um minuto ou dois, desde que sua excitação estava bem acima apertando contra mim. Embora estas não eram as melhores circunstâncias para uma avaliação, estava bastante segura que Quinn era proporcional. Tive que resistir o desejo de esfregar meu corpo contra do dele. Soube que isso pioraria as coisas para ele, de um ponto de vista público - mas estava em um estado de ânimo melhorado, e especulo que me sentia travessa. E brincalhona. Muito brincalhona. Passar por isto juntos provavelmente havia acelerado nossa relação o equivalente de quatro encontros.

-Você tem outras perguntas para nós, Oficial?- Quinn perguntou, em uma voz que não estava perfeitamente tranqüila.

-Sim, senhor, se você e a senhora se aproximarem do distrito, precisamos tomar suas declarações. O detetive Coughlin fará isso enquanto levamos ao hospital aos prisioneiros.

-Bem. Tem que ser esta noite? Minha amiga precisa descansar. Está exausta. Esta foi realmente uma prova extremamente dura para ela.

-Não demorará,- o oficial disse meticulosamente. -Você está seguro que nunca viu estes dois punks antes? Porque isto tem a aparência de um ataque realmente pessoal, se não lhe importar que o ponha assim.

-Nenhum de nós os conhece.

-E a senhora ainda recusa atenção médica?

Inclinei a cabeça.

-Pois bem, está bem então, gente. Espero que vocês não tenham mais problemas.

-Obrigado por vir tão rapidamente,"- falei, e girei a cabeça um pouco para chocar com os olhos do Oficial Boling. Ele me olhou em uma forma preocupada, e poderia ouvir em sua cabeça que estava preocupado a respeito de minha segurança com um homem violento como Quinn, um homem que podia jogar dois meninos vários pés no ar. Ele não se precaveu, e esperei que nunca o fizesse, que o ataque tinha sido pessoal. Não tinha sido aleatório.

Fomos ao distrito em um automóvel da polícia. Não estava segura do que pensavam, mas o companheiro do Boling nos disse que seríamos devolvidos ao veículo de Quinn, assim é que estávamos de acordo com o programa. Talvez não quisessem que nós tivéssemos possibilidade de falar um com o outro a sós. Não sei por que; acho que a única coisa que pôde ter despertado sua suspeita foi o tamanho do Quinn e sua perícia em repelir assaltantes.

Nos breves segundos que tivemos a sós antes de que um oficial subisse no assento do condutor, disse ao Quinn, -Se pensar algo para mim, poderei te ouvir - se necessita que saiba algo urgentemente.

-Hábil,- comentou. A violência pareceu ter depravado algo dentro dele. Esfregou seu polegar através da palma de minha mão. Ele pensava que gostaria de ter trinta minutos em uma cama comigo, agora mesmo, ou até quinze; caramba, até dez, até no assento traseiro de um carro, seriam fantásticos. Fiz uma tentativa para não rir, mas não pude evitar, e quando ele se deu conta que o tinha lido tão claramente, ele negou com a cabeça com um sorriso pesaroso.

Temos que ir a um lugar depois disto, ele pensou deliberadamente. Esperei que ele não quisesse dizer que ele ia alugar um quarto ou me levar a seu lugar para ter sexo, porque não importa quão atrativo o encontrasse, não ia fazer isso esta noite. Mas seu cérebro em sua maior parte se descongestionou de luxúria, e percebi em seu propósito era algo diferente.

Inclinei a cabeça.

Assim que não se canse muito, ele disse. Inclinei a cabeça outra vez. Como supunha que evitaria o cansaço excessivo, não estava segura, mas trataria de amontoar um pouco de energia.

O distrito de polícia era como esperei que fosse. Entretanto sobra o que dizer para Shreveport, tem mais que sua feira acionaria de crime. Não despertamos muita atenção absolutamente, até que os oficiais que tinham estado na cena juntaram suas cabeças com outros policiais no edifício, e logo houve alguns olhares furtivos para Quinn, algumas avaliações sub-reptícias. Ele se via o suficientemente formidável para creditar força suficiente como a fonte da derrota dos dois agressores. Mas houve justo a adequada quantidade de estranheza sobre o incidente, muitos toques peculiares nos relatórios presenciais... e logo meu olho apanhou uma irada cara familiar. Uh-OH.

-Detetive Coughlin,- falei, lembrando agora por que o nome tinha me soado familiar.

-Srta. Stackhouse,- ele respondeu, com quase tanto entusiasmo como eu tinha mostrado.-O que está você fazendo aqui?

-Fomos atacados,- expliquei.

-A última vez que a vi, você estava comprometida com o Alcide Herveaux, e você justamente tinha encontrado um dos cadáveres mais repugnantes que alguma vez vi,- ele disse facilmente. Sua barriga parecia haver ficado até maior desde os poucos meses em que lhe tinha encontrado em uma cena homicida aqui em Shreveport.

Como muitos homens com uma barriga desproporcionada, ele trazia postos suas calças cáquis abotoadas debaixo do saliente, como quem diz. Desde que sua camisa tinha franjas azuis e brancas, o efeito era de uma loja de campainha pendurado empacotada.

Inclinei a cabeça. Não houve realmente nada para dizer.

-O Sr. Herveaux se recupera depois da perda de seu pai?- O corpo de Jackson Herveaux tinha sido encontrado meio dentro, meio fora de um tanque cheio de água em uma granja velha pertencente à família. Embora o jornal tinha sapateado ao redor de uma certa quantidade das lesões, era claro que os animais selvagens tinham mordiscado os ossos. A teoria era que o Sr. Herveaux tinha caído no tanque e fraturou sua perna quando ele chegou ao fundo. Ele tinha conseguido chegar ao bordo e sair pela metade, mas nesse momento desmaiou.

Desde que ninguém soube que ele tinha visitado a granja, ninguém tratou de resgatá-lo, essa era a teoria, ele tinha morrido sozinho.

Realmente, um grande número de pessoas tinham presenciado o falecimento de Jackson, entre eles o homem a meu lado.

-Não falei com o Alcide desde que seu pai foi encontrado,- falei verdadeiramente.

-Minha mãe, estou com pena que não deu certo,- o Detetive Coughlin disse, fingindo que não viu que eu estava parada ao lado de meu encontro dessa noite. -Vocês dois faziam um casal atrativo.

-Sookie é linda não importa com quem esteja,- disse Quinn.

Sorri para ele, e ele me devolveu o sorriso. Ele fazia todos os movimentos corretos.

-Assim se você vier comigo por um minuto, Srta. Stackhouse, poremos sua historia no papel e você poderá ir embora.

A mão do Quinn apertou a minha. Ele me advertia. Espera um momento, quem era a leitora de pensamentos aqui? Apertei a sua. Fui perfeitamente consciente que o Detetive Coughlin pensava que eu devia ser culpada de algo, e ele se esmeraria em descobrir o que. Mas de fato, não tive a culpa.

Tínhamos sido os brancos, tinha recolhido isso do cérebro dos agressores. Mas por que?

O detetive Coughlin conduziu a um escritório em um quarto cheio de escritórios, e tirou um formulário de uma gaveta. A atividade do quarto continuou; uma certa quantidade de escritórios estavam desocupados e com aparência de "fechado pela noite", mas os outros davam sinais de trabalho em marcha. Havia algumas pessoas entrando e saindo com frequência do quarto, e dois escritórios mais à frente, um detetive jovem com cabelo curto loiro-branco ativamente escrevia em seu computador. Tinha muito cuidado, e tinha aberto minha mente, assim é que soube que ele me tinha à vista quando estava olhando em outra direção, e soube que ele tinha sido situado ali pelo Detetive Coughlin, ou ao menos aguilhoado para me dar um bom olhar duro enquanto estava no quarto.

Choquei-me com seus olhos em ângulo reto. A sacudida de reconhecimento foi mútua. Tinha-lhe visto no concurso do packmaster. Ele era um lobisomem. Tinha atuado como

padrinho do Patrick Furnan no duelo. Tinha-lhe apanhado fazendo armadilha. Maria-Estrela havia-me dito que seu castigo tinha sido raspar sua cabeça. Embora seu candidato ganhou, este castigo tinha sido exigido, e seu cabelo agora mesmo crescia outra vez. Ele me odiou com a paixão do culpado. Ele meio saltou de sua cadeira, seu primeiro instinto deveu ser aproximar-se e me bater até me deixar sem sentido, mas quando ele absorveu o fato que alguém já tinha tratado de me fazer isso, sorriu burlonamente.

-É esse seu parceiro?- Perguntei ao Detetive Coughlin.

-O que?"-Ele tinha estado olhando fixamente o computador através de seus óculos de ler, e jogou um olhar ao homem jovem e logo depois de retorno para mim.

-Bom, esse é meu novo parceiro. O tipo com quem estava na última cena de crime em que a vi, retirou-se o mês passado.

-Qual é seu nome? Seu novo parceiro?

-Por que, você irá atrás dele depois? Você parece não poder assentar-se com um mesmo homem, não, Srta. Stackhouse?

Se tivesse sido um vampiro, poderia ter feito me responder, e se fosse realmente perita, inclusive não saberia que ele o tinha feito.

-É mais bem como se eles não pudessem assentar-se comigo, Detetive Coughlin,- falei, e ele me deu um olhar curioso. Agitou um dedo para o detetive loiro.

-Esse é Cal. Cal Myers -. Pareceu ter encontrado o formulário correto, porque ele começou a me conduzir pelo incidente outra vez, e respondi suas perguntas com indiferença genuína. Por uma vez, tive pouco que esconder.

-Eu me perguntei,- falei, quando tínhamos concluído, -se estariam drogados.

-Você sabe muito a respeito de drogas, Srta. Stackhouse?- Seus olhos pequenos sobre mim outra vez.

-Não de primeira mão, mas é obvio, de vez em quando entra alguém no bar que tomou algo que não deveria. Estes jovens homens definitivamente pareciam... influenciados por algo.

-Pois bem, o hospital pegará seu sangue, e saberemos.

-Terei que voltar?

-Para atestar contra eles? Claro.

Nenhuma forma de evitá-lo. -Está bem,- falei, tão firme e neutralmente como o pude. - Podemos ir ?

-Acredito que sim-. Ele chocou com meus olhos, seus pequenos olhos café cheios de suspeita.

Não houve ponto em ressentir; estava absolutamente certo, havia algo de duvidoso a respeito de mim, algo que ele não sabia.

Coughlin se esmerava em ser um bom policial. Senti repentinamente pena por ele, titubeando desastradamente através de um mundo que só conhecia pela metade.

-Não confie em seu parceiro,- sussurrei, e esperei que pusesse o grito no céu, chamasse a Cal Myers e me ridicularizasse frente a ele. Mas algo em meus olhos ou minha voz prendeu esse impulso. Minhas palavras lhe falaram com uma advertência que tinha estado soando sub-repticiamente em seu cérebro, talvez do momento em que ele tinha conhecido ao lobisomem.

Ele não disse nada, nenhuma palavra. Sua mente estava cheia de medo, o medo e aversão... mas ele acreditou que dizia a verdade. Depois de um segundo, levantei-me e deixei o quarto da brigada. Para meu alívio absoluto, Quinn estava me esperando no vestibulo.

Um patrulha - não Boling - levou-nos de retorno ao carro do Quinn, e guardamos silêncio durante a viagem. O carro do Quinn estava no esplendor isolado do estacionamento frente do Fio, a qual estava fechada e escura. Ele tirou suas chaves e bateu na tábua pequena para abrir as portas, e entramos lenta e cansadamente.

-Onde vamos agora? -Perguntei.

-O Pelo do Cão,- disse.

## CAPÍTULO 9

O "PELO DO CÃO" estava fora da Estrada de Reis, não muito longe da Universidade Centenária. Era um negócio velho de frente de tijolo. As janelas grandes dando à rua estavam cobertas de cortinas opacas cor nata, notei, quando dobramos para o lado esquerdo do edifício para nos sacudir através de um beco que conduzia a uma área de estacionamento ao fundo. Estacionamos no lote pequeno, coberto de mais arbustos. Embora estava insuficientemente o sistema de iluminação, podia ver que a terra estava coberta de latas vazias, vidro quebrado, camisinhas usadas, e pior. Havia várias motocicletas, uns quantos automóveis compactos menos caros, e um Suburban ou dois.

A porta traseira tinha um pôster que se lia NÃO ENTRE - SÓ PESSOAL.

Embora meus pés definitivamente começavam a protestar pelos desacostumados saltos altos, tivemos que andar com muito cuidado através do beco para a entrada dianteira.

O frio que desceu por minha coluna vertebral se intensificou ao nos aproximar da porta. Logo foi como se batesse contra uma parede, o feitiço me agarrou repentinamente. Parei-me em seco. Lutei para seguir adiante, mas não podia me mover. Podia cheirar a magia. O Pelo do Cão tinha sido protegido. Alguém tinha pago a uma bruxa muito boa uma quantidade de dinheiro para rodear a porta de um feitiço vai-longe.

Briguei para não ceder à compulsão de girar e caminhar em outra direção, qualquer outra direção.

Quinn deu uns passos, e começou a me observar com um pouco de surpresa, até que se precaveu do que ocorria. -Esqueci,- disse, essa mesma surpresa soando em sua voz.- Realmente esqueci que é humana.

-Isso soa como um completo,- falei, com algum esforço. Até na noite fresca, minha testa se encharcou de suor. Meu pé direito avançou uma polegada.

-Aqui,- ele me disse, e me levantou nos braços, até que me segurou como Rhett levando a Scarlett Ou'Hara. Quando sua aura se envolveu para mim ao redor, a desagradável compulsão se aliviou. Aspirei profundamente com alívio. A magia já não me pôde reconhecer como humana, ao menos não decisivamente. Embora o bar ainda parecia pouco atrativo e brandamente repelente, poderia entrar sem me sentir doente.

Talvez eram os efeitos persistentes do feitiço, mas depois que havíamos entrado nele, o bar ainda parecia pouco atrativo e brandamente repelente. Não diria que toda conversa cessou quando entramos, mas houve uma definitiva diminuição no ruído que enchia o bar. Um toca-discos caça-níqueis estava tocando "Lua Má Levantando-se," o qual era como o hino nacional dos lobatos, e a coleção heterogênea do Lobatos e metas pareceram voltar-se para orientar a eles mesmos.

-Os humanos não estão permitidos neste lugar!- Uma mulher muito jovem saltou a través do balcão em uma onda muscular e caminhou a grandes passos. Ela levava posta meias vermelhas e botas de salto alto, um corset de couro vermelho - pois bem, mas bem um corset que desejava ser feito de couro vermelho, provavelmente era Naugahyde - e uma faixa preta de tecido que supus ela chamava de saia. Era como se pusesse por cima um tubo, e logo o tinha puxado para baixo. Era tão apertado que pensei que poderia enrolar-se de repente, como uma persiana.

Não gostou de meu sorriso, a lendo corretamente como um comentário de seu conjunto.

-Tira sua bunda humana daqui,- disse ela, e grunhiu. Infelizmente, não soou muito ameaçador, desde que ela não tinha prática em ameaçar, e pôde sentir meu sorriso ampliar-se.

A adolescente em vestido desafiante tinha o escasso controle de impulsos de uma lobato nova, e levou sua mão para trás para me dar um murro.

Então Quinn grunhiu.

O som veio do profundo de seu estômago, e isso foi ensurdecedor, o som profundo dele penetrando em cada canto do balcão. O dono de cantina, um tipo do Motoqueiro com barba e cabelo de longitude considerável e tatuagens que cobriam seus braços, agachou-se debaixo do balcão. Soube que ele agarrava uma escopeta.

Não era a primeira vez, que me perguntava se não deveria começar a ir armada a todas partes que ia. Em minha vida obediente da lei, nunca tinha visto a necessidade até os passados poucos meses. O toca-discos caça-níqueis se deteve justo então, e o silêncio do bar foi tão ensurdecedor como tinha sido o ruído.

-Por favor não tire a arma,- falei, sorrindo brilhantemente ao dono de cantina. Podia sentir o estiramento de meus lábios, esse sorriso muito brilhante que me fazia parecer um pouco louca. "Viemos em paz," adicionei, em um impulso amalucado, lhes mostrando minhas palmas vazias.

Um meta que tinha estado parado no balcão riu, um latido bem definido de diversão alarmada. A tensão começou a diminuir pouco a pouco. A mão da jovem caiu a seu lado, e ela deu um passo atrás. Seu olhar titilou do Quinn para mim e de volta outra vez. Ambas as mãos do dono de cantina estavam agora à vista.

-Olá, Sookie,- disse uma voz familiar. Amanda, a ruiva lobato quem havia estado dirigindo à Dra. Ludwig um dia antes, sentava-se a uma mesa em um canto escuro (realmente, o quarto parecia estar cheio de cantos escuros.)

Com Amanda estava um homem corpulento a finais dos trinta. Ambos estavam cheios de bebidas e um tigela de mistura de sanduíches. Tinham companhia na mesa, um casal sentado com suas costas para mim. Quando trocaram de direção, reconheci ao Alcide e Maria-Estrela. Giraram cautelosamente, como se qualquer movimento repentino poderia provocar violência. O cérebro da Maria-Estrela era uma confusão heterogênea de ansiedade, orgulho, e tensão. De Alcide estava simplesmente em conflito. Ele não sabia como sentir-se. Isso fazia dois de nós.

-Oi, Amanda,- falei, minha voz tão alegre como meu sorriso. Não deixaria que o silêncio se empilhasse.

-Estou honrada de ter ao legendário Quinn em meu bar,- Amanda disse, e me dava conta de que, não importa que outros trabalhos podia ter, ela possuía o Pelo do Cão.

-Vocês dois vieram passar uma velada no povo, ou há alguma razão especial para sua visita?

Desde que não tinha idéia de por que estávamos ali, tive que deixar Quinn para uma resposta, o qual não me fez ver muito bem, a meu parecer.

-Há uma razão muito boa, embora por muito tempo quis visitar seu bar - Quinn disse em um cortês, formal estilo que tinha saído de um nada.

Amanda inclinou a cabeça, o qual pareceu ser um sinal ao Quinn de continuar.

-Esta tarde, eu e meu encontro fomos atacados em um lugar público, com civis a nosso redor.

Ninguém pareceu terrivelmente alterado ou assombrado por isto. De fato, Srta. Modadesafiante encolheu seus ombros, fracos ombros pelados.

-Fomos atacados por lobisomens- disse Quinn

Agora obtivemos a reação grande. As cabeças e as mãos sacudidas com força e logo ficaram quietas. Alcide se levantou pela metade e logo se sentou outra vez.

-Lobatos da manada do Largo Dente?- perguntou Amanda. Sua voz foi incrédula.

Quinn se encolheu de ombros. -O ataque foi a morte, assim é que não me detive para fazer perguntas. Ambos eram lobisomens mordidos muito jovens, e por seu comportamento, estavam habituados às drogas.

A reação mais horrorizada. Criávamos realmente a sensação.

Está machucada? Alcide me perguntou, como se Quinn não estivesse de pé ali mesmo.

Inclinei minha cabeça para trás assim meu pescoço seria visível. Já não sorria mais. A esta altura os machucados deixados pelas mãos do menino se obscureciam lindamente. E havia estado pensando. -Como amiga da manada, não esperava que nada me ocorresse aqui em Shreveport,- falei.

Acreditei que meu status como amiga da manada não tivesse trocado com o regime novo, ou pelo menos eu esperava que não. De qualquer maneira, era minha carta na manga, e a joguei.

-O Coronel Flood disse que Sookie era amiga da matilha,- Amanda disse inesperadamente.

Os lobatos se olharam entre eles, e o momento pareceu pender sem decidir.

-O que aconteceu com os cachorrinhos?- Perguntou o ciclista detrás do balcão.

-Estão vivos,0 disse Quinn, lhes dando a primeira notícia importante. Houve um sentimento geral como se o bar inteiro desse um suspiro; Se de alívio ou pesar, não o poderia dizer.

-A polícia os tem,- Quinn continuou. -Desde que os cachorrinhos nos atacaram diante de humanos, não houve forma de evitar a intervenção da polícia-. Havíamos falado de Cal Myers em nossa forma no balcão. Quinn tinha tido só uma olhada do lobisomem polícia, mas é obvio lhe tinha conhecido pelo que era. Perguntei-me se meu companheiro mencionaria o assunto da presença de Cal Myers no distrito, mas Quinn não disse nada. E verdadeiramente, por que comentar algo que os lobatos seguramente já sabiam? A matilha lobato se manteria unida contra terceiros, não importa quão divididos estavam entre eles.

Policiais envolvidos em assuntos lobatos era indesejável, obviamente. Embora a presença de Cal Myers na força ajudaria, cada escrutínio subia a possibilidade de que os humanos

reconheceriam a existência de criaturas que preferiam o anonimato. Não soube como tinham voado (ou se engatinha, ou andou a passo sustentado) sob o radar tanto tempo.

Tive a convicção que o custo em vistas humanas tinha sido considerável.

Alcide disse, "Deveria levar Sookie para casa. Está cansada.

Quinn me rodeou com o braço e me pôs a seu lado. -Quando tivermos recebido a segurança que a matilha chegará ao fundo deste ataque não provocado, iremos.

Nítido discurso. Quinn pareceu ser um master em expressar-se diplomático e firmemente. Era um pouco apavorante, verdadeiramente. O poder fluiu em uma corrente estável, e sua presença física foi inegável.

-Transmitiremos tudo isto ao packmaster,- Amanda dizia. -Ele fará averiguações, estou segura. Alguém contratou a estes cachorrinhos.

-Alguém os converteu para começar,- Quinn disse. -A menos que sua matilha tenha se degradado a morder punks guias de ruas e enviá-los fora a procurar entre o lixo?

Bom, atmosfera hostil agora. Contemplei a meu companheiro grande e descobri que Quinn estava perto de perder seu temperamento.

-Obrigada a todos,- disse para a Amanda, meu sorriso brilhante outra vez lhe abrindo os cantos de minha boca. -Alcide, Maria-Estrela, foi um prazer vê-los. Vamos agora. Um longo passeio de carro de volta a Bon Temps-. Dava ao Motoqueiro Bartender e à garota Meias vermelhas uma saudação breve. Ele inclinou a cabeça, e ela me olhou com desdém. Provavelmente não lhe interessou converter-se em minha melhor amiga. Escapei-me de debaixo do braço do Quinn e agarrei sua mão com a minha.

-Vamos, Quinn. Vamos sair daqui.

Para um mau momento, seus olhos não me reconheceram. Logo se limparam, e relaxou. -Claro, bebê -. Disse adeus aos lobatos, e lhes demos as costas para caminhar fora. Embora o pequeno grupo incluiu o Alcide, em quem confiava na maioria das formas, foi um momento incômodo para mim.

Não poderia sentir medo, nem nenhuma ansiedade, provindo do Quinn. Já seja que ele tinha grande foco e controle, ou em realidade não se assustou de um bar cheio de homens lobos, o qual era admirável e demais, mas um pouco... pouco realista.

A resposta correta resultou ser "grande foco e controle". Inteirei-me quando chegamos ao estacionamento escuro. Movendo-se mais rápido do que poderia notar, estava contra o carro e sua boca na minha. Depois de um segundo de alarme, estava no momento. O perigo compartilhado faz isso, e era a segunda vez - em nosso primeiro encontro- que tínhamos estado em perigo. Era um mau agouro? Descartei esse pensamento racional quando os lábios do Quinn e seus dentes viajaram até encontrar esse lugar tão vulnerável e sensível onde o

pescoço se curva no ombro. Fiz um ruído incoerente, porque junto com o despertar que sempre sinto quando sou beijada ali, senti dor inegável pelos machucados que rodeavam meu pescoço. Foi uma combinação incômoda.

-Sinto muito, sinto muito,- ele resmungou em minha pele, sem que seus lábios detivessem os movimentos. Soube que se baixava minha mão, poderia lhe tocar intimamente.

Não digo que não estava tentada. Mas aprendi um pouco de cautela enquanto estive ao lado de... provavelmente não o suficiente, refleti com um resto de minha mente que não se envolvia cada vez mais com o calor que se elevava do feixe de nervos inferiores para encontrar-se com o calor gerado pelos lábios do Quinn. OH, Caramba. OH, OH, OH.

Movi-me contra dele. Foi um reflexo, não? Mas um engano, porque sua mão escorregou sob meu peito e seu polegar começou acariciando. Estremeci e tremi. Ele estava ofegando um pouco, também. Foi como pular em cima do teto de um carro que corria já a muita velocidade pela estrada escura.

-Bom-. Respirei, empurrando um pouco. -Certo, detenhamos isto agora-.

-Ummm,- ele disse em minha orelha, sua língua lhe dando uma batidinha. Tremi.

-Não estou fazendo isto,- falei, tratando de soar definitiva. Logo minha determinação reunida. -Quinn! Não terei relações sexuais contigo neste estacionamento sujo!

-Nem sequer um pouquinho de sexo?

-Não. Definitivamente não!

-Sua boca (beijou minha boca) diz uma coisa, mas seu corpo (ele beijou meu ombro) diz outra.

-Escuta à boca, imbecil.

-Imbecil?

-Está bem. Quinn.

Ele suspirou, endireitou-se. -Certo,- ele disse. Ele sorriu com arrependimento. -Sinto muito. Não planejei pular sobre ti assim .

-Entrar em um lugar onde não é exatamente bem-vindo, e sair ileso, é algo excitante,- falei.

Ele expeliu um fôlego profundo.

-Certo- disse.

-Eu gosto muito de você,- falei. Poderia ler sua mente claramente, neste instante. Ele gostava de mim, também; nesse momento, gostava de mim um montão. Nesse momento gostaria de mim diretamente contra a parede.

Reforcei minhas escotilhas. -Mas tive um par de experiências que foram advertências de ir mais devagar. Não estive indo devagar contigo esta noite. Até com o, ah, as circunstâncias especiais-. Repentinamente estava em condição de me sentar no carro.

Minhas costas doíam e senti uma câibra leve. Preocupei-me com um segundo, logo pensei a respeito de meu ciclo mensal. Isso foi certamente o suficiente como para me cansar, ficando ao batente de uma excitante e machucada saída.

Quinn olhava para baixo. Ele se perguntava a respeito de mim. Não poderia dizer o que era sua preocupação exata, mas repentinamente perguntou, -Qual de nós foi o branco desse ataque fora do teatro?

De acordo, sua mente estava definitivamente fora do sexo agora. Bem.

-Acha que foi um de nós?

Isso lhe deu uma pausa. -Acho que sim- disse.

-Também temos que nos perguntar quem os incitou a isso. Especulo que estavam pagos, de alguma forma - já seja drogas ou dinheiro, ou ambos. Acha que falarão?

-Não acho que sobrevivam a noite na prisão.

## CAPÍTULO 10

ELES NEM SEQUER reportaram na primeira página. Estavam na seção local do jornal de Shreveport, na parte baixa. HOMICÍDIOS NA PRISÃO, estava no título.

Suspirei.

Dois jovens esperando transporte das celas para o Juizado De Menores foram mortos ontem à noite em algum momento depois da meia-noite.

O jornal era entregue cada manhã à caixa especial ao final de meu caminho de acesso, bem ao lado de meu correio. Mas se obscurecia para quando vi o artigo, enquanto estava sentada em meu carro, a ponto de partir pela Estrada do Colibri e ir ao trabalho. Não tinha me aventurado fora hoje até agora. Dormindo, lavando, e um pouco de jardinagem tinham ocupado meu dia. Ninguém tinha ligado, e ninguém me fez uma visita, assim como os

anúncios disseram. Tinha pensado que Quinn poderia ligar por telefone, simplesmente para indagar sobre minhas pequenas lesões... mas não.

Os dois jovens, metidos no distrito de polícia pelos cargos de assalto e agressão, foram metidos em uma das celas para esperar o ônibus matutino do Juizado De Menores. A cela de delinqüentes juvenis está fora da vista da de delinqüentes adultos, e os dois eram os únicos jovens encarcerados durante a noite. Em algum ponto, os dois foram estrangulados por uma pessoa ou pessoas desconhecidas. Nenhum dos outros prisioneiros foram machucados, e todos negaram qualquer atividade suspeita. Ambos os jovens tinham registros juvenis extensos. "Tinham tido muitos encontros com a polícia," uma fonte perto à investigação disse.

-Vamos investigar isto a fundo,- disse o Detetive Dão Coughlin, quem havia respondido à queixa original e dirigia a investigação do incidente pelo qual os jovens foram detidos.

-Foram presos depois de supostamente atacar a uma casal de uma maneira bizarra, e suas mortes são igualmente bizarras-. Seu companheiro, Cal Myers, adicionou, -Faremos justiça. Encontrei isso especialmente detestável.

Lançando o jornal no assento ao meu lado, tirei meu feixe de correio da caixa e o acrescentei ao montão pequeno. Procurava desordenadamente nisso depois de meu turno no Merlotte's.

Estava em um humor sombrio quando cheguei ao bar. Preocupada com o destino dos dois assaltantes da noite antes, apenas me sobressaltei quando me encontrei com que estaria trabalhando com a empregada nova do Sam. Tanya era tão brilhante e eficiente como a tinha encontrado previamente. Sam estava muito alegre com ela; de fato, a segunda vez que ele me disse que tão agradado estava com ela, disse-lhe agudamente que já o tinha escutado.

Tive o gosto de ver o Bill entrar e sentar-se em uma mesa de minha seção. Quis uma desculpa para dar meia volta e partir, antes de que tivesse que responder à pergunta que se moldava na cabeça do Sam: por que você não gosta de Tanya?

Não espero que todo mundo que encontro goste de mim, mais do que espero que eu goste todo mundo. Mas usualmente tenho uma base para que me desagrade um indivíduo, e é mais uma desconfiança não especificada e uma aversão ambígua. Embora Tanya era algum tipo de meta, deveria ter podido lê-la e aprender o suficiente como para confirmar ou desmentir minha suspeita instintiva.

Mas não podia ler Tanya. Agarrava uma palavra aqui e ali, como uma estação de rádio que se desvanece pouco a pouco. Pensará que teria gosto em encontrar a alguém de minha própria idade e sexo que possivelmente poderia converter-se em uma amiga. No lugar disso, estava perturbada quando me precavi que ela era um livro fechado. Raramente, Sam não havia dito uma só palavra a respeito de sua natureza essencial. Ele não havia dito, "OH, ela é uma lobato," ou "ela é uma meta verdadeira, como eu," ou algo como isso.

Estava em um estado de ânimo preocupado quando caminhei a grandes passos para pegar o pedido do Bill. Meu estado de ânimo mau complicado quando vi Selah Pumphrey parada na porta examinando ao povo, provavelmente tratando de localizar ao Bill. Falei algumas más

palavras para mim mesma, girei sobre meus calcanhares, e caminhei fora. Muito anti-profissional. Selah cravava os olhos em mim quando percorri com o olhar sua mesa ao cabo de um momento. Arlene tinha ido pegar seu pedido. Simplesmente escutei a Selah; estava em um estado de ânimo rude. Ela se perguntava por que Bill sempre queria encontrá-la aqui, quando os nativos eram obviamente hostis. Ela não podia acreditar que um homem de discernimento e sofisticado como Bill alguma vez pôde ter saído com uma empregada de bar. E pelo que ela tinha ouvido, eu não tinha ido à universidade, e mais, minha avó tinha sido assassinada.

Isso me fazia má fama, adivinho.

Trato de aceitar com reservas coisas como isto. Depois de tudo, pude me haver defendido bastante eficazmente desses pensamentos. As pessoas que escutam escondidas estranha vez ouvem coisas boas a respeito deles mesmos, certo? Um velho ditado popular, e um verdadeiro. Disse a mim mesma (aproximadamente seis vezes) que não tinha nada que fazer escutando-a, que seria muito drástico uma reação como ir e bater na parte superior da cabeça ou agarrar e puxar seu cabelo. Mas a cólera se inchou em mim, e não parecia poder pô-la sob controle. Deixei três cervejas sobre a toalha de mesa diante de Catfish, Dago, e Hoyt com força desnecessária. Contemplaram-me simultaneamente com assombro.

- Fizemos algo incorretamente, Sook? - disse Catfish. - Ou é simplesmente TPM?

- Não fizeram nada, - falei. - E não é TPM - . OH. sim, era. Tinha tido a advertência com a ardência em minha parte de atrás, meu estômago pesado, e meus dedos inchados. Meu pequeno amigo tinha vindo fazer uma visita, e senti a sensação do mesmo modo que me precavi que contribuía com minha irritação geral.

Percorri, voltei o olhar para o Bill e lhe apanhei cravando os olhos em mim, as fendas de seu nariz dando uma farejada. Ele podia cheirar o sangue. Uma onda aguda de vergonha rodou sobre mim, pondo vermelha minha cara. Por um segundo, vislumbrei fome nua em sua cara, e logo ele limpou seus traços por completo de toda expressão.

Se ele não chorava com amor não correspondido em minha soleira, ao menos ele sofria uma pequena quantidade. Um diminuto sorriso contente estava em meus lábios quando me vislumbrei para mim mesma no espelho detrás do balcão.

Um segundo vampiro veio uma hora mais tarde. Ela olhou ao Bill por um segundo, inclinou a cabeça para ele, e logo se sentou a uma mesa na seção de Arlene. Arlene abriu passo para pegar o pedido da vampira. Falaram por um minuto, mas estava muito ocupada para as investigar. Além disso, justamente tinha ouvido a vampiro filtrando através de Arlene, desde que os vampiros guardam silêncio como a tumba para mim. A seguinte coisa que soube, foi que Arlene estava me apontando através do povo.

- A garota morta quer falar contigo, - ela disse, não moderando sua voz no mais mínimo, e as cabeças trocaram de direção em nossa direção. Arlene não sabe muito de sutileza – ou tato, respeito a isso. Depois de me assegurar que todos meus clientes eram felizes, fui à mesa do vampiro.

-O que posso fazer por você?- Perguntei, na voz mais baixa que pude. Sabia que a vampira poderia me ouvir; sua audição era fenomenal, e sua visão é muito aguçada.

-Você é Sookie Stackhouse?- Perguntou a vampira. Ela era muito alta, justo seis pés, e tinha alguma mistura racial que tinha tirado fora especialmente bem. Sua pele era de uma cor ouro, e seu cabelo grosso e escuro, preso contra o crânio, e seus braços estavam adornados com acessórios. Suas roupas, em contraste, eram simples; trazia posta uma blusa gravemente branca feita à medida com largas mangas, e malhas pretas com sandálias pretas.

-Sim,- falei. -Posso te ajudar?- Ela me olhava com uma expressão que só poderia identificar como duvidosa.

-Pam me enviou aqui,- ela disse. -Meu nome é Felicia-. Sua voz foi tão rítmica e exótica como sua aparência. Fazia pensar a respeito de bebidas de rum e praias.

-Como está, Felicia,- falei atentamente. -Espero que Pam esteja bem.

Desde que os vampiros não têm saúde variável, isto rengueava para a Felicia.

-Ela parece bem,- ela disse incertamente. -Ela me enviou aqui para me identificar contigo.

-Está bem, te conheço agora,- falei, tão confusa como estava Felicia.

-Ela disse que tinha o hábito de matar aos donos de cantina do Fangtasia,- Felicia disse, seus preciosos olhos abertos com assombro. -Ela disse que devo implorar a você misericórdia. Mas tem a aparência de um humano, para mim.

Essa Pam.

-Ela estava tirando uma com a tua cara,- falei tão amavelmente como podia. Não pensei que Felicia fora a ferramenta mais afiada no abrigo. A audição super e a força super não sempre foram com a inteligência super. -Pam e eu somos amigas, ou algo assim, e gosta de me fazer passar vergonha. Espelho que goste de fazer o mesmo contigo, Felicia. Não tenho intenção de machucar alguém.

Felicia se viu cética.

-Sério, tenho uma má história com os donos de cantina do Fangtasia, mas isso é, ah, uma coincidência,- balbuciei adiante. -E sou realmente, verdadeiramente uma humana.

Depois de mastigar isso por um momento, Felicia se viu aliviada, o que a fez até mais bonita. Pam freqüentemente tinha razões múltiplas para fazer algo, e me encontrei perguntando se ela tinha enviado a Felicia aqui assim é que poderia observar suas atrações - que é óbvio seria óbvio para o Eric. Pam poderia estar tratando de provocar problemas. Ela odiava uma vida aborrecida.

-Retorna a Shreveport e passa um bom momento com seu chefe,- falei, tratando de soar amável.

-Eric?- A preciosa vampira disse. Ela pareceu alarmada. -É bom trabalhar com ele, mas não sou uma amante de homens.

Percorri com o olhar minhas mesas, não só inspecionando para ver se alguém urgentemente necessitou uma bebida, a não ser para ver quem se pôs ao dia com essa linha de diálogo. A língua do Hoyt estava virtualmente pendurando fora, e o Barbo se via como se ele tivesse ficado assanhado pelos focos dianteiros. Dago se scandalizou felizmente. -Então, Felicia, como terminou em Shreveport, se não lhe importa que pergunte?- Devolvi minha atenção à nova vampira.

-OH, minha amiga Indira me perguntou se queria vir. Ela disse que a servidão com o Eric não é tão má-. Felicia se encolheu de ombros, para mostrar que "não tão mau" era. -Ele não exige serviços sexuais se a mulher não estivesse inclinada, e ele pede em troca só algumas horas no balcão e tarefas especiais de vez em quando.

-Assim é que ele tem uma reputação de bom chefe?

-OH, sim-. Felicia se viu quase surpreendida. -Ele não é pessoa muito sentimental, com certeza.

“Sentimental” não era uma palavra que usaria na mesma frase que Eric.

-E não pode cruzar com ele. Ele não perdoa isso, - ela continuou atentamente. -Mas tanto que você cumpra com suas obrigações para com ele, ele corresponderá com você.

Assenti com a cabeça. Isso mais ou menos coincidia com minha impressão do Eric, e conhecia muito bem ao Eric em certos aspectos... entretanto não em outros.

-Isto será muito melhor que Arkansas,- Felicia disse.

-Por que deixou Arkansas?- Perguntei, porque justamente não podia entender.

Felicia era o vampiro mais simplista que alguma vez tinha encontrado.

-Peter Threadgill,- ela disse. -O rei. Ele justamente se casou com sua rainha.

Sophie-Anne Leclercq de Louisiana não era de maneira nenhuma minha rainha, mas por curiosidade, quis continuar a conversa.

-O que está mal com o Peter Threadgill?

Essa foi uma pergunta difícil para a Felicia. Ela refletiu sobre isso. -Ele mantém rancores-ela disse, franzindo o cenho. -Ele não está nunca satisfeito com o que tem. Não é suficiente que ele seja o vampiro mais velho, mais forte no estado. Uma vez que ele se converteu em

rei - e ele tinha lutado por anos para obtê-lo- ele ainda não estava contente. Tinha algo errado com o estado, vê?

-Como 'Qualquer estado que me tenha por rei não é um bom estado de quem ser rei?

-Exatamente,- Felicia disse, como se fora muito inteligente para pensar essa frase. -Ele fez negociações com a Louisiana por meses e meses, e até Flor de Jade se cansou de saber da rainha. Logo ela finalmente confraternizou à aliança. Depois de uma semana de celebrar, o rei se engrandeceu outra vez. Repentinamente, isso não era bastante bom. Ela tinha que lhe amar. Ela tinha que abandonar tudo por ele-. Felicia negou com a cabeça os caprichos da realeza.

-Assim é que não foi uma união por amor?

-Essa é a última coisa pela que os reis e as rainhas vampiro se casam,- Felicia disse. -Agora ele está tendo sua visita com a rainha em Nova Orleans, e me alegro de estar no outro extremo do estado.

Não captei o conceito de um casal de casados fazendo uma visita, mas tive a segurança de que cedo ou tarde o entenderia.

Estava interessada em ouvir mais, mas era hora de que retorne a minha seção Y.

-Obrigada por fazer uma visita, Felicia, e não se preocupa com nada. Me alegro que trabalhe para o Eric, - falei.

Felicia sorriu, uma experiência deslumbrante e dentuça. -Me alegro que não tenha planos de me matar,- ela disse.

Sorri de retorno a ela, um pouco com vacilação.

-Te asseguro, agora que sei quem é, não terá uma oportunidade para te aproximar inadvertidamente,- Felicia continuou. Repentinamente, o vampiro verdadeiro olhou para fora dos olhos da Felicia, e tremi. Poderia ser fatal menosprezar a Felicia. Inteligente, não. Selvagem, sim.

-Não faço planos de me aproximar inadvertidamente de alguém, muito menos de um vampiro,- falei.

Ela me deu uma inclinação de cabeça bem definida, e logo se deslizou fora da porta tão repentinamente como ela tinha entrado.

-O que foi tudo isso aproximadamente?- Arlene me perguntou, quando nos encontramos no balcão para esperar os pedidos ao mesmo tempo. Coloquei cuidado que Sam escutava, igualmente.

Encolhi-me de ombros. -Ela está trabalhando no Fangtasia, em Shreveport, e ela justamente quis minha aprovação.

Arlene cravou os olhos em mim. -Têm que registrar-se contigo, agora? Sookie, precisa fugir dos mortos e te envolver mais com os vivos.

Contemplei diretamente o passado. -Onde obtive uma idéia como essa? -Age como se não pudesse pensar por mim mesma.

Arlene nunca tinha tido um pensamento como esse em sua vida. O segundo nome de Arlene era tolerância, em sua maior parte porque ela era muito acomodada para tomar uma postura moral.

-Pois bem, estou surpresa,- falei, agudamente consciente de quão severamente tinha avaliado a alguém que sempre havia me olhando como uma amiga.

-Pois bem, estive indo à igreja com o Rafe Prudhomme.

Eu gostei de Rafe Prudhomme, um homem muito tranqüilo em seus quarenta anos que trabalhava para a Companhia de Títulos do Estado do Pelicano. Mas nunca tinha tido a possibilidade de chegar a conhecê-lo bem, nunca tinha ouvido seus pensamentos. Talvez esse tinha sido um engano. -Que tipo de igreja ele vai?- Falei.

-Ele é assiste a Irmandade do Sol, essa igreja nova.

Caiu minha alma aos pés, quase literalmente. Não me incomodei em apontar que a Irmandade era uma coleção de fanáticos que foram juntados pelo ódio e o medo.

-Não é realmente uma igreja, sabe. Há uma sede da Irmandade aqui?

-Medianamente-. Arlene apartou o olhar, o mesmo quadro da culpabilidade. -Sabia que você não gostava disso. Mas vi o Padre Riordan, o sacerdote católico, ali. Inclusive as pessoas ordenadas que pensam que está bem. Fomos a duas tardes dominicais.

-E você acredita nessas coisas?

Mas um dos clientes de Arlene gritou para ela, e ela esteve definitivamente contente de caminhar fora.

Meus olhos encontraram os de Sam, e nos vimos igualmente preocupados. A Irmandade do Sol era uma organização anti-vampiro, anti-tolerância, e sua influência se propagava. Uma certa quantidade dos enclaves da Irmandade não eram militantes, mas muitos deles pregavam ódio e medo em sua forma mais extrema. Se a Irmandade teve uma lista secreta de golpes, eu estava certamente nela. Os fundadores da Irmandade, Steve e Sarah Newlin, tinham sido desterrados de sua igreja mais lucrativa em Dallas porque eu tinha interferido com seus planos. Havia sobrevivido a um par de tentativas de assassinato após, mas estava sempre a

oportunidade que a Irmandade seguiria minha pista e me emboscaria. Tinham me visto em Dallas, tinham me visto no Jackson, e cedo ou tarde resolveriam quem era e onde vivia. Tinha suficiente do que me preocupar.

## CAPÍTULO 11

À MANHÃ SEGUINTE, Tanya apareceu em minha casa. Era domingo, e não trabalhava, e me sentia bastante alegre. Depois de tudo, Crystal estava curando, Quinn parecia gostar de mim, e não tinha ouvido mais do Eric, então talvez ele me deixaria tranqüila.

Tento ser otimista. O ditado favorito de minha avó da Bíblia era, "suficiente mal por um dia".

Ela tinha explicado que isso queria dizer que não se preocupe a respeito de manhã, ou a respeito de coisas que não pode trocar. Tratei de praticar essa filosofia, entretanto a maioria dos dias era difícil. Hoje era fácil.

As aves piavam, os insetos zumbiam, e o ar pesado em pólen estava cheio de paz como se fora emissão de outra planta. Estava sentada sobre o alpendre dianteiro com meu roupão rosa, bebendo meu café, escutando Car Talk no Rádio Red River, e me sentindo realmente bem, quando um pequeno Dodge Dart soprou acima de meu caminho de acesso. Não reconheci o carro, mas reconheci ao condutor. Toda minha tranqüilidade desapareceu em um sopro de suspeita. Agora que soube da proximidade de uma sede nova da Irmandade, a inquisidora presença da Tanya pareceu até mais suspeita.

Não estava encantada de vê-la em minha casa. A cortesia comum me proibiu advertir a ela completamente, sem mais provocação que tinha tido, mas não dei nenhum sorriso acolhedor quando baixei meus pés ao alpendre e me levantei.

-Bom dia, Sookie!- Ela chamou quando saiu de seu carro.

-Tanya,- falei, simplesmente para admitir a saudação.

Ela fez uma pausa na metade dos passos. -Hum, tudo bem?

Não falei.

-Deveria ter chamado primeiro, huh? - Ela tratou de ver-se atrativa e arrependida.

-Isso teria sido melhor. Eu não gosto das visitas não anunciadas.

-Sinto muito, prometo que chamarei a próxima vez.- Ela reatou seu progresso para os degraus. -Tem outra xícara de café?

Violei uma das regras mais básicas de hospitalidade. -Não, não esta manhã,- falei.

Fui até o alto dos degraus para bloquear seu passo para o alpendre.

-Booomm... Sookie,-disse ela, sua voz incerta. -Você na realidade é resmungona de manhã.

Olhei para baixo firmemente.

-Compreendo por que Bill Compton está saindo com alguém mais,- Tanya disse rindo um pouco. Ela soube imediatamente que tinha cometido um engano. -Sinto muito,- adicionou precipitadamente, -talvez não tive suficiente café. Não deveria haver dito isso. Essa Selah Pumphrey é uma cadela, huh?

Muito tarde agora, Tanya. Falei, -Pelo menos sabes onde estás parada com Selah-. Isso foi bastante claro, não? -Te verei no trabalho.

-Está bem. Chamarei a próxima vez, ouve?- Ela me deu um brilhante, sorriso oco.

-Te ouço-. A observei voltar para o pequeno carro. Ela me deu uma saudação alegre e, com uma grande quantidade de manobras adicionais, ela revolveu o Dodge e retornou para a estrada Hummingbird.

Observei ir, esperando até que o som do motor havia se desvanecido completamente antes de voltar a sentar. Deixei meu livro na mesa plástica ao lado de minha cadeira de grama e bebi o resto de meu café sem o prazer que tinha acompanhado a primeira deliciosa parte.

Tanya trazia algo entre mãos.

Ela virtualmente tinha um sinal de néon brilhando intermitentemente por cima de sua cabeça. Desejei que o sinal fosse suficientemente complacente para me dizer o que ela era, para quem trabalhava, e qual poderia ser sua meta, mas especulei que justamente teria que averiguar por mim mesma. Ia escutar sua cabeça em cada oportunidade que tivesse, e se isso não funcionasse- e algumas vezes não servia, não só porque ela era uma meta, mas também porque não pode fazer que as pessoas pensem a respeito do que você necessita delas, a demanda - teria que tomar uma ação mais drástica.

Não que estivesse segura do que isso seria.

O ano passado, em certa forma tinha assumido o papel de guardião do estranho em minha pequena esquina de nosso estado. Fui a garota do pôster da tolerância inter-espécies.

Tinha aprendido bastante sobre o outro universo, que rodeou à (em seu maior parte esquecida) raça humana. Foi um pouco bonito, conhecedora de coisas que outras pessoas não sabiam. Mas complicou minha vida já de por si difícil, e induziram a caminhos secundários perigosos entre os seres que desesperadamente queriam manter sua existência em segredo.

O telefone tocou dentro da casa, e me esforcei para sair de meus pensamentos desafortunados e atender-lo.

-Oi, bebê,- disse uma voz quente no outro extremo.

-Quinn,"- falei, fazendo tentando não soar muito feliz. Não que estivesse emotivamente investido neste homem, mas claro necessitava que ocorresse algo positivo agora mesmo, e Quinn era de uma vez formidável e atrativo.

-Como está?

-OH, estava sentada em meu alpendre dianteiro tomando café em meu roupão.

-Desejaria estar ai para tomar uma xícara contigo.

Hmmm. Desejo vão, ou sério “peça-me”

-Há suficiente na cafeteira,- falei cautelosamente.

-Estou em Dallas, ou estaria ai em um instante,- ele disse.

Desinflei-me. -Quando saiu?- Perguntei, porque essa pareceu a pergunta mais segura, menos bisbilhoteira.

-Ontem. Recebi uma ligação da mãe de um tipo que trabalha para mim de vez em quando. Ele abandonou na metade de um trabalho que estávamos fazendo em Nova Orleans, faz umas semanas. Estava bastante zangado com ele, mas não exatamente preocupado. É um tipo de flutuação livre, teve um montão de ferros no fogo por todo o país. Mas sua mamãe diz que ele ainda não retornou de qualquer lugar que fora, e ela acha que algo lhe ocorreu. Darei uma olhada em sua casa e vou passar através de seus arquivos para lhe dar uma mão, mas acredito que é uma rua sem saída. A pista parece ter acabado em Nova Orleans. Retornarei de carro para Shreveport amanhã. -Estará trabalhando?

-Sim, o turno cedo. Voltarei por volta das cinco.

-Então, posso me convidar a sua casa para o jantar? Levarei os bifés. Tem uma churrasqueira?

-De fato, sim. É bastante velha, mas funciona.

-Tem carvão?

-Tenho que dar uma olhada-. Não tinha cozinhado fora desde que minha avó havia morto.

-Não há problema. Levarei uma quantidade.

-Está bem,- falei. -Arrumarei todo o resto.

-Temos um plano.

-Te vejo as seis?

-Seis está bem".

-De acordo, adeus então.

Realmente, teria gostado de falar com ele mais tempo, mas não estava segura o que dizer, desde que nunca tinha tido a experiência de bate-papo muito sem valor com meninos. Minha carreira de saídas tinha começado o ano passado, quando tinha conhecido o Bill.

Tinha um montão para me atualizar. Não estava como, Lindsay Popken, quem tinha sido Srta. Bon Temps o ano que terminei o colégio. Lindsay podia reduzir os moços a idiotas babando incontroladamente e conservar indo detrás dela como hienas atordoadas. Tinha a observado nisso freqüentemente e ainda não podia entender o fenômeno. Nunca me pareceu que ela falasse de algo em especial. Inclusive tinha escutado seu cérebro, mas estava em sua maior parte cheio de ruído branco. A técnica de Lindsay, tinha concluído, era instintiva, e se apoiava em nunca dizer algo sério.

OH bom, basta de reminiscência. Entrei na casa para ver o que necessitava fazer ter tudo pronto para a visita do Quinn na seguinte tarde e fazer uma lista de compras necessárias. Foi uma forma feliz de gastar uma tarde dominical. Ia às compras.

Entre na ducha contemplando um dia apazível.

Um golpe em minha porta principal me interrompeu aproximadamente trinta minutos mais tarde quando estava pondo lápis labial. Desta vez olhei através do olho mágico. Caiu a minha alma aos pés. Entretanto, estava agradada de abrir a porta.

Uma familiar longa limusine preta estava estacionada na frente. Minha única experiência prévia com essa limusine me conduziu a esperar problemas e notícias desagradáveis.

O homem - o ser - parado de pé sobre meu alpendre dianteiro era o representante pessoal e advogado da rainha dos vampiros da Louisiana, e seu nome era Sr. Cataliades, ênfase na segunda sílaba. Quando tinha conhecido pela primeira vez ao Sr. Cataliades ele tinha vindo me avisar que minha prima Hadley estava morta, me deixando suas coisas. Não só Hadley tinha morrido, ela tinha sido assassinada, e o vampiro responsável tinha sido castigado apropriadamente ante meus olhos. A noite havia estado cheia de sacudidas múltiplas: Descobrir não só que Hadley tinha deixado este mundo, mas também ela o tinha deixado como um vampiro, e que ela tinha sido a favorita da rainha, em um sentido bíblico.

Hadley tinha sido um dos poucos membros restantes de minha família, e senti sua perda; ao mesmo tempo, tive que admitir que Hadley, em seus menores anos de idade, tinha sido a causa de muita pena para sua mãe e muita dor para minha avó. Se ela tivesse vivido, talvez ela teria tratado de compensar isso - ou talvez ela não. Ela não tinha tido a oportunidade.

Respirei profundamente. Abri a porta. "Sr. Cataliades," falei, sentindo meu ansioso sorriso esticar meus lábios pouco convincentemente. O advogado da rainha era um homem composto de círculos, sua cara redonda e sua barriga mais redonda, seus olhos com forma de miçanga e circulares e escuros. Não achava que ele fosse humano - ou possivelmente não totalmente humano - mas não estava segura do que ele poderia ser. Não um vampiro; aqui estava, a plena luz do dia. Não um lobato, ou meta; nenhum zumbido rodeando seu cérebro.

-Srta. Stackhouse,- ele disse, resplandecendo para mim. -Que prazer vê-la outra vez.

-A você também,- falei, mentindo através de meus dentes. Vacilei, repentinamente me sentindo dolorida e nervosa. Estava segura que Cataliades, como todos outros super que encontrei, saberia que estaria menstruada. Simplesmente grandioso.

-Quer entrar?

-Obrigado minha querida,- ele disse, e movi a um lado, enchi-me de dúvidas, de deixar a esta criatura entrar em minha casa.

-Por favor, tome assento,- falei, determinada a ser educada. -Querer uma bebida?

-Não, obrigado. Você parece estar em caminho a alguma parte-. Ele olhava à bolsa que tinha jogado em uma cadeira em meu caminho à porta.

De acordo, havia algo que não entendia, aqui.

-Sim,- falei, arqueando as sobrancelhas em averiguação. -Fazia planos de ir à loja de comestíveis, mas posso adiar isso por uma hora e pouco mais ou menos.

-Você não fez as malas para ir a Nova Orleáns comigo?

-O que?

-Você recebeu minha mensagem?

-Que mensagem?

Cravamos os olhos um no outro, mutuamente pasmados.

-Enviei um mensageiro a você com uma carta de meu escritório,- o Sr. Cataliades disse. -Ela deveria ter chegado aqui quatro noites atrás. A carta foi selada com magia. Ninguém mais que você a poderia abrir.

Neguei com a cabeça, minha expressão em branco lhe dizendo o que precisei dizer.

-Você diz que Gladíola não veio? Esperava que ela chegasse aqui a noite de quarta-feira, o mais tardar. Ela não teria vindo em um carro. Adora correr-. Ele sorriu simplesmente por um segundo. Mas então o sorriso desapareceu. Se tivesse piscado, teria perdido isso.

-A noite de quarta-feira,- ele apressou-me.

-Essa foi a noite que ouvi alguém fora da casa,- disse. Tremi, recordando o que tão tensa tinha sido essa noite. -Ninguém alcançou a porta. Ninguém tratou de entrar a força. Ninguém chamou em voz alta em minha busca. Houve só o sentido de algo movendo-se, e todos os animais caíram silenciosos.

Era impossível que alguém tão capitalista como o advogado sobrenatural se visse desconcertado, mas se viu muito prudente. Depois de um momento se levantou pesadamente e se inclinou ante mim, gesticulando para a porta. Fomos para fora. No alpendre dianteiro, ele se voltou para o carro e fez gestos.

Uma mulher muito parca se deslizou desde atrás do volante. Ela era menor que eu, talvez a inícios dos vinte. Como Sr. Cataliades, ela era só em parte humana. Seu cabelo vermelho escuro estava preso, sua maquiagem bem colocada. Até o traje notável da garota no Pelo do Cão empalideceu em contraste com o desta jovem. Trazia postas meias raiadas, alternando faixas de rosa e preto, e suas botas curtas eram pretas e de salto extremamente alto. Sua saia era transparente, preta, e franzida, e um objeto superior rosa.

Ela simplesmente me tirou o fôlego.

-Oi como estás?- Ela disse brilhantemente, seus dentes muito afiados e brancos que revelam um sorriso que um dentista se apaixonaria, justo antes de que ele perdesse um dedo.

-Olá,- falei. Tendi minha mão. -Sou Sookie Stackhouse.

Ela percorreu o trecho entre nós muito rapidamente, até nesses saltos ridículos. Sua mão era diminuta e ossuda. -É um prazer conhecê-la- ela disse.

-Diantha.

-Que nome bonito,- falei, depois que me figurei que não foi outra frase de deslocado.

-Obrigada.

-Diantha,- o Sr. Cataliades disse, -Necessito que realize uma busca para mim.

-Para encontrar o que?

-Tenho medo que andemos procurando os restos de Glad.

O sorriso caiu da cara da garota.

-Merda,- ela disse muito claramente.

-Não, Diantha,- o advogado disse. -Nenhuma merda.

Diantha se sentou na escada e tirou seus sapatos e suas meias raiadas. Não pareceu incomodá-la absolutamente que sem as meias, sua saia transparente não deixava nada para a

imaginação. Desde que a expressão do Sr. Cataliades não mudou no mais mínimo, decidi que poderia ser o suficientemente mundana para ignorá-lo, também.

Logo que ela reduziu a si mesmo, a garota se foi, movendo-se perto do chão de uma forma que me disse que ela era inclusive menos humana do que tinha estimado. Mas ela não se moveu como os lobatos que tinha observado, ou os meta-panteras.

Seu corpo pareceu dobrar-se e girar-se em uma forma que simplesmente não era mamífero.

O Sr. Cataliades a observou, suas mãos diante dele. Ele guardou silêncio, assim que eu, também. A garota saiu rapidamente ao redor do pátio como um colibri demente, vibrando apenas visivelmente com uma energia sobrenatural.

Com todo esse movimento, não pude ouvir fazer nem um som.

Não passou muito antes de que ela fizesse escala em uma aglomeração de arbustos no mesmo bordo do bosque. Agachou-se para olhar a terra, absolutamente calma.

Logo, sem olhar para cima, ela levantou sua mão como um menino escolar que havia descoberto a resposta correta.

-Vamos ver,- o Sr. Cataliades sugeriu, e em sua forma deliberada caminhou a grandes passos através do caminho de acesso, logo sobre a grama, para uma aglomeração de árvores da calçada ao bordo do bosque. Diantha não olhou para cima quando nos aproximamos, mas permaneceu enfocada em algo na terra detrás dos arbustos. Sua cara com lágrimas.

Tomei um fôlego profundo e olhei para baixo ao que mantinha sua atenção.

Esta garota tinha sido um pouco mais jovem que Diantha, mas ela também era magra e leve. Seu cabelo tinha sido tingido de ouro brilhante, em contraste bem definido com sua pele chocolate com leite. Seus lábios tinham ficado para trás na morte, dando a ela um gesto que revelou dentes tão brancos e afiados como os da Diantha. Por estranho que pareça, ela não pareceu tão mal pela intempérie como eu teria esperado, dando por feito que ela poderia ter estado aqui fora por vários dias. Havia só umas poucas formigas caminhando em cima dela, não a atividade usual de insetos... e ela não estava absolutamente tão mal para uma pessoa que tinha sido cortada em dois à altura da cintura.

Minha cabeça zumbiu por um minuto, e tive medo de cair sobre meus joelhos. Havia visto algumas coisas más, incluindo dois massacres, mas nunca tinha visto alguém dividido como esta garota tinha sido. Podia ver suas vísceras. Não se pareciam com as vísceras humanas. E pareceu que as duas metades tinham estado separadamente cauterizadas. Houve muito pouca fuga.

-Cortada com uma espada afiada,- o Sr. Cataliades disse. -Uma espada muito boa.

-O que faremos com seus restos?- Perguntei. -Posso trazer uma manta velha-. Soube sem até perguntar que não chamaríamos à polícia.

-Temos que queimá-la,- disse o Sr. Cataliades. -por ali, no cascalho de sua área de estacionamento, Srta. Stackhouse, seria mais claro. Você não está esperando qualquer visita?

-Não,- falei, comocionada em muitos níveis. -Sinto muito, por que deve ser...queimada?

-Nada comerá a um demônio, ou sequer um meio demônio como Glad ou Diantha,- ele disse, como se explicasse que o sol se levanta pelo leste.

-Nem mesmo os insetos, como você vê. A terra não a assimilará, como faz com os humanos.

-Você não a quer levar a sua casa? A sua gente?

-Diantha e eu somos sua gente. Não é nosso costume retornar os mortos ao lugar onde viviam.

-Mas o que a matou?

O Sr. Cataliades arqueou uma sobrancelha.

-Não, está claro, ela foi morta por algo atravessando seu centro, vejo isso! Mas o que esgrimiu a folha?

-Diantha, o que você acha? O Sr. Cataliades disse, como se ele conduzisse uma classe.

-Algo realmente, realmente forte e enganoso- Diantha disse. -aproximou-se de Gladíola, e ela não era tola. Não somos fáceis de matar.

-Não vi sinal da carta que ela levava, tampouco-. O Sr. Cataliades se agachou e olhou fixamente a terra. Logo se endireitou.

-Você tem lenha, Srta. Stackhouse?

-Sim senhor, há um pouco de carvalho dividido na parte traseira pelo galpão-. Jason tinha Cortado em pedaços algumas árvores que a última tormenta de gelo havia derrubado.

-Você necessita fazer a bagagem, minha querida?

-Sim,- falei, quase também afligida para responder. -O que? Para que?

-A viagem para Nova Orleans. Você pode ir agora, ou não?

-Eu... suponho que sim. Terei que perguntar a meu chefe.

-Então Diantha e eu nos encarregaremos disto enquanto que você está obtendo permissão e fazendo a bagagem,-disse o Sr. Cataliades, e pisquei.

-Bem,- falei. Não me pareceu poder pensar muito claramente.

-Logo precisamos sair com destino a Nova Orleans,- ele disse. -Tinha pensado que você estaria pronta. Pensei que Glad ficou lhe ajudando.

Voltei meu olhar fixo do corpo para ficar olhando acima ao advogado. -Não estou entendendo isto,- falei. Mas lembrei algo. -Meu amigo Bill queria ir a Nova Orleans quando eu fosse limpar o apartamento do Hadley,- falei. -Se ele puder, se ele pode arrumar, estaria bem para você?

-Você quer que Bill vá,- ele disse, e houve um tintura de surpresa em sua voz. -Bill desfruta do favor da rainha, assim é que não me importaria se ele vier.

-Está bem, terei que me pôr em contato com ele quando chegar a noite,- falei.

-Espero que ele esteja na cidade.

Podia ter chamado ao Sam, mas quis ir a alguma parte fora do enterro estranho em meu caminho de acesso. Quando parti, Sr. Cataliades carregava fora do bosque o corpo pequeno e frouxo. Ele tinha a metade de abaixo.

Uma Diantha silenciosa enchia um carrinho de mão de madeira.

## CAPÍTULO 12

-SAM,- FALEI, conservando minha voz baixa, -Necessito alguns dias livres. Quando tinha batido em sua porta do reboque, tinha estado surpreendida de encontrar que tinha convidados, embora tinha visto os outros veículos estacionados frente ao do Sam.

JB du Rone e Andy Bellefleur estavam sentados no sofá do Sam com batatas fritas, e cerveja acomodados na mesinha de café. Sam estava encarregado de um afiançando ritual macho.

-Vendo esportes?- Adicionei, tentando não soar assombrada. Fiz gestos com as mãos sobre o ombro do Sam para o JB e Andy, e fizeram gestos com as mãos de volta: JB com entusiasmo, e Andy menos feliz. Se puder dizer que um gesto com a mão é ambivalente, isso foi o que ele fez.

-Hum, bom, basquete. LSU joga... OH, bem. Necessita tempo livre agora mesmo?

-Sim,- falei. -É um tipo de emergência.

-Pode-me contar sobre isso?

-Tenho que ir a Nova Orleans para limpar o apartamento de minha prima Hadley,- falei.

-E isso tem que ser justo agora? Sabe que Tanya é nova ainda, e Charlsie justamente abandonou, diz que para sempre. Arlene não é tão confiável como estava acostumado a ser, e Holly e Danielle estão ainda bastante aterrorizadas do incidente da escola.

-Sinto muito,- falei. -Se quer me deixar ir e chamar alguém mais, entenderei-. Dizer isso Quebrou meu coração, mas para ser justa com o Sam, tinha que fazê-lo.

Sam fechou a porta do reboque detrás dele e saiu um momento ao alpendre. Ele se viu ferido.

-Sookie,- ele disse, depois de um segundo, -você foi completamente confiável nestes cinco anos. Você só pediu tempo livre duas ou três vezes no total. Não vou te despedir porque necessita alguns dias.

-OH. Pois bem, bem-. Poderia sentir minha cara se avermelhar. Não estava acostumada aos louvores. -A filha da Liz poderia te ajudar.

-Chamarei o seguinte na lista,- ele disse brandamente. -Como está indo a Nova Orleans?

-Me levam.

-Quem?- Ele perguntou, sua voz tenra. Ele não queria que eu ficasse louca por meter-se em meus assuntos. (Poderia dizer um tanto assim.)

-O advogado da rainha,- falei, em uma voz até mais quieta. Entre tantos tolerantes de vampiros em geral, os cidadãos de Bon Temps poderiam ficar um pouco excitáveis se soubessem que seu estado tinha uma rainha vampiro, e que seu governo secreto os afetava de muitas formas. Por outra parte, dado o descrédito dos políticos de Louisiana, justamente poderiam pensar que era o mesmo assunto.

-Vai limpar o apartamento de Hadley?

Tinha contado ao Sam sobre a segunda, e final, morte de minha prima.

-Sim. E preciso me inteirar do que fora que ela me deixou.

-Isto parece realmente repentino-. Sam se viu preocupado. Ele correu uma mão sobre seu cabelo de ouro vermelho encaracolado até que parou em sua cabeça como um halo selvagem. Necessitava um corte de cabelo.

-Sim, para mim também. O Sr. Cataliades tratou de me dizer mais cedo, mas o mensageiro foi morto.

Ouvi o Andy gritando à televisão quando alguma grande jogada levantou excitação.

Estranho, que nunca tinha pensado no Andy como um tipo esportivo, ou JB tampouco, respeito a isso. Nunca tinha somado todo o tempo que tinha ouvido os homens pensando a

respeito de assistências e ponteiros quando as mulheres com eles falavam da necessidade de novas cortinas de cozinha ou o mau rendimento do Rudy em álgebra. Quando o considerei, perguntei-me se o propósito dos esportes não era dar a os tipos uma alternativa segura a assuntos mais espinhosos.

-Não deveria ir,- Sam disse instantaneamente. -Soa como se poderia ser perigoso. Encolhi-me de ombros.

-Tenho que ir,- falei. -Hadley me deixou isso; tenho que fazê-lo -. Estava longe de estar tão calma como tratava de me ver, mas não pareceu que serviria de algo recuar e gritar a respeito disso.

Sam começou a falar, logo reconsiderou. Finalmente, ele disse,

-Trata-se de dinheiro, Sook? Necessita o dinheiro que ela te deixou?

-Sam, não sei se Hadley tinha um centavo a seu nome. Ela era minha prima, e tenho que fazer isto por ela. Além disso..-". Estava ao bordo de lhe dizer que a viagem a Nova Orleans tinha que ser importante de algum modo, desde que alguém tentava tão duramente para me liberar de ir.

Mas Sam tendia a ser apreensivo, especialmente se eu estava envolvida, e não quis preocupá-lo quando nada do que ele poderia dizer me dissuadiria de ir. Não penso a respeito de mim mesma como uma cabeça dura, mas acreditava que este era o último serviço que poderia realizar para minha prima.

-O que acha a respeito de levar ao Jason?- Sam propôs, tomando minha mão. -Ele era o primo do Hadley, também.

-Evidentemente, ele e Hadley estavam afastados no fim,- falei. -Por isso é que ela me deixou suas coisas. Além disso, Jason tem bastante em seu prato agora mesmo.

-O que, algo além de dar continuamente ordens ao Hoyt e judiando a cada mulher que se levanta?

Cravei os olhos no Sam. Tinha sabido que ele não era um grande admirador de meu irmão, mas não tinha sabido que sua aversão fosse tão intensa.

-Sim, realmente,- falei, minha voz tão fria e cristalizada como uma jarra grande de cerveja. Não estava a ponto de explicar o parto difícil da namorada de meu irmão enquanto estava de pé sobre sua soleira, especialmente dado o antagonismo do Sam.

Sam apartou o olhar, negando com a cabeça com repugnância com si mesmo. -Sinto muito, Sookie, eu realmente sinto. Justamente acho que Jason deveria prestar mais atenção à única irmã que tem. Seu lhe é tão leal.

-Pois bem, ele não deixaria que nada me acontecesse,- falei, desconcertada. -Jason sairia em minha defesa.

Antes de que Sam dissesse, "Claro está," percebi a sombra de dúvida em sua mente.

-Tenho que fazer as malas,- falei. Odiei partir dando meia volta. Não importa seus sentimentos para o Jason, Sam era importante para mim, e deixar com esta infelicidade entre nós me sacudiu um pouco. Mas poderia ouvir os homens rugindo por alguma jogada dentro do reboque, e soube que tinha que deixar voltar a seus convidados e seu prazer da tarde de domingo. Ele me deu um beijo na bochecha.

-Me chame se me necessitar,- ele disse, e ele olhou como se quisesse dizer muito mais. Inclinei a cabeça, parti dando meia volta, e fui descendo as escadas a meu carro.

-Bill, você disse que queria ir a Nova Orleans comigo quando fosse para fechar o apartamento de Hadley?- Finalmente era de noite, e pude chamar o Bill. Selah Pumphrey tinha atendido o telefone e tinha chamado o Bill para falar comigo com uma voz muito fria.

-Sim.

-O Sr. Cataliades está aqui, e ele quer sair realmente em pouco tempo.

-Poderia ter me dito antes, quando soube que ele vinha. Mas Bill não souou verdadeiramente zangado, ou até assombrado.

-Ele enviou a um mensageiro, mas ela foi morta em meu bosque.

-Você encontrou o corpo?

-Não, uma garota que veio com ele o fez. Diantha é seu nome.

-Logo foi Gladíola quem morreu.

-Sim,- falei, assombrada. -Como sabe?

Bill disse, -Quando entra em um estado, é educado registrar-se com a rainha ou o rei se fica por qualquer quantidade de tempo. Vi as garotas de vez em quando, já que trabalham como mensageiras da rainha.

Olhei o telefone em minhas mãos com tanta concentração como se tivesse sido a cara do Bill. Não pude evitar uma rápida sucessão de vários pensamentos. Bill vagava em meu bosque... Gladíola tinha sido morta em meu bosque. Ela tinha sido assassinada silenciosamente, eficazmente e exatamente, por alguém bem versado no conhecimento geral e popular sobre o tópico do sobrenatural, alguém que tinha sabido usar uma espada afiada, alguém que tinha sido o suficientemente forte para varrer uma espada a través do corpo inteiro de Gladíola.

Estas eram as características de um vampiro - mas podiam corresponder a qualquer número de criaturas sobrenaturais.

Para aproximá-lo suficientemente perto para esgrimir a espada, o assassino tinha sido super rápido ou se veria muito inócuo. Gladíola não tinha suspeitado que ela ia ser morta.

Talvez ela tinha conhecido ao assassino.

E a forma em que o corpo pequeno de Gladíola tinha sido deixado, jogado para dentro dos arbustos descuidadamente ... o assassino não tinha se importado se encontrava seu corpo ou não, embora é obvio que a falta demoníaca de putrefação tinha jogado um papel ali.

Seu silêncio foi tudo o que o assassino tinha querido. Por que ela tinha sido assassinada? Sua mensagem, se obtinha a história completa do pesado advogado, simplesmente tinha sido para que eu me prepare para minha viagem a Nova Orleans.

Ia, de qualquer maneira, embora ela não tinha tido possibilidade de entregá-lo.

O que tanto tinha sido ganho silenciando-a? Dois ou três dias mais de ignorância de minha parte? Não me pareceu que essa fosse muita motivação.

Bill estava esperando que eu acabasse a longa pausa em nossa conversa, uma das coisas que sempre tinha gostado a respeito dele. Ele não sentiu a necessidade de encher pausas coloquiais.

-Queimaram-na no caminho de acesso,- falei.

-É obvio. É a única forma desfazer-se de algo com sangue de demônio, - Bill disse, mas distraidamente, como se ele tivesse estado pensando pensamentos profundos a respeito de alguma outra coisa.

-É obvio? Como se supõe que eu saberia isso?

-Pelo menos sabe agora. Os insetos não os morderão, seus corpos não se corromperão, e o sexo com eles é corrosivo".

-Diantha parece tão vivaz e obediente.

-É obvio, quando ela está com seu tio".

-O Sr. Cataliades é seu tio,- falei. -É tio do Glad, também?

-OH, sim. Cataliades é em sua maior parte demônio, mas seu meio irmão Nergal é um demônio completo. Nergal teve vários meninos meio humanos. Todos com mães diferentes, obviamente.

Não estava claro por que isso era tão óbvio, e não estava a ponto de lhe perguntar.

-Você deixa a Selah escutar tudo isto?

-Não, ela está na ducha banhando-se.

Certo, segui sentindo ciúmes. E inveja: Selah tinha o luxo da ignorância, enquanto que eu não. Que agradável era o mundo quando não conhecia o lado sobrenatural da vida.

Claro. Logo você somente tinha que preocupar-se com carestia, guerra, assassinos em série, SIDA, tsunamis, velhice, e o vírus Ébola.

-Isso, Sookie,- disse para mim mesma, e Bill disse, -Me perdoa?

Estremeci. -Escuta, Bill, se quer ir a Nova Orleans comigo e o advogado, vêm aqui nos seguintes trinta minutos. De outra maneira, assumirei que tem algo melhor que fazer. Desliguei o telefone. Tinha todo um passeio em carro até ao Grande Tranquilo para pensar a respeito de tudo isto.

-Estará aqui, ou não, nos seguintes trinta minutos,- disse fora da porta principal ao advogado.

-É bom ouvi-lo,- o Sr. Cataliades respondeu. Ele permanecia perto da Diantha enquanto ela regava com uma mangueira a fumaça negra fora de meu cascalho.

Trotei de volta a meu quarto e empacotei minha escova de dentes. Baixei correndo por minha lista de comprovação mental. Tinha deixado uma mensagem na secretária eletrônica do Jason, tinha perguntado a Tara se importava sair correndo para pegar meu correio e meus papéis todos os dias, tinha regado minha poucas plantas de dentro (minha avó acreditava que as plantas, como as aves e os cães, pertenciam fora; ironicamente, pus algumas plantas para dentro quando ela morreu, e me esforçava para mantê-las vivas).

Quinn!

Ele não estava com seu telefone celular, ou não o respondia, de todos os modos.

Deixei uma mensagem no correio de voz. Era só nosso segundo encontro, e tínhamos que cancelar.

Custou-me pensar exatamente o que lhe dizer. -Tenho que ir a Nova Orleans para limpar o apartamento de minha prima,- falei. -Ela viveu no Chloe Street, e não sei se tem um telefone ou não. Assim é que acho que te chamarei quando retornar? Lamento que nossos planos tenham mudado-. Esperei que ao menos ele pudesse dizer que lamentei genuinamente não poder jantar com ele.

Bill chegou justo quando carregava minha bolsa no carro. Ele tinha uma mochila, o qual pareceu-me engraçado. Suprimi meu sorriso quando vi sua cara. Até para um vampiro, Bill se viu pálido e desenhado. Ele me ignorou.

-Cataliades,- ele disse, com uma inclinação de cabeça. -Viajarei com você, se isso está bem para você. Lamento sua perda-. Ele inclinou a cabeça para a Diantha, quem alternava monólogos largos, furiosos em um idioma que não entendi com o tipo de olhar fixo de cara congelada que associei com sacudida profunda.

-Minha sobrinha morreu uma morte inoportuna,- Cataliades disse, em sua forma deliberada. - Ela não vai sem ser vingada.

-Claro que não,- Bill disse, em sua voz fresca. Enquanto Diantha pôs em contato o automóvel, Bill se moveu à parte de atrás do carro para lançar sua mochila em sua profundidade. Fechei minha porta principal detrás de mim e me apressei descendo as escadas para jogar minha bolsa com o dele. Vi momentaneamente sua cara antes que ele registrasse minha aproximação, e esse vislumbre me estremeceu.

Bill se via desesperado.

## CAPÍTULO 13

HOUVE MOMENTOS do passeio no carro para o sul quando senti como compartilhar todos meus pensamentos com meus companheiros. O Sr. Cataliades conduziu por um par de horas, e logo Diantha levou o volante. Bill e o advogado não eram conversadores, e me preocupei de muitas coisas para o bate-papo social, assim é que fomos um grupo silencioso.

Estava tão cômoda como nunca tinha estado em um veículo. Tinha o assento que olha para a parte posterior tudo para mim mesma, enquanto Bill e o advogado se sentaram à frente. A limusine era a última palavra em luxo automotor, ao menos a meus olhos.

Estofada em couro e acolchoada ao enésimo grau, a limusine tinha em seu haver lotes de espaço para as pernas, garrafas de água e sangue sintético, e uma cesta pequena de sanduíches. O Sr. Cataliades foi real carinhoso do Cheetos.

Fechei meus olhos e pensei por algum momento. O cérebro do Bill, naturalmente, era nulo para mim, e o cérebro do Sr. Cataliades quase. Seu cérebro emitiu um zumbido de sob nível que era quase sossegador, enquanto a mesma emanção, do cérebro da Diantha, vibrou em um tom superior. Tinha estado ao bordo de um pensamento quando tinha estado falando com o Sam, e quis segui-lo enquanto ainda poderia agarrar sua cauda. Uma vez que o tinha trabalhado, decidi compartilhá-lo.

-Sr. Cataliades,- falei, e o homem grande abriu seus olhos. Bill já me tinha à vista. Algo aproximava na cabeça do Bill, algo estranho. -Você sabe, essa quarta-feira, a noite que sua garota apareceria em minha soleira, ouvi algo no bosque.

O advogado inclinou a cabeça. Bill inclinou a cabeça.

-Assim é que assumimos que essa foi a noite que ela foi morta.

Outra vez inclinações de cabeça do dobro.

-Mas por que? Quem quer que o fez teve que saber que cedo ou tarde você me contataria, ou me visitaria, para averiguar o que aconteceu. Até se o assassino não soube que mensagem Gládiola trazia, imaginariam que sentiriam falta dela mais cedo ou mais tarde.

-Isso é razoável,- o Sr. Cataliades disse.

-Mas na noite da sexta-feira, fui atacada em um estacionamento em Shreveport.

Tirei proveito dessa declaração, posso dizer. Se tivesse ligado a ambos homens a uma máquina de eletro-choque e lhes tivesse dado uma descarga, a reação não poderia ter sido mais dinâmica.

-Por que não me disse? -Bill exigiu. Seus olhos resplandeciam com cólera, e suas presas estavam fora.

-Por que deveria? Não saímos mais. Não vemos um ao outro regularmente.

-É este seu castigo para mim por sair com mais alguém, me deixando fora de algo tão sério?

Até em minhas fantasias mais descabeladas (que tivesse incluído cenas tais como Bill terminando com o Selah no Merlotte's, e sua subsequente confissão pública a mim que Selah nunca tinha estado nem perto de meus encantos), nunca tinha visualizado tal reação.

Embora estava muito escuro no interior do carro, pensei ter visto o Sr. Cataliades pôr os olhos em branco. Talvez ele pensou que isso foi o máximo, também.

-Bill, nunca me propus te castigar,- falei. Pelo menos não o pensei. -Justamente não compartilhamos detalhes de nossas vidas mais. Realmente, tinha saído em um encontro quando o ataque ocorreu. Acho que estou acostumada que nós não somos parte da paisagem.

-Quem era seu encontro?

-Não acredito que seja de seu interesse, mas é do caso para o resto da história. Estou saindo com o Quinn". Tínhamos tido um encontro e planejado outra. Isso conta como "estar saindo," não?

-Quinn o tigre,- Bill disse inexpressivamente.

-Tiro o chapéu para você, senhorita!- O Sr. Cataliades disse. -Você é valente e de discernimento.

-Realmente não peço aprovação,- falei tão neutralmente como poderia dirigir. -Ou desaprovação, respeito a isso-. Agitei minha mão para demonstrar que o tema estava fora da mesa. -Aqui há algo que quero que você saiba. Os assaltantes foram lobisomens muito jovens.

-Lobisomens,- Sr. Cataliades disse. Enquanto aceleramos através da escuridão, não poderia decifrar sua expressão ou sua voz. -Que tipo de lobisomem?

Boa pergunta. O advogado era muito preparado. -Lobisomens mordidos,- falei. -E acredito que estavam drogados, também-. Isso lhes deu pausa.

-O que aconteceu durante o ataque e depois?- Bill disse, rompendo um longo silêncio. Descrevi o ataque e sua seqüela.

-Assim é que Quinn te levou ao Pelo do Cão,- Bill disse. -Pensou que essa era uma resposta apropriada?

Podia dizer que Bill estava furioso, mas como sempre, não soube por que.

-Pôde ter sortido efeito,- Cataliades disse. -Considere. Nada mais lhe há ocorrido, aparentemente a ameaça do Quinn jogou raízes.

Tentei não dizer -Huh?- Mas adivinHO que os olhos de vampiro de Bill podiam ver em minha cara.

-Ele os desafiou,- Bill disse, soando até mais frio que o usual.

-Ele lhes disse que você estava sob seu amparo, e os preveniu de machucá-la ou colocá-la em perigo. Ele os acusou de estar atrás do ataque, ao mesmo tempo que os recordou que até se eles não souberam nada disso, eram responsáveis por trazer o que planejou isso à justiça.

-Entendi isso no momento,- falei pacientemente. -E acho que Quinn estava lhes advertindo, não desafiando-os. Grande diferençia. O que não entendo é... nada deveria ocorrer na manada sem conhecimento do Patrick Furnan, correto? Desde que ele é o grande líder agora. Por que não ir direito ao Patrick? Por que ir ao buraco úmido local?

-Pergunta muito interessante,- Cataliades disse. -Qual seria sua resposta, Compton?

-A que brota ao pensar que... Quinn poderia saber que ali há uma rebelião fumegando contra Furnan. Jogou combustível deixando os rebeldes saber que Furnan está tratando de matar a uma amiga da manada.

Não falamos de exércitos aqui. Poderia haver trinta e cinco membros da manada, talvez um pouco mais com técnicos da Base Aérea Barksdale acrescentados. Se requereria só a cinco pessoas para fazer uma rebelião.

-Por que não o tiram simplesmente?- Perguntei. Não estou politicamente entendida, como especulo que pode notar.

O Sr. Cataliades me sorria. Estava obscuro no carro, mas justamente o soube.

-Tão direta, tão clássica,- ele disse. -Tão Americana. Senhorita Stackhouse. É assim: Os Lobatos podem ser selvagens, OH sim! Mas eles têm regras. A pena por matar ao packmaster, exceto pela provocação manifesta, é morte.

-Mas quem, ah, promulgaria essa pena, se a manada guardar em segredo o assassinato?

-A menos que a matilha esteja disposta a matar à família inteira Furnan, penso que à família Furnan daria muito gosto revelar informação à hierarquia lobato do assassinato do Patrick. Agora talvez você conheça os Lobatos de Shreveport melhor que a maioria. Há assassinos cruéis entre eles aos que não lhes importaria matar à esposa do Furnan e seus meninos?

Pensei a respeito da Amanda, Alcide, e Maria-Estrela.

-Esse é um caldeirão inteiramente diferente. Vejo isso.

-Agora vampiros, você encontraria muitos mais dispostos a esse tipo de traição,- o advogado disse. - Você não acha que é sim, Sr. Compton?

Houve um silêncio curioso. -Os vampiros têm que pagar um preço se matarem a outro vampiro,- Bill disse rigidamente.

-Se estão filiados com um clã,- o Sr. Cataliades disse brandamente.

-Não sabia que os vampiros tivessem clãs,- falei. Aprendendo algo novo todo o tempo, essa sou eu.

-É um conceito medianamente novo. É uma tentativa de regularizar o mundo vampiro assim é que se vê mais saboroso para os humanos. Se o americano modelo o aceita, o mundo vampiro lhe parecerá uma corporação multinacional enorme mais que uma coleção amplamente regrada de parasitas sociais cruéis.

-Perca uma parte da cor e a tradição, aumente uma certa quantidade das lucros,- queixei-me. -Como Wal-Mart versus o Hardware Do Centro da cidade de Papai.- O Sr.Cataliades riu.

-Você está certa, Srta. Stackhouse. Exatamente. Tem desses em ambos os acampamentos, e a de cima a que assistiremos em algumas semanas terá este item a grande altura na ordem do dia.

-Pondo à parte algo que vai tomar lugar dentro de semanas e retornando a algo um pouco mais no tema, por que Patrick Furnan trataria de me matar? Não gosta de mim, e ele sabe que daria apoio ao Alcide se tivesse que tomar uma decisão entre eles, mas o que? Não sou importante. Por que ele planejaria tudo isto - encontrar os dois jovens que o fariam, os mordeu, enviá-los detrás de mim e Quinn - se não haver alguma retribuição grande?

-Você tem a habilidade para fazer boas perguntas, Srta. Stackhouse. Desejaria que minhas respostas fossem tão boas.

Pois bem, eu também posso manter em privado meus pensamentos se não ia conseguir qualquer informação de meus companheiros.

A única razão para matar a Gladíola, ao menos a única razão que este humano direto podia ver, foi demorar minha recepção da mensagem que devia estar pronta para ir a Nova Orleans. Também, Gladíola haveria provido algum amortecedor entre eu e algo que veio detrás de mim, ou pelo menos ela teria estado mais alerta para o ataque.

Como foi, ela tinha estado jazendo morta no bosque quando tinha saído em meu encontro com o Quinn. Whoa. Como os jovens lobos ficaram sabendo onde me encontrar?

Shreveport não é tão grande, mas você não poderia proteger cada estrada no povoado esperando que eu passasse. Por outra parte, se um lobisomem tinha avistado a Quinn e a mim entrando no teatro, teriam sabido que estaria ali por um par de horas, e isso dava o tempo suficiente para arrumar algo.

Se este cérebro professor tinha sabido até mais cedo, teria estado mais fácil... se alguém, tivesse sabido de antemão que Quinn tinha me convidado a ir ao teatro.

Quem tinha sabido que tinha um encontro com o Quinn? Pois Bem, Tara: Havia dito a ela quando comprei meu traje. E o tinha mencionado ao Jason, pensei, quando o tinha chamado para saber a respeito de Crystal. Havia dito a Pam que tinha um encontro, mas não recordava dizer a ela onde ia.

E então ali estava Quinn por si mesmo.

Estava tão afligida por esta idéia que tive que suprimir as lágrimas. Não era como se conhecesse o Quinn tão bem ou pudesse julgar seu caráter apoiado no tempo que havia passado com ele... tinha aprendido nos passados poucos meses que realmente não se podia conhecer alguém tão rapidamente, que conhecer o caráter verdadeiro de uma pessoa podia levar anos. Tinha estremecido profundamente, desde que estou acostumada a conhecer as pessoas muito bem, muito depressa. Conheço-os melhor do que alguma vez suspeitam.

Mas cometer enganos sobre o caráter de alguns super-naturais tinha me deixado emotivamente abatida. Usava minha telepatia para a valoração rápida, me fazia ingênua e descuidada.

Agora estava rodeado de tais criaturas.

Me aconcheguei em um canto do assento largo e fechei meus olhos. Tinha que estar em meu mundo por algum momento, sem ninguém mais dentro. Fiquei dormida no carro escuro, com um semi-demônio e um vampiro sentados em frente de mim e um meio demônio no assento do condutor.

Quando despertei, tinha minha cabeça no colo do Bill. Sua mão acariciava meu cabelo amavelmente, e o toque familiar de seus dedos me trouxe paz e um paixão desse sentimento sensual que Bill sempre tinha podido excitar em mim.

Tomou um segundo recordar onde estávamos e o que estávamos fazendo, e então me pus direita, piscando e despenteada. O Sr. Cataliades estava ainda no assento oposto, e pensei que ele estava dormido, mas era impossível estar segura. Se ele houvesse sido humano, eu saberia.

-Onde estamos?- Perguntei.

-Quase ali,- Bill disse. -Sookie...

-Hmm?- Me espreguicei, bocejei e desejei uma escova de dentes.

-Te ajudarei a passar através do apartamento de Hadley se você quiser.

Tive o pressentimento que ele havia mudado de idéia a respeito do que ia dizer, no último momento.

-Se necessitar ajuda, sei onde ir,- respondi. Isso deveria ser o suficientemente ambíguo. Começava a ter um mau pressentimento poderoso sobre o apartamento de Hadley.

Talvez o legado de Hadley para mim era algo mais assim como uma maldição que uma bênção. Mas ela com mordacidade tinha excluído ao Jason, porque havia falhado com ela quando tinha necessitado ajuda, assim é que Hadley provavelmente tinha querido que seu legado seja algo pelo que estar agradecida. Por outra parte, Hadley tinha sido um vampiro, não um humano, e isso a teria mudado. OH, bravo.

Olhando pela janela, poderia ver faróis e alguns outros automóveis movendo-se através da escuridão. Chovia, e eram quatro da manhã. Perguntei-me se havia um IHOP em qualquer lugar perto. Tinha ido a um, uma vez. Tinha sido maravilhoso. Isso havia estado em minha viagem prévia a Nova Orleans, quando tinha estado em escola secundária.

Tínhamos ido ao aquário e ao museu do escravo e a igreja no Jackson Square, a Catedral St. Louis. Tinha sido algo lindo de ver, algo novo, para pensar a respeito de toda a gente que tinha atravessado a mesma área, como deveram ver-se com as roupas de seu tempo. Por outra parte, uma telepata com má blindagem não vai ter um bom momento com um montão de adolescentes.

Agora meus companheiros eram muito menos fáceis de ler, e muito mais perigosos. Estávamos em uma rua residencial tranqüila quando a limusine se aproximou de uma sarjeta e parou.

-O apartamento de sua prima,- Sr. Cataliades disse enquanto Diantha abria a porta.

Estava fora e na calçada enquanto o Sr. Cataliades se retorceu a si mesmo na posição correta para sair, e Bill ficou obstruído detrás dele.

Estava enfrentando uma parede de seis pés com uma abertura para o caminho de acesso. Era difícil de saber, no resplendor incerto de um farol, o que havia dentro, exceto que pareceu ser um pátio pequeno com um passeio circular de carros muito ajustado.

Na metade do caminho havia uma explosão de verdor, embora não poderia perceber as plantas individuais. Na esquina diretamente dianteira havia um abrigo para ferramentas. Havia um edifício de duas histórias formando uma L. Para aproveitar a profundidade do lote, o edifício estava orientado com a L investida. Bem ao lado jazia um edifício similar, ao menos tanto como podia dizer. O do Hadley era pintado de branco, com venezianas verdes escuras.

-Quantos apartamentos há aqui, e qual é o do Hadley?- Perguntei ao Sr. Cataliades, quem jogava vapor detrás de mim.

-Ali está o andar mais baixo, onde vive o dono, e o andar alto, que é seu agora portanto tempo como você o queira. A Rainha esteve pagando o aluguel até que a testamentária fosse validada. Ela pensou que era justo por Hadley fazer isso-. Até para o Sr. Cataliades, este foi um discurso formal.

Minha reação foi muda por meu cansaço excessivo, e só poderia dizer,

-Não posso pensar por que ela justamente não colocou as coisas de Hadley em um armazenamento. Poderia ter passado procurando tudo em um desses apartamentos de aluguel-.

-Você se acostumará ao estilo em que a rainha faz as coisas- ele disse.

Não tinha algo para dizer a respeito. -Por agora, você justamente pode me mostrar como entrar no apartamento de Hadley, assim posso desfazer as malas e dormir um pouco?

-Claro, claro. E o amanhecer está chegando, assim que o Sr. Compton precisa ir ao quartel geral da rainha para ganhar um refúgio pelo dia-. Diantha já estava nas escadas, o que eu também poderia fazer. Se curvavam acima da parte que curta da L, o qual jazia na parte de atrás do lote.

-Aqui está sua chave Senhorita Stackhouse. logo que Diantha baixe, a deixaremos. Você pode encontrar ao dono amanhã.

-Claro,- disse, e andei com passo pesado subindo as escadas, agarrando o corrimão de ferro forjado. Isto não foi o que eu tinha visualizado absolutamente.

Pensei que Hadley teria um lugar como um dos apartamentos nos Braços do Martín Pescador, o único edifício de apartamentos em Bon Temps. Isto era como uma pequena mansão. Diantha tinha posto minha bolsa esportiva e meu leva-tudo grande em uma das duas portas no segundo andar. Havia uma galeria larga coberta correndo debaixo das janelas e as portas do segundo andar, que proveria de sombra para as pessoas sentadas dentro na planta baixa. A magia tremeu ao redor de todas essas portas-janelas e as portas. Reconheci o aroma e a percepção da magia, agora. O apartamento tinha sido selado com mais que ferrolhos.

Balancei a chave em minha mão.

-A reconhecerá,- chamou o advogado do pátio. Assim é que destranquei a porta com mãos desastradas, e empurrei a porta. O ar quente saiu rapidamente para me encontrar. Este apartamento tinha estado fechado por semanas. Perguntei-me se alguém tinha entrado para arejá-lo. Não cheirou ativamente mal, justamente a rançoso, assim é que soube que o sistema de controle de clima tinha sido deixado aceso. Andei devagar até o interruptor da luz mais próximo, um abajur em um pedestal coroadado em mármore à direita da porta. Lançou uma piscina de luz de ouro nos pisos destilastes de madeira dura e antiga mobília faux (pelo menos eu assumi que era faux). Dava outro passo dentro do apartamento, tratando de imaginar a Hadley aqui, Hadley que havia trazido posto lápis labial preto para sua foto de graduação e comprava seus sapatos no Payless.

-Sookie,- Bill disse detrás de mim, a maneira de me deixar saber que ele estava de pé fora do portal. Não lhe disse que podia entrar.

-Tenho que ir à cama agora, Bill. Te verei amanhã. Tenho o número de telefone da rainha?

-Cataliades inseriu um cartão em sua bolsa enquanto estava dormindo.

-OH, bem. Pois bem, boa noite".

E fechei a porta em sua cara. Fui grosseira, mas ele revoava, e justamente não me sentia para falar com ele. Tinha estremecido, ao encontrar que minha cabeça estava em seu colo quando despertei; foi como se fôssemos ainda um casal.

Depois de um minuto escutei seus de passos de volta escada abaixo. Estava mais aliviada que nunca em minha vida de estar sozinha. Graças a noite passada em um carro e o sonho que tinha tido, me sentia desorientada, me espremi, e desesperadamente necessitei uma escova de dentes. Tempo para ver o lugar, com ênfase em descobrimento do banheiro.

Olhei ao redor cuidadosamente. O segmento mais curto da L cabeça abaixo foi a sala de estar, onde eu agora estava parada. Seu plano manifesto incluiu uma cozinha em contra a parede direita longínqua. Em minha esquerda, formando o comprido lado da L, havia um vestíbulo ao que se demarcou com portas-janelas aberto diretamente em cima da galeria. A parede que formou o outro lado do vestíbulo estava pontuada com portas.

Bolsas em mão, passei do vestíbulo, olhando com atenção em cada porta.

Não encontrei o interruptor que iluminaria o vestíbulo, entretanto deve haver um, desde que houve elementos instalados em intervalos normais no céu raso.

Mas bastante luz da lua fluía através das janelas dos quartos para me permitir ver tanto como necessitei. O primeiro quarto era um banheiro, a Deus obrigado, entretanto depois de um segundo me precavi que não era o de Hadley. Era muito pequeno e muito limpo, com um posto estreito de chuva, um vaso e uma pia; nenhum artigos de penteadeira, nenhuma desordem pessoal. Passei e percorri o olhar na seguinte porta, descobrindo que conduzia a um quarto pequeno que provavelmente tinha sido pretendido como o dormitório de

convidados. Hadley tinha estabelecido um escritório de computador carregado com engrenagem do computador, não um artigo de grande interesse para mim.

Além de uma meridiana estreita, havia uma prateleira de livros repleto com caixas e livros, e prometi a mim mesma experimentar esse manhã. A seguinte porta estava fechada, mas arrebentei a olhar com atenção dentro por um segundo. Era a porta para um estreito, profundo, closet delineado com prateleiras cheias de artigos que não tomei o tempo para identificar.

Para meu alívio, a porta do lado era a do banheiro principal, que estava com a ducha e a tina e uma pia grande com uma mesa incorporada. A superfície que o rodeava estava coberta de cosméticos e um bob elétrico, ainda ligado. Cinco ou seis garrafas de perfume postos em fila em uma prateleira, e toalhas enrugadas no cesto, com manchões escuros. Aproximei minha cara até eles; nessa fila, emitiram um fedor alarmante. Não podia entender por que o aroma não se havia estendido pelo apartamento inteiro. Agarrei o cesto inteiro, abri a porta janelada do outro lado do vestíbulo, e o coloquei fora. Deixei acesa a luz no banheiro, porque tive a intenção de voltar para visitar em pouco tempo.

A última porta, o set perpendicularmente a todos outros e formando o fim do vestíbulo, conduzia ao dormitório de Hadley. Era o suficientemente grande, sem embargo não tão grande como meu dormitório em casa. Tinha outro armário grande, cheio até acima com roupas. A cama parecia, não uma marca registrada da Hadley, e me perguntei quem tinha estado no apartamento desde que Hadley tinha sido assassinada.

Alguém tinha entrado antes de que o lugar tivesse sido selado por feitiço. O dormitório, está claro, estava completamente escurecido. As janelas tinham estado ao amparo de painéis de madeira belamente pintados, e havia duas portas para o quarto.

Havia adequada quantidade de espaço entre elas para uma pessoa parada.

Coloquei minhas bolsas no chão perto da cômoda de Hadley, e pincei até que encontrei minha bolsa de cosméticos e minhas almofadas. Andando com passo pesado de volta ao banheiro, peguei minha escova de dentes e minha pasta de dentes da bolsa pequena e tive o deleite de escovar meus dentes e lavar a cara. Me senti um pouco mais humana depois disso, mas pouco. Apaguei a luz do banheiro e movi para trás as cobertas na cama, a qual era baixa e larga. Os lençóis me sobressaltaram tanto que levantei ali com meus lábios frizados. Era asqueroso: Cetim preto, pelo amor de Deus!

E nem mesmo cetim verdadeiro, com uma certa quantidade sintética. me dêem percal ou 100% algodão, qualquer dia. Entretanto, não ia seguir a pista a outro set de lençóis a esta hora da manhã. Além disso, o que ocorre se isto era tudo o que tinha?

Subi na cama de tamanho extra - pois bem, trepei na cama de tamanho extra - e depois de um rebolado inquieto ou dois para me acostumar à percepção, consegui ficar dormida entre esses lençóis como foi pedido.

# CAPÍTULO 14

ALGUÉM BELISCAVA meu dedo do pé e dizia -Acorda! Acordada!

Rodei de volta à consciência com uma pressa aterrorizada, meus olhos abrindo no quarto pouco familiar fluindo com brilho de sol. Uma mulher que não conheci estava parada ao pé da cama.

-Quem diabos é?- Estava irritada, mas não assustada. Ela não se via perigosa.

Era como de minha idade, e muito bronzeada. Seu cabelo castanho era curto, seus olhos de um azul brilhante, e levava postas calças curtas caquis e uma camisa branca que pendurava aberta sobre uma parte superior coral. Ela se apressava na estação um pouco.

-Sou Amelia Broadway. Sou proprietária do edifício.

-Por que está aqui me acordando?

-Ouvi o Cataliades no pátio ontem à noite, e acreditei que ele havia te trazido para limpar o apartamento de Hadley. Quis falar contigo.

-E não podia esperar até que acordasse? E usou uma chave para entrar, em lugar de tocar a campainha da porta? O que acontece contigo?

Ela estava definitivamente alarmada. Pela primeira vez, Amelia Broadway olhou como se ela se precavesse que ela poderia ter dirigido a situação melhor. -Bem, olhe, estive preocupada,- ela disse em uma forma dobrada.

-Sim? Eu, também, - falei. -Se una ao círculo. Estou suficientemente preocupada agora mesmo. Agora sai daqui e me espere na sala de estar, está bem?

-Claro,- ela disse. -Posso fazer isso.

Deixei meu ritmo cardíaco retornar à normalidade antes de me deslizar fora da cama.

Logo arrumei a cama rapidamente e tirei algumas roupas de minha bolsa. Caminhei arrastando os pés por volta do banheiro, percebendo um vislumbre rápido da minha visitante não convidado quando passei do dormitório para o banheiro. Ela tirando o pó da sala de estar com um tecido que pareceu à camisa de flanela de um homem. Ok.

Tomei uma ducha tão rapidamente como pude, esparramando um pouco de maquiagem, e saí fora descalça mas em calças jeans e uma camisa canção azul.

Amelia Broadway deteve sua limpeza da casa e cravou os olhos em mim.

-Você não se parece em nada com Hadley,- disse, e não pude decidir por seu tom se ela

pensou que isso era bom ou mau.

-Não sou para nada como Hadley, em nenhum aspecto,- falei rotundamente.

-Pois bem, isso é bom. Hadley era bastante horrível, - Amelia disse inesperadamente. -Huy. Sinto muito, não tenho tato.

-Realmente?- Tratei de conservar meu nível de voz, mas um rastro de sarcasmo pôde haver-se filtrado. -Assim se souber onde está o café, pode me apontar isso?

Tinha a visão da área para o café da manhã pela primeira vez à luz do dia. Era de tijolo e cobre, uma área de preparação de comida de aço inoxidável e um refrigerador fazendo jogo, e uma pia com uma torneira que custava mais que minhas roupas. Pequeno, mas agradável, como o resto de lugar.

Tudo isto, para um vampiro que realmente não necessita uma cozinha em primeiro lugar.

-A cafeteira de Hadley está ali,- Amelia disse, e a avistei. Era preta e do tipo de misturado. Hadley sempre tinha sido um fanática do café, assim é que me havia imaginado que até como vampiro ela tinha mantido um fornecimento de sua bebida favorita. Abri a gaveta por cima da panela, e contemplei - duas latas de Café Comunal e alguns filtros. O selo prateado estava intacto no primeiro que abri, mas o segundo pote estava aberto e meio cheio. Inspirei o aroma maravilhoso do café com agradao calmo. Pareceu assombrosamente fresco.

Depois de arrumar a panela e apertar o botão de início, encontrei duas xícaras grandes e as coloquei ao lado. O açucareiro estava justo ao lado da panela, mas quando a abri, encontrei só um resíduo endurecido. Lancei o conteúdo ao lixeiro, o qual estava preparado mas vazio. Tinha sido limpo depois da morte de Hadley. Talvez Hadley tinha tido alguma nata em pó no refrigerador? No sul, as pessoas que não a usam freqüentemente a conservam ali.

Mas quando abri o refrigerador cintilante de aço inoxidável, encontrei nada menos que cinco garrafas de TrueBlood.

Nada havia me trazido tão fortemente o fato que minha prima Hadley havia morto como vampiro. Nunca tinha conhecido a alguém antes e depois. Foi uma sacudida. Tinha tantas memórias de Hadley, uma certa quantidade delas felizes e uma certa quantidade delas desagradáveis - mas em todas essas memórias, minha prima respirava e seu coração palpitava. Parei com os lábios apertados, olhando fixamente as garrafas vermelhas, até que me tinha recuperado o suficiente para fechar a porta muito amavelmente.

Depois de uma busca vã nas gavetas por Nata, disse a Amelia que esperava que ela tomasse seu café preto.

-Sim, estará bem,- Amelia disse. Ela estava obviamente tratando de mostrar seu melhor comportamento, e só podia agradecer isso. A caseira estava sentada em uma das poltronas de Hadley. A tapeçaria era realmente bonita, um material sedoso amarelo impresso com flores vermelhas escuro e azul, mas me desagradou o estilo muito frágil da mobília. Eu gosto das cadeiras que se vêem como se poderiam sustentar pessoas grandes, pessoas pesadas, sem um chiado ou um gemido. Gosto da mobília que parece como se não estivesse arruinado se você

derramar uma Coca-cola, ou se seu cão pula em cima para dormir. Tratei de me sentar no delicado assento frente à proprietária. Lendo, sim. Confortável, não. Suspeita confirmada.

-Então o que você é, Amelia?

-Perdão?

-O que você é?

-OH, uma bruxa.

-Imaginei-. Não tinha percebido o sentido de quão sobrenatural obtenho de criaturas cujas mesmas células variaram pela natureza de seu ser. Amelia havia adquirido sua "alteridade".

-Você fez os feitiços para selar o apartamento?

-Sim,- ela disse com orgulho. Ela me deu um olhar de pura avaliação. Havia sabido que o apartamento estava protegido com feitiços; tinha sabido que ela formava parte do outro mundo, o mundo escondido. Poderia ser um humano comum, mas estava na corrente. Li todos estes pensamentos com folga como se Amelia me houvesse dito isso. Ela era uma locutora excepcional, tão clara e limpa como sua cutis.

-A noite que Hadley morreu, o advogado da rainha me chamou por telefone. É obvio, estava dormida. Ele me disse que calasse esta, que Hadley não viria de volta, mas que a Rainha queria manter intacto seu lugar para sua herdeira. Subi e comecei a limpar cedo da manhã Seguinte-. Ela havia trazido postas luvas, também; Poderia ver isso em sua imagem mental de si mesma na manhã depois de que Hadley morreu.

-Você esvaziou o lixo e arrumou a cama?

Ela se viu envergonhada. -Sim, fiz. Não me precavi que 'intacto' queria dizer 'sem tocar.' Cataliades veio e me deixou fazê-lo. Mas me alegro de ter tirado o lixo de aqui, de qualquer maneira. É estranho, porque alguém revisou o depósito desse lixo de noite, antes de que a pudesse jogá-la para o caminhão do lixo.

-Espelho que não sabe se levaram algo?

Ela me deu uma aparência incrédula. -Não é como se inventariasse o lixo,- ela disse. Ela adicionou, a contra gosto, -Tinha sido tratado com um feitiço, mas não sei para que era o feitiço.

Está bem, essas não foram notícias boas. Amelia inclusive não admitia a si mesma; ela não quis pensar a respeito da casa sendo o branco para um assalto sobrenatural. Amelia estava orgulhosa porque seus guardas haviam resistido, mas ela não se tinha pensado em proteger o depósito de lixo.

-OH, tenho todas suas plantas no vaso de barro e as baixei a minha casa para cuidar mais facilmente, também. Assim se as quer levar ao Buraco-na-Estrada contigo, é bem vinda.

-Bon Temps,- corrigi. Amelia bufou. Ela tinha o desprezo do cidadão para os pequenos povoados. -Assim é que possuiis este edifício, e alugava o apartamento de cima a Hadley desde quando?

-Cerca de um ano. Ela já era um vampiro, - Amelia disse. -E ela já era a namorada da rainha, tinha sido por um bom momento. Assim é que acreditei que era um bom seguro, sabe? Ninguém vai atacar ao docinho da rainha, correto? E ninguém vai forçar a entrada em seu lugar, tampouco.

Quis perguntar por que Amelia poderia permitir um lugar tão bonito por si mesma, mas isso era justamente muito rude para meus lábios. -Assim é que o negócio de bruxa te mantém? Perguntei em lugar disso, tratando de soar só brandamente interessada.

Ela se encolheu de ombros, mas se viu contente que tinha perguntado. Embora sua mãe tinha deixado a ela muito dinheiro, Amelia gostava de ser auto-suficiente.

Ouvi- tão claramente como se ela o houvesse dito em voz alta. -Bom, ganho a vida,- ela disse, aspirando a soar modesta e atinando mau. Ela havia trabalhado duramente para converter-se em uma bruxa. Ela se orgulhava de seu poder.

Isto era algo como ler um livro.

-Se as coisas ficarem lentas, dou uma mão a um amigo que tem uma loja mágica diretamente pela Jackson Square. Leio a sorte ali,- Admitiu. -E algumas vezes faço uma excursão mágica de Nova Orleans para os turistas. Isso pode ser divertido, e se os assusto o bastante, obtenho gorjetas grandes. Assim entre uma coisa e outra, vou bem.

-Realiza magia séria,- falei, e ela inclinou a cabeça felizmente. -Para quem?- Perguntei.

-Desde que o mundo normal não admite que é possível.

-Os super pagam realmente bem,- ela disse, assombrada que tivesse que perguntar.

Realmente não necessitei, mas era mais fácil dirigir seus pensamentos à informação correta se perguntava a ela em voz alta. -Os vampiros e Lobatos, especialmente. Digo, não gostam das bruxas, mas os vampiros especialmente querem cada pequena vantagem que possam ganhar. O resto não é tão organizado-. Com uma gesto de sua mão ela descartou aos mais fracos do mundo sobrenatural, os metas. Ela descontou o poder dos outros super, o qual era um engano.

-O que a respeito das fadas?- Perguntei curiosamente.

-Têm bastante de sua própria magia,- ela disse, encolhendo-se de ombros. -Não me necessitam. Entendo que a alguém como você pudesse dar muito trabalho aceitar um talento que é invisível e natural, um que desafia tudo o que foi ensinado por sua família.

Reprimi um bufo de incredulidade. Ela claro não sabia nada a respeito de mim. Não sabia a respeito do que ela e Hadley tinham falado, mas não tinha sido a família de Hadley, com certeza. Quando essa idéia cruzou minha mente, um sino soou na parte de atrás de minha cabeça, uma que disse que esse trem de pensamento deveria ser explorado.

Mas o apartei para pensar nele mais tarde. Agora mesmo, precisava tratar com a Amelia Broadway.

-Assim é que você dizia que tem uma habilidade fortemente sobrenatural? Falei.

Podia a sentir reprimir a pressa de orgulho. -Tenho alguma habilidade,- ela disse modestamente. -Por exemplo, provi um feitiço de anti- aroma a este apartamento quando não podia terminar de limpá-lo. E embora esteve fechado por meses, não cheira nada, ou sim?

Isso explicava a falta de aroma flutuando no ar das toalhas manchadas.

-E faz bruxaria para os super naturais, lê sua sorte fora do Jackson Square, e leva de excursão aos grupos algumas vezes. Não exatamente trabalho de escritório normal, - falei.

-Correto-. Ela inclinou a cabeça, feliz e orgulhosa.

-Assim é que você faz seu horário,- falei. Poderia ouvir o alívio refletindo através da mente da Amelia, alívio que ela não tinha que ir mais a um escritório, embora ela havia estado limitada na agência de correios por três anos até que ela se converteu em uma bruxa feita e direita.

-Sim.

-Então me ajudará a limpar o apartamento do Hadley? Terei gosto em te pagar.

-Pois bem, claro que ajudarei. Quanto mais cedo todas suas coisas estejam fora, mais cedo poderei alugar o lugar. Respeito a me pagar, por que não esperamos ver quanto tempo posso lhe dedicar? Algumas vezes tenho, como, chamadas de emergência. Amelia sorriu , um sorriso adequado para um anúncio de pasta de dente.

-A Rainha não esteve pagando o aluguel desde que Hadley morreu?

-Sim, o tem feito. Mas isso me dá medo, pensando a respeito das coisas de Hadley aqui em cima. E houve um par de tentativas de entradas forçadas. A última foi um par de dias atrás.

Deixei qualquer pretensão de sorrir.

-A princípio pensei,- Amelia resmungou, -que poderia ser como quando alguém morre e seu aviso fúnebre está no jornal, tem entradas forçadas durante o enterro. É obvio, não imprimem obituários para vampiros, aposto porque estão já mortos ou porque os outros vampiros justamente não enviam um ao jornal... que seria interessante, para ver como o dirigem. Por que não tenta mandar algumas linhas sobre Hadly? Mas sabe como fofocam as vampiras, assim é que especulo que algumas pessoas ouviram que ela estava definitivamente morta, morta pela segunda vez. Especialmente depois de que Waldo desapareceu da corte. Todo mundo sabe que ele não cuidou de Hadley. E logo, também, os vampiros não têm enterros. Assim é que adivincho que a entrada forçada não estava relacionada. Nova Orleans tem um bonito alto índice de

criminalidade.

-OH, conhecestes o Waldo,- falei, para cortar o fluxo. Waldo, uma vez foi o favorito da rainha - não na cama, mas sim como um laçao, penso - havia se ressentido ser substituído por minha prima Hadley. Quando Hadley permaneceu a favor da rainha por um longo tempo sem precedente, Waldo a levou ao Cemitério Número Um de St. Louis com a mentira de fingir levantar o espírito de Marie Laveau, a notória rainha do vodu de Nova Orleans. No lugar disso, ele tinha matado a Hadley e tinha jogado a culpa à Irmandade do Sol. O Sr. Cataliades tinha me dado uma cotovelada na direção correta até que houvesse resolvido a culpabilidade do Waldo, e a Rainha tinha me dado a oportunidade para julgar Waldo- essa era a idéia da rainha de um grande favor. Tinha tomado um passo sobre isso. Mas ele estava finalmente, definitivamente, totalmente morto, agora, assim como Hadley. Estremeci.

-Pois bem, o conheci melhor do que quereria,- ela disse, com a franqueza que parecia ser a característica decisiva da Amelia Broadway. -A ouço usando o tempo passado, entretanto. Me atrevo esperar que Waldo tenha ido a seu destino final?

-Pode,- falei. -Te atreva, assim é.

-Ooh,- ela disse felizmente. -Sim, sim, sim-. Pelo menos tinha levantado o ânimo nesse dia a alguém. Podia ver nos pensamentos da Amelia quanto lhe havia desagradado o vampiro Mais velho, e não a culpei. Ele tinha sido repugnante. Amelia era uma mulher de um só propósito, o qual deve fazer a ela uma bruxa formidável. Mas agora mesmo ela deveria ter pensado a respeito de outras possibilidades me envolvendo, e ela não o fez. Há uma debilidade em estar focado em uma só meta.

-Assim é que quer limpar o apartamento do Hadley porque pensa que assim seu edifício não será mais atacado? Por estes ladrões que se informarão de que Hadley morreu?

-Correto- ela disse, tomando um gole final de seu café. -Eu gosto de saber que alguém mais está aqui, também. Ter o apartamento vazio justamente me dá medo. Ao menos os vampiros não podem deixar fantasmas para trás.

-Não sabia isso,- falei. E nunca tinha pensado a respeito disso, tampouco.

-Não há fantasmas de vampiros,- Amelia disse despreocupadamente. -Nenhum. Tem que ser humano para deixar para trás um fantasma. Ouça, quer que te faça uma leitura? Sei, sei, parece horripilante, mas prometo, sou hábil nisso!- Ela pensava que seria divertido me dar uma emoção de turista, desde que não estaria em Nova Orleans o bastante; ela também acreditou que quanto mais agradável fora comigo, mais rápido completaria a limpeza do lugar de Hadley assim é que ela poderia recuperar o uso dele.

-Claro,- falei lentamente. -Pode fazer uma leitura, agora mesmo, se quiser.

Esta poderia ser uma boa medida de ver que tão dotada a bruxa Amelia realmente era.

Ela claro não guardava nenhum parecido com o estereótipo da bruxa. Amelia se valia extrovertida e acesa e saudável, como um dona-de-casa suburbana feliz com um Explorador Ford e um cachorro perdigueiro de raça irlandesa. Mas em um abrir e fechar de olhos, Amelia tirou um maço do Tarô de um bolso de suas calças curtas e se recostou sobre a mesinha de café para reparti-los. Ela fez isto de uma forma profissional e rápida muito que não teve nem um pouco de sentido para mim.

Depois de fracassar na leitura das cartas por um minuto, seu olhar fixo deixou de vagar pelos naipes e se concentrou na toalha de mesa. Sua cara se avermelhou, e ela fechou seus olhos como se ela se sentisse envergonhada. É obvio, estava.

-Está bem,- ela disse no fim das contas, sua voz calma e plana. -O que você é?

-Telepata.

-Sempre faço suposições! Por que não aprendo!

-Ninguém pensa a respeito de mim como apavorante,- falei, tratando de soar suave, e ela se sobressaltou.

-Pois bem, não cometerei esse engano outra vez,- ela disse. -Parecia mais informada a respeito de super que a gente comum.

-E aprendo cada dia mais-. Até para mim mesma, minha voz soou sombria.

-Agora terei que dizer a meu conselheiro que falhei por completo,- minha caseira disse. Ela se viu tão triste como era possível que se visse. Não muito.

-Tem um... mentor?

-Bom, uma bruxa mais velha da classe que monitora nosso progresso nos primeiros três anos de ser uma profissional.

-Como sabe quando é uma profissional?

-OH, tem que passar no exame,- Amelia dava elucidações, ficando de pé e indo à pia.

Em um minuto de Nova Iorque, ela tinha lavado a cafeteira e o aparelho do filtro, tinha metido pulcramente no coador, e tinha limpado por dentro a pia.

-Assim é que começaremos a empacotar coisas amanhã? Falei.

-O que tem de mau começando agora mesmo?

-Eu gostaria de passar através das coisas de Hadley por mim mesma, primeiro,- falei, tentando não soar irritada.

-OH. Pois bem, claro que queria. Ela tratou de se ver como se ela já tivesse pensado a respeito disso. -E especulo que tem que ir ver a rainha esta noite, huh?

-Não sei.

-OH, aposto que lhe esperam. Havia um vampiro alto, escuro, e substancioso ali fora contigo ontem à noite? Ele parece familiar.

-Bill Compton, - falei. -Sim, ele viveu em Louisiana por anos e tem feito alguns trabalhos para a rainha.

Ela me olhou, seus claros olhos azuis surpresos. -OH, pensei que ele conhecia sua prima.

-Não,- falei. -Obrigada por me levantar, assim poderei começar o trabalho, e obrigada por estar disposta a me ajudar.

Ela se agradou de ir, porque não tinha sido o que tinha esperado, e queria pensar a respeito de mim com tranqüilidade e fazer algumas ligações telefônicas para as irmãs do ofício na área de Bon Temps.

-Holly Cleary,- falei. -Ela é a que conheço melhor.

Amelia ficou sem fôlego e disse um adeus tremendo. Ela saiu tão inesperadamente como tinha chegado.

Me senti velha de repente. Justamente tinha estado me pavoneando, e havia reduzido a uma bruxa confiada, feliz e jovem em uma mulher ansiosa no espaço de uma hora.

Mas quando consegui um bloquinho e lápis - justo onde deveriam estar, na gaveta mais próxima ao telefone - resolvi meu plano de campanha, consolei a mim mesma com o pensamento que Amelia tinha necessitado uma bofetada mental urgentemente. Se não tinha provindo de mim, poderia ter provindo de alguém que realmente queria lhe machucar.

## **CAPÍTULO 15**

NECESSITO CAIXAS, com segurança. Assim é que também necessitava fita de colar, montões, e um pincel mágico, e provavelmente tesouras. E finalmente, necessitaria que um caminhão pegasse o que for que restasse de volta a Bon Temps. Ou poderia pedir ao Jason que dirigi, ou poderia alugar um caminhão, ou poderia perguntar ao Sr. Cataliades se ele sabia de um caminhão que poderia pedir emprestado.

Se havia muitas coisas, talvez alugaria um carro e um reboque. Nunca tinha feito tal coisa,

mas o que tão duro poderia ser? Desde que não tinha uma viagem agora mesmo, não havia forma de obter os abastecimentos. Mas bem podia começar a classificar, quanto mais logo terminasse, mais logo poderia voltar a trabalhar e estaria longe dos vampiros de Nova Orleans. Alegrei-me, em um canto de minha mente, que Bill tivesse vindo, também.

Como algumas vezes me sentia zangada com ele, era familiar. Depois de tudo, ele havia sido o primeiro vampiro que alguma vez tinha conhecido, e que ainda parecia quase milagroso para mim como tinha ocorrido.

Ele tinha entrado no bar, e tinha estado fascinada com o descobrimento que não podia ouvir seus pensamentos. Então mais tarde a mesma tarde, tinha-lhe resgatado de drenadores. Suspirei, pensando que tão bem tinha estado até que ele tinha sido chamado de volta por seu criador, Lorena, agora também definitivamente morta. Estremeci mesmo. Este não era o momento para uma viagem pelo caminho da memória.

Este era tempo para a ação e a decisão. Decidi começar com as roupas.

Depois de quinze minutos, me dei conta de que as roupas foram fáceis. Ia descartar a maior parte delas. Não só meu gosto era radicalmente diferente da minha prima, mas também seus quadris e seus seios tinham sido mais pequenos e sua pigmentação tinha sido diferente à minha. A Hadley tinha gostado das roupas escuras, dramáticas, e eu era inteiramente uma pessoa de outro estilo. Admirei umas poucas das blusas pretas e as saias, mas quando provei, parecia algo assim como uma dos dentuços que rondavam pelo bar do Eric. Não a imagem que ia. Coloquei só um molho de partes superiores e um par de calças curtas e calças de dormir na pilha de "conservar".

Encontrei uma caixa grande de bolsa de lixo e usei essas para guardar a roupa. Quando acabei com cada bolsa, sentei-me na galeria para manter o apartamento livre de desordem. Era perto do meio-dia quando comecei a trabalhar, e as horas passaram rapidamente depois de que descobri como ligar o aparelho de som de Hadley. Uma grande quantidade da música que ela tinha era de artistas que nunca haviam estado altos em minha lista, nenhuma surpresa grande ali - mas era interessante escutando.

Ela tinha a uma horda dos CDs: No Doubt, Nine Inch Nails, Eminem, Usher. Tinha começado com as gavetas no dormitório quando justamente começou a ficar escuro. Parei por um momento para estar de pé sobre a galeria na tarde suave, e observar a cidade despertar para as horas escuras. Nova Orleans era uma cidade da noite agora.

Sempre tinha sido um lugar com uma vida noturna bagunceira e descarada, mas agora era o centro para o não morto que seu caráter inteiro tinha mudado. Uma grande quantidade do jazz no Bourbon Street era meio doido estes dias por mãos que não tinham visto a luz do sol em décadas. Podia perceber um débil som de notas no ar, a música de celebrações afastadas. Estava sentada sobre uma cadeira na galeria e escutei por algum momento, e esperei conseguir ver uma certa quantidade da cidade enquanto estava aqui.

Nova Orleans é como nenhum lugar de América, antes e depois do fluxo do vampiro a ela. Suspirei e percebi que tinha fome. É obvio, Hadley não tinha nada de comida no

apartamento, e não estava a ponto de começar a beber sangue. Odiei pedir a Amelia qualquer outra coisa. Esta noite, quem quer que viesse me pegar para ir ver a rainha poderia estar disposto a me levar a loja de comestíveis. Talvez deveria me dar uma ducha e me trocar?

Quando comecei a voltar ao apartamento, avistei as toalhas emboloradas que tinha colocado fora na noite antes. Cheiravam muito mais forte, o qual me assombrou.

Teria pensado que o aroma teria diminuído a esta altura. Em lugar disso, meu fôlego se entupiu na parte de atrás de minha garganta com repugnância quando recolhi a cesta para trazê-la dentro. Tive a intenção de lavá-los. Em um canto da cozinha havia uma de essas máquinas de lavar colocada com o secador por cima. Como uma torre de limpeza.

Tratei de sacudir as toalhas, mas tinham secado em uma rígida massa enrugada.

Exasperada, sacudi o bordo protuberante de uma toalha, e com uma resistência pequena, os coágulos de coisas que ligavam as rendas se ancoraram e o azul médio estendeu-se antes de meus olhos.

-OH, merda- disse em voz alta no apartamento silencioso. -OH, não.

O fluido que secou e agrupado nas toalhas era sangue.

-OH, Hadley,- falei. -O que fez?

O aroma foi tão horrível como a sacudida. Sentei-me à pequena mesa de comer na área para o café da manhã. Folhinhas de sangue seca tinham chovido em abundância sobre o chão e grudaram em meus braços. Não podia ler os pensamentos de uma toalha, pelo amor de Deus. Minha condição não era de nenhuma ajuda para mim.

Necessitava... uma bruxa. Como a que tinha castigado e mandado fora. Sim, uma como essa.

Mas primeiro precisei comprovar o apartamento inteiro, ver se tinha mais surpresas.

OH, bem. Tinha.

O corpo estava no closet do vestíbulo.

Não havia aroma absolutamente, entretanto o cadáver, um jovem, provavelmente tinha estado ali o mesmo tempo que minha prima tinha estado morta. Talvez este jovem tinha sido um demônio? Mas ele não parecia nada com Diantha ou Gladíola, ou o Sr. Cataliades, de todas formas. Se as toalhas tinham começado a cheirar, você pensaria que...

OH bom, talvez tinha tido sorte. Isto era algo para o que teria que encontrar a resposta também, e suspeitei que jazia escada abaixo.

Bati na porta da Amelia. Ela respondeu imediatamente, e vi por cima de seu ombro que seu lugar, embora é obvio era exatamente como o do Hadley, estava cheio de energia e cores ligeiras. Ela gostava do amarelo, nata, coral, e o

verde. Sua mobília era moderna e com excesso de almofadões, e a madeira estava polida ao enésimo grau. Como tinha suspeitado, o lugar da Amelia era imaculado.

-Sim?-Ela disse, em uma forma dobrada.

-Está bem,- falei, como se impunha uma oferta de paz. -Tenho um problema, e suspeito que seu também.

-Por que diz isso?- Ela perguntou. Sua cara aberta estava fechada agora, como se ao conservar seu rosto vazio de expressão me mantinha separada de sua mente.

-Pôs um feitiço de anti-aroma ao apartamento, correto? Para conservar tudo tal qual estava. Antes de que o protegesse contra intrusos?

-Sim,- ela disse cautelosamente. -Disse isso.

-Ninguém esteve nesse apartamento da noite que Hadley morreu?

-Não posso te dar minha palavra disso, porque suponho que um mago ou bruxa muito boa pôde ter aberto uma brecha em meu feitiço,- ela disse. -Pelo que sei, ninguém esteve ali.

-Assim é que não sabe que selou um corpo ali dentro?

Não sei o que esperei a título de reação, mas Amelia estava bastante tranqüila a respeito disso. -Está bem,- ela disse firmemente. Ela pôde ter engolido saliva. -Está bem. Quem é? Suas pálpebras revoaram de cima abaixo tempos extra. Talvez ela não estava tão tranqüila.

-Eu na realidade não sei,- falei cuidadosamente. -Terá que ver.

Quando subimos as escadas, falei, -Ele foi morto ali, e a desordem foi limpa com toalhas. Estavam no cesto da roupa-. Contei a ela sobre a condição das toalhas.

-Holly Cleary me disse que salvou a vida de seu filho,- Amelia disse.

Fiquei surpresa. Me senti entorpecida, também. -A polícia haveria encontrado,- falei. -Só acelerei um pouco as coisas.

-O doutor disse a Holly que se o garotinho não tivesse chegado ao hospital quando o fez, o corte em sua cabeça não poderia ter sido detido a tempo,- disse Amelia.

-Isso é bom então,- falei, incômoda no extremo. -Como está Cody?

-Pois bem,- a bruxa disse. -Ele vai ficar bem.

-Enquanto isso, temos um problema aqui,- recordei a ela.

-De acordo, vejamos o cadáver-. Amelia trabalhou duramente para conservar seu nível de voz.

Eu gostei deste tipo de bruxa.

A conduzi ao armário. Tinha deixado a porta entre aberta. Ela entrou. Ela não fez um som. Ela voltou para fora com uma cor ligeiramente verde para seu bronzado aceso e se apoiou contra a parede.

-Ele é um lobisomem,- ela disse, um momento mais tarde. O feitiço que ela havia posto no apartamento tinha conservado todo afresco, como parte do efeito. O sangue tinha começado a cheirar um pouco antes que o feitiço se projetasse, e quando tinha entrado em apartamento, o feitiço tinha sido quebrado. Agora as toalhas fediam a decomposição. O corpo não tinha aroma ainda, o qual me assombrou um pouco, mas acreditei que o faria de um momento a outro. Certamente o corpo se decomporia rapidamente agora que tinha sido liberado da magia da Amelia, e ela obviamente tentava não apontar fora que tão bem tinha trabalhado.

-O conhece?

-Sim, o conheço,- ela disse. -A comunidade sobrenatural, até em Nova Orleans, não é tão grande. É Jake Purifoy. Ele trabalhou como segurança para o casamento da rainha.

Tive que me sentar. Sai do closet e me deslizei abaixo da parede até que estive sentada olhando a Amelia. Ela se sentou contra a parede oposta.

Logo que soube por onde começar a fazer perguntas.

-Isso foi quando ela se casou com o Rei de Arkansas?- Lembrei o que havia dito Felicia, e a foto matrimonial que tinha visto no álbum do Cumberland.

Tinha sido essa a rainha, baixo esse doido elaborado? Quando Quinn tinha mencionado fazer os acertos para um casamento em Nova Orleans, era este o casamento que ele havia querido dizer?

-A Rainha, segundo Hadley, é bi,- Amelia me disse. -Então sim, ela se casou com um tipo. Agora têm uma aliança.

-Não podem ter meninos,- falei. Sei, isso foi óbvio, mas não entendia esta coisa de aliança.

-Não, mas a menos que alguém os estaque, viverão para sempre, sendo assim as coisas não são um assunto grande,- Amelia disse. -requerem-se meses, até anos, de negociações para elaborar trabalhosamente as regras para tais casamentos. O contrato pode ser longo. Logo ambos o assinam. Essa é uma cerimônia grande, tem lugar justo antes do casamento. Realmente não têm que passar suas vidas conjuntamente, sabe, mas têm que fazer uma visita um par de vezes ao ano. Uma visita de tipo conjugal.

Fascinante como era, não vinha ao caso agora mesmo.

-Então este tipo no armário, ele estava na força de segurança.

Trabalharia para o Quinn? Não havia dito Quinn que um de seus trabalhadores havia desaparecido em Nova Orleans?

-Bom, não lhe perguntei pelo casamento, é obvio, mas ajudei Hadley com seu vestido. Ele veio a pegá-la.

-Jake Purifoy deve ter vindo pegar a Hadley para o casamento.

-Sim. O vestido era para essa noite.

-E essa foi a noite do casamento.

-Bom, a noite antes que Hadley morreu.

-Os viu sair?

-Não, eu simplesmente... Não. Ouvi o carro parar no caminho. Apareci em minha janela da sala de estar e vi o Jake entrando. O conhecia já, um pouco casualmente.

Tinha uma amiga que estava acostumado a sair com ele. Voltei para o que for que eu fazia, vendo TV acho, e ouvi o carro sair ao cabo de um momento.

-Assim é que ele pôde não ter saído absolutamente.

Ela cravou os olhos em mim, seus olhos largos. -Poderia ser,- ela disse no fim das contas, soando como se sua boca estivesse seca.

-Hadley estava sozinha quando ele veio pegá-la... não?

-Quando sai de seu apartamento,a deixei ali sozinha.

-Tudo o que vim fazer,- falei, principalmente para meus nus pés, -Era limpar o apartamento de minha prima. Eu não gostava muito dela de qualquer maneira. Agora sou deparada com um corpo. A última vez que me desfiz de um corpo,- disse a bruxa,-Tive a um ajudante forte e grande, e o envolvemos em uma cortina para a ducha.

-Fez?- Amelia disse fracamente. Ela não se via muito feliz por ser o depósito desta informação.

-Sim-. Inclinei a cabeça. -Não lhe matamos. Só tivemos que nos desfazer do corpo. Pensamos que seríamos culpados de sua morte, e estou segura que haveríamos sido.

Cravei os olhos em minha polida unha do dedo do pé um pouco mais. Tinha sido um bom trabalho quando começou, um rosado brilhante bonito, mas agora precisava renovar o trabalho de pintura ou removê-lo. Deixei de tentar pensar a respeito de outras coisas e reatei minha contemplação sombria do corpo. Ele jazia no armário, apinhado-se no chão, empurrado sob a última prateleira. Ele tinha estado coberto por um lençol. Jake Purifoy tinha sido um homem de aparência agradável, suspeitei. Ele tinha tido cabelo café escuro, e uma boa constituição muscular. Montões de cabelo no corpo. Embora ele havia estado vestido para um casamento formal, e Amelia havia dito que ele parecia bem, agora ele estava nu. Uma pergunta menor: Onde estavam suas roupas?

-Justamente poderíamos chamar à rainha,- Amelia disse. -depois de tudo, o corpo está aqui, e Hadley ou lhe matou ou escondeu o corpo. De nenhuma forma ele poderia ter morrido na noite que ela saiu fora com o Waldo para o cemitério.

-Por que não?- Tive um pensamento repentino, horrível. -Tem um telefone celular?- Perguntei, ficando de pé como um raio. Amelia inclinou a cabeça. -Chama o lugar da rainha. lhes diga que enviem a alguém agora mesmo.

-O que?- Seus olhos estavam confusos, do mesmo modo que seus dedos discavam os números.

Olhando diretamente ao armário, poderia ver os dedos do cadáver avançar dando sacudidas.

-Ele se está levantando,- disse quedamente.

Só tomou um segundo para que ela percebesse. -Aqui é Amelia Broadway na Chloe Street! Envie a um vampiro mais velho por aqui agora mesmo,- ela gritou no telefone.

-Vampiro novo levantando!- Ela estava de pé agora, e corríamos em busca da porta.

Não o fizemos.

Jake Purifoy foi detrás de nós, e estava faminto.

Desde que Amelia estava detrás de mim (tinha tido uma cabeça de vantagem) ele mergulhou para agarrar seu tornozelo. Ela chiou enquanto caía, e dava volta para ajudá-la.

Não pensei absolutamente, porque teria seguido sem parar fora da porta se tivesse feito.

Os dedos do novo vampiro estavam envoltos ao redor do tornozelo nu de Amelia como um grilhão, e a estava puxando para ele através do chão suave de madeira laminada.

Ela estava arranhando o piso com os dedos, tratando de encontrar algo para deter seu progresso para sua boca, a qual estava bem aberta com as presas completamente estendidas, OH Deus! Agarrei seus pulsos e comecei a puxar. Não havia conhecido ao Jake Purifoy na vida, assim é que não soube como tinha sido. E não podia encontrar nada humano em sua cara, algo a que poderia apelar. -Jake!- Gritei.

-Jake Purifoy! Acorda!- É obvio, isso não serve de uma maldita coisa. Jake tinha se transformado em algo que não era um pesadelo, mas era outra coisa permanente, e ele não podia ser tirado dela: Ele era isso. Ele fazia um tipo de ruído de gnarr-gnarr-gnarr, era o som mais faminto que alguma vez tinha ouvido, e logo ele mordeu abaixo na perna da Amelia, e ela gritou.

Foi como se um tubarão a tivesse agarrado. Sugava mais dela, ele poderia arrancar a parte que seus dente tinham furado. Ele absorvia a ferida da perna agora, e lhe chutei na cabeça com meu salto, amaldiçoando minha falta de sapatos. Pus tudo o que tinha nisso, e não desconcertou ao novo vampiro no mais mínimo. Ele fez um ruído de protesto, mas continuou chupando, e a bruxa se manteve gritando com dor e sacudida. Havia um candelabro sobre o

toalha de mesa detrás de um dos assentos, um candelabro de copo grande com montões de formas nele. Arranquei a vela, a assim com ambas as mãos, e o bati tão duro como podia na cabeça do Jake Purifoy. O sangue começou a escorrer de sua ferida, muito lentamente; assim é como sangram os vampiros. O castiçal se desfez com o golpe, e fiquei com as mãos vazias e um vampiro furioso. Ele levantou sua cara encharcada de sangue para me resplandecer, e espero não estar nunca no lado receptor de outro olhar como dessa vez em minha vida. Sua cara segurou a fúria irrefletida de um cão louco.

Mas ele tinha soltado a perna da Amelia, e ela começou a engatinhar fora. Foi óbvio que ela estava muito dolorida, e parecia uma confusão lenta, mas fez um esforço. As lágrimas emanavam de sua cara e sua respiração ressonava, rude na noite o silêncio. Poderia ouvir uma sirene soando cada vez mais perto e esperei que viesse aqui.

Seria muito tarde, entretanto. O vampiro se lançou a si mesmo do chão para me derrubar, e não tive tempo para pensar a respeito de algo.

Ele mordeu meu braço, e pensei que os dentes penetrariam até o osso. Se não tivesse jogado para cima o braço, esses dentes teriam agarrado meu pescoço, e teria sido fatal. O braço poderia ser preferível, mas simplesmente neste momento a dor foi tão intensa que quase desmaiei, e não ajudaria fazendo isso. O corpo do Jake Purifoy era pesado em cima do meu, e suas mãos apertavam contra o chão meu braço livre, e suas pernas estavam em cima das minhas. Outra fome estava despertando no vampiro novo, e senti sua prova contra minha coxa. Ele liberou uma mão para começar a puxar de minhas calças.

OH, não... isto era tão mau. Morreria nos seguinte poucos minutos, aqui em Nova Orleans no apartamento de minha prima, longe de meus amigos e minha família.

O sangue estava toda sobre a cara e mãos do novo vampiro.

Amelia engatinhou desastradamente através do piso para nós, deixando um rastro de sangue de sua perna detrás dela. Ela deveria ter saído, desde que ela não poderia me salvar.

Não havia outro candelabro. Mas Amelia tinha outra arma, e ela estendeu uma violentamente trepidante mão para tocar ao vampiro. -Utinam sanguis in ignem commutet!- Ela gritou. O vampiro se levantou em duas patas de volta, gritando e batendo em sua cara, a qual estava repentinamente coberta de diminutas chamas azuis.

E a polícia chegou através da porta.

Eram vampiros, também.

Por um momento interessante, os oficiais de polícia pensaram que havíamos atacado Jake Purifoy. Amelia e eu, sangrando e gritando, fomos separadas de um empurrão acima contra a parede. Mas enquanto isso, o feitiço que Amelia fez no novo não morto perdeu sua eficácia e ele se equilibrou sobre o policial uniformizado mais próximo, quem acertou ser uma negra com uma bunda orgulhosa e um nariz largo e reto.

A policial dando chicotadas com seu cassetete com uma desatenção temerária para os dentes do novo vampiro. Seu sócio, um homem baixo cuja pele era da cor de caramelo, abriu uma garrafa de TrueBlood que estava inserida em seu cinturão como outra ferramenta. Ele arrancou de uma dentada a tampa, e inseriu a ponta na boca demandante do Jake Purifoy.

Repentinamente, tudo foi silêncio enquanto o novo vampiro engolia o conteúdo da garrafa. O resto de nós balançávamos e sangrávamos.

-Ele estará tranqüilo agora,- disse a oficial fêmea, a cadência de sua voz me deixando saber que era muito mais africana que americana. -Acho que o distraímos.

Amelia e eu nos afundamos no piso, depois de que o policial masculino nos deu uma inclinação de cabeça para nos deixar saber que estávamos liberadas de responsabilidade.

-Lamentamos, fizemos uma confusão sobre quem era o tipo mau-, ele disse em uma voz tão quente como manteiga derretida . – senhoras, vocês estão bem?- Foi bom que sua voz fosse tão reconfortante, desde que suas presas estavam fora.

Adivinho que a excitação do sangue e a violência provocou a reação, mas era desconcertante em um agente da lei.

-Acho que não,- falei. -Amelia sangra bastante, e eu também-. A dentada não doía tanto como ia fazê-lo. A saliva do vampiro esconde um anestésico, junto com um agente cicatrizante. Mas o agente cicatrizante era para selar os furos de presas, não para as lágrimas grandes reais em carne humana. -vamos necessitar de um doutor.

Tinha conhecido no Mississippi um vampiro que podia sarar feridas grandes, mas era um talento estranho.

-Ambas humanas?- Perguntou. O policial fêmea cantava docemente em um idioma estrangeiro para o novo vampiro. Não soube se o anterior homem lobo, Jake Purifoy, podia falar o idioma, mas ele reconheceu a segurança quando ele a viu. As queimaduras em sua cara se curaram enquanto nos sentávamos ali.

-Sim,- falei.

Enquanto esperávamos os paramédicos, Amelia e eu nos apoiamos uma na outra. Era este o segundo corpo que tinha encontrado em um armário, ou o terceiro? Me perguntei por que ainda abria portas do armário.

-Deveríamos ter sabido,- Amelia disse cansadamente. -Quando ele não cheirou em absoluto, deveríamos ter sabido.

-Realmente, imaginei. Mas já que foi só trinta segundos antes de que ele despertasse, não fez um inferno de diferença, - falei. Minha voz foi tão frouxa como a dela.

Tudo ficou muito confuso depois disso. Mantive-me pensando que seria um bom momento para desmaiar se fui para sempre em marcha, porque este não era realmente um processo que queria passar, mas justamente não poderia desmaiar. Os paramédicos eram homens muito jovens e agradáveis que pensaram que tínhamos estado festejando algo e isso saiu de controle. Adivinhei que nenhum deles chamaria a Amelia ou a mim para um encontro.

-Você não quer se meter com nenhum vampiro, chérie,- disse o homem que estava dedicado a mim. Sua etiqueta de nome dizia DELAGARDIE. -supõe-se que são atrativos para as mulheres, mas você não acreditaria quantas garotas pobres tivemos que empacotar. E essas foram as sortudas,- Delagardie disse desagradavelmente.

-Qual é seu nome, senhorita?

-Sookie,- falei. -Sookie Stackhouse.

-É um prazer te conhecer, Srta. Sookie. Você e sua amiga têm a aparência de garotas agradáveis. Você necessita sair com melhores pessoas, pessoas vivas. O subproduto desta cidade são os mortos, agora. Era melhor quando todo o mundo aqui respirava, digo-lhe a verdade. Agora lhe levemos ao hospital e lhe costuremos. Sacudiria sua mão se você não estivesse tão ensangüentada, - ele disse.

Ele me deu um sorriso repentino, de dentes brancos e encantadora. -Dou-lhe grátis um bom conselho, senhora.

Sorri, mas foi a última vez que ia estar fazendo isso por algum momento. A dor começava a latejar. Muito depressa, notei preocupada.

Amelia era uma verdadeira guerreira. Seus dentes estavam apertados como se ela brigasse por manter-se unida a si mesma, mas a engenhou até o hospital. A emergência parecia apinhada.

Por uma combinação de sangrar, ser escoltada por policiais, o Delagardie amigável e seu companheiro dizendo uma palavra por nós, Amelia e eu nos vimos metidas em cubículos acortinados imediatamente. Não eram adjacentes um com o outro, mas estávamos na fila para ver um doutor. Estava agradecida. Soube que isso tinha que ser rápido, para uma sala de emergência urbano.

Enquanto escutava o alvoroço ao redor meu, tentei não jurar pela dor em meu braço. Nos momentos quando não era tão palpitante, perguntei-me o que aconteceu ao Jake Purifoy. O teriam levado os policiais vampiro a uma cela na prisão vampirica, ou foi desculpado desde que ele era um vampiro novo sem guia? Havia havido uma lei aprovada a respeito disso, mas não podia lembrar os termos e as críticas. Era duro para mim estar muito preocupada.

Soube que o jovem foi vítima de sua nova condição; que o vampiro que lhe tinha feito deveria ter estado ali para lhe guiar através de seu primeiro despertar e fome. O vampiro a quem culpar era mais provavelmente minha prima Hadley, quem logo tinha imaginado ser assassinada. Só o feitiço de anti-aroma da Amelia no apartamento tinha liberado o Jake de levantar-se faz meses. Era uma situação estranha, provavelmente sem precedente nos anais vampiros. Um homem lobo que se converteu em vampiro! Nunca tinha ouvido tal coisa. Podia ele se transformar ainda?

Tive um momento para pensar a respeito disso e um bom número de outras coisas, desde que Amelia estava muito longe para conversar, até se ela havia o trazido entre mãos. Depois de mais ou menos vinte minutos, durante os quais só fui interrompida por uma enfermeira que

pôs por escrito alguma informação, estava surpresa de ver o Eric olhar com atenção ao redor da cortina.

-Posso entrar?- Perguntou rigidamente. Seus olhos eram amplos e falava cuidadosamente. Dava-me conta de que para um vampiro, o aroma do sangue no quarto de emergência era fascinante e penetrante. Vi momentaneamente suas presas.

-Sim,- falei, perplexa pela presença do Eric em Nova Orleans. Eric não estava realmente em um estado de ânimo, mas não havia ponto em dizer ao anterior viking que ele não poderia passar à área acortinada. Este era um edifício público, e ele não estava interessado por minhas palavras. De qualquer maneira, ele simplesmente poderia parar fora e conversar através do tecido até que encontrasse o que fora que tinha vindo descobrir. Eric não era a não ser persistente.

-O que na terra está fazendo aqui na cidade, Eric?

-Dirigi para negociar com a rainha seus serviços durante o topo. Também, Sua Majestade e eu temos que negociar quantos dos meus posso trazer comigo-. Ele sorriu. O efeito era desconcertante, devido às presas e o demais.

-Quase chegamos a um acordo. Posso trazer três, mas quero negociar até quatro.

-OH, pelo amor de Deus, Eric,- estalei. -Essa é a desculpa menos convincente que alguma vez ouvi. A invenção moderna, conhecida como telefone?-. Movi-me nervosamente na cama estreita. Não podia encontrar uma posição confortável. Cada nervo em meu corpo produzia um ruído discordante com a seqüela do medo por meu encontro com o Jake Purifoy, menino novo da noite. Esperava que quando finalmente visse um doutor, ele ou ela me daria um analgésico excelente.

-Quer me deixar sozinha,? Não tem reclamação sobre mim. Ou responsabilidade sobre mim.

-Mas o faço-. Ele teve a cara de pau de ficar assombrado. -Temos uma união. Tido seu sangue, quando necessitou de força para liberar o Bill no Jackson. E havemos feito amor freqüentemente, segundo você.

-Você me fez te contar,- protestei. E se soei um pouco chorona, bom, maldição, pensei que estava bem choramingar um pouco. Eric tinha feito um acordo para salvar a uma amiga minha do perigo se lhe cuspi a verdade. Isso é chantagem? Sim, acredito que sim. Mas não havia forma de desdizer-se. Suspirei.

-Como chegou aqui, de qualquer maneira?

-A Rainha monitora o que ocorre aos vampiros em sua cidade muito de perto, é obvio. Pensei que tinha vindo prover apoio moral. E, está claro, se necessitar que eu te limpe de sangue... -. Seus olhos brilharam intermitentemente quando ele inspecionou meu braço.

-Teria gosto em fazê-lo.

Quase sorri, muito a contra gosto. Ele nunca se dava por vencido.

-Eric,- disse a voz fresca do Bill, e ele se escorregou ao redor da cortina para unir-se ao Eric a meu lado da cama.

-Por que não estou surpreso de te ver aqui?- Eric disse, em uma voz que deixou claro que ele estava descontente.

A cólera do Eric não era algo que Bill poderia ignorar. Eric excedia em fila ao Bill, e ele percorreu com o olhar no vampiro mais jovem. Bill andava aproximadamente nos cento e trinta e cinco anos de idade: Eric possivelmente nos mil. (Tinha-lhe perguntado uma vez, mas ele honestamente não parecia saber.) Eric tinha personalidade para a liderança. Bill era mais feliz no seu. A única coisa que tinham em comum era que ambos tinham feito amor comigo: E simplesmente no momento, ambos eram dores em meu traseiro.

-Ouvi na rádio da polícia no quartel geral da rainha que a polícia vampiro tinha sido chamada para dobrar a um vampiro fresco, e reconheci o endereço,- Bill disse a maneira da explicação. -Naturalmente, inteirei-me onde Sookie tinha sido levada, e vim aqui logo que pude.

Fechei meus olhos.

-Eric, a está cansando em extremo,- Bill disse, sua voz até mais frio que o usual.

-Deveria deixar a Sookie sozinha.

Houve um longo momento de silêncio. Estava carregado de alguma emoção grande. Meus olhos se abriram e foram de uma cara a outra. Uma vez sequer, desejei que pudesse ler a mente dos vampiro.

Tanto como podia ler de sua expressão, Bill lamentava profundamente suas palavras, mas por que? Eric tinha o olhar cravado no Bill com uma complicada combinação de determinação e um pouco menos definível; pena, talvez.

-Realmente entendo por que quer manter a Sookie isolada enquanto ela está em Nova Orleans,- disse Eric. Seu acento ficou mais pronunciado, como fazia quando ele estava zangado.

Bill apartou o olhar.

A pesar da dor pulsando em meu braço, apesar de minha exasperação geral com os dois, algo dentro de mim se sentou e tomou nota. Houve um significado inconfundível no tom do Eric. A falta de resposta do Bill foi curiosa...

-O que?- Falei, meus olhos indo de um a outro. Tratei de me escorar a mim mesma em meus cotovelos e me reacomodei em primeiro lugar quando o outro braço, o mordido, deu uma pulsada grande de dor. Pressionei o botão para levantar a cabeça da cama.

-O que está sugerindo Eric? Bill?

-Eric não deveria te inquietar quando tem bastante para dirigir,- Bill disse, finalmente.

Entretanto nunca conhecido por sua expressividade, a cara do Bill era o que minha avó haveria descrito como "mais fechada e apertada que um tambor.

Eric cruzou seus braços através de seu peito e olhou para baixo deles.

-Bill?- Falei.

-Lhe pergunte por que ele voltou a Bon Temps, Sookie,- Eric disse muito silenciosamente.

-O velho Sr. Compton morreu, e ele quis reclamar sua...- incluso no podia descrever a expressão na cara do Bill. Meu coração começou a palpitar mais rápido. O temor se reuniu em um nó em meu estômago. -Bill?

Eric começou girar seu rosto fora de mim, mas não antes de que vi uma sombra de piedade cruzar sua cara. Nada me pôde ter assustado mais. Não podia ler a mente de um vampiro, mas neste caso sua linguagem corporal contou tudo. Eric partia dando meia volta porque ele não queria observar a faca deslizando-se dentro.

-Sookie, ficaria sabendo quando visse a rainha... Talvez pude haver mantido além do você, porque não entenderia... mas Eric se encarregou disso-. Bill deu ao Eric um olhar que pôde ter brotado um oco através do coração do Eric.

-Quando sua prima Hadley estava virando a favorita da rainha...

E repentinamente vi tudo, soube o que ele ia dizer, e me rebelei na cama do hospital com um estertor, uma mão cobriu meu peito porque meu coração estava fazendo-se pedaços. Mas a voz do Bill seguiu, embora neguei com a cabeça violentamente.

-Aparentemente, Hadley falou muitíssimo de ti e seu dom, para impressionar à rainha e conservar seu interesse. E a rainha soube que era originariamente de Bon Temps. Em algumas noites, perguntei-me se ela enviou alguém para matar ao último Compton e apressar as coisas. Mas talvez ele verdadeiramente morreu de velhice-. Bill olhava para abaixo no chão, não vi minha mão esquerda estendida até ele em um movimento de "alto".

-Ela me ordenou que voltasse a minha casa humana, para me colocar em seu caminho, te seduzir se tinha que fazê-lo... -Não podia respirar. Nenhuma importava como minha mão direita apertava meu peito, não podia deter a perda de grande parte de meu coração, o deslizamento da faca mais profundo em minha carne. -Ela quis seu dom equipado para seu uso,- ele disse, e ele abriu sua boca para dizer mais. Meus olhos foram tão imprecisos com lágrimas que não podia ver corretamente, não podia ver que expressão havia em sua cara e não lhe importava de qualquer maneira. Mas não poderia chorar enquanto ele estivesse perto. Não faria.

-Sai,- falei, com um esforço terrível. Algo que ocorresse, não poderia suportar que ele veja a dor que me tinha ocasionado.

Ele tratou de me ver diretamente nos olhos, mas os meus estavam muito cheios. O que fora que ele quis comunicar, perdeu-se em mim.

-Por favor me deixe terminar,- ele disse.

-Nunca quero te ver outra vez, alguma vez em minha vida,- sussurrei. -Jamais.

Ele não falou. Seus lábios se moveram, como se ele estivesse tratando de formar uma palavra ou locução, mas neguei com a cabeça. -Sai,- disse-lhe, em uma voz sufocada com ódio e angústia que não soou como à minha. Bill trocou de direção e passou pela cortina do quarto de emergência. Eric não deu a volta para ver minha cara, a Deus obrigado.

Ele retornou a me aplaudir na perna antes de sair, também.

Quis gritar. Quis matar a alguém com minhas mãos nuas.

Tinha que estar a sós. Não podia deixar a alguém me ver sofrer tanto. A dor estava ocupada com uma fúria tão profunda como nunca havia sentido. Estava doente com cólera e machucada. O estalo dos dentes do Jake Purifoy tinha sido nada comparado com isto.

Não podia ficar. Com alguma dificuldade, saí da cama. Meus pés estavam ainda nus, é obvio, e notei com uma estranha parte desprendida de minha mente, que estavam extraordinariamente sujos. Cambaleei-me da área de triagem, avistei as leva para a sala de espera, e coloquei a mim mesma nessa direção. Caminhar foi um problema.

Uma enfermeira veio com pressa até mim, um porta papeis em sua mão. -Srta. Stackhouse, um doutor estará com você em simplesmente minuto. Sei que você teve que esperar, e sinto, mas... "

Comecei a olhá-la e ela se sobressaltou, deu um passo atrás. Segui adiante para as portas, meus passos incertos exceto por meu claro propósito. Quis sair dali. Mais à frente disso, não sabia. Fui para as portas e empurrei e logo arrastei a mim mesma a través da sala de espera lotado com pessoas. Misturei-me perfeitamente com a mistura de pacientes e os parentes esperando ver um doutor. Alguns estavam mais sujos e mais ensangüentados que eu, e alguns eram maiores - e alguns eram menores.

Sustentei-me por mim mesma com uma mão contra uma parede e me mantive em movimento para as portas, ao exterior.

Fui.

Estava muito mais quieto fora, e caloroso. O vento soprava, simplesmente um pouco.

Eu estava a pé e sem dinheiro, me levantando sob as luzes deslumbrantes das portas do vestíbulo. Não tinha nem idéia onde estava em relação com a casa, e nenhuma idéia se isso estava onde ia, mas não estava mais no hospital.

Um homem sem lar deu um passo para mim. -Você tem qualquer dinheiro, irmã?- Ele perguntou. -Estou a minha sorte.

-Me vejo como se tivesse algo?- Perguntei-lhe, em uma voz razoável.

Ele se viu tão enervado como a enfermeira. Ele disse, -Lamento,- e se foi para atrás. Dava um passo detrás dele.

Gritei, -NÃO TENHO NADA!- E logo falei, em uma voz perfeitamente calma, -Ouça, nunca tive algo para começar.

Ele balbuciou e fez gorjeios e lhe ignorei. Comecei meu passeio. A ambulância tinha dado volta à direita entrando, assim é que dava volta à esquerda. Não podia recordar quanto tempo o passeio tinha durado. Tinha estado falando com o Delagardie. Tinha sido uma pessoa diferente. Caminhei e caminhei. Caminhei sob palmeiras, ouvi o ritmo enriquecedor da música, contra as venezianas de casas na calçada.

Em uma rua com alguns bares, um grupo de jovens homens saíram fora como ao passar, e um deles agarrou meu braço. Voltei-me contra ele com um grito, e com uma força que o empurrei contra uma parede. Ele se levantou dali, deslumbrado e esfregando sua cabeça, e seus amigos separaram.

-Está louca,- um deles disse brandamente. -Deixe-a-. Desviaram-se rumo a outra direção. Depois de um tempo, recuperei-me o suficiente para me perguntar por que estava fazendo isto. Mas a resposta foi ambígua. Quando caí sobre algum pavimento quebrado, raspando o joelho o suficiente para fazê-lo sangrar, a dor física chamou-me de retorno para mim mesma. Está fazendo isto assim sentirão pena por lhe machucarem? Perguntei-me em voz alta.

-OH, meu Deus, pobre Sookie! Ela saiu andando do hospital por si mesma, andando louca de pesar, e ela andou a sós entre as ruas perigosas do Grande Tranquilo porque Bill a pôs tão louca!

Não quis que meu nome cruzasse os lábios do Bill outra vez. Quando fui um pouco mais eu mesma - simplesmente um pouquinho- a profundidade de minha reação começou a me assombrar. Se ainda tivéssemos sido um casal quando aprendi o que havia aprendido esta tarde, lhe teria matado; soube isso com a transparência do cristal. Mas a razão pela que tinha tido que me apartar do hospital estava igualmente clara; não pude ter agüentado tratar com alguém no mundo justo então. Tinha sido idiota com o conhecimento mais doloroso: o primeiro homem que alguma vez disse que ele me amava nunca tinha me amado absolutamente.

Sua paixão tinha sido artificial.

Sua busca de mim tinha sido uma coreografia.

Devia ter parecido tão fácil para ele, tão ingênua, tão preparada para o primeiro homem que me deu um pouco de tempo e esforço para me conquistar. Me conquistar!

A mesma locução me fez doer mais. Ele nunca tinha pensado a respeito de mim como um prêmio.

Até que a estrutura tinha sido derrubada dentro em um só momento, não tinha me precavido o que tanto de minha vida no ano passado tinha sido fortalecido no fundamento falso do amor do Bill e sua avaliação.

-Salvei sua vida,- falei, assombrada. -Fui ao Jackson e arrisquei minha vida por ele, porque ele me amava. Uma parte de meu cérebro soube que isso não era inteiramente preciso.

Tinha feito porque o tinha amado. E estava assombrada, nesse mesmo momento, ao me dar conta de que o puxão de seu criador, Lorena, tinha sido mais forte que as ordens de sua rainha. Mas não estava de humor para dividir cabelos emocionais. Quando pensei a respeito da Lorena, outra realização me deu um murro no estômago. -Matei alguém por ele,- falei, minhas palavras flutuando na noite escura grossa. -OH, Meu Deus. Matei alguém por ele.

Estava coberta de machucados, sangue, e sujeira quando olhei acima para ver um pôster que dizia Chloe Street. Isso estava onde o apartamento de Hadley estava, andei lentamente. Dava volta à direita, e comecei a caminhar outra vez.

A casa estava escura, de cima abaixo. Talvez Amelia estava ainda no hospital. Não tinha idéia que hora era ou quanto tempo tinha caminhado.

O apartamento de Hadley estava fechado com chave. Baixei a escada e recolhi uma dos vasos de barro que Amelia tinha posto ao redor de sua porta. Levei-a subindo as escadas e quebrei um vidro da porta. Alcancei dentro, destravei-lhe a porta, e entrei.

Nenhum alarme soou. Tinha estado bastante segura que a polícia não teria sabido o código para ativá-la quando tinham saído depois de fazer o que for que haviam feito.

Passei no meio do apartamento, o qual ainda estava revolto por nossa briga com o Jake Purifoy. Teria algo mais de limpeza para fazer na manhã, ou cada vez que ... cada vez que minha vida reatava. Entrei no banheiro e tirei as roupas que tinha estado trazendo postas. As segurei e as olhei por um minuto, o estado em que estavam. Logo cruzei andando o vestíbulo, abri a porta janela mais próxima, e atirei as roupas sobre a grade de ferro da galeria. Desejei que todos os problemas fossem tão fáceis de dispor, mas ao mesmo tempo minha personalidade verdadeira emergiu o suficiente para detonar um fio de culpabilidade por deixar uma bagunça que alguém mais teria que limpar. Essa não era muita a Stackhouse. Esse fio não foi o suficientemente forte para me fazer retornar escada abaixo para recuperar os objetos de vestir muito sujos. Não então.

Depois de que tinha colocado uma cadeira sob a porta que tinha quebrado, e depois de ativar o sistema de alarme com o número que Amelia tinha me ensinado, me introduzi na ducha. A água ardeu meus muitos cortes, e a dentada profunda em meu braço começou a sangrar outra vez. Pois bem, caralho. Minha prima vampira não havia necessitado de utensílios primeiros socorros, é obvio. Finalmente encontrei algumas almofadinhas circulares de algodão que ela provavelmente tinha usado para tirar maquiagem, e registrei uma das bolsas de roupas até que encontrei um cachecol ridiculamente modelado por um leopardo alegre.

Desastradamente , amarrei as almofadinhas para o dentada e pus o cachecol o suficientemente apertada. Ao menos os vis lençóis foram a menor de minhas preocupações. Subi dolorosamente em minha camisola e jazi na cama, rezando pelo esquecimento.

## CAPÍTULO 16

DESPERTEI esgotada, com esse sentimento horrível que em um momento recordaria más coisas.

O sentimento foi corretamente preciso.

Mas as coisas más tiveram que tomar um assento traseiro, porque tive uma surpresa para começar o dia. Claudine estava a meu lado na cama, escorada em um cotovelo olhando para baixo compassivamente. E Amelia estava no final da cama em uma poltrona, sua perna enfaixada escorada em uma banquetta. Ela lia.

-Por que está aqui?- Perguntei a Claudine. Depois de ver o Eric e o Bill ontem à noite, perguntei-me se todo mundo que conhecia tinha me seguido aqui. Talvez Sam viria à porta em um momento.

-Já te disse isso, sou sua fada madrinha,- Claudine disse. Claudine era a fada mais feliz que conhecia. Claudine era tão preciosa para uma mulher como seu gêmeo Claude era para um homem; talvez mais preciosa, porque sua personalidade mais agradável brilhava através de seus olhos. Sua coloração era similar a dele; com lustroso cabelo negro, pele branca. Hoje ela levava vestida com capri azul claro e uma túnica arroxeadada coordenando. Ela se via etereamente preciosa, ou ao menos tão etéreo como pode te ver em capris.

-Poderá me explicar imediatamente depois de que passe pelo banheiro,- falei, me lembrando de toda a água que tinha tomado quando tinha chegado à pia na noite anterior. Todas minhas aventuras tinham me dado sede. Claudine se balançou graciosamente da cama, e a segui entorpecida.

-Muito olho,- Amelia aconselhou, quando tratei de me pôr de pé também rapidamente.

-Como está sua perna?- Perguntei a ela, quando o mundo se alinhava novamente a si mesmo. Claudine manteve um aperto em meu braço, no caso de cair. Me senti bem ver Claudine, e tive surpreendentemente contente de ver a Amelia, até com a muleta.

-Muito machucada,- disse ela. -Mas a nossa diferença, é que fiquei no hospital e tratei a ferida corretamente.

Ela fechou seu livro e o pôs na mesa pequena pela cadeira. Ela se via um pouco melhor do que suspeitava que eu me via, mas ela não era a bruxa radiante e feliz que tinha sido no dia anterior.

-Tivemos uma experiência educativa, não?- Falei, e contive meu fôlego quando recordei simplesmente quanto tinha aprendido.

Claudine me ajudou a entrar no banheiro, e quando a reconfortei que poderia me arrumar, ela me deixou sozinha. Fiz as coisas necessárias e saí fora sentindo-me melhor,

Quase humana. Claudine tinha tirado algumas roupas de minha bolsa esportiva, e havia uma xícara grande na mesa de noite com vapor levantando-se dela. Cuidadosamente sentei-me contra a cabeceira, minhas pernas cruzadas frente a mim, e segurando a xícara grande para minha cara assim é que podia respirar o aroma.

-Explica a coisa da fada madrinha,- falei. Não queria falar de algo mais urgente, não justo agora.

-As fadas são seu ser sobrenatural básico,- Claudine disse. -De nós vêm duendes e meninas exploradoras e anjos e demônios. Os espíritos das águas, os guardiães dos campos de golfe, todos os espíritos naturais... todos são alguma forma de fada".

-Assim que você é o que?- Amelia perguntou. Não tinha lhe ocorrido a Amelia nos deixar, e pareceu estar bem para Claudine, também.

-Estou tratando de me converter em um anjo,- Claudine disse brandamente. Seus enormes olhos café iluminaram. -Depois de anos de...bem, uma boa cidadã, acredito que vocês o chamariam, tenho uma pessoa em quem guardar. A Sook, aqui. E ela realmente me manteve ocupada-. Claudine se viu orgulhosa e feliz.

-Supõe-se que impede a dor?- Perguntei. Se for assim, Claudine estava fazendo um trabalho piolhento.

-Não, quisera poder-. A expressão na cara oval de Claudine estava abatida. -Mas posso te ajudar a recuperar de desastres, e algumas vezes os posso impedir.

-As coisas seriam piores sem ti perto?

Ela inclinou a cabeça vigorosamente.

-Tomarei sua palavra,- falei. -Por que tenho uma fada madrinha?

-Não tenho permissão de dizer,- Claudine disse, e Amelia pôs seus olhos em branco.

-Não estamos aprendemos muito aqui,- ela disse. -E em vista dos problemas que tivemos ontem à noite, talvez não é a fada madrinha mais competente, huh?

-OH, correto, Senhorita que Eu-Seleí-o-Apartamento-Para que-Estivesse- Limpo,- respondi, irracionalmente indignada por este assalto à competência por mim madrinha.

Amelia revolveu em sua cadeira, sua pele se ruborizou com cólera. -Pois bem, eu o selei! Ele teria se levantado não importa quando! Justamente o demorei um pouco!

-Teria ajudado se tivéssemos sabido que ele estava ali!

-Teria ajudado se sua prima não o tivesse matado em primeiro lugar!

Ambas chamamos uma parada em nosso diálogo. -Está segura que isso é o que aconteceu? Perguntei. -Claudine?

-Não sei,- ela disse, sua voz plácida. -Não sou onipotente ou onisciente. Justamente faço uma visita curta e de improviso para intervir quando posso. Lembre daquela vez que ficou dormida no volante e consegui chegar a tempo de lhe salvar?

E ela quase tinha me dado um ataque de coração durante o processo, aparecendo no assento dianteiro do carro na piscada de um olho.

-Sim,- falei, tratando de soar agradecida e humilde. -Lembro.

-É realmente, realmente duro chegar a alguma parte tão rápido,- ela disse. -Só posso fazer isso em uma emergência verdadeira. Digo, uma emergência de vida ou morte. Felizmente, tive um pouquinho mais de tempo quando sua casa estava ardendo...

Claudine não ia nos dar nenhuma regra, ou até explicar a natureza do criador de regras. Justamente tinha que conseguir sair apesar de tudo com meu sistema de crença, o qual me tinha ajudado toda minha vida. Devo pensar a respeito disso, se me equivoquei de médio ao meio, não queria saber.

-Interessante,- disse Amelia. -Mas tem umas poucas coisas mais das que falar. Talvez ela era tão arrogante porque ela não tinha uma fada madrinha.

-Do que quer falar primeiro? Perguntei.

-Por que deixou o hospital ontem à noite?- Sua cara estava apertada ressentidamente.

-Deveria ter me dito. Subi por mim mesma acima destas escadas ontem à noite para te buscar, e ali estava. E tinha bloqueado com uma barricada a porta. Assim é que tive que retornar pelas malditas escadas outra vez para obter minhas chaves, e poder entrar pelas portas janelas, e apressar - nesta perna - a apagar o sistema de alarme. E então esta condenada estava sentada ao mesmo tempo de sua cama, e ela pôde ter feito todo isso.

-Não podia abrir as janelas com magia?- Perguntei.

-Estava muito cansada,- ela disse com dignidade. -Tinha que recarregar minhas baterias mágicas, como dizem.

-Como dizem,- falei, minha voz seca. -Pois bem, ontem à noite, fiquei sabendo...- e parei em seco. Simplesmente não podia falar disso.

-Ficou sabendo o que? -Amelia estava exasperada, e não podia dizer que a culpasse.

-Bill, seu primeiro amante, foi plantado em Bon Temps para seduzi-la e ganhar sua confiança,- Claudine disse. -Ontem à noite, ele admitiu isso em sua cara, e diante de seu outro amante, outro vampiro.

Como sinopse, era perfeito.

-Bem... isso fede,- Amelia disse fracamente.

-Bem,- falei. -Se...

-Ouch.

-Sim.

-Não o posso matar para ti,- Claudine disse. -teria que dar vários passos para atrás.

-Está bem,- disse a ela. -Ele não vale que perca pontos de menina exploradora.

-OH, não sou uma menina exploradora,- Claudine dando elucidações bondosamente.

-Achei que tivesse entendido. Sou uma fada de pura raça.

Amelia fazia uma tentativa para não rir, e a olhei. -Simplesmente deixa-o ir, bruxa,- falei.

-Sim, telepata.

-Qual é o próximo?- Perguntei, em geral. Não falaria mais a respeito de meu coração quebrado e minha auto-estima demolida.

-Resolvemos o que aconteceu,- a bruxa disse.

-Como? Chamamos o CSI?

Claudine se viu confusa, assim é que adivinhei que as fadas não vêm televisão.

-Não,- Amelia disse, com paciência elaborada. -fazemos uma reconstrução ectoplásmica.

Tive a segurança de que minha expressão emparelhou a de Claudine, agora.

-De acordo, me deixem explicar,- Amelia disse, sorrindo abertamente a todas partes.

-Isto é o que nós fazemos.

Amelia, no sétimo céu nesta exibição de seu maravilhoso poder de bruxa, contou a Claudine e a mim longamente sobre o procedimento. Consumia tempo -e energia-, ela disse, por isso não se fazia mais freqüentemente. E tinha que congrega ao menos a quatro bruxas, ela estimou, para cobrir a quantidade de metragem quadrada envolta no assassinato do Jake.

-E necessitarei a bruxas verdadeiras,- Amelia disse. -Trabalhadores de qualidade, não algum sebe vivo Wiccan-. Amelia destrambelhou nos Wiccans por um bom momento. Ela desprezava aos Wiccans (injustamente) como abraçadores-de-árvore - isso saiu direto dos pensamentos da Amelia o suficientemente claro. Lamentei o prejuízo da Amelia, como se tivesse encontrado a algum Wiccan impressionante.

Claudine me percorreu com o olhar, sua expressão duvidosa. -Não estou segura se deveríamos estar aqui para isto,- ela disse.

-Pode ir, Claudine-. Estava pronta para experimentar com algo, simplesmente para tirar minha mente do oco grande em meu coração. -Vou ficar e observar. Tenho que saber o que aconteceu aqui. Há também muitos mistérios em minha vida, agora mesmo.

-Mas tem que ir ver a rainha esta noite,- Claudine disse.-Perdeu a passada ontem à noite. Visitar a rainha é uma ocasião de vestir-se muito bem. Tenho que te levar de compras. Você não quer usar qualquer das roupas de sua prima.

-Não que minha bunda entrasse,- falei.

-Não que sua bunda quisesse,- ela disse, igualmente severamente. -Pode cortar com isso agora mesmo, Sookie Stackhouse.

Contemplei-a, deixar ver a dor dentro de mim.

-Bem, o tenho,- ela disse, sua mão me aplaudindo amavelmente na bochecha. -E isso fede um bom tempo. Mas tem que amortizá-lo. Ele é só um tipo.

Ele tinha sido o primeiro tipo. -Minha avó lhe serviu limonada,- falei, e em certa forma isso provocou as lágrimas outra vez.

-Ei,- Amelia disse. -Que se foda correto?

Olhei a jovem bruxa. Ela era bonita e resistente e extravagante, pensei. Ela estava bem.

-Bom,- falei. -Quando pode fazer a coisa do ecto?

Ela disse, -Tenho que fazer algumas ligações telefônicas, ver quem posso reunir. A noite é sempre melhor para a magia, é obvio. Quando pagarás sua visita à rainha?

Pensei por um momento.

-Simplesmente à escuridão cheia,- falei. -Talvez aproximadamente às sete.

-Deveria tomar aproximadamente duas horas,- Amelia disse, e Claudine inclinou a cabeça.  
-Bom, pedirei que estejam aqui às dez, para ter um quarto pequeno de rebolado. Você sabe, seria genial se a rainha pudesse pagar por isso.

-Quanto acha que pode custar?

-Faria por nada, para ter a experiência e poder dizer que tinha feito um,- Amelia disse francamente, -Mas outros necessitarão de algum dinheiro. Digo, trezentos por cabeça, e os materiais.

-E necessitará a três bruxas mais?

-Ah eu gostaria de ter três mais, embora se posso obter a quão únicos quero em este curto prazo de aviso... bem, farei o melhor possível. Dois poderiam fazê-lo. E os materiais devem ser...-. Ela fez alguns cálculos mentais rápidos. -Ao redor de sessenta dólares.

-O que precisarei fazer? Digo, qual é minha parte?

-Observar. Eu farei o trabalho pesado.

-Perguntarei à rainha-. Respirei profundamente. -Se ela não pagará por isso, o farei.

-De acordo, então. Estamos preparados. Ela coxeou fora do dormitório felizmente, contando coisas com os dedos. Ouvi ela ir escada abaixo.

Claudine disse, -tenho que tratar seu braço. E logo precisamos te encontrar algo para vestir.

-Não quero gastar dinheiro em uma visita de cortesia "para a rainha do vampiro". Quanto mais que poderia ter que pagar a conta para as bruxas.

-Não tem que fazê-lo. É meu presente.

-Pode ser minha fada madrinha, mas não tem que gastar dinheiro comigo-. Tive uma revelação repentina. -Pagou minha conta do hospital no Clarice.

Claudine se encolheu de ombros. -Ouça, é dinheiro que entrou do clube de strip, não de meu trabalho normal-. Claudine co-possuía o clube de strip no Ruston, com o Claude, quem fazia todo o dia de striper do lugar. Claudine era de serviço ao cliente em uma loja de departamentos. As pessoas esqueciam suas queixa uma vez que confrontavam a sorriso de Claudine.

Era certo que não me importava gastar o dinheiro do clube tanto como tivesse odiado gastar economias pessoais de Claudine. Não lógico, mas verdadeiro.

Claudine tinha estacionado seu carro no pátio no passeio circular, e estava sentada nele quando fui escada abaixo. Ela tinha tirado um estojo de primeiro socorros do carro, tinha enfaixado meu braço e tinha me ajudado a me pôr algumas roupas.

Meu braço estava machucado mas não pareceu estar infectado. Estava fraca, como se tivesse tido gripe ou alguma outra enfermidade envolvendo alta temperatura e montões de fluidos.

Assim é que avançava lentamente.

Levava postos jeans e sandálias e uma camisa canção, porque isso era o que tinha.

-Definitivamente não pode fazer uma visita à rainha nisso,- ela disse, amavelmente, mas decisivamente. Se ela estava muito familiarizada com Nova Orleans ou se tinha carma indo às compras, Claudine conduziu diretamente para uma loja no Garden District. Era o tipo de loja que descartaria como ser para mulheres mais sofisticadas com bastante mais dinheiro que eu, se tivesse estado indo às compras por mim mesma. Claudine entrou diretamente no estacionamento, e em quarenta e cinco minutos tivemos um vestido. Era de chifón, de manga curta, e tinha montões de cores nele: turquesa, cobre, marrom, marfim. As sandálias que usaria eram marrons.

Tudo o que precisava era uma assinatura para o clube de campo.

Claudine tinha se apropriado da etiqueta do preço.

-Simplesmente pode deixar seu cabelo solto,- Claudine avisou. -Não necessita um grande penteado com esse vestido.

-Bom, há muito nisso,- falei. -Quem é Diane Von Furstenburg? Não é isso realmente caro? Não é um pouco nu para a estação?

-Poderia ter um pouco de frio em março,- Claudine fez uma concessão. -Mas será bom usá-lo cada verão por anos. Ficaré grandiosa. E a rainha saberá que lhe tomou tempo para trazer posto algo especial para visitá-la.

-Não pode ir comigo?- Perguntei, me sentindo um pouco triste. -Não, está claro, não pode.- Os vampiros zumbem ao redor das fadas como os colibris ao redor do água doce.

-Não poderia sobreviver," ela disse, conseguindo soar envergonhada de que tal possibilidade a afastaria de meu lado.

-Não se preocupe por isso. Depois de tudo, o pior já ocorreu, não?- Pulverizei minhas mãos. -Ameaçaram-me, sabe? Se não fizesse isto ou algo semelhante, se desferrariam a costa do Bill. Ouça, adivinha o que? Não me importa mais.

-Pensa antes de falar,- Claudine aconselhou. -Não pode ser bocuda com a rainha. Até um duende não seria bocudo com a rainha.

-Prometo,- falei. -Eu em realidade aprecio sua vinda aqui, Claudine.

Claudine me deu um abraço grande. Era como um abraço com uma árvore suave, desde que Claudine era tão alta e magra. -Desejo que não tivesse me necessitado,- disse ela.

# CAPÍTULO 17

A RAINHA possuía um bloco de edifícios dentro do centro de Nova Orleans, talvez a três quadras do bordo do Cantão Francês. Isso diz o tipo de dinheiro que ela jogava, ali mesmo. Tivemos um jantar cedo- precavi-me que tinha fome - e logo Claudine me expulsou pra fora a duas quadras, porque o tráfico e a congestão turística eram intensos perto do quartel general da rainha. Embora o público geral não sabia que Sophie Anne Leclerq era uma rainha, sabiam que ela era um vampiro muito rico que possuiu um inferno de uma grande quantidade de bens raízes e gastava dinheiro de sobra na comunidade. Mais, seus guardacostas eram coloridos e tinham obtida permissões especiais para levar armas nos limites da cidade. Isto queria dizer que o bloco de lojas/moradias /quartel estava na lista turística de coisas para ver, especialmente na noite.

Embora o tráfico rodeava o edifício durante o dia, na noite o quadrado de ruas ao redor dele estava aberto só para os pedestres. Os ônibus estacionavam um bloco fora, e os guias de excursão guiariam aos visitantes de outra cidade por um alterado edifício. As excursões a pé e as manadas de turistas independentes incluíram o que os guias chamavam "quartel general do vampiro" em seus planos.

A segurança era muito evidente. Este bloco era um branco natural para os bombardeios da Irmandade do Sol. Alguns negócios possuídos por vampiros em outras cidades tinham sido atacados, e a rainha não estava a ponto de perder sua vida depois da morte de tal maneira.

Os vampiros guardas de serviço, e eram horripilantes de olhar como o inferno. A rainha tinha a sua equipe SWAT vampiro. Embora os vampiros fossem simplesmente letais por si mesmos, a rainha achava que os humanos prestavam mais atenção se encontravam as silhuetas reconhecíveis. Não só os guardas estavam armados até os dentes, além disso trazia posto colete a prova de balas preto sobre uniformes pretos. Era assassino-letal chique .

Claudine tinha me preparado para tudo isto durante o jantar, e quando ela me deixou sair, senti-me completamente cheia de instruções prévias. Também me senti como se fora à festa ao ar livre da Rainha da Inglaterra em todo meu aprimoramento novo. Pelo menos eu não tive que trazer posto um chapéu. Mas meus saltos altos café foram uma proposta arriscada na pavimentação áspera.

-Contemplem o quartel general de Nova Orleans do vampiro visível mais famoso, Sophie Anne LeClerq-, um guia de excursão dizia a seu grupo. Ele estava vestido pitorescamente em um tipo de traje colonial: O chapéu de tri-corno, os calças bombachas, a mangueira, sapatos com fivela. Minha mãe. Quando fiz uma pausa para escutar, seus olhos titilaram para mim, notou meu traje, e se afiaram com interesse.

-Se você é chamada pela Sophie Anne, você não pode entrar casual,- ele disse ao grupo, e fez gestos para mim. -Esta senhorita tem posto o vestido correto para um encontro com o vampiro... um dos vampiros mais proeminentes da América-. Ele sorriu abertamente ao grupo, convidando-os a desfrutar de sua referência. Havia outros cinquenta vampiros igual de proeminentes. Talvez não tão publicamente orientados ou tão coloridos como Sophie

Anne Leclerq, mas o público não sabia isso. Em vez de ser rodeado do ar correto de mortífero exótico, "o castelo" da rainha era mais uma Disneylândia macabra, graças aos vendedores ambulantes de lembranças, o guia de excursão, e os curiosos descarados. Havia até um fotógrafo. Quando me aproximei do primeiro anel de guardas, um homem saltou para mim e tirou uma foto. Fiquei congelada pelo brilho de luz e lhe segui com o olhar - no que pensei era sua direção - enquanto meus olhos se ajustavam. Quando pude lhe ver claramente, encontrei que era um homem pequeno, imundo com uma câmara grande e uma expressão determinada. Ele se alojou com pressa no que adivinhei era sua acostumada estação, uma esquina no lado contrário da rua. Ele não se ofereceu para me vender uma foto ou me dizer onde poderia comprar uma, e não me deu qualquer explicação.

Tive um mau pressentimento a respeito deste incidente. Quando falei com um dos guardas, minha suspeita foi confirmada.

-Ele é um espião da Irmandade,- disse o vampiro, inclinando a cabeça na direção do homem pequeno. Ele tinha achado meu nome em uma lista de comprovação presa em um porta papéis. O mesmo guarda era um homem robusto com pele café e um nariz tão curvado como um arco-íris. Ele tinha nascido em alguma parte do Oriente Médio, uma vez em algum tempo. O crachá do velcro com seu nome no casco dizia RASUL.

-Temos proibição de lhe matar,- disse Rasul, como se ele explicasse um costume ligeiramente folclórica. Ele sorriu, o qual teve um efeito desconcertante, também. O casco negro cobria quase toda sua cara e o chinstrap era o tipo que realmente rodeava seu queixo, assim é que podia ver só um pouquinho de sua cara. No momento, esse pouquinho era em sua maior parte branco afiado, dente.

-A Irmandade fotografa todo o mundo que entra ou sai com freqüência deste lugar, e ali não parece haver algo que possamos fazer a respeito disso, desde que queremos manter a boa vontade dos humanos.

Rasul corretamente assumiu que era uma aliada dos vampiros, desde que estava na lista das visitas, e me tratava com uma camaradagem que encontrei relaxada.

-Seria precioso se algo ocorresse com sua câmara,- sugeri. -A Irmandade me caça-. Embora me senti bastante culpada, pedindo a um vampiro arrumar um acidente para outro ser humano, era o suficientemente carinhosa de minha vida para querer salvá-la.

Seus olhos brilharam quando passamos sob um farol. A luz os apanhou, por um momento lhe deram um brilho vermelho, como os olhos das pessoas ficam às vezes quando o fotógrafo usa um flash.

-Por estranho que pareça, algumas coisas ocorreram a suas câmaras,- Rasul disse.-De fato, duas deles foram feitas pedaços além do concerto. O que é um acidente mais? Não garanto nada, mas faremos o melhor que se possa, preciosa senhora.

-Muito obrigada,- falei. -Algo que você possa fazer será muito apreciado. Depois desta noite, posso falar com uma bruxa que talvez possa ocupar-se desse problema por você. Talvez ela possa fazer que todas as fotos se percam, ou algo do estilo. Você deveria chamá-la.

-Essa é uma idéia excelente. Aqui está Melanie,- ele disse, quando alcançamos as portas principais. – A deixarei com ela, e retornarei a meu posto. A verei quando retorne, terá o nome da bruxa e o endereço?

-Claro,- falei.

-Alguém já te disse que cheiras encantadoramente como uma fada?- Rasul disse.

-OH, estive com minha fada madrinha,- expliquei. -Ela me levou às compras.

-E o resultado é maravilhoso,- ele disse galantemente.

-É adulator-. Não pude fazer outra coisa que lhe devolver o sorriso. Meu ego havia sido golpeado no plexo solar a noite anterior (mas não estava pensando a respeito de isso), e uma coisa pequena como a admiração do guarda era justamente o que necessitava, mesmo assim era realmente o aroma de Claudine que o tinha provocado.

Melanie era uma mulher suscetível, até na equipe de SWAT. -Yum, yum, você cheira como uma fada,- ela disse. Ela consultou seu porta papéis. -É a mulher Stackhouse? A rainha te esperava ontem à noite.

-Me machuquei-. Estendi meu braço, mostrando a vendagem. Graças a uma grande quantidade do Advil, a dor era um batimento do coração aborrecido.

-Sim, soube disso. O novo está tendo uma grande noite agora. Ele recebeu instruções, tem um mentor, e tem a um doador voluntário. Quando ele se sintar mais como seu novo ser, poderá nos dizer como foi convertido".

-OH?- Ouvi minha voz vacilar quando me precavi que ela falava do Jake Purifoy.

-Ele poderia não lembrar?

-Se for um ataque surpresa, algumas vezes não lembram por algum momento,- ela disse, e se encolheu de ombros. -Mas sempre volta, cedo ou tarde. Enquanto isso, ele terá um jantar grátis-. Ela riu de meu olhar inquisitivo. -Registram-se para o privilégio, sabe. Estúpidos humanos-. Ela se encolheu de ombros. -Não há diversão nisso, uma vez que você conseguiu sobrepor-se à emoção da alimentação. A diversão estava todo o tempo na perseguição-. Melanie realmente não estava feliz com a nova política dos vampiros de alimentar-se só de humanos voluntários ou de sangue sintético. Ela claramente sentiu a falta de seu anterior regime.

Tratei de me ver atentamente interessada.

-Quando a presa faz o primeiro avanço, não é justamente o mesmo,- ela grunhiu.

-Gente destes dias-. Ela sacudiu sua pequena cabeça com rendida exasperação.

Desde que ela era tão pequena que seu casco quase se bamboleou em sua cabeça, podia sentir a mim mesma sorrindo.

-Então, ele se lembra e todos vocês jogam ao voluntário dentro? Como deixar cair um camundongo vivo no tanque de uma serpente?- Esforcei-me para conservar minha cara séria. Não quis que Melanie pensasse que tirava sarro dela pessoalmente.

Depois de um momento suspeito, Melanie disse, -Mais e menos. Ele foi exortado. Há outros vampiros presente.

-E o voluntário sobrevive?

-Assinam uma liberação de antemão,- Melanie disse, cuidadosamente.

Estremeci.

Rasul tinha me escoltado do outro lado da rua para a porta principal do domínio da rainha. Era um bloco de escritórios de três andares, possivelmente datando dos anos cinquenta, e estendendo-se por um bloco inteiro da cidade. Em outros lugares, o porão teria sido a retirada dos vampiros, mas em Nova Orleans, com sua maré alta, isso era impossível. Todas as janelas tinham recebido um tratamento distintivo. Os painéis que as cobriam estavam decorados em um tema do Mardi Gras, assim é que o edifício sério de tijolo foi condimentado com desenhos rosados, púrpuras, e verdes em um fundo branco ou preto. Havia emplastros iridescentes nas venezianas, também, como miçangas Mardi Gras. O efeito era desconcertante.

-O que faz quando dá uma festa?- Perguntei. Apesar das venezianas, o retângulo prosaico do escritório não era simplesmente festivo.

-OH, ela possui um velho monastério,- Melanie disse. -Pode conseguir um folheto a respeito disso antes de ir. É onde todas funções de estado se celebram. Uma certa quantidade dos antigos não podem entrar no interior da capela, mas além disso... tem uma parede alta no redor, assim é fácil de patrulhar, e agradavelmente decorado. A rainha tem apartamentos ali, mas é muito claro para viver todo o ano.

Não podia pensar em algo que dizer. Duvidei que alguma vez visse a residência estatal da rainha. Mas Melanie parecia estar aborrecida e inclinada a conversar. -Você era a prima de Hadley, conforme escutei?- Ela perguntou.

-Sim.

-Estranho, pensar a respeito de ter parentes vivos-. Por um momento, ela se viu distante, e tão triste como um vampiro pode se ver. Logo ela pareceu se dar algum tipo de sacudida

mental a si mesma. -Hadley não era má para alguém tão jovem. Mas ela pareceu tomar sua longevidade de vampiro como um privilégio.

Melanie negou com a cabeça. =Ela nunca deveria ter se cruzado com alguém tão velho e trapaceiro como Waldo.

-Isso é malditamente claro,- falei.

-Chester,- Melanie chamou. Chester foi o seguinte guarda em posição, e estava de pé com uma figura familiar vestida com o (começava a acreditar) traje usual do SWAT.

-Bubba!- Exclamei, ao mesmo tempo que o vampiro dizia -Senhorita Sookie!- Bubba e eu nos abraçamos, para diversão dos vampiros. Os vampiros não sacodem mãos, no curso comum das coisas, e abraçar-se é como extravagante em sua cultura.

Tive gosto em ver que não lhe tinham deixado ter uma arma, simplesmente os acessórios dos guardas. Ele se via bem no traje militar, e o disse assim. -O preto combina realmente bem com seu cabelo,- falei, e Bubba sorriu seu famoso sorriso.

-Você é muito agradável ao dizer isso,- ele disse. -Muito obrigado.

Lá pelo dia, todo mundo conhecia cara e sorriso do Bubba. Quando ele havia sido levado em rodas ao necrotério no Memphis, um assistente vampiro tinha detectado a pulsação mais diminuta de vida. Desde que o assistente foi um enorme fã, ele havia carregado a responsabilidade de trazer para o cantor, e uma lenda tinha nascido.

Infelizmente, o corpo de Bubba tinha estado tão saturado com drogas e aflições físicas que a conversão não tinha tido êxito inteiramente, e o mundo do vampiro acontecia com Bubba como o pesadelo de relações públicas que ele era.

-Quanto tempo estiveste aqui, Bubba? - Perguntei.

-OH, um par de semanas, mas realmente eu gosto,- ele disse. -Montões de gatos perdidos.

-Correto,- falei, tentando não pensar tão graficamente. Eu realmente gosto dos gatos. Bubba também, mas não da mesma forma.

-Se um humano lhe vir momentaneamente, pensa que é um imitador,- Chester disse quedamente. Melanie tinha voltado para seu posto, e Chester, quem tinha sido um menino de cabelo arenoso do bosque com dentição escassa quando ele foi trazido, encarregou-se agora de mim. -Está bem, frequentemente. Mas cada tantas vezes, chamam-lhe pelo que estava acostumado a ser seu nome. Ou lhe pedem que cante.

Bubba muito poucas vezes cantava estes dias, entretanto de vez em quando ele podia ser persuadido com pedidos cantando com voz gritante uma canção familiar ou duas.

Essa era uma ocasião memorável. Mais frequentemente, entretanto, ele negava que pudesse cantar uma nota, e ele usualmente ficava muito agitado quando era chamado por seu nome original.

Ele ficou atrás quando Chester me guiou mais à frente dentro do edifício. Havíamos trocado de direção, e tínhamos subido um andar, encontrando mais e mais vampiros - e alguns humanos - dirigindo-se aqui ou ali com um ar determinado. Era como qualquer bloco de escritórios ocupado, qualquer dia memorável, mas os trabalhadores eram vampiros e o céu lá fora estava tão escuro como o céu de Nova Orleans alguma vez esteve. Enquanto caminhávamos, notei que alguns vampiros pareciam mais cômodos que outros. Observei que os vampiros cautelosos estavam todos trazendo postos os mesmos alfinetes anexados a seus pescoços, alfinetes com a forma do estado de Arkansas.

Estes vampiros devem ser parte do cortejo do marido da rainha, Peter Threadgill.

Quando um dos vampiros da Louisiana se chocava em um vampiro de Arkansas, os arkansinos grunhiam e por um segundo pensei que haveria uma briga no corredor por um acidente leve.

Teria gosto em sair daqui. A atmosfera estava tensa.

Chester se deteve ante uma porta que não era diferente de todas as demais portas fechadas, exceto pelos dois grandes vampiros fora dela.

Os dois deveriam ser considerados gigantes em seu tempo, desde que mediam possivelmente dois metros. Pareciam irmãos, mas talvez fosse simplesmente seu tamanho e cara, e a cor de seu cabelo marrom, o que dava início à comparação: Grande com cantos rodados, barbudos, com largas caudas de poney, os dois se viam como carne de primeira para o circuito profissional de luta. Um tinha uma cicatriz enorme através de sua cara, adquirida antes de morrer, é óbvio. O outro tinha tido alguma enfermidade da pele em sua vida original. Não eram simplesmente artigos de exibição; eram absolutamente letais.

(Já que estamos, algum promotor tinha tido a idéia de um circuito de luta de vampiros um par de anos antes, mas virou chamas imediatamente. No primeiro encontro, um vampiro tinha arrancado o braço a outro, em TV aberta. Os vampiros não têm o conceito de briga de exibição.)

Estes dois vampiros estavam armados com facas, e cada um tinha um machado em seu cinturão. Espelho que acreditaram que se alguém tinha penetrado até aqui, as armas não iriam fazer diferença. Mais seus corpos eram armas.

-Bert, Bert,- Chester disse, inclinando a cabeça a cada um a sua vez. -Esta de aqui é a mulher Stackhouse; a rainha quer vê-la.

Ele trocou de direção e partiu dando meia volta, me deixando com os guarda-costas da rainha.

Gritar não tinha a aparência de uma boa idéia, assim é que falei, -não posso acreditar que ambos tenham o mesmo nome. Certamente ele se equivocou?

Dois pares de olhos café enfocaram a atenção em mim fixamente. -Sou Sigebert,- o cheio de cicatrizes disse, com um acento pesado que não poderia identificar. Ele disse seu nome como See-Já-Bairt. Chester estava usando uma versão muito Americanizada de que deve ser um nome muito velho. "Este meu 'mano', Wybert.

Este é meu irmão, Way-Bairt?

-Olá,- falei, tentando não avançar dando sacudidas. -Sou Sookie Stackhouse.

Não pareceram impressionados. Justo então, um dos vampiros com alfinete passou, jogando um olhar de desprezo dissimulado aos irmãos, e a atmosfera no corredor se voltou letal. Sigebert e Wybert observaram o vampiro, uma mulher alta em um traje de rua, até que ela dobrou uma esquina. Logo sua atenção trocou de retorno para mim.

-A Rainha está...ocupada,- Wybert disse. -Quando lhe queira em seu quarto, a luz, brilhará.

Ele indicou uma luz redonda na parede à direita da porta.

Assim é que estava obstruída aqui por um tempo indefinido até que a luz, brilhe.

-Seus nomes tem significado? Adivinho que são, um, anteriores ao inglês?- Minha voz diminuiu.

-Fomos saxões. Nosso pátria foi da Alemanha a Inglaterra, como chamam agora, Wybert disse. -Meu nome significa Batalha Brilhante.

-E o meu, Vitória Brilhante,- Sigebert acrescentou.

Lembrei um programa que tinha visto no History Chanel. Os saxões eventualmente se converteram nos anglo-saxões e mais tarde estavam afligidos por os normandos. -Assim é que vocês se criaram para ser guerreiros,- falei, tratando de me ver inteligente.

Intercambiaram olhadas. -Não havia nada mais,- disse Sigebert. O fim de sua cicatriz mexeu quando ele falou, e tentei não ficar com o olhar fixo.

-Fomos filhos de um líder guerreiro.

Podia pensar a respeito de cem perguntas para lhes fazer a respeito de suas vidas como humanos, mas estar na metade de um vestíbulo em um edifício de escritórios de noite não me pareceu o momento para fazê-lo. -Como vocês se converteram em vampiros?- Perguntei. -Ou é uma pergunta imprópria? Se for assim, justamente esqueçam que falei algo. Não quero pisar os dedos do pé a ninguém.

Sigebert realmente percorreu o olhar abaixo para seus pés, assim é que tive a idéia de que o inglês coloquial não era seu forte. -Esta mulher... muito bela... ela veio a nós a noite antes da batalha,- Wybert disse vacilante. -Ela disse... que seríamos mais fortes se ela...nos tomasse.

Olharam-me interrogativamente, e inclinei a cabeça para dar a entender que compreendia o que Wybert dizia, que o vampiro tinha insinuado seu interesse de deitar-se com eles. Ou tinha entendido que ela teve a intenção de sangrá-los?

Não podia dizer. Pensei que era um vampiro muito ambicioso que tomasse a estes dois humanos ao mesmo tempo.

-Ela não disse que só lutaríamos de noite depois disso,- Sigebert disse, encolhendo-se de ombros para demonstrar que havia algo que não entenderam. -Não fizemos suficientes perguntas. Nós muito ansiosos!- E ele sorriu. Está bem, nada tão horripilante como um vampiro com apenas suas presas. Era possível que Sigebert tivesse mais dentes na parte de trás de sua boca, uns que não podia ver desde minha altura, mas os dentes de Chester se viam super em contraste.

-Isso deve ter sido faz muitíssimo tempo,- falei, desde que não podia pensar em dizer qualquer outra coisa. -Quanto tempo vocês trabalham para a rainha?

Sigebert e Wybert se olharam. -Desde essa noite,- Wybert disse, assombrado que não tinha entendido. -Somos dela.

Meu respeito para a rainha, e talvez meu medo da rainha, tinha escalado. Sophie Anne, se esse era o nome verdadeiro, tinha sido valente, estratégica, e ocupada em sua carreira como vampiro líder. Ela os havia trazido e os tinha mantido com ela, em uma união que -aquele cujo nome não ia repetir- tinha me explicado que era mais forte que qualquer laço emocional até, para um vampiro.

Para meu alívio, a luz brilhou verde na parede.

Sigebert disse, -Vá agora,- e empurrou a porta pesada. Ele e Wybert me deram inclinações de cabeça de adeus quando caminhei para a soleira e entrei em um quarto que era como o escritório de qualquer executivo.

Sophie Anne Leclerq, Rainha de Louisiana, e um vampiro masculino se sentavam em uma mesa redonda amontoada com papéis. Tinha encontrado à rainha uma vez antes, quando ela tinha ido a minha casa para me contar sobre a morte de minha prima. Não havia posto cuidado então que tão jovem ela devia ser quando ela morreu, talvez não mais de quinze. Ela era uma mulher elegante, possivelmente quatro polegadas mais baixa que minha altura de cinco pés seis, e ela estava penteada até a última sobancelha. A maquiagem, o vestido, o cabelo, as meias, os acessórios- os inteiros nove pátios (?).

O vampiro na mesa com ela era sua contraparte masculina. Ele trazia posto um traje que teria pago minha conta de luz por um ano, ele estava barbeado, suas unhas arrumadas e perfumado até que ele quase não fosse mais um tipo. Em meu canto do bosque, não via

homens tão penteados freqüentemente. Especulei que este era o novo rei. Me perguntei se ele tinha morrido em tal estado; Realmente, perguntei-me se a funerária lhe havia arrumado assim para seu enterro, sem saber que sua descida clandestinamente era só temporária. Se esse tinha sido o caso, ele era mais jovem que sua rainha. Talvez a idade não era o único requisito, se tinha a intenção de ser realza.

Havia outras duas pessoas no quarto. Um homem baixo de aproximadamente três pés detrás da cadeira da rainha, suas pernas separadas, suas mãos juntas diante dele.

Tinha cabelo loiro curto e olhos azuis brilhantes. Sua cara carecia de maturidade; parecia um menino grande, mas com os ombros de um homem. Tinha posto um traje, e estava armado com uma arma.

Atrás do homem na mesa havia uma mulher, um vampiro, vestida toda de vermelho; calças frouxas, camiseta, os Reversos. Sua preferência era desafortunada, porque o vermelho não era sua cor. Ela era asiática, e pensei que tinha vindo do Vietnã - embora provavelmente tinha sido chamada de alguma outra maneira então. Tinha unhas muito curtas sem pintar, e uma espada aterradora presa atrás. Aparentemente, seu cabelo tinha sido cortado à altura do queixo por um par de tesouras oxidadas. Sua cara era a não realçada que Deus lhe tinha dado.

Desde que não tinha tido uma sessão informativa do protocolo correto, inclinei minha cabeça para a rainha, -É bom vê-la outra vez, senhora,- falei e tratei de olhar agradavelmente ao rei enquanto fazia novamente a coisa de inclinar a cabeça. Os dois espectadores de pé, que devem ser assistentes ou guarda-costas, receberam inclinações de cabeça mais pequenas.

Senti-me como um idiota, mas não quis ignorá-los. Entretanto, não tiveram problema me ignorando, uma vez me tinham dado uma valorizada ameaça.

-Você teve algumas aventuras em Nova Orleans,- disse a rainha, uma baixada de antena segura. Ela não sorria, mas então tive a impressão que ela não era uma moça sorridente.

-Sim, senhora.

-Sookie, este é meu marido. Peter Threadgill, Rei de Arkansas -. Não houve um rastro de afeto em sua cara. Ela também podia estar me dizendo o nome de seu mascote favorito.

-Como está,- falei, e repeti minha sacudida principal, somando, -Senhor,- precipitadamente. De acordo, já estava cansada disto.

-Srta. Stackhouse,- disse, devolvendo sua atenção aos papéis diante dele. A mesa redonda era grande e completamente desordenada com cartas, folhas impressas de computador, e um sortido de outros papéis - os extratos de conta bancária?

Enquanto estava aliviada de não ser objeto de interesse para o rei, perguntava-me exatamente por que estava ali. Inteirei-me quando a rainha começou a me questionar a respeito da noite anterior. Disse a ela tão explicitamente como pude o que aconteceu.

Ela se viu muito séria quando falei do feitiço de anti-aroma da Amelia e o que havia feito ao corpo.

-Você não acha que a bruxa sabia que o corpo estava ali quando ela fez um mero feitiço?- A rainha perguntou. Notei que embora o olhar do rei estava fixo nos papéis diante dele, ele não tinha movido nenhum deles desde que tinha começado a falar. Está claro, pode ser que fosse um leitor muito lento.

-Não, senhora. Sei que Amelia não soube que ele estava ali.

-Por sua habilidade telepática?

-Sim, senhora.

Peter Threadgill me olhou então, e vi que seus olhos eram de um incomum cinza glacial. Sua cara estava cheia de ângulos afiados: um nariz como uma folha, magros lábios, maçãs do rosto altos.

O rei e a rainha eram ambos bonitos, mas não de um modo que golpeasse qualquer acorde em mim. Tive uma impressão que o sentimento era mútuo. Ah Deus obrigada.

-Você é a telepata que minha estimada Sophie quer trazer para a convenção,- Peter Threadgill disse.

Desde que ele me dizia algo que já sabia, não senti a necessidade de responder. Mas a discricção venceu à pura irritação. -Sim, sou.

-Stan tem um,- a rainha disse a seu marido, como se os vampiros colecionassem telepatas da mesma forma que os adoradores de cães colecionavam springer spaniels.

O único Stan que conhecia era o vampiro principal em Dallas, e o único outro telepata com o que alguma vez tinha chocado vivia ali. Das poucas palavras de a rainha, adivinhei que Barry com a vida da garçom de Hotel havia mudado o bastante desde que lhe tinha encontrado. Aparentemente ele trabalhava para o Stan Davis agora. Não sabia se Stan era o xerife ou um rei, desde que nesse tempo não tinha sabido que de fato os vampiros tinham algo semelhante.

-Assim é que você agora está tentando juntar seu cortejo com o do Stan?- Peter Threadgill perguntou a sua esposa, em uma forma claramente não carinhosa.

Das muitas pistas atiradas em meu caminho, tinha obtido o quadro que esta não era uma união matrimonial por amor. Se me pedisse que depositasse um voto, diria que não era nem sequer uma união de luxúria. Sabia que à rainha tinha gostado de minha prima Hadley em uma forma luxuriosa, e os dois irmãos de guarda haviam dito que ela tinha sacudido seu mundo. Peter Threadgill não estava em nenhum lugar dos dois lados desse espectro.

Mas talvez isso só provava que a rainha era omnissexual, se essa fosse uma palavra. Tinha que procurá-la quando fosse a casa. Se alguma vez chegasse a casa.

-Se Stan pode ver a vantagem em empregar a tal pessoa, certamente posso considerar - especialmente desde que alguém está facilmente disponível.

Estava no inventário.

O rei se encolheu de ombros. Não que me tivesse formado muitas expectativas, mas teria antecipado que o rei de um pobre, agradável, estado cênico como Arkansas seria menos sofisticado e mais popular, com senso de humor. Talvez Threadgill era um trajado da cidade de Nova Iorque. O acento dos vampiros tendia a estar sobre tudo o mapa - literalmente - assim é que era impossível dizê-lo por seu discurso.

-Portanto, o que você acha que ocorreu no apartamento da Hadley?- A rainha me perguntou, e percebi que tínhamos voltado para tema original.

-Não sei quem atacou Jake Purifoy,- falei. -Mas a noite que Hadley foi ao cemitério com o Waldo, o corpo drenado do Jake aterrissou em seu armário. No que se refere a como chegou ali, não poderia dizê-lo. Por isso é que Amelia está fazendo esta coisa do ecto esta noite.

A expressão da rainha mudou; ela realmente se viu interessada. -Ela está fazendo uma reconstituição ectoplásmica? Escutei a respeito desses, mas nunca hei presenciado um.

O rei se viu mais que interessado. Em um abrir e fechar de olhos, ele se viu extremamente furioso.

Forcei minha atenção à rainha. -Amelia perguntou se lhe importaria, ah, cobrar?

Perguntei-me se deveria adicionar, "Minha senhora," mas justamente não podia me resignar a fazê-lo.

-Esse seria um investimento produtivo, desde que nosso vampiro mais novo poderia haver metido a todos nós em uma grande quantidade de problemas. Se ele tivesse se desatado com a gente comum... terei gosto em pagar.

Soltei o fôlego de puro alívio.

-E penso que observarei, também,- a rainha adicionou, antes de que pudesse exalar.

Isso soou como a pior idéia no mundo. Pensei que a presença da rainha suavizaria a Amelia até que toda a magia se escorresse fora. Entretanto, não havia forma de dizer à rainha que ela não era bem-vinda.

Peter Threadgill foi cuidadoso agudamente quando a rainha tinha anunciado que ela observaria. -Acho que não deveria ir,- disse, sua voz uniforme e autoritária. -Será duro para os gêmeos e Andre te guardar fora na cidade em um bairro como esse.

Perguntei-me como o Rei de Arkansas tinha qualquer idéia de como era o bairro de Hadley. Realmente, era uma área quieta de classe intermédia, especialmente comparado com o

zoológico que era o quartel general vampiro, com sua corrente constante de turistas e membros de um piquete e fanáticos com câmaras.

Sophie Anne já se preparava para sair fora. Essa preparação constou de percorrer com o olhar em um espelho para estar segura que a fachada perfeita era ainda perfeita e deslizar-se dentro de seus altos, altos, saltos, os quais tinham estado debaixo da mesa. Ela tinha estado sentando-se ali descalça. Esse detalhe repentinamente fez bastante mais real a Sophie Anne Leclerq para mim. Havia uma personalidade baixo esse exterior lustroso.

-Suponho que gostaria de Bill nos acompanhando,- disse-me a rainha.

-Não,- estalei. Está bem, havia uma personalidade - e era desagradável e cruel.

Mas a rainha se viu genuinamente sobressaltada. Seu marido estava indignado com minha rudeza - sua cabeça subiu rapidamente e seus olhos cinzas estranhos se fixaram em mim com uma cólera luminosa - mas a rainha ficou estupefata por minha reação.

-Pensei que vocês eram um casal,- ela disse, em uma voz perfeitamente constante.

Refreei minha primeira resposta, tratando de lembrar com quem falava, e falei, ao ponto de um sussurro, "Não, não somos-. Tomei um fôlego profundo e fiz um grande esforço.

-Desculpo-me por ser tão abrupta. Por favor me desculpe.

A rainha simplesmente me olhou por breves segundos, e ainda não poderia obter a indicação mais leve de seus pensamentos, emoções, ou intenções. Era como olhar uma bandeja de prata antiga - uma superfície brilhante, um padrão elaborado, e duro ao tato. Como Hadley pôde ter sido suficientemente aventureira para deitar-se com esta mulher, estava além de minha compreensão.

-Você está desculpada,- ela disse finalmente.

-É muito indulgente,- disse seu marido, e sua superfície, ao menos, começou a aliviar algo.

Seus lábios frizados em algo estreitamente atacando um matagal, e descobri que não queria ser o foco desses olhos luminosos por outro segundo. Eu não gostei a forma em que a garota asiática em vermelho me olhava, tampouco. E cada vez que considerei seu corte de cabelo, deu-me o heebie-jeebies. Caramba, até a senhora mais velha que havia feito a minha avó uma permanente três anos atrás teria feito um melhor trabalho que a Má Erva Louca.

-Estarei de volta em uma hora ou duas, Peter,- Sophie Anne disse, muito precisamente, em um tom que pôde ter coberto em rodela um diamante. O homem pequeno, sua infantil cara vazia, estava a seu lado rapidamente, estendendo seu braço assim ela poderia ter sua assistência em levantar-se. Especulei que ele era Andre.

A atmosfera era cortante. OH, eu tanto desejei estar em algum outro lado.

-Me sentiria mais tranquilo se soubesse que Flor de Jade está com você,- disse o rei.

Fez um gesto para a mulher em vermelho. A Flor de Jade, minha bunda: ela se viu mais como Assassina de Pedra. A cara da mulher asiática não trocou um ápice ante a oferta do rei.

-Mas isso te deixava sem nenhum,- disse a rainha.

-Apenas verdade. O edifício está cheio de guardas e vampiros leais,- Peter Threadgill disse.

Está bem, inclusive eu agarrei aquilo. Os guardas, quem pertenciam à rainha, estavam além dos vampiros leais, quem adivinhava eram os que Peter havia gasto com ele.

-Então, está claro, me orgulharia ter a uma lutadora como Flor de Jade me acompanhando.

Yuck. Não podia dizer se a rainha era séria, ou tratava de aplacar a seu novo marido ao aceitar sua oferta, ou rir dissimuladamente de sua estratégia pouco convincente para assegurar que seu espião estava na reconstituição ectoplásmica. A rainha usou o interfone para chamar abaixo - ou acima, não soube - à câmara segura onde Jake Purifoy se educava nas formas de l vampiros. -Mantenha guardas adicionais com Purifoy,- ela disse. -E me deixe saber o momento que ele recorde algo.

Uma voz obsequiosa esclareceu a Sophie Anne que ela seria a primeira em saber.

Perguntei-me por que Jake necessitaria guardas adicionais. Custou-me realmente esforço me preocupar a respeito de seu bem-estar, mas obviamente a rainha estava.

Então aqui fomos – a rainha, Flor de Jade, Andre, Sigebert, Wybert, e eu.

Especulo que estive em companhia muito variada, mas não lhe poderia dizer quando. Depois de percorrer uma grande quantidade de corredores, entramos em uma garagem protegida e nos colocamos em uma limusine maravilhosamente elástica. Andre sacudiu com força seu polegar a um dos guardas, apontando que o guarda devia conduzir.

Não tinha ouvido o vampiro cara de menino pronunciar uma palavra, até agora. Para meu prazer, o condutor era Rasul, a quem senti como um velho amigo comparado com outros. Sigebert e Wybert estavam incômodos no carro. Eram os vampiros mais inflexíveis que alguma vez tinha encontrado, e me perguntei se sua próxima associação com a rainha não tinha sido sua desatadura. Não tinham tido que trocar, e trocar com os tempos era a técnica crucial de sobrevivência dos vampiros antes do Grande Revelação. Ficou assim em países que não tinham aceito a existência de vampiros com a tolerância que a América tinha mostrado. Os dois vampiros teriam sido felizes vestindo peles e tecidos costurados à mão e teriam se visto perfeitamente em casa com botas feitas a mão de couro, levando escudos em seus braços.

-Seu xerife, Eric, veio me falar ontem à noite,- a rainha me disse.

-O vi no hospital,- falei, esperando que soasse igualmente.

-Você entende que esse vampiro novo, que era um lobisomem- ele não teve nenhuma opção, você entende?

-Tenho bastante disso com vampiros,- eu disse, recordado todas as vezes no passado quando Bill esteve me explicado coisas dizendo que ele não poderia ajudar a si mesmo.

Tinha acreditado nesse momento, mas não estava tão segura agora. De fato, estava tão profundamente cansada e miserável que logo que tive coração para continuar tratando de empacotar o apartamento do Hadley e terminar seus assuntos. Dava-me conta que se ia para casa em Bon Temps, deixando assuntos pendentes aqui, justamente me sentaria e incubaria quando conseguisse chegar.

Sabia isto, mas no momento, era difícil de confrontar.

Era hora para um de meus bate-papos ego-ânimo. Disse severamente a mim mesma que já tinha gozado de um momento ou duas disso na noite anterior, e gozaria uns poucos segundos mais cada dia até que me reconstruísse de novo a meu anterior estado satisfeito.

Sempre tinha desfrutado da vida, e sabia que o faria outra vez. Mas ia ter que avançar com dificuldade através de uma grande quantidade de maus emplastos para conseguir chegar.

Não acho que alguma vez tenha sido uma pessoa com uma grande quantidade de ilusões. Se você pode ler as mentes, você não tem muitas dúvidas de quão má podem chegar a ser as melhores pessoas.

Mas claro não tinha visto isto vir.

Para meu horror, as lágrimas começaram a deslizar-se por minha cara. Coloquei a mão em minha pequena bolsa, procurando fora um klínex, e enxuguei minhas bochechas enquanto todos os impigens cravavam os olhos em mim, Flor de Jade com a expressão mais identificável que tinha visto: desprezo.

-Sente muita dor?- A rainha perguntou, indicando meu braço.

Não pensei que realmente lhe importasse; tive a segurança de que ela tivesse instruído a si mesma para dar a resposta humana correta portanto tempo que já era um reflito.

-Dor do coração,- falei, e pude me haver mordido a língua completamente.

-OH,- ela disse. -Bill?

-Sim,- falei, e engoli saliva, me esmerando em deter o desdobramento de emoção.

-Me angustiei com Hadley,- ela disse inesperadamente.

-Foi bom que ela tivesse a alguém para lhe importar-. Depois de um minuto falei, -Teria tido gosto em saber que ela estava morta antes do que o fiz,- o qual foi tão cautelosamente como poderia expressar. Não tinha me informado que minha prima se foi até semanas depois.

-Houve razões que tive que esperar para enviar o Cataliades,- Sophie Anne disse.

Sua cara suave e olhos claros foram tão impenetráveis como uma parede de gelo, mas obtive a impressão definitiva que ela desejou que não tirasse o tema. Olhei à rainha, tratar de me pôr a dia com alguma pista, e ela deu um golpezinho diminuto do olho para Flor de Jade, quem estava sentada a sua direita. Não soube como pôde estar sentada Flor de Jade em sua posição relaxada com a longa espada amarrada a sua parte de trás. Mas definitivamente tive o sentimento que detrás de sua cara impassível e seus olhos planos, Flor de Jade ouvia tudo o que se transpirou.

Para maior segurança, decidi que não diria nada absolutamente, e o resto do passeio em carro transcorreu em silêncio.

Rasul não quis levar a limusine ao pátio, e recordei que Diantha havia estacionado na rua, também. Rasul retornou a abrir a porta à rainha, e Andre saiu primeiro, olhou ao redor por muito tempo, logo inclinou a cabeça indicando que era claro para que a rainha saísse. Rasul se levantou preparado, rifle em suas mãos, varrendo a área visualmente por possíveis assaltantes. Andre estava igual de vigilante.

Flor de Jade saiu do assento traseiro depois e acrescentou seus olhos a essa topografia da área. Protegendo à rainha com seus corpos, foram ao pátio.

Sigebert saiu depois, machado em mão, e me esperou. Depois de que tinha me unido na calçada, ele e Wybert me conduziram pela porta de acesso aberto com menos cerimônia que outros tinha dado à rainha.

Tinha visto a rainha em minha casa, sem nenhum guarda exceto Cataliades. Havia visto a rainha em seu escritório, protegida por uma pessoa. Especulo que não me dava conta até nesse momento que tão importante era a segurança para Sophie Anne, que tão precária sua situação no poder devia ser. Quis saber contra quem todos estes guardas a protegeriam.

Quem queria matar à rainha da Louisiana? Talvez todos os governantes vampiros estavam em tanto perigo - ou talvez era simplesmente Sophie Anne.

Repentinamente a convenção de vampiros tinha a aparência de uma proposição muito mais horripilante que antes.

O sistema de iluminação do pátio estava bom, e Amelia estava de pé sobre o caminho de acesso circular com três amigos. Para que conste em ata, nenhuma deles eram harpas com paus de vassoura. Um deles era um moço que se via como um missionário mórmon: calças pretas, camisa branca, gravata escura, sapatos pretos polidos.

Havia uma bicicleta inclinada acima contra a árvore no centro do círculo. Talvez era um missionário mórmon. Ele parecia tão jovem que pensei que não tinha terminado de crescer.

A mulher alta parada ao lado dele estava em seus sessenta anos, mas tinha um corpo de curvas flexíveis. Ela tinha posto umas apertadas calças, remadora, sandálias, e um par de brincos enormes. A terceira bruxa era de minha idade, nos finais dos vinte e hispânica. Era de bochechas cheias, lábios vermelhos forte, e cabelo preto encaracolado, e era pequena e mais curva que uma volta do S.

Sigebert a admirou especialmente (podia dizê-lo por seu olhar lascivo), mas ela ignorou a todos os vampiros como se não os pudesse ver.

Amelia poderia ter estado alarmada pelo fluxo de vampiros, mas ela deu introduções com apurmo. Evidentemente a rainha já identificou a si mesma antes que me aproximei.

-Sua Majestade,- Amelia dizia, -estes são meus CO-praticantes-. Ela varreu sua mão ante eles como se ela mostrasse um carro para a audiência do estudo. -Bob Jessup, Patsy Sellers, Terencia Rodriguez - Terry, como nós a chamamos.

As bruxas percorreram com o olhar a cada um antes de dar uma sacudida de cabeça breve a rainha. Foi difícil de saber como ela tomou essa falta de deferência, sua cara era lisa como o vidro- mas ela inclinou a cabeça de volta, e a atmosfera permaneceu passível.

-Justamente nos preparávamos para nossa reconstituição,- Amelia disse. Ela souu absolutamente confiada, mas pude ver que suas mãos tremiam. Seus pensamentos não estavam tão confiados como sua voz, tampouco. Amelia repassava seus preparativos em sua cabeça, enumerando freneticamente as coisas mágicas que ela havia comprado, reconsiderando ansiosamente a seus companheiros para satisfazer a si mesma, estavam preparados para o ritual, e demais. Amelia, tardiamente percebi, era uma perfeccionista.

Perguntei-me onde estava Claudine. Talvez ela tinha visto os vampiros vindo e prudentemente tinha escapado para alguma escura esquina. Enquanto a procurava ao redor, tive um momento quando a pena que sustentava fora simplesmente me emboscou. Foi como os momentos que tive depois que minha avó morreu, quando fazia algo familiar como escovar os dentes, e de repente o negrume me afligia. Requeri um momento ou dois para me congregiar e nadar de retorno à superfície outra vez.

Seria assim por algum momento, e justamente teria que apertar meus dentes e suportá-lo. Obriguei-me a me concentrar isto a meu redor. As bruxas assumiram suas posições. Bob se sentou em uma cadeira de grama no pátio, e observei com uma labareda diminuta de interesse como tirava coisas em pó de uma pequena bolsa do tamanho de um Ziploc e tirou uma caixa de fósforos de seu bolso do peito. Amelia subiu rapidamente as escadas para o apartamento, Terry se situou na metade da escada, e a alta bruxa maior, Patsy, já estava de pé sobre a galeria aparecendo para nós.

-Se todos vocês querem observar, provavelmente aqui acima seria mais conveniente- Amelia chamou, a rainha e eu subimos as escadas. Os guardas se reuniram em uma aglomeração pelo portão assim estariam tão longe da magia como podiam estar; até Flor de Jade parecia respeitosa do poder que estava a ponto de ser posta em uso, até se ela não respeitava às bruxas como pessoas.

Como algo muito corrente, Andre seguiu à rainha subindo as escadas, mas pensei que havia menos que entusiasmo encurvando seus ombros.

Foi bom focar a atenção em algo novo no lugar de refletir sobre meus sofrimentos, e ouvi com interesse como Amelia, quem parecia como se estivesse jogando voleibol, em lugar disso nos dava indicações sobre o feitiço mágico que ela estava a ponto de lançar.

-Marcamos o tempo para duas horas antes de que visse o Jake," ela disse. -Assim é que vocês poderão ver uma grande quantidade de coisas chatas e estranhas. Se ficar pesado, posso tratar de apressar a marcha dos acontecimentos.

Repentinamente tive um pensamento que me cegou por sua pura simpleza. Pediria a Amelia que retorne a Bon Temps comigo, e ali pediria que repita este procedimento em meu pátio; logo saberia o que aconteceu com a pobre Gladíola. Me senti muito melhor uma vez que tinha tido esta idéia, e me obriguei a pôr atenção ao aqui e agora.

Amelia gritou -Início!- e imediatamente começou a recitar palavras, suponho em latim.

Ouvi um eco apenas perceptível subir pelas escadas e o pátio quando as outras bruxas se uniram.

Não soubemos o que esperar, e raramente ouvir o aborrecido canto contínuo depois de um par de minutos. Comecei a me perguntar o que me aconteceria se a rainha se entediasse muito.

Logo minha prima Hadley caminhou pelo quarto dos vivos.

Foi tão emocionante, quase lhe falei. Quando olhei por um segundo mais longo, poderia dizer que não era realmente Hadley. Tinha sua forma, e se movia como ela, mas este simulacro era só lavagem de cor. Seu cabelo não era de uma escuridão verdadeira, a não ser uma resplandecente impressão de escuridão. Ela se parecia com a água colorida, caminhando.

Podia ver a luz trêmula da superfície. A olhei ansiosamente: tinha passado tanto desde que tínhamos visto um à outra. Hadley aparentava maior idade, por suposto. Ela se viu mais dura, também, com um sotaque sardônico em sua boca e uma aparência cética nos olhos.

Esquecida da presença de qualquer outro no quarto, a reconstituição foi a sala, agarrou um controle remoto fantasma, e ligou a televisão. Eu em realidade percorri com o olhar a tela para ver se mostraria algo, mas é obvio, não fez.

Senti um movimento ao meu lado e percorri com o olhar à rainha. Se tinha me escandalizado, ela estava eletrificada. Nunca realmente tinha pensado que a rainha verdadeiramente podia ter amado a Hadley, mas vi agora que ela o fez, tanto como ela foi capaz.

Observamos a Hadley percorrer com o olhar a televisão de vez em quando enquanto pintava as unhas dos pés, bebeu um copo de sangue fantasma, e fez uma chamada Telefônica. Não a podíamos ouvir. Só podíamos ver, e isso dentro de uma fila limitado. O objeto que ela

tratava de alcançar apareceria no minuto que sua mão o tocasse, mas não antes, assim é que podia estar claro que ela agarrava só quando ela começava a usá-lo.

Quando ela se inclinou para frente para colocar o copo de sangue sobre o tapete, e sua mão ainda segurava o copo, víamos o copo, a mesa com seus outros objetos, e Hadley, ao mesmo tempo, tudo isso com uma pátina resplandecente. A mesa fantasma foi imposta sobre a mesa verdadeira, a qual estava ainda quase exatamente igual a como tinha estado essa noite, simplesmente para fazê-lo mais estranho. Quando Hadley soltou o copo, ambos os copo e mesa titilaram fora da existência.

Os olhos do Andre estavam muito abertos e olhavam fixamente quando voltei a olhar atrás para ele, e foi a maior expressão que tinha visto em sua cara. Se a reinar estava angustiada e eu fascinada e triste, Andre estava com um medo apagado.

Esperamos alguns minutos mais até que Hadley evidentemente ouviu uma batida na porta. (Sua cabeça se dobrou para a porta, e ela se viu assombrada.) Ela se levantou (a porta fantasma, possivelmente duas polegadas à direita do verdadeiro, voltou-se inexistente) e caminhou brandamente através do andar. Ela deu um passo através de minhas sapatilhas, as quais estavam justo ao lado da porta.

Está bem, isso foi estranho. Esta coisa inteira foi estranha, mas fascinante.

Provavelmente as pessoas no pátio tinham observado à pessoa que chamava vir subindo as escadas exteriores, desde que ouvi uma maldição forte de um dos Berts - Wybert, pensei.

Quando Hadley abriu uma porta fantasma, Patsy, quem estava situada no exterior da galeria, empurrou a porta verdadeira assim é que podíamos ver.

Pela cara morta de calor da Amelia, podia dizer que ela não tinha pensado atentamente naquilo com antecipação.

Parado na porta estava Waldo (fantasma), um vampiro que tinha estado com a rainha por anos. Ele tinha sido muito castigado nos anos antes de sua morte, e lhe havia deixado com a pele permanentemente enrugada. Desde que Waldo tinha sido um albino ultra-magro antes deste castigo, ele tinha aparecido na horrível, única e incomparável noite que lhe tinha conhecido. Como uma criatura aquosa, o fantasma se viu melhor, realmente.

Hadley se viu assombrada de lhe ver. Essa expressão foi o suficientemente forte para ser reconhecível com folga. Logo ela se viu desgostosa. Mas ela deu um passo de retorno para lhe deixar entrar.

Quando ela voltou a mesa e recolheu seu copo, Waldo percorreu o olhar ao redor dele, para ver se qualquer outro estava ali. A tentação para advertir a Hadley foi tão forte que foi quase irresistível.

Depois de alguma conversa, que é obvio não podíamos entender, Hadley se encolheu de ombros e pareceu acessar algum plano. Provavelmente, esta foi a idéia que Waldo me havia dito a respeito da noite que ele tinha confessado haver matado minha prima.

Ele havia dito que tinha sido idéia de Hadley ir ao Cemitério Número Um do St. Louis para levantar o fantasma de vodu Marie Laveau, mas desta prova pareceu que Waldo foi o que tinha sugerido a excursão.

-O que é isso em sua mão?- Amelia disse, tão quedamente como ela podia, e Patsy entrou da galeria para comprovar.

-Um folheto,- respondeu a Amelia, tratando de usar um tom igualmente baixo.

-A respeito de Marie Laveau.

Hadley olhou o relógio bracelete em seu pulso e disse algo ao Waldo. Foi algo cruel, a julgar pela expressão de Hadley e o de sua cabeça quando ela indicou a porta.

Ela dizia "Não " tão claramente como a linguagem corporal podia dizer.

E ainda a seguinte noite ela tinha ido com ele. O que aconteceu para mudar de idéia?

Hadley caminhou a seu dormitório e nós a seguimos. Retrospectivamente, observamos Waldo deixar o apartamento, pondo o folheto na mesa da porta quando ele se foi.

Parecia estranho estar no dormitório do Hadley com a Amelia, a rainha, e Andre, observando Hadley tirando o roupão de banho e ficar num elegante vestido.

-Ela estava vestindo isto na festa uma noite antes do casamento,- a rainha disse quedamente. Era um vestido muito justo e curto, vermelho embelezado com lentejoulas vermelhas mais escuras e um broche de lagarto. Hadley ia fazer à rainha lamentar o que ela perdia, evidentemente.

Observamos Hadley embelezar-se com excessivo detalhe no espelho, pentear-se de duas formas diferentes, e ruminar sua eleição de gloss por um tempo muito comprido. A novidade cansava o processo, e estava disposta para o avanço rápido, mas a rainha justamente não podia chegar a ter o suficiente de ver sua amada outra vez. Claro que não ia protestar, quanto mais que a rainha quem pagava a conta.

Hadley mudou de direção daqui para lá diante de seu espelho de corpo inteiro, deu a aparência de estar satisfeita com o que viu, logo se pôs a chorar.

-OH, meu amor,- a rainha disse quedamente. -Lamento.

Soube exatamente como se sentiu Hadley, e pela primeira vez senti o parentesco com minha prima que tinha perdido através dos anos de separação. Nesta reconstrução, era a noite antes do casamento da rainha, e Hadley ia ter que ir a uma festa e observar à rainha e seu noivo serem um casal. E a seguinte noite ela tinha que assistir a seu casamento; ou isso pensou. Ela não sabia que estaria morta para então; finalmente, definitivamente morta.

-Alguém subindo- chamou Bob o bruxo. Sua voz flutuou no ar através das leves janelas abertas em cima da galeria. Na imagem fantasma, o mundo fantasmal, a campainha da porta deve ter tocado , porque Hadley se compôs, deu um último olhar no espelho (diretamente

através de nós, desde que estava em parte dianteira) e visivelmente se preparou psicologicamente. Quando Hadley foi andando pela casa, ela teve um balanço familiar de seus quadris e sua cara aquosa estava incrustada em um sorriso meio frio.

Ela abriu a porta. Desde que a bruxa Patsy tinha deixado aberta a porta real depois que Waldo havia "chegado," podíamos ver este sucesso. Jake Purifoy estava vestido em um terno, e parecia bem, como Amelia havia dito. Percorri com o olhar a Amelia quando ele entrou no apartamento, e ela espionava ao fantasma com pesar.

Não lhe importou ser enviado para recolher ao docinho da rainha, podia dizer, mas ele era muito político e também cortês para atirar isso na Hadley. Ele parou pacientemente enquanto ela pegava uma bolsa diminuta e deu a seu cabelo uma penteada final, e logo os dois se foram através da porta.

-Descendo aqui fora,- Bob chamou, e passamos através da porta e através da galeria para olhar sobre a grade de ferro. As duas imagens fantasmas subiram a um carro resplandecente e conduziram fora do pátio. Esse estava onde a área de efeito do feitiço chegou ao final. Quando o carro fantasma atravessou a área do portão, titilou fora de existência perto do grupo de vampiros que se aglomeravam pela abertura.

Sigebert e Wybert tinham os olhos abertos e solenes, Flor de Jade se via entediada, Rasul se via fracamente divertido, como se ele pensasse nas boas histórias que ele teria que dizer na sala de jantar dos guardas.

-Tempo para o avanço rápido,- Amelia chamou. Ela se via cansada agora, e me perguntei que tão grande era a tensão de coordenar este ato de bruxaria para a jovem bruxa.

Patsy, Terry, Bob, e Amelia começaram a dizer outro feitiço a unísono. Se houve um ponto débil neste esforço de equipe, foi Terry. A bruxa pequena de cara-redonda estava suando profusamente e tremendo do esforço de manter sua magia. Senti um pouco de preocupação ao ver a tensão que devia confrontar.

-Com calma, calma!- Amelia exortou a sua equipe, tendo lido os mesmos sinais. Logo todos eles reataram seu canto, e a Terry pareceu estar um pouco melhor; não se via tão desesperada.

Amelia disse, -devagar... devagar... agora,- e o canto se tranqüilizou.

O carro apareceu outra vez no portão, esta vez passando diretamente através de Sigebert, quem tinha dado um passo adiante, para observar melhor a Terry, suspeitei.

Deu inclinações bruscas e se deteve abruptamente meio dentro, meio fora da abertura.

Hadley se lançou fora do carro. Ela chorava, e pelo aspecto geral de sua cara, ela tinha estado chorando durante algum tempo. Jake Purifoy emergiu de seu lado e se levantou ali, suas mãos no alto da porta, falando através do teto do carro a Hadley.

Pela primeira vez, o guarda-costas pessoal da rainha falou. Andre disse, -Hadley, tem que cortar com isto. A gente se fixará, e o novo rei fará algo ao respeito. É do tipo ciumento,

sabe? Não lhe importa que...- Aqui Andre perdeu o fio, e negou com a cabeça. -Ele se preocupa com conservar sua imagem.

Todos cravamos os olhos nele. Estava peneirando?

O guarda-costas da rainha dirigiu seu olhar para a Hadley ectoplásmica.

Andre disse, -Mas Jake, não posso aceitá-lo. Sei que ela tem que fazer isto politicamente, mas ela me afasta! Não posso agüentar.

Andre podia ler os lábios. Até os lábios ectoplásmicos. Ele começou a falar outra vez.

-Hadley, sobe e deita. Não pode ir ao casamento se vai fazer uma cena. Sabe que isso faria à rainha passar vergonha, e arruinaria a cerimônia. Meu chefe me matará se isso ocorre. Este é o acontecimento maior no que alguma vez havemos trabalhado.

Ele falava do Quinn, precavi-me. Jake Purifoy era o empregado desaparecido de Quinn.

-Não posso aceitá-lo,- repetiu Hadley. Ela gritava, podia dizê-lo pela forma que sua boca se movia, mas felizmente Andre não viu necessidade de imitar isso. Era o suficientemente estranho escutar as palavras vindo de sua boca. "Fiz algo terrível!" As palavras melodramáticas soaram muito estranhas na monotonia do Andre.

Hadley subiu correndo as escadas, e a Terry automaticamente se tirou do caminho para lhe deixar passar. Hadley abriu com sua chave a (já aberta) porta e saltou dentro de seu apartamento. Começamos a observar ao Jake. Jake suspirou, endireitou-se, e se afastou do carro, o qual desapareceu. Ele abriu um telefone celular e discou um número. Ele falou pelo telefone por menos de um minuto, sem nenhuma pausa para uma resposta, assim é que era claro assumir que tinha deixado uma mensagem no correio de voz.

Andre disse, -Chefe, acredito que vai haver um problema. A namorada não poderá controlar-se no dia.

OH meu Deus, me digam que Quinn não matou a Hadley! Pensei, ficando absolutamente enjoada pelo pensamento. Mas até quando a idéia se formava completamente, Jake vagou para a parte posterior do carro, o qual apareceu quando ele roçou. Ele o percorreu com sua mão carinhosamente, dando um passo mais perto e mais perto da área fora do portão, e repentinamente uma mão se alargou apagada e o capturou.

A área das bruxas não se estendia além das paredes, assim é que o resto do corpo estava ausente, e o efeito de uma mão materializando-se de nenhuma parte e apoderando do incauto lobato foi tão horripilante como algo em uma filme de terror.

Isto era exatamente como um desses sonhos onde vê o perigo aproximando-se, mas não pode falar. Nenhuma advertência de nossa parte poderia alterar o que já tinha ocorrido.

Mas estávamos todos emocionados. Os irmãos Bert gritaram, Flor de Jade tirou sua espada sem que eu visse o movimento da mão, e boca da rainha se abriu por completo.

Podíamos ver só os pés do Jake, agitando-se. Logo ficaram imóveis.

Todos nos levantamos e olhamos uns aos outros, inclusive as bruxas, sua concentração vacilou até que o pátio começou a encher-se de névoa.

-Bruxas!- Amelia chamou severamente. -De volta ao trabalho!- Em um momento, tudo tinha se esclarecido. Mas os pés do Jake estavam quietos, e em um momento, seu contorno se voltou mais inconsistente; desvanecia-se como todos outros objetos sem vida. Em poucos segundos, entretanto, minha prima apareceu na galeria de cima, olhando para baixo. Sua expressão era cuidadosa e preocupada. Ela tinha ouvido algo.

Registramos o momento quando ela viu o corpo, e veio escada abaixo com velocidade vampírica. Ela saltou através do portão e se perdeu de vista, mas em um momento ela estava de volta dentro, arrastando o corpo pelos pés. Em tanto que ela o tocasse, o corpo era visível como uma mesa ou uma cadeira teriam sido. Logo ela se inclinou sobre o cadáver, e agora podíamos ver que Jake tinha uma ferida enorme em seu pescoço.

A ferida era repugnante, embora tenha que dizer que os vampiros que a olhavam não se viam aborrecido, a não ser cativados.

A Hadley ectoplásmica olhou ao redor dela, esperando uma ajuda que não veio. Ela se viu desesperadamente incerta. Seus dedos nunca deixaram o pescoço de Jake como procurando seu pulso. Finalmente ela se agachou sobre ele e lhe disse algo.

-É a única forma,- Andre traduziu. -Pode me odiar, mas é a única forma.

Observamos Hadley rasgar seu pulso com suas presas e logo pôr seu pulso sangrando na boca do Jake, observamos o sangue gotejar dentro, observamos reviver o suficiente para levantar seus braços e puxá-la para baixo. Quando Hadley fez que Jake a soltasse, ela se viu exausta, e ele se viu como se ele estivesse tendo convulsões.

-Os lobatos não fazem um bom vampiro,- Sigebert disse em um sussurro. -Eu nunca hei visto um lobisomem gasto.

Certamente foi duro para o pobre Jake Purifoy. Comecei a perdoar o horror da tarde anterior, vendo seu sofrimento. Minha prima Hadley lhe carregou acima e o levou subindo as escadas, fazendo uma pausa de vez em quando para olhar ao redor dela. A segui acima uma vez mais, a rainha justo detrás de mim. Observamos Hadley tirar as roupas rasgadas do Jake, envolver uma toalha ao redor de seu pescoço até que o sangramento parasse, e colocá-lo no armário, cobrindo-o cuidadosamente e fechando a porta assim o sol matutino não queimaria o vampiro novo, quem teria que jazer na escuridão por três dias.

Hadley apertou a toalha ensangüentada dentro de seu cesto. Logo ela preencheu outra toalha no espaço aberto ao pé da porta, para assegurar-se que Jake estava a salvo.

Logo ela se sentou na casa e pensou. Finalmente ela pegou seu telefone celular e discou um número.

-Ela pergunta pelo Waldo,- Andre disse. Quando os lábios de Hadley começaram a mover-se outra vez, Andre disse, -Ela marca um encontro para a seguinte noite. Ela diz que deve falar com o fantasma de Marie Laveau, se o fantasma realmente virá. Ela necessita conselho, ela diz. Depois de um pouco mais de conversa, Hadley fechou seu telefone e se levantou. Ela recolheu a roupa rasgada e ensangüentada do anterior lobo e a selou em uma bolsa.

"Deveria colocar a toalha, também," aconselhei, em um sussurro, mas minha prima a deixou no cesto para que eu a encontrasse quando cheguei. Hadley tirou as chaves do carro dos bolsos da calça, e quando ela foi escada abaixo, meteu-se no carro e se foi com a bolsa de lixo.

## CAPÍTULO 18

-SUA MAJESTADE, NÓS temos que nos deter,- Amelia disse, e a rainha deu um golpezinho de sua mão que poderia ter sido de acordo.

A Terry estava tão exausta que se apoiava pesadamente contra a grade de ferro das escadas, e Patsy se via muito cansada fora na galeria. O verde Bob pareceu inalterado, mas então ele sabiamente se sentou em uma cadeira ao começar. A um sinal mudo da Amelia, começaram a desamarrar o feitiço que haviam jogado, e gradualmente a atmosfera estranha diminuiu.

No convertemos em uma má mistura de pessoas estranhas em um pátio em Nova Orleans, em vez de testemunhas indefesas de uma reconstrução mágica.

Amelia foi ao canto de armazenamento e arrastou algumas selas dobradiças.

Sigebert e Wybert não entenderam o mecanismo, assim é que Amelia e Bob desdobraram as cadeiras.

Depois de que a rainha e as bruxas se sentaram, houve um assento restante, e o tomei depois de um silencioso entre os quatro vampiros e eu.

-Então sabemos o que aconteceu a seguinte noite,- disse cansadamente. Me sentia um pouco idiota em meu elegante vestido e minhas sandálias de salto alto. Seria agradável pôr minhas roupas habituais.

-Uh, desculpe-me, você saberá, mas o resto de nós não, e queremos saber,- Bob disse. Ele pareceu esquecer o fato que ele devia estremecer em suas sandálias ante a presença da rainha.

Havia algo amável sobre o bruxo. E os quatro tinham trabalhado muito duro; e queriam saber o resto de história, não havia nenhuma razão pela que não a podiam ouvir. A rainha não teve objeção. Até Flor de Jade, quem embainhou sua espada, viu-se fracamente interessada.

-A seguinte noite, Waldo atraiu com um engano Hadley ao cemitério com a história da tumba de Marie Laveau e a tradição dos vampiro sobre que os mortos podem levantar os mortos - neste caso, a sacerdotisa vodou Marie Laveau. Hadley quis que Marie Laveau respondesse a ela perguntas, já que Waldo havia dito a Hadley que o fantasma poderia, se o ritual correto era seguido. Embora Waldo me deu uma razão pela que Hadley estava de acordo em fazer isto na noite que lhe encontrei, agora que eu sei que ele mentia. Mas posso pensar a respeito de várias outras razões pelas que ela poderia ter concordado encontrar-se com o Waldo no Cemeterio St. Louis- falei. A rainha inclinou a cabeça silenciosamente.

-Acho que ela quis saber como seria Jake quando ele se levantasse,- falei. -Acho que ela quis averiguar o que fazer com ele. Não podia deixá-lo morrer, você viu isso, mas ela não quis admitir a alguém que ela havia criado um vampiro, especialmente se tivesse sido um lobisomem.

Tive realmente uma audiência. Sigebert e Wybert estavam agachados a ambos lados da rainha, e estavam absortos na história. Isto deve ser como ir ao cinema, para eles.

Todas as bruxas se interessaram ouvir sobre os acontecimentos que justamente tinham presenciado. Flor de Jade tinha seus olhos fixos em mim. Só Andre pareceu imune, e ele estava ocupado fazendo seu trabalho de guarda-costas, constantemente esquadrinhando o pátio e o céu em caso de ataque.

-É possível, também, que Hadley tenha acreditado que o fantasma poderia lhe dar um conselho em relação à forma de recuperar os afetos da rainha. Sem intenção de ofender, senhora,- adicionei, lembrando muito tarde que a rainha estava sentada a três pés de mim em uma cadeira dobradiça da grama com a etiqueta do preço do Wal-Mart ainda pendurando de uma presilha de plástico.

A rainha agitou sua mão em um gesto negligente. Ela estava absorta em seus pensamentos, tão profundamente que não estava segura que ela me escutou.

-Não foi Waldo quem matou ao Jake Purifoy,- disse a rainha, para meu assombro. -Waldo não pôde ter imaginado isso quando ele teve êxito em matar a Hadley e reportou isso a mim, jogando a culpa na Irmandade do Sol, esta bruxa inteligente obedeceu a ordem de selar o apartamento muito literalmente, incluindo um feitiço de anti- aroma. Waldo já tinha um plano. Quem quer que matou ao Jake tinha um plano separado – possivelmente culpar a Hadley pela morte do Jake e seu renascimento... que a condenaria a uma cela de vampiros. Possivelmente o assassino pensou que Jake mataria a Hadley quando ele se levantasse em três dias... e possivelmente, faria.

Amelia tratou de se ver modesta, mas foi uma batalha levantada. Deveria haver sido fácil, da única razão que ela tinha tido para lançar o feitiço era impedir que o apartamento cheirasse a lixo quando finalmente fosse reaberto. Ela sabia, e eu sabia. Mas tinha sido uma boa peça de bruxaria, e não estava a ponto de explodir sua bolha.

Amelia a explodiu.

-Ou talvez,- ela disse despreocupadamente, -Alguém pagou ao Waldo para tirar Hadley de cena, por uma razão ou outra.

Tive que fechar meus escudos imediatamente, porque todas as bruxas começaram a difundir tais sinais de pânico que estar ao redor delas foi insuportável. Souberam que o que Amelia havia dito contrariaria à rainha, e quando a Rainha da Louisiana se agitava, esses ao redor dela tendiam a estar ainda mais agitados.

A rainha saiu disparada de sua cadeira, assim é que todos nós saltamos sobre nossos pés, precipitada e desastradamente. Amelia justamente tinha cruzado suas pernas baixo ela, assim é que foi especialmente desastrada, para ficar direita. Flor de Jade afastou-se do resto dos vampiros um par de passos, mas talvez ela quis mais espaço em caso de que tivesse que deslizar sua espada. Andre foi o único que notou isso, além de mim. Ele manteve seu olhar fixo na guarda-costas do rei.

Não sei o que teria ocorrido depois se Quinn não tivesse conduzido pelo portão.

Ele saiu do grande carro preto, ignorou o quadro tenso como se não existisse, e caminhou a grandes passos através do cascalho para mim. Ele casualmente envolveu um braço sobre meus ombros e se dobrou para me dar um beijo ligeiro. Não sei como comparar um beijo com outro. Todos os homens beijam diferente? E diz algo a respeito de seu caráter.

Quinn beijou-me como se estivéssemos tendo uma conversa.

-Bebê,- disse, quando havia dito a última palavra. -Vim em um bom momento? Que aconteceu com seu braço?

A atmosfera se relaxou um pouco. Apresentei às pessoas no pátio. Ele conhecia a todos os vampiros, mas ele não conhecia as bruxas. Ele se afastou de mim para encontrar-se e saudar. Patsy e Amelia obviamente tinham escutado a respeito dele e trataram intensamente de não ver-se tão impressionadas de conhecê-lo.

Tive que me desafogar das notícias do resto da tarde. -Meu braço foi mordido, Quinn-comecei. Quinn esperou, seu intenso olhar em minha cara. -Mordeu-me um... temo que sabemos o que aconteceu a seu empregado. Seu nome era Jake Purifoy, não?- falei.

-O que?- Na brilhante luz do pátio, vi que sua expressão foi precavida. Ele soube que algo mau vinha; é obvio, vendo a companhia reunida, alguém adivinharia isso.

-Ele foi drenado e deixado aqui no pátio. Para salvar sua vida, Hadley o trouxe. Ele se converteu em um vampiro.

Quinn não compreendeu, por breves segundos. Observei como a compreensão emergia quando ele captou a enormidade do que tinha ocorrido ao Jake Purifoy. A cara do Quinn se voltou de pedra. Encontrei-me esperando que ele nunca me olhasse assim.

-A mudança foi sem o consentimento do Lobato,- disse a rainha. -É obvio, um nunca concordaria converter-se em um de nós-. Se ela soou a um pouco tensa, não estive muito assombrada. Lobisomens e vampiros se consideravam com repugnância apenas oculta, e só o fato de estar unidos contra do mundo normal evitava que o desgosto se convertesse em uma guerra aberta.

-Andei por sua casa,- Quinn me disse , inesperadamente. -Quis ver se havia voltado de Nova Orleans antes de conduzir aqui para procurar o Jake. Quem queimou um demônio em seu caminho de acesso?

-Alguém matou a Gladíola, a mensageira da rainha, quando ela veio me dar uma mensagem,- falei. Houve uma agitação entre os vampiros ao meu redor. A rainha ficou sabendo da morte de Gladíola, é obvio; o Sr. Cataliades teria ido a lhe dizer. Mas ninguém mais tinha sabido disso.

-Bastante gente morrendo em seu pátio, bebê,- Quinn me disse , embora seu tom estava ausente, e não o culpei por ter isso dando voltas.

-Só dois,- falei defensivamente, depois de uma rápida conta mental. -Apenas chamaria a isso bastante-. É obvio, se contava as pessoas que tinham morrido dentro da casa... rapidamente fechei esse trem de pensamento.

-Sabem o que?- Amelia disse em uma voz alta, socialmente artificial. -Acho que nós os bruxos iremos simplesmente rua abaixo a essa pizzaria na esquina da Chloe com a Justine. Assim se vocês nos necessitam, ali estaremos. Bem, amigos?- Bob, Patsy, e Terry aceleraram o passo mais do que tinha pensado que fossem capazes para o portão aberto, e quando os vampiros não receberam nenhum sinal de sua rainha, apartaram-se e os deixaram passar.

Desde que Amelia não se incomodou de pegar sua bolsa, esperei que ela tivesse dinheiro em um bolso e as chaves em outro. OH bem.

Quase desejei me mover detrás deles. Espera um momento! por que não poderia? Olhei ansiosamente o portão, mas Flor de Jade entrou na abertura e cravou os olhos em mim, seus buracos negros de olhos ao redor de minha cara. Esta era uma mulher que não gostava de mim nenhuma pequena quantidade. Andre, Sigebert, e Wybert definitivamente me pegar ou me deixar, e Rasul poderia pensar que não seria uma má companheira por uma hora no povoado - mas Flor de Jade desfrutaria cortar minha cabeça com sua espada, e esse era um feito. Não podia ler a mente dos vampiros (exceto por um vislumbre diminuto de vez em quando, que era um grande segredo) mas podia ler a linguagem corporal e podia ler a expressão em seus olhos.

Não soube a razão desta animosidade, e a essa altura não pensei que importasse um inferno.

A Rainha tinha estado pensando. Ela disse, -Rasul, nós voltaremos para casa em muito pouco tempo-. Ele se inclinou de modo respeitoso e saiu andando para o carro.

-Srta. Stackhouse,- ela disse, voltando seus olhos em mim. Brilharam como abajures escuros.

Ela tomou minha mão, e subimos as escadas para o apartamento de Hadley, Andre atrás de nós como amarrado à perna do Sophie Anne com corda. Contive o impulso desaconselhado de tirar bruscamente minha mão da rainha, a qual é obvio estava fria e seca e era forte, embora ela cuidou de não apertar. Estar assim perto de um vampiro antigo me fez vibrar como uma corda de violino. Não vi como tinha resistido Hadley.

Ela me conduziu ao apartamento de Hadley e fechou a porta atrás de nós. Não pensei que ainda os ouvidos excelentes dos vampiros abaixo de nós poderiam ouvir nossa conversa agora. Essa tinha sido sua meta, porque a primeira coisa que ela disse foi, -Você não dirá a ninguém o que estou a ponto de lhe dizer.

Neguei com a cabeça, com apreensão.

-Comecei minha vida quando me converti no norte da França, quase... mil, cem anos atrás.

Engoli saliva.

-Não sei de onde era, é obvio, mas acho que foi Lotharingia. No último século tratei de encontrar o lugar que passei meus primeiros doze anos, mas não pude, até se minha vida dependesse disso-. Ela deu uma risada ladradora pelo giro da frase. -Minha mãe era a esposa do homem mais rico no povoado, o qual quer dizer que ele tinha dois porcos mais que qualquer outro. Meu nome então era Judith.

Pus empenho para não me ver emocionada, a não ser me ver interessada, mas foi uma luta.

-Quando tinha aproximadamente dez anos de idade ou doze, acho, um vendedor ambulante veio a nós sobre a rua. Não tínhamos visto uma cara nova em seis meses. Nos entusiasmamos-. Mas ela não sorriu ou pareceu como se recordasse o sentimento dessa excitação, só o fato. Seus ombros se levantaram e caíram, uma vez.

-Ele trouxe uma enfermidade que nunca tínhamos tido antes. Penso que foi alguma forma de gripe. Dentro das duas semanas de sua permanência em nosso povoado, todo o mundo estava morto, exceto eu e um menino um pouco mais velho.

Houve um momento de silêncio enquanto pensamos a respeito disso. Pelo menos eu o fiz, e suponho que a rainha lembrava. Andre poderia estar pensando no preço das bananas na Guatemala.

-Clovis não gostava de mim,- disse a rainha. -esqueci por que. Nossos pais... não recordo. As coisas poderiam ter sido diferentemente se ele tivesse cuidado de mim. Como foi, ele me violou e logo me levou ao seguinte povoado, onde ele começou a me oferecer. Por dinheiro, é obvio, ou comida. Embora a gripe viajasse através de nossa região, nunca adoecemos-. Tratei de olhar qualquer lugar menos a ela.

-Por que não me olhe aos olhos?- Ela exigiu. Seu estilo de expressar-se e seu acento tinham mudado quando ela falou, como se justamente tinha aprendido inglês.

-Sinto-me mal por você,- falei.

Ela fez um som que envolveu pôr seus dentes de acima em seu lábio inferior e fazendo o esforço adicional de respirar ar assim é que ela podia tirá-lo fora. Soou como a "fffft!" -Não se incomode,- disse a rainha. -Porque o que aconteceu depois foi que acampados no bosque, e um vampiro o agarrou-. Ela se viu contente com a lembrança.

Que viagem pelo caminho da memória. -O vampiro tinha muita fome e começou primeiro com Clovis, porque ele era maior, mas quando ele terminou com o Clovis, ele pôde tomar um minuto para me olhar e pensar que poderia ser bonito ter uma companheira.

Seu nome era Alain. Por três anos ou mais viajei com o Alain. Os vampiros eram secretos então, é obvio. Existiam só em histórias sortidas por mulheres velhas ao redor do fogo. E Alain era hábil em manter-se desse modo. Alain tinha sido um sacerdote, e ele era aficionado a assombrar aos sacerdotes em suas camas-. Ela sorriu remanescentemente.

Encontrei que minha simpatia diminuía.

-Alain prometeu e prometeu me transformar, porque é obvio quis ser como ele era. Quis a Força-. Seus olhos flutuaram para mim.

Inclinei a cabeça com sinceridade. Podia entender isso.

-Mas quando ele necessitava dinheiro, para roupas e comida para mim, ele fazia comigo o mesmo que Clovis, me vender por dinheiro. Ele sabia que os homens notariam se estivesse fria, e sabia que os morderia se ele me transformasse. Cansei-me de esperar que cumprisse sua promessa.

Inclinei a cabeça para lhe mostrar que prestava atenção. E o fazia, mas na parte de trás de minha mente me perguntava aonde diabos este monólogo se dirigia e por que era depositária de uma história tão fascinante e deprimente.

-Logo uma noite entramos em um povoado onde os homens reconheceram a Alain pelo que era. O estúpido do Alain tinha esquecido que ele tinha estado de passagem antes e tinha drenado a esposa do chefe! Assim é que os aldeões o amarraram com uma corrente de prata, que era assombroso de encontrar em um povoado pequeno, posso-lhe dizer... e eles o jogaram dentro de uma cabana, pensando lhe manter aí até que o sacerdote do povoado retornasse de uma viagem. Logo tiveram a intenção de lhe pôr ao sol com alguma cerimônia da igreja. Era um povoado pobre, mas em cima dele empilharam todos os pedacinhos de prata e todo o alho que as pessoas possuíam, em um esforço por lhe manter preso. A rainha riu afogadamente.

-Souberam que eu era humana, e souberam que ele tinha me maltratado,- ela disse.-Assim é que não me ataram. A família do chefe discutiu me fazer de escrava, desde que tinham perdido a uma mulher pelo vampiro. Soube como seria isso.

A expressão em sua cara foi desconsoladora e absolutamente fria. Mantive-me muito silenciosa.

-Essa noite, arranquei algumas tábuas fracas da parte posterior da cabana e engatinhei dentro. Disse ao Alain que quando ele me transformasse, o liberaria. Regateamos por um momento, e logo ele esteve de acordo. Cavei um oco no piso, o suficientemente grande para meu corpo. Planejamos que Alain me drenasse e me enterrasse sob a cama de palha sobre a que ele jazia, alisando o chão de sujeira o melhor que ele pudesse. Ele podia se mover o bastante. Na terceira noite, me levantaria. Quebraria sua corrente e tiraria o alho, embora queimasse minhas mãos. Escaparíamos na escuridão-. Ela soltou uma gargalhada.

-Exceto o sacerdote retornou antes de três dias. Para quando lhe dava arranhões a minha saída da sujeira, Alain era cinzas enegrecidas no vento. Era a cabana do sacerdote em que tinham mantido ao Alain. O velho sacerdote foi quem me disse o que aconteceu.

Presenti que conhecia a linha final desta história. -Correto,- falei rapidamente, -Adivinho que o sacerdote foi sua primeira comida-. Sorri brilhantemente.

-OH, não,- disse Sophie Anne, anteriormente Judith. -Disse-lhe que era o anjo da morte, e que passava sobre ele desde que tinha sido tão nobre.

Visto o estado em que tinha estado Jake Purifoy quando ele se levantou pela primeira vez, podia apreciar o esforço que torcer os instintos deveu ser para a nova vampira.

-O que fez você depois?- Perguntei.

-Depois de alguns anos, encontrei a um órfão como eu; vagando no bosque, como eu,- ela disse, e girando para olhar a seu guarda-costas. -Estivemos juntos após.

E finalmente vi uma expressão na cara do Andre: Pronunciada devoção.

-Ele estava sendo forçado, como eu o tinha sido,- ela disse gentilmente. -E me encarreguei disso.

Um frio tremor desceu por minha coluna vertebral. Não poderia ter escolhido algo para dizer se me tivessem pago.

-A razão pela que lhe aborreci com minha antiga história,- disse a rainha, estremecendo-se e parando-se até mais direita, -É para lhe dizer por que coloquei a Hadley sob minha asa. Ela, também, tinha sido abusada, por seu tio avô. Ele, lhe abusou também?

Inclinei a cabeça. Não tinha tido idéia que ele tinha abusado da Hadley. Ele não havia penetrado realmente, só porque meus pais tinham morrido e tinha ido viver com minha avó. Meus pais não me tinham acreditado, mas tinha convencido a minha avó que o dizia verdade para quando ele havia sentido que eu estava amadurecida, quando tive aproximadamente nove anos de idade. É obvio, Hadley terá mais velha.

Tínhamos tido em comum bastante mais do que alguma vez tinha pensado. -Sinto muito, não soube,- falei. -Obrigado por me dizer.

-Hadley falava de você freqüentemente,- a rainha disse.

Bom, obrigado, Hadley. Obrigado por me fazer cair em uma armadilha do pior ... não, um momento, isso foi injusto. Me inteirar do engano do Bill não era a pior coisa que alguma vez tinha me ocorrido. Mas não estava muito longe de em minha lista pessoal, tampouco.

-Isso é o que escutei,- falei, minha voz tão fria e precisa como uma vara do aipo.

-Você está chateada porque enviei ao Bill lhe investigar, a me inteirar se você podia ser útil para mim,- a rainha disse.

Tomei um fôlego profundo, forcei meus dentes a afrouxar-se. -Não, não estou chateada com você. Você não pode evitar ser da forma que você é. E você não me conhecia.

Outro fôlego profundo. -Estou chateada com o Bill, quem me conhecia e levou adiante seu programa inteiro em uma muito cabal e calculada forma-. Tive que afugentar a dor.

-Além, por que importa a você?- Meu tom ia borbulhando insolência, o qual não era sábio quando você trata com um vampiro poderoso. Ela me havia meio doido em um ponto sensível.

-Porque você era muito apreciada pela Hadley,- SophieAnne disse inesperadamente.

-Você não haveria dito pela forma em que ela me tratou, depois de que ela se converteu em uma adolescente,- falei, aparentemente tendo decidido que a honradez temerária era o curso a seguir.

-Ela lamentou isso,- disse a rainha, -Uma vez que ela se converteu em um vampiro, especialmente, e encontrado como era ser uma minoria. Até aqui em Nova Orleans, há prejuízo. Falamos de sua vida freqüentemente, quando estávamos sozinhas.

Não soube o que me fez sentir mais incômodas, a idéia da rainha e minha prima Hadley tendo sexo, ou tendo uma conversa de travesseiro a respeito de mim depois.

Não me importa se os adultos têm relações sexuais consentidas, não importa no que consista esse sexo, contanto que ambas as partes estejam de acordo de antemão. Mas não preciso ouvir qualquer detalhe necessariamente, tampouco. Qualquer ofegante interesse que podia ter tido foi afogado durante anos com imagens das mentes da gente no bar.

Esta resultava ser uma longa conversação. Quis que a rainha fosse ao ponto.

-O ponto é,- disse a rainha, -que estou agradecida que você - através das bruxas - tenha-me dado uma melhor ideia de como Hadley morreu. E também você me há deixado saber que há um complô mais amplo contra mim que simplesmente o coração ciumento do Waldo.

Fiz?

-Assim é que estou em dívida. Me diga o que possa fazer por você agora.

-Ah. Enviar uma grande quantidade de caixas assim posso empacotar as coisas de Hadley e retornar a Bon Temps? Conseguir alguém para levar as coisas que não quero a uma beneficência ?

A rainha olhou para baixo, e juro que ela sufocava um sorriso. -Sim, acho que posso fazer isso,- ela disse. -Enviarei a algum humano amanhã para fazer essas coisas.

-Se alguém pudesse carregar as coisas que quero em uma caminhonete e conduzir a Bon Temps, isso seria realmente bom,- falei. -Talvez poderia voltar nessa caminhonete?

-Tampouco é um problema,- ela disse.

Agora o favor grande. -Tenho que ir com você nesta coisa de convenção?

Perguntei, sabendo que estava empurrando.

-Sim,- ela disse.

De acordo, paredão ali.

Ela adicionou, -Mas lhe pagarei longamente.

Fiquei de bom humor. Uma parte do dinheiro que tinha obtido por meu serviço vampiro prévio estava ainda em minha conta de economias, e tinha obtido um grande suspiro financeiro quando Tara "me vendeu " seu carro por um dólar, mas estava tão habituada a viver perto do osso financeiro que um amortecedor era todo o tempo bem-vindo.

Estava todo o tempo assustada de me fraturar uma perna, ou que meu carro batesse, ou minha casa pegasse fogo... espera, isso já ocorreu ... bem, que algum desastre ocorresse, como que um vento arrancasse o estúpido telhado de zinco que minha avó havia insistido em ter, ou algo do estilo.

-Você quer um pouco da Hadley?- Perguntei a ela, meu trem de pensamento tendo virado do dinheiro. -Você sabe, uma lembrança?

Algo brilhou em seus olhos, algo que me assombrou.

-Você me tirou as palavras da boca,- disse a rainha, com um adorável toque de acento francês.

Uh-OH. Não podia ser bom se ela recorria ao encanto.

-Eu pedi a Hadley que escondesse algo para mim,- ela disse. Meu medidor de tolices emitia um bip como um relógio despertador. -E se você o encontrar em quando empacota, eu gostaria de recuperá-lo.

-Como é?

-É uma jóia,- disse ela. -Meu marido me deu isso como um presente de compromisso. Acertei deixando aqui antes de me casar.

-Você é bem-vinda para olhar nas jóias de Hadley,- falei imediatamente. -Se o pertence, é obvio que você tem que recuperá-lo.

-Isso é muito amável de sua parte,- ela disse, sua cara de volta a sua suavidade normal. -É um diamante, um diamante grande, e está preso a um bracelete de platina.

Não lembrei nada como isso nas coisas do Hadley, mas não tinha cuidado cuidadosamente. Tinha pensado empacotar as jóias de Hadley intactas assim é que poderia escolher com tranqüilidade em Bon Temps.

-Por favor, olhe agora,- sugeri. -Sei que seria como um passo em falso perder um presente de seu marido.

-OH,- ela disse suave, -Você não tem nem idéia. Sophie Anne fechou seus olhos por simplesmente um segundo, como se ela fora muito ansiosa para palavras. -Andre,- ela disse, e com essa palavra ele foi para o dormitório - não necessitou que lhe indicasse como chegar, Notei e enquanto ele se foi, a rainha se via raramente incompleta. Perguntei-me por que ele não a tinha acompanhado a Bon Temps, e em um impulso, perguntei a ela.

Ela me olhou, seus olhos cristalinos largos e em branco. -supõe-se que não fui,- disse ela.

-Soube que se Andre se mostrava em Nova Orleans, todo mundo assumiria que estava aqui, também-. Perguntei-me se também seria ao reverso. Se a rainha estava aqui, todo mundo assumiria que Andre, também? E um pensamento deu início em mim, um pensamento que se foi antes que realmente o pudesse agarrar.

Andre veio de volta nesse momento, sacudida a mais diminuta de sua cabeça dizendo à rainha que ele não tinha encontrado o que ela quis reclamar. Sophie Anne por um momento, viu-se muito infeliz. -Hadley fez isto em um minuto de infelicidade,- disse a rainha, e pensei que ela falava para si. -Mas ela pode me derrubar desde mais à frente do véu-. Logo sua cara desceu em intensidade a seu usual estado sem emoção.

-Manterei um olho aberto pelo bracelete,- falei. Suspeitei que o valor da jóia não recaía assim que estava loteada. -O bracelete pôde ter ficado aqui na última noite antes do casamento? - Perguntei cautelosamente.

Suspeitei que minha prima Hadley tinha roubado o bracelete da rainha por pura raiva de que a rainha se casava. Isso teve a aparência de algo que Hadley faria. Se houvesse sabido do bracelete oculto pela Hadley, teria pedido às bruxas que retrocedesse o relógio na reconstrução ectoplásmica. Pudemos ter observado a Hadley escondê-lo.

A rainha deu uma curta inclinação de cabeça. -Devo-o recuperar,- a rainha disse.

-Você entende, que não é o valor do diamante o que me concerne? Você entende, um casamento entre governantes vampiros não é uma união matrimonial por amor, onde muito pode ser perdoado? Perder um presente de seu marido, é uma ofensa muito grave. E nossa

festa de baile primaveril está programada para dentro de duas noites. O rei espera me ver trazendo postos seus presentes. Se não o fizer...- Sua voz se desvaneceu, e até Andre se viu quase preocupado.

-Tenho seu ponto,- falei. Tinha notado a tensão rodando através dos cômodos no quartel geral de Sophie. Haveria uma pena severa, e Sophie Anne a pagaria por si mesmo.

-Se estiver aqui, você a recuperará. Correto?- Movi minhas mãos, lhe perguntando se ela acreditava em mim.

-Bem,- ela disse. -Andre, não posso estar mais tempo aqui. Flor de Jade reportará o fato que subi aqui com a Sookie. Sookie, devemos fingir ter tido relações sexuais.

-Sinto muito, alguém que me conheça sabe que não faço com mulheres. Não sei a quem você espera que Flor de Jade dê o relatório... -, (é obvio que sabia, e esse seria o rei, mas não pareceu discreto dizer "Sei qual é seu negócio", justo então.) -Mas se fizeram a tarefa, esse é um fato aproximadamente meu-.

-Possivelmente, você teve relações sexuais com o Andre, então,- ela disse serenamente. -e você me deixou observar.

Pensei a respeito de várias perguntas, a primeira era, “é o procedimento usual com você?” Seguido de, “não está bem extraviar um bracelete, mas aprova chocar pélvis com alguém mais?” Mas mantive minha boca fechada. Se alguém apontasse com uma pistola em minha cabeça, realmente teria que votar por ter relações sexuais com a rainha em vez de com o Andre, pondo a parte de minha preferência de gênero, porque Andre me horrorizava.

Mas se justamente fingíamos...

Em uma forma séria, Andre tirou sua gravata, a enrolou, meteu em seu bolso, e soltou alguns botões de sua camisa. Ele me chamou por gestos com um movimento de seus dedos.

Aproximei-me dele cautelosamente. Ele me tomou em seus braços e me segurou perto, me pressionado contra ele, e dobrou sua cabeça em meu pescoço. Por um segundo pensei que ele me ia morder, e tive uma labareda de absoluto pânico, mas em lugar disso ele inspirou.

Esse é um ato deliberado para um vampiro.

-Ponha sua boca em meu pescoço,- disse ele, depois de outra larga baforada de mim.

-Seu gloss vai borrar em mim.

Fiz como ele me dissesse. Ele estava frio como o gelo. Isto foi... bem, isto foi simplesmente estranho. Pensei a respeito da sessão de fotos com o Claude; tinha gasto uma grande quantidade de tempo ultimamente fingindo ter relações sexuais.

-Amo o cheiro de fada. Acha que ela sabe que tem sangue de fadas?- Perguntou a Sophie Anne, enquanto estava no processo de se borrar com meu gloss.

Minha cabeça estalou então. Olhei diretamente para seus olhos, e ele voltou diretamente o olhar para mim. Ele ainda me segurava, e tive por entendido que ele se assegurava que cheiraria como ele e ele cheiraria como eu, como se realmente tivéssemos tido ação. Ele definitivamente não estava para a coisa verdadeira, o qual foi um alívio.

-Eu o que?- Não lhe tinha ouvido corretamente, estava segura. -Tenho o que?-

-Ele tem olfato para isso,- disse a rainha. -Meu Andre-. Ela se viu fracamente orgulhosa.

-Estive por aí com minha amiga Claudine mais cedo de tarde,- falei. -Ela é uma fada. É aí de onde o cheiro vem-. Eu em realidade devo precisar me dar uma ducha.

-Você me permite?- Andre perguntou, e sem esperar uma resposta, ele ferrou meu braço ferido com uma unha, justo por cima da vendagem.

-Yow!-Disse em sinal de protesto.

Ele deixou um pouco de sangue gotejar em cima de seu dedo, e o meteu na boca. Ele começou a rodar, como se fora um sorvo de vinho, e no fim das contas ele disse, -Não, este cheiro de fada não é por associação. Está em seu sangue-. Andre me olhou de um modo que quis dizer que suas palavras o fazia um fato. -Você tem uma pequena veia de fada. Talvez sua avó ou seu avô foram meio-fada?

-Não sei nada a respeito disso,- falei, sabia que soava estúpida, mas não sabia o que mais dizer. -Se qualquer de meus avós fosse outra coisa que cem por cento humano, não passaram essa informação.

-Não, eles não o fariam,- disse a rainha, dando por encerrado. -A maioria dos humanos descendentes de fadas silenciam o fato, porque realmente não acreditam nele. Preferem pensar que seus pais estão loucos-. Ela se encolheu de ombros. -Inexplicável!

-Mas esse sangue explicaria por que você tem pretendentes sobrenaturais e não admiradores humanos.

-Não tenho admiradores humanos porque não quero-, falei, definitivamente picada. -Posso ler suas mentes, e isso simplesmente os põe fora da corrida. Se não se afastarem por minha reputação de raridade,- adicionei, de volta a meu sulco de muita honradez.

-É um comentário triste sobre quão humanos nenhum deles seja passível para alguém que pode ler suas mentes,- a rainha disse.

Especulo que essa foi a palavra final na valorização da habilidade de ler o pensamento.

Decidi que mais valia deter a conversa. Tinha muitíssimo que pensar.

Fomos escada abaixo, Andre levando a dianteira, a rainha depois, e eu ficando atrás.

Andre tinha insistido em que tirasse meus sapatos e meus brincos assim podia parecer que me tinha despedido e voltado a me deslizar no vestido depois.

Os outros vampiros estavam obedientemente à espera no pátio, e saltaram quando começamos a descer. A cara de Flor de Jade não trocou absolutamente quando ela leu todas as pistas do que havíamos trazido entre mãos na passada meia hora, exceto ao menos ela não se via cética. Os Berts se viam sabendo mais desinteressados, como se o panorama de Sophie Anne observando a seu guarda-costas ter sexo (com uma virtual desconhecida) fora rotina.

Como ele estava na porta de acesso em espera de mais instruções, a cara de Rasul expressou uma tristeza suave, como se desejasse que ele tivesse sido incluído na ação.

Quinn, por outra parte, pressionava sua boca em uma linha tão sombria que não lhe pôde haver entrado um alfinete. Havia uma perto para reparar.

Mas quando tínhamos saído do apartamento de Hadley, a rainha me havia dito especificamente que não compartilhasse sua história com ninguém, ênfase em ninguém. Justamente teria que pensar a respeito de uma forma de fazer Quinn saber, sem lhe deixar saber.

Sem debate ou bate-papo social, os vampiros se meteram apressadamente em seu carro. Meu cérebro estava tão abarrotado com idéias e conjeturas e tudo girando tanto que me senti aturdida. Quis chamar meu irmão, Jason, e lhe dizer que ele não era tão irresistível depois de tudo, era o sangue de fadas nele, simplesmente para ver o que diria. Não, um momento, Andre tinha insinuado que os humanos não eram afetados pela cercania de fadas como os vampiros eram. Quer dizer, os humanos não queriam consumir às fadas, mas as encontravam sexualmente atrativas. (Pensei sobre a multidão que sempre rodeou Claudine no Merlotte's.) E Andre havia dito que a outros super naturais chamava-lhes a atenção o sangue de fadas também, simplesmente não para as comer como os vampiros. Não estaria Eric aliviado? Ele estaria tão contente de saber que ele realmente não me amou! Foi o sangue de fada todo o tempo!

Observei a limo real sair fora. Enquanto remontava uma onda combinada de aproximadamente seis emoções diferentes, Quinn remontava só uma.

Ele estava justo diante de mim, sua cara zangada. -Como ela te fez entrar, Sookie?- Ele perguntou. -Se tivesse gritado, teria estado lá encima. Ou talvez o quis fazer? Teria jurado que não era desse tipo.

-Não me deitei com ninguém esta tarde,- falei. O olhei diretamente nos olhos.

Depois de tudo, isto não revelava nada do que a rainha me havia dito, estava só corrigindo um engano. -Está bem se os outros pensarem isso,- falei cuidadosamente. -Simplemente você não.

Ele me olhou para baixo por um longo momento, seus olhos procurando nos meus se ele lesse alguma escritura na parte de trás de meus globos oculares.

-Você gostava de te deitar com alguém esta tarde?- Ele perguntou. Ele me beijou. Ele me beijou, por um longo, longo tempo, como se estivéssemos grudados juntos no pátio. As bruxas não retornaram; os vampiros permaneceram fora. Só um carro ocasional passando pela rua ou uma sirene ouvida ao longe me recordou estávamos na metade de uma cidade.

Isto era tão diferente de ser segurada pelo Andre como poderia imaginar. Quinn estava quente, e podia sentir o movimento dos músculos sob sua pele. Podia ouvi-lo respirar, e podia sentir o batimento de seu coração. Podia sentir o agitar de seus pensamentos, os quais estavam agora em sua maior parte centrados na cama que ele soube devia estar em algum lugar no apartamento de Hadley. Ele amava meu cheiro, meu toque, como meus lábios se sentiam... e uma parte grande do Quinn dava testemunho desse fato.

Essa parte grande pressionava entre nós neste preciso momento.

Tinha-me deitado com outros dois varões, e ambas as vezes não tinha resultado bem.

Não tinha sabido bastante a respeito deles. Tinha ido com precipitação. Deveria aprender de seus enganos. Por um segundo, não me sentia especialmente inteligente.

Felizmente para minha habilidade de decisões, o telefone do Quinn escolheu esse momento para tocar. Deus abençoe esse telefone. Tinha estado a um passo de atirar minhas boas resoluções pela janela, porque tinha estado assustada e solitária a todo o longo da noite, e Quinn se sentia relativamente familiar e me desejava muito.

Quinn, entretanto, não seguia os mesmos processos de pensamento- longe dele – e amaldiçoou quando o telefone tocou uma segunda vez.

-Me desculpe,- ele disse, com fúria em sua voz, e respondeu o maldito telefone.

-Bem,- disse ele, depois de escutar por um momento a voz do outro lado. -Bem, estarei ai. Ele fechou de repente o diminuto telefone. -Jake pergunta por mim,- ele disse.

Estava em um mar com uma combinação estranha de luxúria e alívio que tomou um momento conectar os pontos. Jake Purifoy, o empregado do Quinn, experimentava sua segunda noite como vampiro. Tendo sido alimentado por algum voluntário, ele era o bastante si mesmo para querer falar com o Quinn. Ele tinha estado em letargia em um armário por semanas, e havia bastante com o que ele precisaria ficar em dia.

-Então tem que ir,- falei, orgulhosa que minha voz era quase firme como uma rocha.

-Talvez ele lembre quem o atacou. Amanhã, tenho que te contar sobre o que vi aqui esta noite.

-Terias dito que sim?- Ele perguntou. -Se não tivéssemos sido interrompidos por outro minuto?

Considerarei por um minuto.

-Se o tivesse feito, teria lamentado,- falei. -Não porque não te quero. O quero. Mas abri os olhos a um par de dias passados. Sei que sou bastante fácil de enganar-. Tratei de soar prática, não chateada, quando falei isso. Ninguém gosta de uma mulher chorona, muito menos a mim. -Não estou interessada em começar algo com alguém porque estávamos quentes nesse momento. Nunca me dispus a ser a classe de mulher-de-uma-só-noite. Quero estar segura, se tivesse sexo contigo, que é porque quer estar ao redor por algum momento e porque você gosta de mim por quem sou, não o que sou.

Talvez um milhão de mulheres haviam dito aproximadamente o mesmo discurso.

Quis dizer tão sinceramente como quaisquer desse milhão.

E Quinn deu uma resposta perfeita. -Quem gostaria de uma só noite contigo?  
Disse, e logo saiu.

## CAPÍTULO 19

DORMI O SONO DOS MORTOS. Pois bem, provavelmente não, mas tão próximo como um humano alguma vez o fez. Como em um sonho, ouvi as bruxas retornar de uma farra de volta ao pátio. Ainda felicitavam um ao outro com vigor lubrificado em álcool.

Tinha encontrado alguns lençóis verdadeiros, de honesto algodão entre as roupa de linho (por que ainda são chamadas roupa de linho? Você viu um lençol de linho em sua vida?). E tinha sacudido as sedosas e pretas na máquina de lavar, assim é que foi muito fácil me deslizar ao sono outra vez.

Quando me levantei, eram depois das dez da manhã. Houve uma chamada a porta, e tropecei na sala para destrancar-la depois de que tinha posto em cima um par de calças elastizadas de Hadley e uma camiseta rosa quente. Vi caixas através do olho mágico, e abri a porta me sentindo realmente feliz.

-Srta. Stackhouse?- Disse o jovem homem negro que segurava as caixas esmagadas. Quando inclinei a cabeça, ele disse, -Tenho ordens de lhe trazer tantas caixas como você queira. Estarão bem trinta para começar?

-OH, sim,- falei. -OH, isso será genial.

-Também tenho instruções,- ele disse, -De lhe trazer algo relacionado com a mudança que você poderia necessitar. Tenho aqui fita de colar, fita de empacotar, alguns Pinceis atômicos, tesouras, e etiquetas adesivas.

A rainha tinha me dado um comprador pessoal.

-Você gostaria de etiquetas de cores? Algumas pessoas gostam de colocar as coisas da sala de estar em caixas com uma etiqueta laranja, do dormitório em caixas com uma etiqueta verde, etcétera.

Nunca tinha me mudado, a menos que você contasse levar um par de bolsas de roupas e toalhas ao duplex provido pelo Sam depois que a cozinha pegou fogo, assim é que não soube que era o melhor para fazê-lo. Tive uma imagem intoxicante de pilhas de caixas limpas com fichas coloridas em cada lado, para que não pudesse haver engano desde nenhum ângulo.

Logo voltei rapidamente à realidade. Não levaria tanto a Bon Temps. Foi difícil fazer uma estimativa, desde que este era território desconhecido, mas soube que não queria muito da mobília.

-Não acho que necessite as etiquetas, obrigado de qualquer maneira,- falei.

-Começarei usando estas caixas, e posso lhe chamar se necessitar mais, correto?

-Empacotarei para você,- ele disse. Ele tinha o cabelo muito curto e as sobrancelhas mais enroladas que alguma vez tinha visto em uma pessoa. As vacas tinham cílios tão bonitos, algumas vezes. Ele levava posto uma camisa tipo de golfe e caquis com cinto, junto com sapatilhas.

-Sinto muito, não escutei seu nome,- falei, quando ele tirou um cilindro de fita larga de uma grande bolsa de plástico para compras. Ele começou a trabalhar.

-OH, desculpe,- ele disse, e foi a primeira vez que ele tinha soado natural. -Meu nome é Everett O'DELL Smith.

-Prazer em te conhecer,- falei, e ele fez uma pausa em seu trabalho assim podíamos nos dar a mão. "Como você veio parar aqui?"

-OH, estou no Tulane Business School, e um de meus professores recebeu uma chamada do Sr. Cataliades, quem é, como, o advogado mais famoso na área vampiro. Meu professor se especializa na lei vampiro. O Sr. Cataliades necessitava uma pessoa de dia; Digo, ele pode sair fora no dia, mas ele necessitava que alguém seja seu gofer-. Ele tinha conseguido terminar três caixas, já.

-E em troca?

-Em troca, consigo me sentar nos tribunais com ele em seus seguintes cinco casos, e consigo ganhar algum dinheiro que necessito realmente muito.

-Terá tempo esta tarde para me levar ao banco de minha prima?

-Claro.

-Não está perdendo aula agora?

-OH, não, tenho duas horas antes de minha segunda aula.

Ele já tinha ido a uma aula e tinha comprado todas estas coisas antes de que tivesse me levantado. Pois bem, ele não tinha estado acordado na metade da noite observando passear a sua prima morta.

-Você pode levar estas bolsas de roupas à loja de Boa Vontade próxima ou ao Exército de Salvação-. Isso limparia a galeria e me faria sentir produtiva ao mesmo tempo. Tinha revisado os objetos de vestir muito cuidadosamente para estar segura que Hadley não tinha escondido nada nelas, e me perguntei o que o Exército de Salvação faria com elas. Hadley tinha estado em Apertado e Escasso; essa era a forma mais agradável de pô-lo.

-Sim, senhora,- ele disse, tirando um caderno de anotações e rabiscando nele. Logo ele esperou atentamente. -Alguma outra coisa?- Apressou-me.

-Sim, não há comida na casa. Quando retorne esta tarde, pode me trazer algo de comer? Poderia beber água da tibia, mas não podia criar comida de um nada.

Justo então uma chamada do pátio me fez olhar sobre a grade de ferro.

Quinn estava lá abaixo com uma bolsa de algo gorduroso. Minha boca começou a salivar.

-Parece que o ângulo de comida está coberto,- disse ao Everett, gesticulando ao Quinn que subisse.

-O que posso fazer para ajudar?- Quinn perguntou. -Imaginei que sua prima não poderia ter café e comida, assim trouxe alguns sanduíches e um pouco de café tão forte que te fará crescer cabelo no peito.

Tinha ouvido isso um bom número de vezes, mas ainda me fez sorrir. -OH, esse é meu objetivo,- falei. -Traga. Realmente há café aqui, mas não tive possibilidade de fazê-lo porque Everett aqui é o tipo que faz seu trabalho mesmo.

Everett sorriu acima de sua décima caixa. -Você sabe que isso não é certo, mas é bom lhe ouvir dizer,- disse ele. Apresentei aos dois homens, e depois de que Quinn me deu a bolsa, ele começou a ajudar ao Everett a empacotar caixas. Sentei-me à mesa de comer de vidro e comi cada miolo dos sanduíches que estavam na bolsa e bebi cada gota do café. Coloquei açúcar em pó, e não me importou nem um pouco. Quinn começou a me olhar e tratou de silenciar seu sorriso. -Leva posta sua comida, bebê,- ele disse.

Olhei para baixo na parte superior de meu peito.

-Nenhum pelo em meu peito, entretanto,- falei, e ele disse, -Posso inspecionar?

Ri e fui à parte de trás para escovar meus dentes e meu cabelo, ambas as tarefas essenciais. Revisei as roupas de Hadley nas que me tinha vestido com dificuldade.

As calças pretas de treinamento de spandex era um numero intermédio. Hadley provavelmente nunca teria os trazido postos, porque teriam sido muito grandes, para seu gosto. Para mim, eram muito cômodos, mas não cômodo como Hadley gostava, onde você poderia contar o... OH, não importa. A regata rosada deixava as alças rosa pálidos do sutiã à vista, a não dizer nada de um par de polegadas do centro entre meus seios, mas graças a Tana-Lot do Peck (cama de bronzamento solar dentro do Bunch-O-Flicks, o negócio de aluguel de vídeo em Bon Temps), esse centro era agradável e bronzeado. Hadley teria metido uma jóia em seu umbigo.

Me vi no espelho, tratando de imaginar com uma argola de ouro ou algo do estilo.

Nah. Escorreguei-me em umas sandálias decoradas com miçangas de cristal e me senti muito glamorosa por ao redor de trinta segundos.

Comecei a falar com o Quinn a respeito do que pensava fazer esse dia, e em vez de gritar, caminhei do dormitório a sala com minha escova e meu amarrador. Dobrei-me pela cintura, escovei meu cabelo enquanto estava com vontade, e puxei em um rabo de cavalo em cima de minha cabeça. Estava segura que estava centrada, porque os movimentos foram simplesmente automáticos depois de todo estes anos. Meu rabo de cavalo chegava debaixo de minhas costas agora. Enrolei o amarrador, examinei rapidamente o rabo de cavalo, e me endireitei, com ao rabo de cavalo voltando voando sobre meus ombros até ricochetear no meio. Quinn e Everett tinham detido sua tarefa para ficar com a olhar fixo. Quando voltei o olhar para eles, os dois homens precipitadamente se dobraram sobre suas tarefas.

Está bem, não soube que tinha feito algo interessante, mas aparentemente o havia feito. Encolhi-me de ombros e desapareci no banheiro principal para me maquiar. Depois de outro olhar no espelho, me ocorreu que talvez qualquer coisa que fizesse nesse traje era mediantemente interessante, se era um tipo completamente funcional.

Quando saí fora, Everett tinha ido e Quinn me deu uma folha de papel com o número do celular do Everett nela.

-Diz que o chame quando necessitar mais caixas,- disse Quinn. -Ele pegou todas as roupas postas em bolsas. Parece como se não me necessitasse absolutamente.

-Nenhuma comparação,- falei, sorrindo. -Everett não me trouxe gordura e esta cafeína de manhã, e você sim.

-Qual é o plano, e como te ajudo?

-De acordo, o plano é...- não tinha exatamente um mais específico que -Pegar estas coisas e as classificar,- e Quinn não podia fazer isso por mim. -O que te parece isto?- Perguntei. - Você tira tudo das gavetas da cozinha, e o deixa onde o posso ver, e tomarei uma decisão 'guardar ou jogar'. Pode empacotar o que quero conservar, e posso pôr o que quero desprezar na galeria. Espero que a chuva fique fora-. A manhã ensolarada se nublava, rápido. -Enquanto trabalhamos, lhe porei a par do que aconteceu aqui ontem à noite.

Apesar da ameaça de mau clima, trabalhamos toda a manhã, pedindo uma pizza para o almoço, e reatamos o trabalho pela tarde. As coisas que não quis entraram em bolsas de lixo, e Quinn fomentou seu desenvolvimento muscular levando todas as bolsas de lixo até o pátio e as colocando no abrigo pequeno onde estavam guardadas as cadeiras da grama, ainda na grama. Tratei de admirar seus músculos só quando ele não olhava, e acho que tive êxito.

Quinn estava muito interessado em saber da reconstrução ectoplásmica, e falamos do que todo isso poderia querer dizer sem alcançar conclusões. Jake não tinha nenhum inimigo entre os vampiros que Quinn soubesse, e Quinn pensava que Jake tinha sido morto pela vergonha que causaria a Hadley, que por qualquer pecado do próprio Jake.

Não vi nem pele nem cabelo da Amelia, e me perguntei se ela tinha ido para a casa do Mórmon Bob. Ou talvez ele ficou com ela, e estavam tendo um tempo fabuloso no apartamento da Amelia. Talvez ele era uma verdadeira bola de fogo baixo essa camisa branca e essas calças pretas. Olhei ao redor do pátio. Sim, a bicicleta de Bob ainda estava encostada contra a parede de tijolo. Desde que o céu se punha mais escuro cada minuto, coloquei a bicicleta no abrigo pequeno, também.

Estar com o Quinn todo o dia deixava meu fogo um pouco mais quente cada instante.

Ele tinha posto uma regata e calças jeans, e encontrei me perguntando como se veria sem eles. E não pensei que fosse a única presumindo a respeito de como se veriam as pessoas nuas. Podia pegar um brilho da mente do Quinn de vez em quando, quando ele conduzia uma bolsa escada abaixo ou empacotava utensílios de cozinha em uma caixa, e esses brilhos não eram a respeito de abrir seu correio ou passar pela lavanderia.

Tive suficiente presença de ânimo para ligar um abajur quando ouvi o primeiro repique de trovão ao longe. O Grande Tranqüilo estava a ponto de ficar encharcado.

Logo estava de volta para paquerar com o Quinn, me assegurando que ele tivesse uma boa vista quando me estiquei para agarrar um copo das gavetas ou me inclinava para envolver esse copo no jornal. Talvez uma quarta parte de mim estava envergonhada, mas o resto de mim se divertia. A diversão não tinha sido um fator grande em minha vida recentemente - pois bem, alguma vez - e desfrutava de meu pequeno passo pelo lado selvagem.

Escada abaixo, senti o estalo do cérebro da Amelia, em certo modo. Estava familiarizada com a percepção disto, ao trabalhar em um bar: Amelia estava bêbada.

Sorri quando a bruxa pensou a respeito do Bob, quem estava ainda dormido ao lado de ela. Além de um básico, “Como pude...?” O pensamento mais coerente da Amelia foi que ela necessitava café. Ela o necessitou mau. Ela incluso no podia acender uma luz no apartamento, o qual se obscurecia firmemente com a aproximação da tormenta. Uma luz machucaria seus olhos mais do devido.

Girei com um sorriso em meus lábios, pronta para dizer ao Quinn que poderíamos escutar da Amelia logo, só para descobrir que ele estava diretamente detrás mim, e sua cara estava

atenta com uma aparência que não poderia confundir. Ele estava preparado para um pouco inteiramente diferente.

-Me diga que não quer que te beije, e me irei para trás,- ele disse, e logo ele estava me beijando.

Não disse uma só palavra.

Quando a diferença de altura se converteu em um tema, Quinn só me pegou e me pôs no bordo do balcão da cozinha. Um trovão soou fora quando separei meus joelhos para lhe deixar chegar tão perto de mim como pudesse. Envolvi minhas pernas ao redor dele. Ele tirou o amarrador de meu cabelo, um processo não completamente livre de dor, e passou seus dedos pelo emaranhado. Ele capturou meu cabelo em sua mão e inalou profundamente, como se extraísse o perfume de uma flor.

-Isto está bem?- Ele perguntou, quando seus dedos encontraram o bordo inferior de minha regata e se moveram apressadamente para cima por debaixo do tecido. Ele examinou meu sutiã taticamente e pensou como abri-lo em um tempo recorde.

-Bem?- Falei, com estupor. Não estava segura se quis dizer, -Bem? Caramba, sim, te apresse!- ou - Que parte disto está bem, quer saber?- Mas Quinn naturalmente o tomou como uma luz verde. Suas mãos empurraram a um lado o sutiã e ele correu seus polegares através de meus mamilos, os quais já estavam endurecidos. Pensei que ia a explodir, e só a antecipação segura de melhores coisas por vir me liberou de me perder no ato. Me retorci ainda mais à frente para o bordo do balcão, assim é que a protuberância grande na frente das calças jeans do Quinn se apertou em contra da fenda em minhas calças.

Simplesmente assombroso, como encaixavam. Ele pressionou contra mim, soltou, pressionou outra vez, a cordilheira formada pela tensão de suas calças jeans sobre seu pênis Grudando justo ao lugar correto, tão fácil de alcançar pelo material magro e elástico de minhas calças. Outra vez, e gritei, me agarrando por ele através do momento cego do orgasmo quando poderia jurar que tinha sido catapultada a outro universo. Minha respiração foi mais um soluço, e me envolvi ao redor dele como se fosse meu herói. Nesse momento, ele certamente foi.

Sua respiração estava ainda áspera, e ele se moveu contra mim outra vez, procurando seu orgasmo, desde que tinha tido o meu tão ruidoso. Lambi seu pescoço enquanto minha mão baixou entre nós, e o acariciou através de suas calças jeans, e repentinamente ele deu um grito tão áspero como tinha sido o meu, e seus braços se apertaram a meu redor convulsivamente.

-OH, Meu deus,- ele disse, -OH, Meu deus-. Seus olhos fechados apertados com seu orgasmo, ele beijou meu pescoço, minha bochecha, meus lábios, repetidas vezes. Quando sua respiração - e a minha - foram algo mais normais, ele disse, -Bebê, não me vi assim desde que tinha dezessete, no assento traseiro do carro de meu pai com Ellie Hopper.

-Então, é uma coisa boa,- falei entre dentes.

-Pode apostar,- ele disse.

Permanecemos arrebitados por um momento, e me dava conta que a chuva golpeava contra as janelas e as portas, e os trovões cresciam como espuma fora. Meu cérebro pensava em fechar-se em um pequeno cochilo, e me dava conta pesarosamente que o cérebro do Quinn estava voltando-se igualmente adormecido quando ele desabrochou o sustento em minhas costas. Escada abaixo, Amelia fazia café em sua escura cozinha e Bob o bruxo despertava pelo aroma maravilhoso, perguntando-se onde estavam suas calças. E no pátio, subindo silenciosamente as escadas, os inimigos estavam por chegar.

-Quinn!- Exclamei, justo no momento que sua bem definida audição recolheu o ruído de passos. Quinn passou ao modo de briga. Desde que não tinha estado em casa para comprovar os símbolos do calendário, tinha esquecido que estávamos perto da lua cheia.

Houve garras nas mãos do Quinn agora, garras ao menos de três polegadas de comprido, em lugar de dedos. Seus olhos se enviesaram e se voltaram completamente ouro, com dilatadas pupilas negras. A mudança nos ossos de sua cara tinha lhe feito estranho.

Fiz uma forma de amor com este homem nos passados dez minutos, e agora apenas teria o conhecido se lhe tivesse cruzado na rua.

Mas não houve tempo para pensar algo exceto nossa melhor defesa.

Era o ponto débil, e deveria depender da surpresa. Deslizei-me fora do balcão, apressei-me detrás dele à porta, e levantei o abajur de seu pedestal.

Quando o primeiro lobisomem irrompeu através da porta, atirei-lhe um golpe na parte superior da cabeça, e cambaleou, e seguinte em chegar imediatamente depois dele tropeçou inesperadamente com seu caído predecessor, e Quinn estava mais que preparado para o terceiro.

Infelizmente, havia seis.

## **CAPÍTULO 20**

FORAM NECESSÁRIOS dois deles para me pegar, e estava chutando e gritando, mordendo e batendo, com toda a energia possível. Quinn pegou quatro, mas esses quatro tinham uma arma elétrica. De outra maneira, estou segura que ele poderia ter deixado seis ou oito deles fora de combate, no lugar dos três que ele se encarregou antes de que o agarrassem.

Sabia que estava superada, e sabia que podia evitar a mim mesma alguns machucados e talvez um osso quebrado se justamente consentia em ser levada. Mas tenho meu orgulho.

Mais virtualmente, quis ter a segurança de que Amelia ouvisse o que ocorria por cima dela. Ela faria algo. Não estava segura do que ela faria, mas ela atuaria.

Fui empurrada escada abaixo, meus pés logo que tocando-a, por dois homens corpulentos que nunca tinha visto antes. Estes mesmos dois homens tinham prendido juntas meus pulos com fita adesiva. Tinha esmerado em fazer os preparativos para uma pequena pausa, mas me temo que tinham feito um bom trabalho.

-Mmm, cheira a sexo,- o mais baixo disse quando beliscou meu traseiro. Ignorei seu pegajoso olhar lascivo e espionei com satisfação o machucado que lhe tinha dado em sua maçã do rosto com meu punho. (O qual, a propósito, estava doendo e dando ferroadas nos nódulos. Não pode bater em alguém sem pagar um preço.)

Tiveram que levar ao Quinn, e não foram suaves. Arrastaram-no contra as escadas, e o deixaram cair. Era um tipo grande. Agora era um tipo grande sangrando, desde que um dos golpes tinha cortado a pele por cima de seu olho esquerdo. E haviam feito o tratamento com a fita adesiva, também, e me perguntei como reagiria a pelagem com a fita.

Breve estivemos presos um ao lado do outro no pátio, e Quinn me olhava como se ele desesperadamente quisesse me falar. O sangue baixava correndo por sua bochecha da ferida sobre seus olhos, e ele se viu atordoado pela descarga elétrica. Seus mãos voltavam a mudar à mãos normais. Equilibrei-me para ele, mas os lobatos nos mantiveram à parte.

Duas caminhonetes entraram no passeio circular, duas caminhonetes que diziam GRANDE TRANQUÍLA ELETRICIDADE ao lado. Eram brancas e largas e sem guichês na parte traseira, e o logotipo de maneira adicional tinha sido coberto com barro, o qual viu-se altamente suspeito. Um condutor saltou fora de cada caminhonete, e o primeiro condutor abriu de repente as portas da parte posterior do primeiro veículo.

Enquanto nossos raptos colocavam a trancos ao Quinn e a mim e essa caminhonete, o resto da festa invasora estava sendo gasta escada abaixo. O homem que Quinn tinha conseguido ferir, foi muito mais prejudicado que Quinn, tenho o gosto de dizer. As garras podem fazer um importante assombroso dano, especialmente exercidas com a força que um tigre pode exercer. O tipo ao que lhe tinha dado com o abajur estava inconsciente, e o que Quinn tinha alcançado primeiro estava possivelmente morto. Estava certamente banhado em sangue e havia coisas expostas à luz que deveriam ter estado pulcramente apinhadas em sua barriga.

Estava sorrindo satisfeita quando os homens que me agarravam me colocaram de um empurrão na parte de atrás da caminhonete, a qual descobri estava coberta de lixo e absolutamente imundo. Esta era uma operação de classe alta. Havia uma tela da malha larga entre os dois assentos dianteiros e a parte posterior aberta, e as prateleiras na parte traseira tinham sido esvaziados, supus que para nos fazer lugar.

Fui apertada dentro do corredor estreito entre as prateleiras, e Quinn foi apertado depois de mim. Tiveram que trabalhar duro porque ele estava ainda aturdido.

Minhas duas escoltas fecharam de um golpe as portas traseiras da caminhonete contra nós enquanto os lobisomens fora de combate foram acomodados na outra caminhonete.

Adivinhava que as caminhonetes tinham sido estacionadas fora da rua brevemente assim não ouviríamos os veículos entrando no caminho de acesso. Quando estiveram em condição de nos carregar, nossos raptos tinham entrado no pátio. Até as pessoas de uma cidade como Nova Orleans notariam alguém sendo maltratado e carregado em caminhonetes... na chuva torrencial.

Esperei que os lobisomens não pensassem a respeito de agarrar a Amelia e Bob, e rezei que Amelia fosse engenhosa e se escondesse, em lugar de fazer alguma coisa impulsiva e valente de bruxa. Sei que é uma contradição, Não? Rezar por uma coisa (lhe pedindo a Deus um favor) e ao mesmo tempo esperar que seus inimigos sejam exterminados. Tudo o que posso dizer é, tenho o sentimento que os cristãos estiveram fazendo isso de pedir ambas as coisas- ao menos os maus, como eu.

"Vamos, vamos, vamos," bramou o homem mais baixo, quem tinha saltado no assento dianteiro. O condutor obedeceu com um completamente desnecessário chiado, e nós saímos a inclinações bruscas do pátio como se o presidente tivesse recebido disparos e nós tivéssemos que levá-lo ao Walter Reed.

Quinn recuperou a consciência completamente quando saímos do Chloe Street para nos dirigir para nosso destino final, em qualquer lugar que fosse. Suas mãos estavam amarradas atrás, o qual é doloroso, e sua cabeça não tinha deixado de sangrar. Havia esperado que ele permanecesse atordoado. Mas quando seus olhos enfocaram sua atenção em minha cara, ele disse, -Bebê, te machucaram feio-. Não devia me ver muito bem.

-Bem, bom, parece estar no mesmo bote,- falei. Soube que o condutor e seu companheiro nos poderiam ouvir, e não me importou nada.

Com uma tentativa sombria de sorrir, ele disse, -Que defensor resultei ser.

Na estimativa dos lobatos, não era muito perigosa, assim é que minhas mãos haviam sido amarradas para frente. Retorci-me até que pude pressionar o corte na frente do Quinn.

Isso teve que havê-lo machucado até mais, mas ele não disse uma só palavra em sinal de protesto. O movimento da caminhonete, os efeitos da surra, a constante alternância e o cheiro do lixo todo ao redor de nós se combinou para fazer os seguintes dez minutos muito desagradáveis. Se tivesse sido muito inteligente, poderia haver dito por onde íamos - mas não me sentia muito inteligente-. Me maravilhei que em uma cidade com tantos restaurantes tornados famosos como Nova Orleans tinha, esta caminhonete estava a flor de água com envoltórios do Burger King e copos de Taco BellRey. Se tinha uma oportunidade para registrar os despojos, poderia encontrar algo útil.

-Quando estamos juntos, somos atacados por lobisomens,- Quinn disse.

-É minha culpa,- falei. -Lamento te colocar nisto sem razão.

-OH, bom,- ele disse. -Sou conhecido por andar com gente desesperada.

Jazíamos cara a cara, e Quinn me deu um joelhada com sua perna. Ele estava tratando de me dizer algo, e não entendia.

Os dois homens no assento dianteiro falavam sobre uma linda garota cruzando a rua em um semáforo. Só de escutar a conversa foi quase o suficiente para fazer jurar renunciar aos homens, mas ao menos não nos escutavam.

-Lembra quando falamos de minha condição mental?- Falei cuidadosamente. -Lembra o que te contei sobre isso?

Tomou um minuto porque estava ferido, mas ele se deu por aludido. Sua cara se viu como se ele estivesse a ponto de partir em duas uma tabela pela metade, ou alguma outra coisa que requeresse toda sua concentração, e logo seu pensamento entrou de um empurrão em minha cabeça. *O telefone está em meu bolso*, ele me disse. O problema era, que o telefone estava em seu bolso direito, e ele jazia sobre esse lado.

Logo que havia lugar para que ele se volteasse.

Isto demandou uma grande quantidade de manobras, e não quis que nossos raptos vissem. Mas me engenhei, finalmente, para introduzir meus dedos no bolso do Quinn, e fazer uma nota mental para lhe informar que, baixo estas circunstâncias, suas calças jeans eram muito apertadas (sob outras circunstâncias, nenhum problema com isso.) Mas extrair esse telefone, com a caminhonete balançando-se, enquanto nossos raptos lobisomens nos checavam cada minuto mais ou menos, isso foi difícil.

*O quartel general da rainha está em discagem rápida*, ele me disse quando sentiu que o telefone saiu de seu bolso. Mas isso me perdeu. Não sabia como acessar às discagens rápidas. Tomou alguns momentos fazer entender isso a Quinn, e estou ainda na dúvida de como o fiz, mas finalmente ele pensou o número de telefone para mim, e desastradamente disquei os números e apertei "ligar". Talvez não havíamos pensado atentamente nisso até agora, porque quando uma voz diminuta disse,

-Olá- Os lobisomens ouviram.

-Não os revistou?- O condutor perguntou ao passageiro incredulamente.

-Infernos, não, estava tratando de colocar na parte traseira e sair da chuva,- o homem que tinha me beliscado enrolado na parte de trás correta. -Detenha, maldição!

- Alguém teve seu sangue?- Quinn me perguntou silenciosamente, entretanto esta vez ele pôde ter falado, e depois de um segundo precioso, meu cérebro se ativou.

-Eric,- falei, porque os lobisomens estavam fora de seus lugares e correndo para abrir as portas traseiras da caminhonete.

-Quinn e Sookie foram pegos por alguns lobisomens,- Quinn disse para o telefone que segurava perto de sua boca. -Eric Northman a pode rastrear.

Esperei que Eric estivesse ainda em Novo Orleans, e mais à frente esperei que quem quer que respondesse o telefone no quartel general da rainha fosse muito preparado.

Mas então os dois lobisomens estavam abrindo bruscamente as portas da caminhonete e nos tirando a força, e um deles me deu um murro enquanto o outro bateu em Quinn.

Pegaram bruscamente o telefone de meus dedos machucados e o lançaram no chão grosso ao lado da rua. O condutor tinha detido o veículo à borda por um lote vazio, mas acima e abaixo pela estrada havia casas espaçadas sobre pernas de pau em muita grama. O céu estava muito nublado para me fixar em nossa direção, mas estava segura que tínhamos viajado ao sul, nos pântanos. Consegui ler o relógio de bracelete de nosso condutor, e estava surpresa de me inteirar que já eram passadas as três da tarde.

-Clete, idiota de merda! A quem estava chamando?- Gritou uma voz da segunda caminhonete, que tinha se aproximado ao lado da rua quando nós o fizemos. Nossos dois raptos se olharam com expressões idênticas de consternação, e teria rido se não tivesse estado doendo tanto. Era como se houvessem praticado ter cara de estúpidos.

Esta vez Quinn foi revistado muito a fundo, e eu também, embora não tinha bolsos ou qualquer outro lugar para esconder algo, a menos que queriam fazer uma comprovação de cavidades. O pensei que Clete - Sr. Belisca-bunda - ia fazer, só por um segundo, quando seus dedos ferroaram o spandex em mim. Quinn acreditou, também. Fiz um ruído horrível, sufocada de medo, mas o som que veio da garganta do Quinn foi superior a um grunhido. Foi um profundo, gutural ruído, e absolutamente ameaçador.

-Deixa a garota tranqüila, Clete, e retornemos ao caminho,- disse o condutor alto, e sua voz soou como se dissesse "terminei contigo". "Não sei quem é este tipo, mas não acredito que se transforme em uma lontra.

Perguntei-me se Quinn os ameaçaria com sua identidade - a maioria dos lobisomens pareciam lhe conhecer, ou saber dele - mas como ele não expressou voluntariamente seu nome, eu não falei.

Clete me colocou de um empurrão de volta na caminhonete com uma grande quantidade de balbúrdias "Quem morreu e fez a Deus? Não é meu chefe," etcétera. O homem mais alto claramente era o chefe do Clete, o qual era uma coisa boa. Queria a alguém com matéria cinza e alguma coisa de decência entre mim e os dedos do Clete.

Tiveram um tempo muito árduo colocando Quinn na caminhonete outra vez. Ele não quis ir, e finalmente dois homens da outra caminhonete saíram, muito a contra gosto, para ajudar ao Clete e o condutor. Amarraram as pernas do Quinn com uma dessas coisas plásticas, o tipo onde você passa uma ponta por um oco e logo a retorçe. Tínhamos usado algo semelhante para fechar a bolsa quando tínhamos assado um peru no último dia de Ação de Graças. A tira que usaram no Quinn era negra e plástica e isso realmente fechou com o que se pareceu um par de algemas.

Não amarraram minhas pernas.

Apreciei que Quinn se zangou pelo tratamento a mim, zangado o suficiente para lutar por ser livre, mas o resultado final foi que minhas pernas estavam livres e as suas não - porque ainda não lhes representei uma ameaça, ao menos em suas mentes.

Provavelmente estavam certos. Não podia pensar a respeito de algo para impedir de tomar em qualquer lugar que íamos. Não tinha uma arma, e embora me preocupei com a fita amarrando minhas mãos, meus dentes não pareceram ser o suficientemente fortes para fazer um corte. Descansei por um minuto, fechando meus olhos cansadamente. O último golpe tinha aberto um corte em minha bochecha. Uma língua grande raspava sobre minha cara sangrenta. Não o bastante.

-Não chore,- disse uma voz estranha, gutural, e abri meus olhos para comprovar que, certamente, provinha do Quinn.

Quinn tinha tanto poder que ele podia deter a mudança uma vez que havia começado. Suspeitei que ele o poderia provocar também, embora tinha notado que brigar podia fazer mudar a qualquer metamorfo. Ele tinha tido as garras durante a briga no apartamento de Hadley, e quase tinha inclinado a balança a nosso favor. Desde que ele se enfureceu tanto com o Clete durante o episódio ao lado da rua, o nariz do Quinn se aplanou e alargou. Tive uma vista próxima dos dentes em sua boca, dentes que se alteraram em adagas diminutas.

-Por que não mudou completamente?- Perguntei, em um sussurro diminuto.

*Porque não caberia neste espaço, bebê. Depois da mudança, tenho 3 metros de comprimento e peso a respeito de quatrocentas e cinqüenta kg.*

Isso fará engolir a qualquer garota. Só podia estar agradecida que ele havia pensado nisso.

Olhei algo mais.

Não era grosso?

Clete e o condutor intercambiavam recriminações sobre o incidente telefônico. -Por que, vovozinha, tem dentes tão grandes,- sussurrei. Os caninos superiores e inferiores eram tão largos e afiados que davam realmente medo (chamei de caninos; para os gatos, esse poderia ser um insulto.)

Afiados... eram afiados. Subi minhas mãos acima perto de sua boca, e lhe roguei com meus olhos que entenda. Tanto como podia dizer por sua cara alterada, Quinn se preocupou.

Justo como nossa situação despertou seus instintos defensivos, a idéia que estava tratando de vender despertou outros instintos. *Farei suas mãos sangrar*, ele me advertiu, com um grande esforço. Ele era meio animal agora, e os processos de pensamento animal não necessariamente viajavam através dos mesmos caminhos que os humanos.

Mordi meu lábio mais baixo para me abster de ficar sem fôlego quando o dente do Quinn mordeu a fita. Ele teve que exercer uma grande quantidade de pressão para que as presas de três polegadas perfurassem a fita, e isso quis dizer que os dentes incisivos mais curtos, afiados morderam minha pele, também, por mais cautela que ele tomou.

As lágrimas começaram a descer rodando por minha cara em uma corrente interminável, e o senti vacilar. Sacudi minhas mãos amarradas para apurá-lo, e a contra gosto ele reatou sua tarefa.

-Ouça, George, ele a está mordendo,- disse Clete do assento do passageiro -posso ver sua mandíbula movendo-se.

Mas estávamos muito juntos e a luz era tão pobre que ele não podia ver que Quinn mordida a atadura em minhas mãos. Isso foi bom. Esforçava-me em encontrar coisas boas às que me pegar, porque isto se parecia um desolado, desolado mundo neste momento, jazendo na caminhonete viajando através da chuva em uma estrada desconhecida em alguma parte da sulina Louisiana.

Estava zangada e sangrando e dolorida e jazia sobre meu já prejudicado braço esquerdo. O que queria, o que seria ideal, era me encontrar limpa e enfaixada em uma cama bonita com lençóis brancos. De acordo, limpa e enfaixada e em uma camisola limpa.

E logo Quinn estaria na cama, em sua forma completamente humana, e ele estaria limpo e enfaixado, também. E ele teria tido algum descanso, e ele teria posto absolutamente nada.

Mas a dor de meus braços cortados e sangrando se voltava mais exigente para ignorá-lo, e não podia me concentrar o suficiente para me pegar a meu precioso sonho. Justo quando estava a ponto de choramingar - ou talvez gritar e gritar- senti que meus pulsos se separavam.

Por breves segundos justamente jazi ali e ofeguei, tratando de controlar minha reação à dor. Infelizmente Quinn não poderia roer a atadura em suas mãos, desde que tinham sido amarradas detrás dele. Ele finalmente teve êxito em voltar-se assim é que podia ver seus pulsos.

George disse, -O que estão fazendo?

Clete voltou o olhar atrás para nós, mas tinha minhas mãos juntas. Desde que o dia era escuro, ele não poderia ver muito claramente. -Não estão fazendo nada. Ele deixou de mordê-la- disse Clete, soando decepcionado. Quinn teve êxito em colocar uma garra na fita chapeada. Suas garras não eram afiadas ao longo de sua curva como uma cimitarra; seu poder era o ponto penetrante apoiado pela força enorme de um tigre. Mas Quinn não podia ter alavanca para exercer essa força. Então isto ia levar seu tempo, e suspeitei que a fita ia fazer um ruído admirável quando ele tivesse êxito em rachá-la.

Não tivemos muito tempo disponível. De um momento a outro até um idiota como Clete notaria que algo não estava bem.

Comecei a difícil manobra de levar minhas mãos aos pés do Quinn mostrar o feito que não estavam amarrados. Clete retornou o olhar quando vislumbrou meu movimento, e caí contra as prateleiras vazias, minhas mãos grampeadas conjuntamente em meu colo. Tratei de me ver desesperada, o qual foi terrivelmente fácil. Clete se viu mais interessado em acender um cigarro depois de um segundo ou dois, me dando uma oportunidade de olhar a atadura de plástico dos tornozelos do Quinn. Embora me havia recordado da bolsa gravata que usamos o último dia de ação de graças, este plástico era preto e grosso e mais forte, e não tinha uma faca para cortá-lo a ou uma chave para abri-lo. Eu pensei que Clete se enganou adotando a restrição, entretanto, apressei-me a tratar de me aproveitar dela. Os sapatos do Quinn estavam ainda postos, é obvio, os desamarrei e os tirei. Logo sustentei um pé apontando para abaixo. Esse pé começou a deslizar-se dentro do círculo da fita. Como havia suspeitado, os sapatos tinham segurado seus pés à parte e tinham permitido uma pausa.

Embora meus pulsos e minhas mãos sangravam em cima das meias três-quartos do Quinn (os quais deixei assim é que o plástico não lhe rasparia) engenhava-me bastante bem. Ele estava sendo estóico a respeito de meus ajustes drásticos a seu pé. Finalmente ouvi seus ossos protestar ao ser torcidos em uma posição estranha, mas seu pé se deslizou acima da restrição. OH, Deus obrigada.

Tinha-me tomado mais tempo para pensar a respeito do que fazer. Haviam-se sentido como horas.

Baixei a fita e a separei de um empurrão nos refugos, contemplei ao Quinn, e inclinei a cabeça. Sua garra, em forma de gancho na fita, rasgou-a. Um oco apareceu. O som não tinha sido forte absolutamente, e me aliviei por mim mesma de volta ao lado do Quinn para camuflar a atividade.

Inseri meus polegares no oco da cinta e puxei bruscamente, obtendo muito pouco. Há uma razão pela que a fita é tão popular. É uma substância confiável.

Tínhamos que sair dessa caminhonete antes que alcançasse seu destino, e tínhamos que escapar antes de que a outra caminhonete pudesse deter-se no caminho detrás da nossa. Escavei através de, envoltórios de papel, caixas de cartão no chão da caminhonete e finalmente, em uma abertura pequena entre o chão e o lado, encontrei um chave de fenda Phillips passado por cima. Era comprida e fina.

O olhei e respirei profundamente. Soube o que tinha que fazer. As mãos de Quinn estavam amarradas e ele não podia fazer. Lágrimas rodaram por minha cara. Era uma chorona, mas justamente não podia evitar. Olhei ao Quinn por um momento, e seus facções eram aceradas. Ele soube tão bem o que precisava fazer.

Justo então a caminhonete desacelerou e trocou de uma estrada distrital, razoavelmente bem pavimentada, ao que parecia uma rua coberta de cascalho entrando ao bosque. Um caminho de acesso, estava segura. Estávamos perto de nosso destino.

Esta era a melhor oportunidade, talvez a última oportunidade, que tínhamos.

-Estica seus pulsos,- me murmurei, e mergulhei a Phillips no oco da fita.

Voltou-se maior. Mergulhei outra vez. Os dois homens, sentindo meu frenético movimento, giraram quando apunhalei a fita uma última vez. Enquanto Quinn se esforçou em dividir as ataduras furadas, levantei-me sobre meus joelhos, agarrando a separação gradeada com minha mão esquerda, e falei, -Clete!

Ele trocou de direção e se apoiou entre os assentos, mais perto da partição, para ver melhor. Tomei um fôlego profundo e com minha mão direita que coloquei o chave de fenda entre a grade metal. Foi direto a sua bochecha. Ele gritou e sangrou e George logo que pôde freiou o suficientemente rápido. Com um rugido, Quinn separou seus pulsos. Logo Quinn se moveu como um relâmpago, e ao minuto que a caminhonete se deteve em seco, ele e eu estávamos fora das portas traseiras e atravessando correndo o bosque. Graças a Deus, estava perto da estrada.

As sandálias de fivela não são boas para correr no bosque, justamente quero dizer aqui, e Quinn estava só em suas meias três-quartos. Mas cobrimos alguma terra, e para quando o condutor alarmado da segunda caminhonete deteve o carro à borda e os passageiros saltaram fora em nossa busca, não tivemos à vista a estrada. Continuamos correndo, porque eram lobisomens, e nos rastrearíamos. Tinha tirado a chave de fenda da bochecha do Clete e o tinha em minha mão, e lembrando que era perigoso correr com um objeto bicudo em minha mão.

Pensei no dedo do Clete entre minhas pernas, e não me senti tão mal a respeito do que tinha feito. Nos seguintes poucos segundos, enquanto saltava sobre uma árvore caída cobertas por algumas vede espinhosas, a chave de fenda escapou de minha mão e não tive tempo para ir em sua busca.

Depois de correr durante algum tempo, alcançamos o pântano. Os pântanos e os riachos abundam em Louisiana, é obvio. Os riachos e os pântanos são substanciosos em fauna silvestre, e podem ser belos para ver e talvez ir de excursão em uma canoa ou algo pelo estilo. Mas para descer rapidamente a pé, em uma chuva torrencial, prestam.

Talvez de um ponto de vista rastreador este pântano era uma coisa boa, porque uma vez que estávamos na água não deixávamos qualquer cheiro.

Mas desde meu ponto de vista pessoal, o pântano estava fatal, porque estava sujo e tinha cobras e lagartos e Deus sabe que mais.

Tive que me preparar psicologicamente para me pôr detrás do Quinn, e a água era escura e fresca desde que ainda era primavera. No verão, isto se sentiria como abrir passo dentro de sopa quente. Em um dia tão nublado, uma vez que estávamos sob as árvores sobressalentes, fomos quase invisíveis para nossos perseguidores, o qual era bom; mas as mesmas condições também queriam dizer que qualquer fauna silvestre espreira se veria aproximadamente quando a pisássemos, ou quando nos mordesse. Não tão bom.

Quinn sorria amplamente, e recordei que alguns tigres têm montões de pântanos em seu hábitat natural. Ao menos um de nós era feliz.

A água ficou mais profunda e mais profunda, e logo nadávamos. Não o bastante, Quinn

nadava com uma graça que era um pouco intimidante para mim. Tratava com toda minha força estar tranqüila e ser sigilosa. Por um segundo, estava tão fria e assustada que comecei a pensar que... não, não seria melhor estar na caminhonete... mas perto, só por um segundo.

Estava tão cansada. Meus músculos tremiam pela seqüela da quebra de onda de adrenalina de nossa escapada, e logo tinha arremetido através do bosque, e antes tinha sido a briga no apartamento, e antes disso OH meu Deus, tinha tido relações sexuais com o Quinn.

Algo assim. Sim, definitivamente sexo. Mais ou menos.

Não tínhamos falado desde que saíssemos da caminhonete, e repentinamente lembrei que tinha visto seu braço sangrando quando tínhamos saído precipitadamente da caminhonete. Tinha-lhe apunhalado com a Phillips, ao menos uma vez, enquanto lhe liberava.

E aqui estava, choramingando. -Quinn,- falei. -me deixe te ajudar.

-Me ajudar?- Ele perguntou. Não poderia ler seu tom, e desde que ele avançava através da água escura diante de mim, não poderia ler seu rosto. Mas sua mente, ah, estava cheia de grunhidos confusos e irritação que ele não poderia encontrar um lugar para preencher.

-Te ajudei? Te liberei? Te protegi desses putos lobisomens? Não, deixei a esse filho de puta pôr o dedo em ti, e observei, não pude fazer nada.

OH. O orgulho masculino. -Liberou minhas mãos,- aponte. -E pode me ajudar agora.

-Como?- Ele girou, e estava profundamente incomodado. Dava-me conta que era um tipo que se tomava o de proteger muito seriamente. Era um dos desequilíbrios mistérios de Deus, que os homens eram mais fortes que as mulheres. Minha avó me disse que era sua forma de balançar as coisas, desde que as mulheres são resistentes e mais flexíveis. Não tenho a segurança de que seja verdadeiro, mas soube que Quinn, possivelmente porque ele era um tipo grande, formidável e, possivelmente porque ele era um meta-tigre que poderia converter-se em esta besta fabulosamente bela e letal, estava zangado porque ele não tinha matado a todos nossos assaltantes e tinha me salvado de ser sujada por seu toque.

Eu mesma teria preferido esse panorama muitíssimo, especialmente considerando nosso apuro presente. Mas os acontecimentos não tinham acontecido de esse modo. -Quinn,- falei, e minha voz estava tão rendida como o resto de mim, -Eles têm que haver se dirigido a alguma parte por aqui. Em alguma parte deste pântano.

-Por isso é que fomos,- lembrou. Vi uma cobra enroscada ao redor de um galho da árvore pendurada por cima da água justo atrás dele, e minha cara devia parecer tão desesperada como me senti, porque Quinn bateu mais rápido do que eu podia pensar e tinha a essa cobra em sua mão e a quebrou uma vez, duas vezes, e logo a cobra estava morta e flutuando fora na água lenta. Ele pareceu sentir-se bastante melhor depois disso. -Não sabemos aonde vamos, mas estamos claros que é longe deles. Correto?- perguntou.

-Não há outro cérebro funcionando em minha fila,- falei, depois de comprovar por um momento. -Mas nunca verifiquei que tão grande é minha fila. Isso é tudo o que posso dizer. Tratemos de sair da água por um minuto enquanto pensamos, o que acha?

Tremia em todas partes.

Quinn avançou através da água e me levantou. -Enlaça seus braços ao redor de meu pescoço,- disse ele.

Claro, se ele queria fazer a coisa de homem, estava bem. Pus meus braços ao redor de seu pescoço e ele começou a mover-se através da água.

-Seria melhor se te convertesse em um tigre?- Perguntei.

-Poderia necessitar mais tarde, e já troquei pela metade duas vezes hoje. Melhor guardar forças.

-De que tipo é?

-Bengala,- disse ele, e justo então o tamborilar da chuva na água se deteve. Ouvimos vozes chamando, e paramos na água, nossas caras se voltaram para a fonte do som. Como estávamos de pé ali completamente quietos, ouvi que algo grande se deslizou na água a nossa direita. Balancei meus olhos nessa direção, aterrorizada do que veria - mas a água estava quase quieta, como se algo justamente tivesse passado. Sabia que havia excursões nos riachos ao sul de Nova Orleans, e soube que a gente local ganhava a vida levando gente à água escura e lhes deixando ver os lagartos. O bom era, que estes nativos faziam dinheiro, e os turistas tinham para ver algo que nunca teriam visto de outra maneira. O mau era, que algumas vezes os locais atiravam presentes para atrair aos lagartos.

Eu imaginei que os lagartos associavam aos humanos com comida.

Pus minha testa no ombro do Quinn e fechei meus olhos. Mas as vozes não se cercaram, e não ouvimos o uivar de lobos, e nada mordeu minha perna para me arrastar ao fundo. -Isso é o que lagartos fazem, sabe,- disse ao Quinn. -Te puxam para baixo e te afogam, e te levam a alguma parte assim podem te lanchar.

-Bebê, os lobos não vão nos comer hoje, nem os lagartos oarão-. Ele riu, um trovão intenso e profundo em seu peito. Estava tão contente de ouvir esse som. Depois de um momento, começamos a nos mover através da água outra vez. As árvores e os pedaços de terra se voltaram um para o lado do outro, os canais se estreitam, e finalmente subimos em uma parte de terreno bastante grande para sustentar uma cabana.

Quinn estava meio me sustentando quando nos cambaleamos fora da água.

Como refúgio, a cabana era pouca coisa. Talvez a estrutura uma vez tinha sido um glorioso acampamento de caça, três paredes e um teto, não mais que isso. Agora era uma ruína, a meias queda. A madeira se via podre e o teto de metal se empenou e ancorado, enferrujando-

se em forma dispersa. Fui ao montão de material deixado e procurei muito cuidadosamente, mas não pareceu haver algo que nós pudéssemos usar como uma arma.

Quinn estava ocupado rasgando os restos da fita fora de seus pulsos, sem sobressaltar-se quando um pouco de pele saiu com ela. Trabalhei na minha mais amavelmente. Logo justamente me esgotei.

Baixei bruscamente de maneira deprimente ao chão, minha parte de atrás contra um carvalho cheio de matagais. Sua casca imediatamente começou a fazer impressões profundas em minhas costas. Pensei a respeito de todos os germens na água, germens que corriam indubitavelmente através de meu sistema ao momento que tinham conseguido entrar através dos cortes em meus pulsos. A dentada não curada, ainda ao amparo de uma vendagem agora muito suja, havia indubitavelmente recebido sua parte de partículas sujas. Minha cara se inchava pela surra que tinham me dado. Recordei-me olhar no espelho o dia antes e ver que as marcas deixadas pelos lobisomens mordidos em Shreveport finalmente tinham desvanecido. Pelo muito que tinha durado.

-Amelia deveria ter feito algo a estas alturas,- falei, tratando de me sentir otimista. -Ela provavelmente chamou o HQ vampiro. Até se nossa chamada por telefone não alcançou alguém que faria algo a respeito, talvez alguém nos está procurando agora.

-Teriam que mandar empregados humanos. É ainda tecnicamente de dia, se bem o céu está escuro.

-Pois bem, ao menos a chuva se deteve,- falei. Nesse momento, começou a chover outra vez.

Pensei em fazer um manha de criança, mas francamente, não pareceu que valesse a pena gastar energia. E não há nada a fazer a respeito. O céu ia chover, não importa quantos ataques me dessem. -Lamento que esteja nisto,- falei, pensando que tinha bastante pelo qual me desculpar.

-Sookie, não sei se você não me deveria dizer que o lamenta-. Quinn enfatizou os pronomes. -Tudo ocorreu quando estávamos juntos.

Isso era certo, e tratei de acreditar que tudo isto não era por mim. Mas estava convencida de que em certa forma, realmente o era.

Como a chuva do céu, Quinn disse, -Como está sua relação com o Alcide Herveaux? O vimos no bar na semana passada com alguma outra garota. Mas o policial, que estava em Shreveport, disse que tinha estado comprometida com ele.

-Isso foi puro conto,- falei, sentando bruscamente no barro. Aqui estava eu, no profundo do interior de um pântano sulino de Louisiana, a chuva caindo a cântaros sobre mim, espera um momento. Fiquei com o olhar fixo na boca do Quinn movendo-se, precavi-me que ele dizia algo, mas esperou a ponta de um pensamento para tropeçar com algo. Se tivesse havido uma lâmpada por cima de minha cabeça, haveria estado brilhando intermitentemente. -Jesus Cristo, Pastor da Judea,- falei respeitosamente. -São eles quem estão fazendo isto.

Quinn ficou agachado diante de mim. -Escolheu quem esteve fazendo isto? Quantos inimigos tem?

-Pelo menos se quem enviou os lobisomens mordidos, e quem nos seqüestrou,- falei, me recusando a me distrair. Curvado conjuntamente no aguaceiro como gente das cavernas,

Quinn escutava enquanto eu falava.

Logo discutimos probabilidades.

Logo fizemos um plano.

## CAPÍTULO 21

UMA VEZ QUE ELE SOUBE o que estava fazendo, Quinn foi implacável.

Desde que não podíamos ser mais miseráveis do que já fomos, ele decidiu que bem podíamos nos mover. Enquanto fiz pouco mais que lhe seguir e permanecer fora de seu caminho, ele começou a explorar a área em busca de cheiros. Finalmente se cansou de encurvar-se, e disse, -Vou trocar. Ele se despiu rápido e eficazmente, enrolando as roupas em um compacto (mas molhado) molho e dando isso a mim para as levar. Cada conjetura que tinha feito sobre o corpo do Quinn estava absolutamente certa, tive o gosto de notar.

Ele tinha começado a tirar roupa sem uma só vacilação, mas uma vez ele notou que estava olhando, ele se esteve quieto e me deixou olhar. Até na escuridão, caindo chuva, valia a pena. O corpo do Quinn era uma obra de arte, sem embargo uma obra de arte em que se deixou uma cicatriz. Ele era um bloco grande de músculo, de seus bezerros para seu pescoço.

-Você gosta do que vê?- Ele perguntou.

-OH, cara,- falei. -Se vê melhor que uma Caxinha Feliz para um menino de três anos de idade.

Quinn me deu um amplo, contente sorriso. Ele se dobrou encurvando-se na terra.

Soube o que vinha. O ar ao redor do Quinn começou a brilhar tênueamente e tremer, e dentro Quinn começou a trocar. Músculos ondearam e fluíram e se reformaram, ossos trocaram de forma, pelagem se desenrolou da alguma parte do interior dele - embora soube que isso não poderia ser, essa foi a ilusão. O som foi espantoso. Foi um tipo de glop, pegajoso, mas com notas duras, como se alguém batesse uma panela de borracha rígida cheia de varas e pedras.

Ao final de todo isso, o tigre se levantou frente a mim.

Se Quinn tinha sido um homem nu glorioso, ele era um tigre igualmente formoso. Sua pelagem era de um laranja profundo atravessado com listras negras, e um toque de branco em sua barriga e cara. Seus olhos enviesados, e dourados. Tinha talvez sete pés de comprimento e ao menos três pés de alto ao ombro. Estava assombrada que tão grande ele era.

Suas patas eram com acréscimo desenvolvidas e tão grandes como alguns pratos planos. Suas orelhas arredondadas eram francamente lindas. Ele caminhou para mim silenciosamente, com uma graça incomum em uma forma tão maciça. Esfregou sua cabeça enorme contra mim, quase me derrubando, e ronronou. Soou como a um contador Geiger feliz. Sua pelagem densa era oleosa ao tato, assim é que acreditei estava bem impermeabilizado. Ele deu uma tosse felina, e o pântano se voltou silencioso. Não pensaria que a fauna silvestre da Louisiana reconheceria o som de um tigre, correto? Mas o fez, e fechou a boca e se escondeu.

Não temos o mesmo requerimento de espaço vital com animais que com pessoas.

Ajoelhei-me ao lado do tigre que tinha sido Quinn, em alguma forma mágica seguia sendo Quinn, e pus meus braços ao redor de seu pescoço, e o abracei. Era um pouco perturbador que ele cheirasse um tanto assim como um tigre real, e forcei minha mente ao feito que ele era um tigre, que Quinn estava dentro dele. E nos pusemos em caminho através do pântano.

Estava um pouco surpresa de ver o tigre marcar seu território novo - isto não é algo que esperas ver fazer a seu namorado- mas eu decidi que justamente seria ridículo prestar atenção a esse desdobramento. Além disso, tinha suficiente para pensar, mantendo o mesmo passo que o tigre. Ele ia em busca de cheiros, e cobrimos muito terreno. Punha-me cada vez mais exausta. Meu sentido de admiração se desvaneceu, e estava simplesmente molhada e moderadamente fria, faminta e resmungona. Se alguém houvesse estado pensando sob meus pés, não estou segura que minha mente teria percebido os pensamentos.

Logo o tigre se congelou, farejando o ar. Sua cabeça se moveu, orelhas dando sacudidas, para procurar em uma direção em particular. Ele começou a me olhar. Embora os tigres não podem sorrir, obtive a onda definitiva de triunfo do enorme gato. O tigre virou sua cabeça de volta ao leste, rodou sua cabeça maciça para me olhar, e virou seu cabeça para o leste outra vez. Me siga, claro como um sino.

-Está bem,- falei, e pus minha mão em seu ombro.

Fora fomos. A viagem através do pântano durou uma eternidade, entretanto mais tarde estimei essa "eternidade", neste caso, era provavelmente trinta minutos.

Gradualmente a terra aumentou sua firmeza, a água mais escassa. Agora estávamos no bosque, não pântano.

Tinha acreditado que nos acercávamos ao destino de nossos raptos quando a caminhonete tinha saído ao caminho secundário. Tinha estado certo. Quando alcançamos o bordo da clareira rodeando a casa pequena, estávamos pelo lado oeste da casa que olh para o norte.

Podíamos ver ambos os pátios da frente e traseiro. A caminhonete que nos tinha tido em cativeiro estava estacionada na parte traseira. Na clareira diminuta na frente estava um carro, alguma tipo de sedan da General Motors.

A pequena casa em si era como um milhão de outras casas rurais na América. Era uma caixa: madeira, pintada, com venezianas verdes nas janelas e os postes verdes para suportar o teto sobre o diminuto alpendre dianteiro. Os dois homens da caminhonete, Clete e George, estavam amontoados no quadrado de concreto porque era um refúgio, apesar do inadequado que era.

A estrutura coincidente detrás da casa era uma cobertura pequena fora da porta traseira, apenas bastante grande para guardar uma churrasqueira de gás e uma esfregadeira. Estava aberta aos elementos. Pelo caminho, os elementos foram realmente ao povoado.

Deixei as roupas e os sapatos do Quinn ao pé de uma árvore de mimosa. Os lábios do tigre se tornaram atrás quando farejou ao Clete. Os largos dentes eram tão atemorizantes como os de um tubarão. A tarde de chuva tinha baixado a temperatura. George e Clete tremiam na calma úmida da tarde. Ambos estavam fumando. Os dois lobisomens, em forma humana e fumando, não tinha um melhor sentido do olfato que pessoas de sempre. Não deram sinais de dar-se conta do Quinn absolutamente. Acreditei que reagiriam dramaticamente bastante se apanhassem o cheiro do tigre na sulina Louisiana.

Abri-me passo pelas árvores ao redor da clareira até que estive perto da caminhonete. Dirigi-me ao redor e avancei a rastros até o lado do passageiro. A caminhonete estava sem chave, e podia ver a arma elétrica. Essa era minha meta. Tomei um fôlego profundo e abri a porta, esperando que a luz que veio adiante não interessasse a ninguém que visse para fora da janela de trás. Agarrei a arma elétrica da confusão de coisas entre os assentos dianteiros. Fechei a porta tão quedamente como uma porta de caminhonete pode ser fechada.

Felizmente, a chuva pareceu amortecer o ruído. Dei um suspiro tremendo de alívio quando nada aconteceu. Logo caminhei de volta ao bordo do bosque e me ajoelhei ao lado do Quinn. Ele lambeu minha bochecha. Apreciei o afeto do gesto, se não o fôlego do tigre, e arranhei sua cabeça.

(Em certa forma, beijar sua pelagem não tinha incentivo.) Feito isto, aponte a janela esquerda do oeste, o qual deveria formar parte de uma sala de estar. Quinn não assentiu com a cabeça ou a mão, os quais teriam sido gestos de assentimento, mas especulo que tinha esperado que ele me desse algum tipo de luz verde. Ele só me olhou.

Andando em meus pés cuidadosamente, saí um momento ao pequeno espaço aberto entre o bosque e a casa, e muito cuidadosamente consegui chegar à janela iluminada. Não quis aparecer de repente à vista como um boneco de mola em uma caixa de surpresa, assim é que rodeei a casa e avancei lentamente de flanco até que pude olhar com atenção dentro no mesmo canto da janela. Os Pelt, Barbara e Gordon, estavam conferenciando sobre um "antigo americano" dos anos sessenta, e sua linguagem corporal claramente proclamava sua infelicidade. Sua filha Sandra caminhava daqui para lá diante deles, embora não havia muito espaço para tal exibição. Era um quarto familiar muito pequeno, um quarto que seria

muito cômodo se tivesse uma família. Os Pelts mais velhos se viam como se fossem sair em uma foto do Land`s End, enquanto Sandra estava mais arriscadamente vestida em caquis muito ajustados e um suéter de manga curta listrado brilhante. Sandra estava vestida para pescar tipos lindos em um passeio, em vez de torturar a um par de pessoas. Exceto que torturar era o que ela tinha estado pensando em fazer.

Também havia uma cadeira na parte de trás direita apertada dentro do quarto, correntes e algemas já postas.

Em uma nota familiar, havia um cilindro de fita ao lado.

Tinha estado bastante calma até que vi a fita.

Não sabia se os tigres podiam contar, mas sustentei em alto três dedos em caso que Quinn observasse. Avançando lenta e cuidadosamente, me agachei e me movi para o sul até que estive debaixo da segunda janela. Sentia-me bastante orgulhosa de minha habilidade furtiva, o qual deveria ter alertado do desastre potencial. O orgulho antes de uma queda.

Embora a janela estava escura, quando me pus em posição, olhei através do vidro aos olhos de um pequeno homem com bigode e barba tipo cadeado. Ele se sentava à mesa ao lado da janela, e segurava uma xícara de café quente em sua mão.

Em seu susto, deixou cair na mesa salpicando suas mãos, peito e queixo.

Ele gritou, embora não estava segura se ele estava usando palavras reais. Ouvi uma comoção na porta principal e na sala de estar.

Bom...ufff.

Dobrei o ângulo da casa e subi as escadas pela pequena cobertura mais rápido pelo que poderia dizer Jack Robinson. Abri bruscamente a porta de tecido metálico e empurrei a porta de madeira, e cheguei de um salto à cozinha com a arma elétrica adiante. O tipo pequeno ainda aplaudia sua cara com uma toalha quando o acertei, e caiu como um costal de tijolos.

Wow!

Mas a arma elétrica tinha que recarregar, descobri, quando Sandra Pelt, quem tinha tido a vantagem de estar parada, carregava dentro da cozinha, com os dentes para fora.

A arma elétrica não lhe fez uma maldita coisa, e ela estava sobre mim- bem, como um lobo enfurecido.

Entretanto, ela estava ainda em sua forma de garota, e eu estava desesperada e desesperadamente zangada.

Vi ao menos duas dúzias de brigas de bar, desde golpes com pouco entusiasmo até mordidas rodando sobre o chão, e sei como brigar. Agora mesmo estava disposta a fazer o que fora necessário. Sandra era ruim, mas era leviana e menos experiente, e depois de alguma luta e cabelo puxado em um instante, estava em cima dela e a segurava contra o chão. Ela grunhiu e estalou, mas não podia alcançar meu pescoço, e estava preparada para o cabaçada se o fazia.

Uma voz do pátio traseiro bramou, -Me deixe entrar!- E assumi que era Quinn detrás de alguma porta. -Entra agora!- Gritei em resposta. -Necessito ajuda!

Ela se retorcia debaixo de mim, e eu desafiando não o aluguel vou para minha mudança de aperto. -Escuta, Sandra!, fica quieta, maldição!

-Vai se foder,- disse ferozmente, e redobrou seus esforços.

-Isso soa realmente excitante,- disse uma voz familiar, e olhei para cima para ver Eric olhando para baixo a nós com amplos olhos azuis. Ele se viu imaculado: Limpo em calças jeans azuis sem uma ruga e uma engomada camisa de vestir com listras azuis e brancas. Seu cabelo loiro brilhava limpo e (aqui estava a parte mais invejável) seco. O odiei por isso. Sentia-me suja no enésimo grau.

-Poderia aceitar alguma ajuda aqui,- estalei, e ele disse, -É obvio, Sookie, embora desfrute tanto meneio. Solta à garota e fique de pé.

-Só se estiver preparado para agir,- falei, minha respiração ofegante com o esforço de segurar Sandra.

-Sempre estou preparado para a ação,- disse Eric, com um sorriso aceso.

-Sandra, me olhe.

Ela era muito inteligente para isso. Sandra apertou seus olhos fechados e brigou até mais duro. Em um segundo, ela liberou um de seus braços e o balançou de retorno para me dar um golpe.

Mas Eric caiu sobre seus joelhos e apanhou a mão antes que pudesse equilibrar-se com fúria contra minha cabeça.

-Já basta,- disse em um tom inteiramente diferente, e seus olhos se abriram repentinamente de surpresa. Embora ele ainda não a podia apanhar com seu olhar, acreditei que já estava a cargo agora. Rodei de acima da lobato para jazer sobre minhas costas nos restos do chã da cozinha diminuta. O Sr. Pequeno e Escuro (e Queimado e Aturdido), quem acreditei era o dono desta casa, estava enroscado perto da mesa.

Eric, quem estava tendo quase tanto problema com a Sandra como tinha tido eu, usava bastante mais espaço que o disponível. Exasperado com a lobato, ele adotou uma solução simples. Apertou o punho que tinha apanhado, e ela gritou. E se calou- e cessou a resistência.

-Isso não é justo,- falei, lutando com uma quebra de onda de cansaço e dor.

-Tudo é justo,- ele disse quedamente.

Eu não gostei do som disso. -Do que está falando?- Perguntei. Ele negou com a cabeça. Fiz outro tentativa. -Onde está Quinn?

-O tigre se encarregou dos dois seqüestradores,- Eric disse, com um sorriso desagradável. Você gostaria de ir ver?

-Não em particular,- falei, e fechei meus olhos outra vez. -Suponho que estão mortos?

-Estou certo que desejam está-lo,- disse Eric. -O que fez ao pequeno homem no chão?

-Não acreditaria se te dissesse,- falei.

-Me ponha a prova.

-O assustei tão mal que se derramou café quente. Logo dei com uma arma elétrica que tirei da caminhonete.

-OH-. Houve um tipo de som de bufo, e abri meus olhos para ver que Eric ria silenciosamente.

-Os Pelts?- Perguntei.

-Rasul os tem cobertos,- Eric disse. -Tem outro admirador, parece.

-OH, é pelo sangue de fadas,- disse irritadamente. -Sabe, não há direito. Os tipos humanos não gostam. Sei de duzentos que não gostariam de sair comigo embora viesse com um caminhão Chevy. Mas porque os super são atraídos pelo cheiro de fadas, acusam-me de ser um ímã de tipos. Como é isso?

-Tem sangue de fadas,- Eric disse, como se sua lâmpada houvesse iluminado.-Isso explica o bastante.

Isso feriu meus sentimentos. -OH não, você não podia simplesmente gostar de mim,- falei, cansada e dolorida além da coerência. -OH não, caramba, tem que haver uma razão. E não é minha personalidade brilhante, OH não! É meu sangue, porque é especial. Não eu, eu não sou especial...

E teria seguido sem parar, se Quinn não houvesse dito, -Não me importam um ovo as Fadas-. Qualquer espaço disponível na cozinha desapareceu.

Engatinhei sobre meus pés. -Está bem?- Perguntei em uma voz instável.

-Sim,- disse, em seu trovão mais profundo. Ele era inteiramente humano outra vez, e inteiramente nu. Eu lhe abraçaria, mas senti um pouco de vergonha a respeito de lhe abraçar, diante do Eric.

-Deixei suas roupas fora no bosque,- falei. -Irei por elas.

-Eu posso.

-Não, sei onde estão, e já não poderia estar mais molhada-. Além disso, não sou o suficientemente sofisticada para estar muito confortável em um quarto com um tipo nu, um tipo inconsciente, uma garota realmente horrível, e outro tipo que foi meu amante.

-Vai se foder, cadela,- a encantada Sandra detrás de mim, e gritado outra vez, quando Eric não deu indícios de que lhe importasse o uso de insultos.

-Diretamente a seu traseiro,- resmunguei, e andei com passo pesado fora na chuva.

OH, sim, ainda chovia.

Ainda resmungava sobre o sangue de fadas quando recolhi o molho de roupas encharcadas do Quinn. Era fácil de deslizar-se na depressão se pensava que a única razão pela que alguma vez gostei a alguém era porque tinha sangue de fadas. Por suposto, sempre estava o estranho vampiro que tinha recebido ordens de me seduzir... estava claro que o sangue de fadas tinha sido um bônus, nesse caso... não, não, não, não ia para ali.

Se o olhava razoavelmente, o sangue era tão parte de mim como minha cor de olhos ou a espessura de meu cabelo. Não tinha feito nada para ter uma meia avó fada, assumindo que o gene tinha vindo a mim através dela e não de um de meus outros avós. Ela tinha se casado com um homem humano que não a tinha tratado diferente se seu sangue tivesse sido plenamente humano. E ela tinha sido morta por um humano que não tinha sabido nada a respeito de seu sangue além da cor. Depois da mesma hipótese, o sangue de fadas não tinha feito um pouquinho de diferença para meu pai. Ele não tinha encontrado nunca em sua vida um vampiro que pudesse estar interessado nele por seu sangue de fada- ou se ele o tinha feito, o tinha guardado. Isso não pareceu provável.

E o sangue de fadas não tinha salvado a meu papai da inundação repentina que havia levado a camionete de meus pais fora da ponte e na corrente. Se o sangue havia vindo a mim através de minha mãe, pois bem, ela tinha morrido na camionete, também. E Linda, a irmã de minha mãe, tinha morrido de câncer em seus trinta, não importa que tipo de herança ela teve.

Não acreditei que este maravilhoso sangue de fadas tivesse feito muito por mim. Talvez alguns vampiros tinham estado algo mais amistosos e interessados em mim se tivesse sido diferente, mas não podia dizer que fosse uma vantagem.

De fato, muitas pessoas diriam que a atenção do vampiro tinha sido um grande fator negativo em minha vida. Poderia ser uma dessas pessoas. Quanto mais estava de pé aqui fora na chuva torrencial segurando as roupas molhadas de alguém mais e me perguntando que diabos fazer com elas.

Tendo acabado no ponto de partida, avancei com dificuldade de volta à casa. Podia ouvir uma grande quantidade de gemidos vindo do pátio dianteiro: Clete e George, provavelmente. Deveria ter ido inspecionar, mas não poderia me armar de energia.

Lá pela cozinha, o homem escuro pequeno estava batendo-se um pouco, seus olhos abrindo-se e fechando-se e sua boca tremendo. Suas mãos estavam amarradas detrás dele.

Sandra estava amarrada com fita, o qual me animou o bastante. Pareceu uma limpa peça de justiça divina. Ela inclusive tinha um retângulo sobre a boca, o qual supus era trabalho do Eric. Quinn tinha encontrado uma toalha para colocar ao redor de sua cintura, assim é que ele viu muito...sexy.

-Obrigado, bebê,- ele disse. Ele pegou suas roupas e começou às espremer sobre o pia. Eu gotejava no piso. -Pergunto-me se há um secador?-, perguntou, e abri outra porta para encontrar um quarto pequeno de despensa com prateleiras em uma parede e na outra um aquecedor de água e uma máquina de lavar e secar.

-Vem aqui dentro,- chamei, e Quinn entrou com suas roupas. -As tuas precisam ir ali dentro, também, bebê,- ele disse, e notei que soou tão cansado como eu me sentia.

Trocando de forma entre humano e tigre sem lua cheia, em um espaço tão breve de tempo, deveria ser muito difícil. -Talvez possa me encontrar uma toalha?- Perguntei, tirando as calças molhadas com grande esforço. Sem uma piada ou um olhar lascivo, ele foi ver o que podia encontrar. Retornou com algumas roupas, assumi que do dormitório do homem pequeno: uma camisa regata, calças curtas, meias.

-Isto é o melhor que encontrei,- disse.

-É melhor do que esperava,- falei. Depois de usar a toalha e me pôr em cima as roupas limpas, secas, quase chorei de gratidão. Dava ao Quinn um abraço e logo fui averiguar o que faríamos com nossos reféns.

Os Pelts estavam sentados no chão, algemados, na sala de estar, observados pelo Rasul. Barbara e Gordon se viam tão suaves quando tinham vindo ao Merlotte's para se encontrar comigo no escritório do Sam. Já não se viam suaves. A fúria e a malícia se assentavam sobre suas caras suburbanas.

Eric trouxe a Sandra, também, e a empurrou perto de seus pais. Eric estava em uma porta, Quinn em outra (o qual um olhar me disse, guiava o dormitório de Escuro e Pequeno). Rasul, arma em mão, relaxou sua vigilância agora que ele tinha um respaldo tão formidável.

-Onde está o tipo pequeno?- Perguntou. -Sookie, estou contente de te ver tão bem, embora seu conjunto cai debaixo de seus padrões usuais.

As calças curtas eram calças curtas com bolsos de carregamento, a camisa era grande, e as meias três-quartos brancas eram horríveis. -Você em realidade sabe como fazer uma garota sentir-se linda, Rasul,- falei, raspando conjuntamente talvez meio um sorriso. Sentei-me na cadeira e perguntei a Barbara Pelt,

-O que ia você fazer com comigo?

-Trabalhar em você até que nos dissesse a verdade, e Sandra ficasse satisfeita,- disse.

-Nossa família não pode estar em paz até que saibamos a verdade. E a verdade recai sobre você, eu sei.

Estava afligida. Pois bem, mais que afligida. Porque não soube o que lhe dizer, olhei do Eric ao Rasul. -Só dois de vocês?- Perguntei.

-O dia que dois vampiros não possam manobrar um punhado de lobatos é o dia que me farei humano outra vez,- Rasul disse, com uma expressão tão esnobe que estava tentada de rir. Mas ele tinha estado exatamente certo (embora é obvio ele havia tido um tigre de ajuda).

Quinn estava parado na soleira vendo-se pitoresco, sem embargo só no momento, sua grande extensão de pele suave não me interessou em absoluto.

-Eric,- eu disse, -O que deveria fazer?

Não acho que alguma vez pedi ao Eric conselho antes. Ele estava surpreso.

Mas o segredo não era só meu.

Depois de um momento, ele inclinou a cabeça.

-Direi o que aconteceu a Debbie,- disse aos Pelt. Não pedi ao Rasul e ao Quinn que saíssem do quarto. Desfaria-me disto agora mesmo, de ambos, a culpabilidade persistente e o poder que Eric tinha sobre mim.

Tinha pensado a respeito dessa noite tantas vezes que as palavras vieram automaticamente. Não gritei, porque todas minhas lágrimas tinham sido choradas meses atrás, em privado.

Uma vez que tinha terminado a história, os Pelts se sentaram e cravaram os olhos em mim, e eu neles.

-Isso soa como nossa Debbie,- disse Barbara Pelt. -Isto tem o ring da verdade.

-Ela tinha uma arma,- disse Gordon Pelt. -Dei a ela de Natal dois anos atrás-. Os dois lobisomens se olharam.

-Ela era... proativa,- Barbara disse, depois de um momento. Ela recorreu a Sandra. -Lembra quando tivemos que ir aos tribunais, quando ela estava na escola secundária, porque ela colocou cola na escova do cabelo dessa vadia? Que saía com seu ex-namorado? Isso soa como a Debbie, huh?

Sandra inclinou a cabeça, mas a fita não lhe permitia falar. Sandra tinha lágrimas rodando abaixo por suas bochechas.

-Você ainda não lembra onde a pôs?- Gordon perguntou ao Eric.

-Diria se o fiz,- Eric disse. Não que me importasse, seu tom implicava.

-Vocês contrataram aos dois meninos que nos atacaram em Shreveport,- Quinn disse.

-Sandra o fez,- Gordon admitiu. -Não estávamos a tanto até que Sandra já os tinha mordido. Ela lhes tinha prometido...-, ele negou com a cabeça. -Ela os havia enviado a Shreveport por sua conta, mas teriam retornado a casa para procurar seu recompensa. Nossa líder em Jackson os teria matado. Mississippi não permite lobisomens mordidos. Os matam à vista. Os meninos teriam renomeado a Sandra como sua criada. O líder a teria abjurado. Barbara está metida em bruxaria, mas nada do nível que teria que selar as bocas dos meninos. Contratamos uns lobisomens de fora do estado para que os rastreasse quando nos inteiramos. Ele não os poderia deter, não poderia impedir sua detenção, assim é que ele teve que ser detido e entrar no sistema de prisão com eles, para encarregar do problema-. Ele nos contemplou, negou com a cabeça severamente. -Ele subornou a Cal Myers para colocá-lo na cela com eles. É obvio, castigamos a Sandra por isso.

-OH, você lhe tirou o telefone celular por uma semana?- Se soei sarcástica, pensei que tinha direito a sê-lo. Até cooperativos, os Pelts eram horríveis. -Fomos os dois feridos,- falei, inclinando a cabeça para o Quinn, -E esses dois meninos estão mortos agora. Pela Sandra.

-Ela é nossa filha,- Barbara disse. -E ela acreditou que vingava a sua irmã assassinada.

-E logo você contratou a todos esses lobisomens que estavam na segunda caminhonete, e os dois lobisomens no pátio dianteiro. Eles vão morrer, Quinn?

-Se os Pelts não os levarem a um doutor lobato, podem. E claro não podem ir a qualquer hospital humano.

As garras do Quinn teriam deixado marcas distintivas.

-Vocês farão isso?- Perguntei ceticamente. -Levar Clete e George a um o doutor lobato?

Os Pelts se olharam a cada quem e se encolheram. -Achamos que você ia a nos matar,- Gordon disse. -Você vai nos deixar ir dando meia volta? Com que seguranças?

Nunca tinha encontrado a alguém como os Pelts antes, e era mais e mais fácil ver de onde havia saído Debbie sua encantadora personalidade, adotada ou não.

-Com seguranças de que nunca ouvirei disto outra vez,- disse. -Nem eu nem Eric.

Quinn e Rasul tinham estado escutando silenciosamente.

-Sookie é amiga da matilha de Shreveport,- Quinn disse. -Estão muito alterados porque ela foi atacada, em sua cidade, e agora sabemos que vocês são responsável por esse ataque.

-Ouvimos que ela não era favorita do novo packmaster-. A voz da Barbara tinha um rastro de desprezo. Ela voltava para sua personalidade, desde que ela já não temia sua morte. Eu gostava mais assustados.

-Ele não pode ser líder por muito tempo,- Quinn disse, sua voz uma ameaça quieta.

-Até se ele permanecer em ofício, ele não pode rescindir o amparo da manada, desde que foi garantida pelo líder prévio. A honra da matilha se destruiria.

-Faremos reparações ao pacote Shreveport,- Gordon disse cansadamente.

-Você enviou Tanya a Bon Temps?- Perguntei.

Barbara se viu orgulhosa de si mesmo. -Sim, fiz isso. Você sabe que nossa Debbie era adotada? Ela era um meta-raposa.

Inclinei a cabeça. Eric se viu sentido saudades; não achei que ele conheceu a Tanya.

-Tanya forma parte da família de sangue de Debbie, e quis fazer algo para ajudar. Ela achou que se ia a Bon Temps e começava a trabalhar com você, você poderia deixar algo escorregar. Ela disse que você desconfiava muito para aceitar sua oferta de amizade. Acho que ela poderia permanecer em Bon Temps. Entendo que encontrar ao dono do bar tão atrativo foi um bônus inesperado.

Agradou-me descobrir que Tanya era tão inconfiável como tinha suspeitado.

Perguntei-me se tinha direito de contar ao Sam esta história inteira, a maneira de aviso. Tinha que pensar a respeito disto mais tarde.

-E o homem que possui esta casa?- Podia-lhe ouvir gemendo e gemendo na cozinha.

-Ele é um amigo da escola secundária de Debbie- disse Gordon. -O perguntamos se poderíamos tomar emprestada sua casa pela tarde. E lhe pagamos. Ele não falará depois de que saíamos.

-O que a respeito de Gladíola?- Perguntei. Recordei as duas seções queimadas do corpo em minha rua de acesso. Lembrei da cara do Sr. Cataliades, e a pena da Diantha.

Os três cravaram seus olhos em mim inexpressivamente. -Gladíola? A flor?- Barbara disse, vendo-se genuinamente desconcertado. -Não é a estação correta para glads, agora.

Essa era uma rua sem saída.

-Você está de acordo que estamos parecidos nisto?- Perguntei francamente.

-Os machuquei, vocês me machucaram.

Sandra negou com a cabeça de um lado para o outro, mas seus pais a ignoraram.

Agradeço a Deus pela fita. Gordon e Barbara inclinaram a cabeça.

Gordon disse, -Você matou Debbie, mas nós acreditamos que você a matou em defesa própria. E nossa filha viva usou métodos extremos e ilegais para lhe atacar... vai contra meu ser lhe dizer isto, mas acho que temos que concordar deixá-la sozinha, depois deste dia.

Sandra fez um monte de ruídos estranhos.

-Com estas condições-. A cara do Gordon repentinamente se viu dura como uma pedra. O yuppie mandou ao assento traseiro o lobato. -Você não virá atrás de Sandra. E permaneça fora do Mississippi.

-Feito,- falei instantaneamente. -você pode controlar o suficiente a Sandra? Fazê-la cumprir este acordo?- Foi uma grosseira, mas válida pergunta. Sandra enchia o saco para um exército, e duvidei muitíssimo se os Pelts alguma vez realmente tinham tido controle de suas filhas.

-Sandra,- Gordon disse para sua filha. Seus olhos ondularam em sua cara forçadamente silenciosa. -Sandra, isto é lei. Damos nossa palavra a esta mulher, e nossa palavra te obriga. Se você me desafiar, te desafiarei na seguinte lua cheia. Te levarei diante da manada.

Mãe e filha se viram horrorizadas, Sandra mais que sua mãe. Os olhos da Sandra estreitaram-se, e depois de um longo momento, ela inclinou a cabeça.

Esperei que Gordon vivesse muito tempo e desfrutasse de boa saúde enquanto vivesse. Se adoecia, ou se morria, Sandra não se sentiria amarrada por este acordo, senti-me bastante segura. Mas quando saí andando da pequena casa no pântano, pensei que tinha uma oportunidade razoável de não ver os Pelts outra vez em minha vida, e isso estava absolutamente bem comigo.

## CAPÍTULO 22

AMELIA REVISTAVA seu closet. Era apenas de noite no dia seguinte. Repentinamente os cabides deixaram de deslizar-se no fundo do armário.

-Acho que tenho um,- ela exclamou, soando assombrada. Esperei que emergisse, sentada sobre o bordo de sua cama. Tinha tido ao menos dez horas de sono, havia tomado uma ducha cuidadosa, tinha tido alguns primeiros socorros, e me senti cem vezes melhor.

Amelia se avermelhava com orgulho e felicidade. Não só Bob o bruxo Mórmon tinha sido maravilhoso na cama, tinham estado acordados a tempo de observar Quinn e eu sermos abduzidos, e ter a idéia brilhante de chamar à mansão da rainha vampiro em lugar da polícia comum. Não lhe havia dito ainda que Quinn e eu havíamos feito nossa ligação, porque não soube qual tinha sido mais efetiva, e desfrutei ver Amelia tão feliz.

Não tinha querido absolutamente ir ao festejo da rainha até depois de minha viagem ao banco com o Sr. Cataliades. Depois que tinha retornado ao apartamento de Hadley, tinha Voltado empacotar as coisas de minha prima e tinha ouvido um ruído estranho quando tinha metido o café em uma caixa. Agora se queria evitar o desastre, tinha que ir à festa primaveril da rainha, o acontecimento sobrenatural do ano. Tinha me posto em comunicação com o Andre no quartel general da rainha, mas uma voz me havia dito que não devia ser perturbado.

Perguntei-me quem respondia os telefones na Central Vampiro de dia. Podia ser um dos vampiros do Peter Threadgill?

-Sim, o tenho!- Amelia exclamou. -Ah, é um pouco atrevido. Fui a madrinha de casamento em um casamento extremo-. Ela emergiu do armário com seu cabelo despenteado, seus olhos iluminados com triunfo. Ela rodou o cabide assim podia ter o efeito completo. Tinha tido que prender com alfinetes o vestido ao cabide porque era muito pequeno para pendurar.

-Sim,- falei, ansiosamente. Feito em sua maior parte de chifón verde-limão, estava cortado em uma V profunda quase até a cintura. Uma só alça estreita corria ao redor do pescoço.

-Era o casamento de uma estrela de cinema,- Amelia disse, vendo-se como se tivesse um montão de lembranças do acontecimento. Desde que o vestido era também sem costas, me perguntava como conservaram essas mulheres de Hollywood seus seios cobertos. Fita dupla? Algum tipo de elástico? Como não tinha visto Claudine desde que ela desapareceu do pátio antes da reconstrução ectoplásmica, tive que assumir que ela voltou a seu trabalho e sua vida em Monroe. Poderia ter usado seus serviços especiais justo agora. Tinha que haver um feitiço de fadas que faria seu vestido ficar.

-Pelo menos não necessita um sutiã especial posto baixo isto,- Amelia disse serviçalmente. Isso era certo; não era possível trazer posto um sutiã absolutamente. -E tenho os sapatos, se pode usar um sete.

-Essa é uma grande ajuda,- falei, tratando de soar contente e agradecida.

-Suponho que não pode me pentear?

-Não,- Amelia disse. Ela agitou uma mão a seu cabelo curto. -O lavo, o escovo, e isso é tudo. Mas posso chamar o Bob-. Seus olhos resplandeceram felizmente. -Ele é um estilista de cabelo.

Tentei não me ver muito assombrada. Em uma funerária? Pensei, mas fui o suficientemente inteligente para manter isso privado. Mas não parecia de nenhuma forma como qualquer estilista de cabelo que alguma vez tinha visto.

Depois de um par de horas, estava mais ou menos no vestido, e completamente produzida. Bob fez um bom trabalho com meu cabelo, embora ele tinha me lembrado várias vezes me manter muito quieta, de um modo que tinha me posto um pouco nervosa.

E Quinn tinha aparecido em tempo em seu carro. Quando Eric e Rasul me haviam deixado por volta das duas da manhã, Quinn justamente tinha tomado seu carro e tinha ido em qualquer lugar que ele ficasse, embora ele tinha me dado um beijo ligeiro na minha testa antes de me pôr em marcha para as escadas. Amelia tinha saído de seu apartamento, toda feliz que estava a salvo de volta, e tinha tido que devolver uma ligação do Sr. Cataliades, quem perguntou se tudo estava bem, e quem queria que eu fosse ao banco com ele para finalizar os assuntos financeiros da Hadley. Desde que havia perdido minha oportunidade para ir com o Everett, tinha estado agradecida.

Mas quando tinha voltado ao apartamento de Hadley depois da viagem ao banco, tinha encontrado uma mensagem na secretária eletrônica de Hadley me dizendo que a rainha esperava me ver na festa no velho monastério esta noite.

-Não quero que você deixe a cidade sem me ver outra vez,- a secretária humana da rainha a tinha chamado como ao passar, antes de me informar que o código de vestuário era formal. Depois de meu descobrimento, quando me precavi que tinha que assistir à festa, tinha ido escada abaixo ao da Amelia em pânico.

O vestido causou outro tipo de pânico. Era mais dotada que Amelia, entretanto um pouco mais baixa, e tive que me parar realmente direita.

-O suspense me mata,- disse Quinn, espionando meu peito. Parecia maravilhoso em um smoking. Minhas vendagens do pulso ressaltavam contra meu bronzeado como estranhos braceletes; de fato, um deles era agudamente incomodo, e estava ansiosa por me tirar isso, mas o pulso tinha que permanecer coberta por um momento, embora a dentada em meu braço esquerdo poderia permanecer destampado. Talvez o suspense a respeito de meus seios distrairia às pessoas dadas a ir a festas do fato que minha cara estava torcida e de cor a um lado.

Quinn, está claro, via-se como se nada lhe tinha ocorrido. Não só tinha o corpo que se cura mais rápido da maioria dos metas, mas um terno de homem cobria uma grande quantidade de lesões.

-Não me faça sentir mais coibida do que já me sinto,- falei. -Por pouco, engatinhei de volta à cama e dormiria por uma semana.

-Estou preparado para isso, embora reduziria o tempo de sono,- Quinn disse sinceramente. -Mas por nossa tranqüilidade de espírito, acho que é melhor fazemos isto primeiro. A propósito, meu suspense era pela viagem ao banco, não seu vestido. Acredito que com seu vestido, é uma situação de benefícios em ambos os casos. Se permanecer nele, está bem. Se não o faz, até melhor.

Apartei o olhar, tratando de controlar um sorriso involuntário. -A viagem ao banco-. Isso teve a aparência de um tema claro. -Pois bem, sua conta corrente não tinha muito, o que já tinha imaginado. Hadley não tinha muito sentido sobre o dinheiro. Hadley não tinha muito sentido, ponto. Mas a caixa de segurança... "

A caixa de segurança tinha guardado a partida de nascimento de Hadley, uma licença matrimonial, e um decreto de divórcio datado faz mais de três anos - ambos nomeando ao mesmo homem, estava contente de ver - e uma cópia laminada do obituário de minha tia. Hadley ficou sabendo quando tinha morrido sua mãe, e lhe havia importado o suficiente para manter o recorte. Havia fotos de nossa infância compartilhada, também: minha mãe e sua irmã; Minha mãe e Jason, eu, e Hadley; minha avó e de seu marido. Havia um colar bonito com safiras e diamantes (do qual o Sr. Cataliades havia dito que a rainha tinha cedido a Hadley), e um par de brincos a jogo. Havia um par de mais coisas a respeito das que quis pensar.

Mas o bracelete da rainha não estava ali. Isso foi por que o Sr. Cataliades havia querido me acompanhar, penso; ele meio que esperou que o bracelete estivesse ali, e pareceu muito ansioso quando lhe tendi a caixa fechada assim ele poderia ver seu conteúdo por sua conta.

-Terminei de empacotar as coisas da cozinha esta tarde depois que Cataliades me trouxe de volta ao apartamento de Hadley,- disse para o Quinn, e observei sua reação.

Nunca mais daria é obvio o desinteresse de meus companheiros. Encontrei a mim mesma convencida que Quinn não tinha estado me ajudando a empacotar no dia anterior para ir em busca de algo, depois que vi que sua reação era perfeitamente calma.

-Isso é bom,- ele disse. -Lamento que não fiz mais para lhe ajudar hoje. Fechava os negócios do Jake com Eventos Especiais. Tive que ligar a meus sócios, lhes deixar saber. Tive que ligar à namorada do Jake. Ele não está suficientemente estável para estar com ela, se ela até quer lhe ver outra vez. Ela não é amante de vampiros, para o por brandamente.

No momento, eu tampouco. Não podia sondar a verdadeira razão pela que a rainha me queria na festa, mas tinha encontrado outra razão para vê-la. Quinn sorriu, e lhe devolvi o sorriso, esperando que algum bem saísse de esta noite. Tive que admitir para mim mesma que estava um pouco curiosa a respeito de ver o celeiro de festa da rainha, por dizer,e também estava contente de me vestir e estar bonita depois de todo esse acontecimento no pântano.

Quando conduzimos, quase abri uma conversa com o Quinn ao menos três vezes - mas em cada ocasião, quando ia ao ato, calava a boca.

-Nos aproximamos,- ele me disse quando tínhamos alcançado um dos bairros mais velhos em Nova Orleans, o Garden District. As casas, com belos jardins, custariam muitas vezes que a mansão Bellefleur. Na metade destas casas maravilhosas, alcançamos uma parede alta que se estendeu por um bloco inteiro. Este era o monastério renovado que a rainha usava para entreter.

Podia haver outras entradas detrás da propriedade, mas esta noite todo o tráfico era movido através da entrada dianteira principal. Estava pesadamente protegida com os guardas mais eficientes de tudo: os vampiros. Perguntei-me se Sophie Anne Leclerq era paranóica, ou ardilosa, ou simplesmente não se sentia amada (ou segura) em sua cidade adotiva. Estava segura que a rainha também tinha as previsões normais de segurança - as câmaras, os detectores infravermelhos de movimento, o arame afiado, talvez até cães de guarda. Havia

segurança fora do ying-yang aqui, onde a elite vampiro ocasionalmente festejava com a elite humana. Esta noite a festa foi só super, a primeira festa grande que os recém casados davam desde que se converteram em um casal.

Três dos vampiros da rainha estavam no portão, junto com três dos vampiros de Arkansas. Os vampiros do Peter Threadgill traziam posto um uniforme, embora suspeitei que o rei lhe chamava livreira. Os chupa sangue de Arkansas, varão e fêmea, levavam postos trajes brancos com camisas azuis e coletes vermelhos. Não soube se o rei era ultra-patriótico ou se as cores tinham sido escolhidos porque estavam na bandeira estatal de Arkansas assim como também na bandeira dos Estados Unidos.

Qualquer que seja, os trajes estavam além do pegajoso e em algum hall da vergonha. E Threadgill tinha estado vestido tão conservadoramente! Era alguma tradição que alguma vez tinha escutado? Caramba, inclusive eu tinha melhor critério, em matéria de gosto e isso que compro a maior parte de minhas roupas no Wal-Mart.

Quinn tinha o convite da rainha para mostrar aos guardas no portão, mas ainda assim chamaram à casa principal. Quinn se viu inquieto, e esperei que ele estivesse tão preocupado como eu pela segurança extrema e o fato que os vampiros de Threadgills tinham trabalhado tão duro para distinguir-se dos aderentes da rainha.

Pensava duramente a respeito da necessidade da rainha de oferecer aos vampiros do rei uma razão pela que ela passou acima comigo no apartamento de Hadley. Pensei a respeito da ansiedade que ela ostentou quando ela perguntou a respeito do bracelete. Pensei a respeito da presença de ambos os acampamentos de vampiros no portão principal.

Nenhum dos dois monarcas confiou no marido para prover amparo.

Pareceu que passava muito tempo antes que recebemos permissão de passagem.

Quinn estava tão quieto como eu enquanto esperamos.

Os jardins pareciam belamente cortados e mantidos, e estavam certamente bem iluminados.

-Isto Quinn está justamente errado,- falei. -O que está acontecendo aqui?Acha que nos deixariam sair?- Infelizmente, pareceu como se todas minhas suspeitas fossem certas.

Quinn não se viu mais feliz que eu. -Não nos deixarão sair,- ele disse. -Temos que seguir agora-. Agarrei firmemente minha pequena bolsa mais perto de mim, desejando que houvesse algo mais letal nele que alguns artigos pequenos como um pó compacto, batom, e um absorvente. Quinn nos levou cuidadosamente acima do passeio sinuoso no carro à frente do monastério.

-O que fez hoje, além de trabalhar em seu traje?- Quinn perguntou.

-Fiz um montão de ligações telefônicas- falei. -E cancelamentos.

-Chamadas? Onde?

-Estações de gás, a todo o longo da rota de Nova Orleans a Bon Temps.

Ele começou a cravar os olhos em mim, mas apontei bem a tempo para que Quinn freasse.

Um leão vagava através do passeio em carro.

-De acordo, o que é isso? Animal? Ou metamorfo?- Estive confusa por um minuto.

-Animal,- Quinn disse.

Arranquei a idéia de cães vagando pelo cercado. Esperei que a parede fosse suficientemente alta para confinar ao leão.

Estacionamos diante do anterior monastério, o qual foi um edifício de dois andares muito grande. Não tinha forjado para a beleza, a não ser para a utilidade, assim é que era uma estrutura principalmente sem traços sobressalentes. Havia uma pequena porta na metade da faixa, e janelas pequenas acomodadas regularmente. Outra vez, medianamente fácil de defender.

Fora da porta pequena agüentavam seis vampiros mais, três em elegante mas não coordenada roupa - certamente os chupa sangues de Louisiana - e três mais de Arkansas, em seus trajes deslumbrantemente cheios de muitas cores.

-Isso é simplesmente feio ao extremo,- falei.

-Mas fácil de ver, inclusive na escuridão,- Quinn disse, vendo-se como se meditasse pensamentos profundos, significativos.

-Duh,- falei. -Não é esse o ponto? Assim é que o farão instantaneamente... OH-. Refleti.

-Bom,- falei. -Ninguém teria posto algo perto disso, a propósito ou por acidente. Sob qualquer circunstância. A menos que fosse realmente importante ser instantaneamente identificável.

Quinn disse, -É possível que Peter Threadgill não seja devoto a Sophie Anne.

Dava um grasnido de risada justo quando dois vampiros da Louisiana abriam nossas portas do carro em um movimento tão coordenado que devia ser treinado. Melanie, a guarda vampiro que tinha encontrado no quartel general da rainha no centro da cidade, tomou minha mão para me ajudar a sair do carro, e sorriu. Ela se via bastante melhor fora do traje entristecedor da SWAT. Ela tinha posto um vestido bastante amarelo com saltos baixos. Agora que ela não tinha posto um casco, podia ver que seu cabelo era curto, intensamente encaracolado, e café claro.

Ela tomou um fôlego profundo, dramático quando passei, e logo pôs uma cara eufórica.

-OH, cheiro de fada!- Ela exclamou. -Faz meu coração cantar!

Inclinei-me para ela em brincadeira. Dizer que estava surpresa era uma declaração comedida. Os vampiros, como um tudo, não são notáveis por seu senso de humor.

-Lindo vestido,- Rasul disse. -um pouco atrevido, huh?

Chester disse, -Não pode ser muito atrevido para mim. Você está realmente saborosa.

Pensei que não podia ser uma coincidência que os três vampiros que havia encontrado no quartel general da rainha fossem os três vampiros no posto da porta esta noite. Não podia resolver o que poderia querer dizer isso, entretanto. Os três vampiros de Arkansas guardaram silêncio, alternando o olhar entre nós com olhos frios. Não estavam no mesmo depravado e sorridente estado de ânimo de seus colegas.

Algo definitivamente fora de bom estado aqui. Mas com a intensa escuta vampiro em todas partes, não havia nada para dizer sobre isso.

Quinn tomou meu braço. Entramos em um longo vestíbulo que pareceu percorrer quase a longitude do edifício. Um vampiro do Thread-Gill estava de pé na porta de um quarto que pareceu servir de área de recepção.

-Gostaria de comprovar sua bolsa?- Ela perguntou, obviamente a pôs fora de si ser escolhida como a garota da verificação.

-Não, obrigado,- falei, e pensei que ela ia arrancar de sob meu braço.

-Posso revistá-la? Ela perguntou. -Revistamos por armas.

Cravei os olhos nela, sempre uma coisa arriscada de fazer com um vampiro.

-Claro que não. Não tenho armas.

-Sookie,- Quinn disse, tentando não soar alarmado. -Tem que lhe deixar olhar em sua bolsa. É procedimento.

Resplandeci-lhe. -Podia haver dito,- falei agudamente.

O guarda da porta, quem era um esbelto vampiro jovem com uma figura que desafiava o corte das calças brancas, agarrou minha bolsa com um ar de triunfo. Ela revolveu fora sobre uma bandeja, e seu escasso conteúdo colocou rápido e ruidosamente na superfície de metal: um pó compacto, um batom, um tubo diminuto de cola, um lenço, uma nota de dez dólares, e um absorvente interno com aplicador plástico rígido, completamente coberto em plástico .

Quinn não foi o suficientemente pouco sofisticado para avermelhar-se, mas ele apartou discretamente o olhar. O vampiro, quem tinha morrido muito antes de que as mulheres levassem tais artigos em suas bolsas, perguntou-me seu propósito e inclinaram a cabeça quando expliquei. Ela colocou tudo na minha bolsa pequena de noite e me deu isso, indicando com um gesto da mão que deveríamos proceder abaixo do vestíbulo. Ela tinha

girado para as pessoas que tinham entrado detrás de nós, um casal lobato em seus sessenta anos, antes que tivéssemos formado o quarto.

-No que estás?- Quinn perguntou, na voz mais quieta possível, quando avançamos pelo corredor.

-Temos que atravessar mais segurança?- Perguntei, em uma voz tal como silencieei.

-Não sei. Não vejo qualquer adiante.

-Tenho que fazer algo,- falei. -me desculpe, enquanto encontro o banheiro de senhoras mais próximo-. Tratei de lhe dizer, com meus olhos, e com a pressão de minha mão em seu braço, que em poucos minutos tudo estaria bem, e sinceramente esperei que essa fosse a verdade. Quinn não estava claramente feliz comigo, mas ele esperou fora do banheiro de senhoras (Deus sabe o que isso tinha sido quando o edifício era um monastério) enquanto agachei-me em um dos postos e fiz alguns ajustes. Quando saí fora, havia jogado o recipiente do absorvente interno no depósito pequeno no posto, e um de meus pulsos tinha sido remendado.

Minha bolsa estava um pouco mais pesada.

A porta ao final do corredor dava entrada em um salão muito grande que tinha sido o refeitório dos monges. Embora o salão estava ainda amuralhado com pedra e os pilares grandes sustentavam o teto, três na esquerda e três à direita, o resto da decoração era grandemente diferente agora. A metade do salão foi limpo para dançar, e o chão era de madeira. Havia um estrado para músicos perto da mesa de refrescos, e outro estrado no final do salão para a realeza.

Ao redor dos lados do salão havia cadeiras em grupamentos coloquiais.

O salão inteiro estava decorado em branco e azul, as cores da Louisiana. Uma das paredes tinha murais esboçando cenas de todas partes do estado: uma cena do pântano, que me fez estremecer; uma montagem Bourbon Street; um campo sendo arado e madeira sendo cortada; um pescador pondo em alto uma rede na Costa do Golfo.

Estas eram todas cenas que representam humanos, pensei, e me perguntei que pensamento estava detrás disso. Logo comecei a olhar a parede rodeando a porta em que justamente tinha entrado, e vi o lado vampiro da vida de Louisiana: um grupo de vampiros felizes com violinos sob seus queixos; um vampiro oficial de polícia patrulhando o Cantão Francês; um guia de turistas vampiro através de uma das Cidades dos mortos. Nenhum vampiro lanchando humanos, nenhum vampiro bebendo qualquer coisa, puseram cuidado.

Esta era uma declaração em relações públicas. Perguntei-me se realmente enganava a alguém. Tudo o que você tinha que fazer era sentar-se a uma super mesa com vampiros, e recordaria que tão diferentes eram, bem.

Pois bem, isto não era o que eu tinha vindo fazer. Procurei ao redor à rainha, e finalmente a vi parada ao lado de seu marido. Ela tinha posto um vestido laranja de seda com mangas

largas, e se viu fabulosa. As mangas talvez pareciam um pouco estranhas na noite quente, mas os vampiros não notam coisas assim. Peter Threadgill vestia um terno, e se viu igualmente impressionante. Flor de Jade estava de pé detrás dele, espada amarrada a suas costas embora ela tinha posto um vestido com lentejoulas vermelho (no qual, a propósito, ela se viu horrível). Andre, também com acréscimo armado, estava em sua estação detrás da rainha. Sigebert e Wybert não puderam estar distantes completamente. Os avistei ao lado de uma porta que assumi guiava aos apartamentos privados da rainha. Os dois vampiros se viram agudamente incômodos em seus smokings; foi como observar a dois ursos obrigados a trazer postos sapatos.

Bill estava no salão. Vi-lhe momentaneamente no canto longínqua, em direção oposta da rainha, e tremi com aversão.

-Tem muitos segredos,- Quinn se queixou, seguindo a direção do meu olhar.

-Terei gosto em te contar uns quantos, realmente logo,- prometi, e nos unimos à linha de recepção. -Quando alcançarmos aos membros da família real, você vai diante de mim. Enquanto falo com a rainha, distrai ao rei, está bem? Logo te direi tudo.

Chegamos ao primeiro, Sr. Cataliades. Espelho que ele era algo assim como o secretário de estado da rainha. Ou talvez advogado general era mais apropriado?

-É bom vê-lo outra vez, Sr. Cataliades,- falei, em meu tom social mais correto. -Tenho uma surpresa para você,- acrescentei.

-Você pode ter que guardá-la,- disse com um tipo de cordialidade rígida. -A rainha está a ponto de ter o primeiro baile com seu novo rei. E todos estamos desejando ver o presente que o rei deu a ela.

Joguei uma olhada ao redor mas não vi a Diantha. -Como está sua sobrinha?- Perguntei.

-Minha sobrinha sobrevivente,- ele disse desagradavelmente, -está em casa com sua mãe.

-Isso é uma pena,- falei. -Ela deveria estar aqui esta tarde.

Ele cravou os olhos em mim. Logo ele se viu interessado.

-Certamente,- ele disse.

-Ouvi que alguém daqui se deteve a carregar gás na quarta-feira da semana passada, em seu caminho a Bon Temps,- falei. -Alguém com uma longa espada. Aqui, me deixe guardar isto em seu bolso. Não o necessito mais-. Quando me afastei dele e confrontei à rainha, tinha uma mão sobre meu pulso machucado. A vendagem tinha desaparecido.

Tendi minha mão direita, e a rainha se viu forçada a tomá-la na dela. Havia contado com que a rainha seguisse o costume humano de sacudir as mãos, e estive muito aliviada quando ela o fez. Quinn tinha passado da rainha ao rei, e disse, -Sua Majestade, estou claro que você

lembra de mim. Fui o coordenador do evento em seu casamento. As flores mudaram de direção como você queria?

Um pouco alarmado, Peter Threadgill revolveu seus olhos grandes no Quinn, e Flor de Jade conservou seus olhos em quão mesmo seu rei.

Fazendo uma tentativa muito árdua para me manter em movimento mas sem me sacudir, pressionei minha mão esquerda e o que estava nela ao redor do pulso da rainha. Ela não se sobressaltou, mas pensou que pensou a respeito disso. Ela baixou o olhar para seu pulso para ver o que lhe tinha posto, e seus olhos se fecharam de alívio.

-Sim, meu amor, nossa visita foi preciosa,- ela disse, ao azar. -Andre o desfrutou muitíssimo, como eu o fiz -. Ela percorreu o olhar de volta sobre seu ombro, e Andre recolheu sua pista, e inclinou sua cabeça para mim, em tributo para meus supostos talentos na bolsa.

Estava tão contente de ter passado a prova extremamente dura que lhe sorri radiantemente, e ele mostrou uma sombra divertida. A rainha levantou seu braço ligeiramente para lhe chamar por gestos mais perto, e sua manga subiu.

Repentinamente Andre sorria tão amplamente como eu.

Flor de Jade foi distraída pelo movimento do Andre, e seus olhos seguiram os deles.

Ampliaram-se, e ela não foi muito sorridente. De fato, ela estava furiosa. O Sr. Cataliades tinha à vista a espada na parte de atrás de Flor de Jade com uma cara completamente em branco.

Logo ao Quinn o rei deu permissão para sair e foi meu turno de homenagear a Peter Threadgill, Rei de Arkansas.

-Escutei que você teve uma aventura nos pântanos ontem,- ele disse, sua voz calma e indiferente.

-Sim, senhor. Mas tudo isso resultou bem, acho,- falei.

-Bem que você pôde vir,- ele disse. -Agora que você empacotou a herança de sua prima, estou claro que você retornará a sua casa?

-OH, sim, tão rápido como possa ser,- falei. Era a pura verdade. Iria casa com tal que justamente pudesse sobreviver a esta tarde, entretanto no momento as oportunidades não se viam muito bem. Tinha contado, tão bem como fui capaz em uma multidão como esta. Havia ao menos vinte vampiros no salão trazendo postos o traje brilhante de Arkansas, e possivelmente o mesmo número dos próprios da rainha.

Afastei-me, e o casal lobato que tinha entrado depois do Quinn e depois de mim tomou meu lugar. Pensei que ele era o Vice Governador da Louisiana, e esperei claro que ele tivesse bem de vida.

-Que?- Quinn exigiu.

Guiei-lhe em cima a um lugar contra a parede, e amavelmente lhe empurrei até que suas costas estiveram contra a parede. Tinha que evitar qualquer pessoa que lesse os lábios no salão.

-Sabia que um dos braceletes da rainha faltava?- Perguntei.

Ele negou com a cabeça. -Um dos braceletes de diamante que o rei lhe deu como um presente de casamento?- Ele perguntou, sua cabeça se agachou desconcertando a qualquer observador.

-Sim, perdida,- falei. -Desde que Hadley morreu.

-Se o rei soubesse que o bracelete faltava, e se ele podia obrigar à rainha a admitir que ela o tinha dado a um amante, logo ele teria causas para divórcio.

-O que obteria então?

-Que não obteria ele! Foi um matrimônio hierárquico vampiro, e não tem laço mais forte que esse. Acho que o contrato matrimonial foi de trinta páginas.

Entendi muito melhor agora.

Um vampiro mulher belamente vestida trazendo posto um traje de noite verde- cinza constelado com flores de prata levantou seu braço para obter a atenção da multidão. Gradualmente as pessoas reunidas caíram no silêncio.

-Sophie Anne e Peter lhes dão as boas-vindas a sua primeira reunião de entretenimento,- a vampiro disse, e sua voz era tão musical e suave que quereria escutá-la por horas. A deveriam obrigar a fazer os Oscars. Ou a exibição ao ar livre Srta. America. -Sophie Anne e Peter convidam a todos vocês a ter uma tarde maravilhosa de baile, comida, e bebida. Para abrir ao público o baile, nosso anfitrião e nossa anfitriã dançarão valsa.

Apesar de seu glitzy a superfície, pensei que Peter poderia estar mais cômodo fazendo um baile de figuras, mas com uma esposa como Sophie Anne, era valsa ou nada.

Ele se aproximou de modo ameaçador a sua esposa, seus braços preparados para recebê-la, e em sua voz de vampiro ele disse, -Querida, lhes mostre os braceletes.

Sophie Anne varreu ao povo com um sorriso e levantou seus braços para fazer que as mangas se deslizassem, e um bracelete que faz jogo em cada pulso lhe deu brilho a os convidados, os dois diamantes enormes titilando e piscando nas luzes da aranha.

Por um momento Peter Threadgill estava absolutamente quieto, como se alguém houvesse atirado com uma arma de congelamento. Ele alterou sua postura quando se adiantou, depois,

e tomou uma das mãos dela com ambas dele. Ficou com a olhar fixo abaixo em um bracelete, logo soltou sua mão para tomar a outra. Esse bracelete, também, passou sua prova silenciosa.

-Maravilhoso,- ele disse, e se o fez através de suas presas só pensaria que tinham se estendido porque ele estava quente por sua bela esposa. -Leva postos os dois.

-É obvio,- Sophie Anne disse. -Meu querido-. Seu sorriso foi tão sincero como a dele.

E dançaram, entretanto algo a respeito da forma que a balançava me deixou saber que o rei deixava a seu temperamento lhe vencer. Ele tinha tido um grande plano, e agora o havia estragado... mas agradecidamente, ele não soube minha parte. Só soube que em certa forma Sophie Anne tinha conseguido recuperar seu bracelete e salvar sua cara, e não tinha nada que justificasse o que for que ele tinha conspirado para fazer. Ele tinha que ir para atrás.

Depois disto, ele provavelmente pensaria de que outra forma destruir a sua rainha, mas pelo menos eu estaria fora da briga.

Quinn e eu nos retiramos à mesa de refrescos, localizada no lado sul do grande salão, ao lado de um das grosas colunas. Os garçons estavam ali com facas de trinchar para fatiar presunto ou rosbife. Havia pãezinhos para enrolar a carne. Cheirava muito bem, mas estava muito nervosa para pensar a respeito de comer.

Quinn me trouxe uma taça de cerveja de gengibre do balcão.

Cravei os olhos no casal dançante e esperei que o céu raso paralisasse.

-Não se vêem preciosos juntos- Uma mulher de cabelo cinza bem vestida disse. Me precavi que ela era a que tinha entrado depois de mim.

-Sim, o fazem,- estive de acordo.

-Sou Genevieve Thrash,- ela disse. -Este é meu marido, David.

-Contente de conhecê-la,- falei. -Sou Sookie Stackhouse, e este é meu amigo, John Quinn. Quinn se viu assombrado. Perguntei-me se esse era realmente seu nome de nascimento.

Os dois homens, tigre e lobato, deram-se a mão enquanto Genevieve e eu observamos ao casal dançar um pouco mais.

-Seu vestido é muito bonito,- Genevieve disse, dando cada indicação que falava sinceramente. -requer um corpo jovem para vestir um traje de noite como esse.

-Aprecio que o diga, então,- falei. -Mostro um pouco mais desse corpo do que estou cômoda mostrando, assim é que me faz sentir melhor.

-Sei que seu acompanhante o aprecia,- ela disse. -E também o faz esse jovem por ali-. Ela apontou com a cabeça sutilmente, e dirigiu o olhar na direção que ela indicava. Bill.

Ele parecia muito bem em seu smoking, mas inclusive estar no mesmo salão fez algo dentro de mim se retorcer com dor.

-Acredito que seu marido é o Vice Governador?- Falei.

-Absolutamente correto.

-E como você se sente ser a Senhora Vice Governadora?- Perguntei.

Ela contou algumas histórias divertidas a respeito de pessoas que ela havia conhecido enquanto ela seguiu a carreira política do David. -E o que faz seu jovem homem?- Ela perguntou, com esse interesse ansioso que deveu ajudar a seu marido a escalar.

-Ele é coordenador de eventos,- falei, depois de um momento de vacilação.

-Que interessante,- Genevieve disse. -E você, tem um trabalho

-OH, sim senhora,- falei. -Sou garçom de bar.

Isso sobressaltou um pouco à esposa do político, mas ela sorriu abertamente.

-Você é a primeira garçom que alguma vez conheci,- ela disse alegremente.

-Você é a primeira Senhora Vice Governadora que alguma vez conheci,- falei.

Maldição, agora que a tinha conhecido e tinha me agradado, sentia-me responsável por ela. Quinn e David justamente conversavam, e penso que a pesca era seu tema.

-Senhora Thrash,- falei, -Sei que você é uma lobato e isso quer dizer que você é tão rude como pode ser, mas vou lhe dar um conselho.

Ela me olhou enigmaticamente.

-Este conselho é ouro puro,- falei.

Suas sobrancelhas voaram acima. -Está bem,- ela disse, lentamente. -Escuto.

-Algo muito mau vai ocorrer aqui na seguinte hora mais ou menos. Vai ser tão mau que poderia matar a um grande número de pessoas. Agora você pode ficar e pode passar um bom momento até que ocorra, e logo você se perguntará por que você não me escutou, ou você pode sair agora depois de agir como se tivesse adoecido, e você pode economizar muitíssima infelicidade.

Seu olhar fixo estava atento. Podia ouvi-la se perguntando se tomava a sério. Não tinha a aparência de uma excêntrica ou uma louca. Tinha a aparência de uma mulher normal, atrativa, jovem com um acompanhante de aparência agradável.

-Está me ameaçando?- Ela perguntou.

-Não, senhora. Estou tratando de salvar sua bunda.

-Dançaremos uma peça primeiro,- Genevieve Thrash disse, tomando uma decisão.

-David, querido, demos um giro ao redor da pista de dança e logo apresentemos nossas desculpas. Tenho a pior dor de cabeça que alguma vez senti-. David obsequiosamente suspendeu de repente sua conversa com o Quinn para levar a sua esposa ao espaço claro e começar dançando valsa junto com o casal real vampiro, quem se viu aliviada de ter companhia.

Começava a relaxar minha postura outra vez, mas um olhar do Quinn me lembrou de me manter muito reta. -Amo o vestido,- ele disse. -Dançamos?

-Dança valsa?- Esperei que minha mandíbula não tivesse caído muito longe.

-Sim,- ele disse. Ele não perguntou se eu podia, entretanto, de fato tinha estado observando os passos da rainha fixamente. -Posso dançar - não posso cantar, mas amo uma pista de dança-. Nunca tinha dançado valsa, mas acreditei que poderia fazer.

Foi algo lindo ter o braço do Quinn ao meu redor, ser movimentada tão graciosamente ao redor da pista. Por um momento, justamente esqueci tudo e desfrutei lhe contemplar, sentindo o que uma garota sente quando dança com um tipo com o que ela espera fazer amor, cedo ou tarde. Os dedos do Quinn tocando minha parte de atrás nua simplesmente me faziam tilintar.

-Cedo ou tarde,- ele disse, -Estaremos em um quarto com uma cama, nenhum telefone, e uma porta que tranque.

Sorri-lhe e espiei aos Thrashes afastando-se pela porta. Esperei que seu carro tivesse sido trazido. E esse foi o último pensamento normal que tive durante algum tempo.

Uma cabeça voou depois do ombro do Quinn. Moveu-se muito rápido para que percebesse quem era, mas se viu familiar. Um spray de sangue criou uma nuvem colorida no velório da cabeça.

Fiz um som. Não foi um grito ou um gemido; foi mais como um -Eeeeepa.

Quinn parou em seco, embora a música não fez por um longo momento. Ele olhou em todas direções, tratando de analisar o que ocorria e como poderíamos sobreviver.

Tinha pensado que um baile estaria bem, mas deveríamos haver ido com o casal lobato. Quinn começou a me empurrar ao flanco do salão de baile, e disse, -Costas contra a parede.

Sabíamos de que direção vinha o perigo: bem pensado. Mas alguém se chocou contra nós e o aperto de Quinn em minha mão estava quebrado.

Houve muitos gritos e uma grande quantidade de movimento. A gritaria era todo dos Lobatos e outros super que tinham estado convidados à festa, e o movimento era em sua maior parte dos vampiros, quem andava procurando a seus aliados no meio do caos.

Estavam onde os trajes horríveis usados pelos seguidores do rei foram. Foi instantaneamente fácil de ver quem pertencia ao rei. É obvio, isso os fazia um branco fácil, também, se você não gostava do rei e seus serventes.

Um vampiro negro magro com dreads tinha batido uma espada com uma lâmina curvada saída de um nada, aparentemente. A lâmina estava ensangüentada, e pensei que Dreads foi quem cortou a cabeça. Tinha posto o traje horrível, assim é que era alguém que quis fatiar. Se tinha qualquer aliado aqui, não era alguém trabalhando para o Peter Threadgill. Tinha me metido detrás de uma das colunas que sustentavam o alto céu raso ao oeste do refeitório, e estava tratando de resolver qual era a saída mais segura do salão quando meu pé chocou algo que trocou de posição. Olhei para baixo para ver a cabeça.

Pertencia ao Wybert. Perguntei-me por uma fração de segundo se moveria ou falaria, mas a decapitação é bastante final, não importa que espécie você seja.

-OH,- gemi, e decidi que o melhor era me sustentar, ou terminaria como Wybert, ao menos em um sentido importante.

A briga se estendeu a todo o longo do salão. Não tinha visto o incidente desencadear, mas com algum pretexto o vampiro negro, atacou ao Wybert e cortou sua cabeça. Desde que Wybert era um dos guarda-costas da rainha e Dreads um dos assistentes do Peter, a decapitação foi um ato bastante decisivo.

A rainha e Andre estavam de pé costas com costas na metade da pista. Andre segurava uma arma em uma mão e um comprida faca na outra, e a rainha tinha adquirido uma faca de rincar do bufet. Havia um círculo de roupões brancos os rodeando, e quando a gente caía, outro tomava seu lugar. Isto era como a última posição do Custer, com a rainha substituindo ao Custer. Sigebert estava igualmente situado no quiosque de música, e a orquestra, parte lobato ou meta e parte vampiro se dividiu em seus diversos componentes. Alguns tomavam parte no combate, enquanto os outros estavam tratando de escapar. Esses que faziam o melhor para sair do inferno estavam entupidos na porta que conduzia ao comprido corredor.

O efeito era um bloqueio.

O rei estava sob ataque de meus três amigos Rasul, Chester, e Melanie. Estava segura de encontrar a Flor de Jade a suas costas, mas ela estava tendo seus problemas, tive o gosto de ver. O Sr. Cataliades fazia seu melhor esforço para - pois bem, pareceu que ele justamente a tratava de tocar. Ela esquivava suas tentativas esmurrando sua grande espada, a espada que tinha cortado a Gladíola em duas, mas nenhum dos dois pareceu que cedia.

Justo então fui derrubada no chão, perdendo meu fôlego por um minuto.

Lancei um golpe forte, só para ter minha mão apanhada. Fui apertada sob um corpo grande.

-Te tenho,- Eric disse.

-Que diabos está fazendo?

-Te protegendo,- disse. Sorria com a alegria da batalha, e seus olhos azuis brilhavam intensamente como safiras. Eric amava uma briga.

-Não vejo ninguém vindo detrás de mim,- falei. -Parece que a rainha te necessita mais que eu. Mas aprecio.

Levado por uma quebra de onda de excitação, Eric me beijou longo e duro e então recolheu a cabeça do Wybert. -Boliches para vampiros,- disse felizmente, e jogou o repugnante objeto ao vampiro negro com uma exatidão e força que golpeou a espada fora da mão do vampiro. Eric estava nisso com um grande salto, e a espada se disparou de seu dono com força mortífera. Com um grito de guerra que não se ouviu em uns mil anos, Eric atacou o círculo ao redor da rainha e Andre, com uma selvageria e abandono que foi quase belo em sua forma.

Um meta tratando de encontrar qualquer outro modo de sair do quarto deu contra mim com bastante força me desalojando de detrás de minha posição comparativamente segura. Repentinamente, houve também muitas pessoas entre a coluna e eu, e o caminho de volta foi bloqueado. Caralho! Podia ver a porta que Wybert e seu irmão tinham estado protegendo. A porta estava através do salão, mas era a única passagem vazia. Qualquer forma de sair deste salão era uma boa forma. Comecei a me mover furtivamente ao redor das paredes para alcançá-la, assim é que não teria que cruzar os espaços abertos perigosos.

Um dos sacos brancos saltou diante de mim.

-Te encontramos!- Ele bramou. Era um vampiro jovem; havia pistas, até em semelhante momento. Este vampiro tinha conhecido os bons costumes da vida moderna. Tinha todos os sinais - dente super direitos que tinham conhecido ortodontia, uma constituição de nutrição moderna, e era ossudo e alto.

-Olha!- Falei, e tirei a um lado meu corpete. Ele o fez, que Deus o abençoe, e o chutei no saco tão duro que pensei que tinham saído fora através de sua boca. Esse deixa a um homem no chão, não importa qual seja sua natureza. Este vampiro não foi a exceção.

Apressei-me ao redor dele e alcancei a parede leste, que tinha a porta.

Estava talvez a uma jarda para chegar quando alguém agarrou meu pé, e abaixo fui.

Deslizei-me em uma piscina de sangue e aterrissei sobre meus joelhos. Era sangue de vampiro, podia dizer pela cor.

-Cadela,- disse Flor de Jade.

-Putá-. Não pensei que alguma vez a tinha ouvido falar. Pude ter prescindido disso agora. Começou a me arrastar, rapidamente, para suas presas estendidas. Ela não se levantava para me matar, porque uma de suas pernas faltava. Quase vomitei mas estava mais preocupada escapando que com ela. Minhas mãos escavaram o piso de madeira suave, e meus joelhos trataram de obter apoio assim poderia me apartar do vampiro. Não sabia se Flor de Jade morreria dessa terrível ferida ou não. Os vampiros podiam sobreviver tantas coisas que matariam a um humano, o qual é obvio era uma grande parte da atração ...

-Acorda, Sookie!- Disse a mim mesma ferozmente.

O choque deve estar chegando.

Estiquei minha mão e consegui me agarrar ao marco da porta. Puxei e puxei, mas não pude me liberar de Flor de Jade, e seus dedos se aprofundavam na carne de meu tornozelo.

Logo ela me romperia os ossos, e não poderia caminhar.

Com meu pé livre chutei à pequena mulher asiática na cara. Fiz novamente e outra vez. Seu nariz sangrava, e seus lábios, também, mas ela não me deixaria ir. Penso que ela nem sequer o sentiu.

Logo Bill saltou sobre suas costas, aterrissando com bastante força para lhe fraturar a coluna vertebral, e seu aperto em meu tornozelo se relaxou. Engatinhei enquanto ele levantou um faca de trinchar como o que a rainha tinha tido. Afundou-o no pescoço de Flor de Jade, repetidas vezes, e logo sua cabeça estava separada e ele me olhava.

Ele não falou, só me deu essa larga, escuro olhar. Logo ele estava levantado e indo, e eu tinha que sair desse inferno.

Os apartamentos da rainha estavam escuros. Isso não era bom. Além de onde a luz do salão de baile penetrava, quem sabia o que podia espreitar.

Tinha que haver uma porta ao exterior aqui. A rainha não deixava a si mesma engarrafada. Ela teria uma forma para sair. E se recordava a orientação do edifício, precisava caminhar direita diante para alcançar a parede correta.

Congreguei a mim mesma e decidi que direita adiante. Não mais de andar a escondidas ao redor da parede. Ao diabo com isso.

E para minha surpresa, sortiu efeito, até certo ponto. Passei através de um quarto - uma sala de estar, acreditei - antes de que fosse dar ao que deveu ser o dormitório da rainha.

Um sussurro de movimento no quarto vibrou meu interruptor de medo, e andei a provas ao longo da parede para a luz. Quando o alcancei, encontrei que estava no quarto com o Peter Threadgill. Ele estava de cara ao Andre. Uma cama estava entre eles, e na cama estava a

rainha, quem tinha sido mau ferida. Andre não tinha sua espada, mas tampouco Peter Threadgill. Andre tinha uma arma, e quando acendi a luz, ele disparou contra o rei em sua própria cara. Duas vezes.

Havia uma porta mais à frente do corpo do Peter Threadgill. Devia conduzir aos jardins.

Comecei a me mover furtivamente ao redor do quarto, minhas costas pressionadas contra a parede. Ninguém prestou nem um pouquinho de atenção em mim.

-Andre, se o matas,- a rainha disse com a maior naturalidade, -Terei que pagar uma multa enorme-. Ela tinha uma mão pressionada contra seu flanco, e seu formoso vestido laranja estava escuro e molhado com seu sangue.

-Mas não valeria a pena, minha senhora?

Houve um silêncio prudente de parte da rainha, enquanto destravei perto de seis ferrolhos.

-No geral, sim,- SophieAnne disse. -depois de tudo, o dinheiro não é tudo.

-OH, bem- Andre disse felizmente, e levantou a arma. Ele tinha uma estaca na outra mão, eu vi. Não peguei a volta para ver como Andre executou a ação.

Me coloquei em caminho através da grama em meus sapatos verdes. Assombrosamente, os sapatos de noite estavam ainda intactos. De fato, estavam em melhor forma que meu tornozelo, o qual Flor de Jade tinha machucado bastante mal. Coxeava para quando havia dado dez passos. -Tome cuidado com o leão,- chamou a rainha, e olhei atrás para ver que Andre a carregava fora do edifício. Perguntei-me de que lado estava o leão.

Então o gato grande apareceu ante meus olhos. Um minuto minha rota de escapada estava clara, e ao seguinte foi preenchida por um leão. As luzes de segurança exteriores estavam apagadas, e à luz da lua a besta se viu tão bela e tão mortífera que o medo devorou o ar fora de meus pulmões.

O leão fez um som baixo, gutural.

-Vai,- falei. Não tinha absolutamente nada com o que me opor a um leão, e estava ao final de minha corda. -Vai!- Gritei. -Fora daqui!

E entrou nos arbustos.

Não acho que esse é um comportamento típico de um leão. Talvez cheirou ao tigre vindo, porque um segundo ou dois depois, apareceu Quinn, movendo-se como um enorme silencioso sonho através da erva. Quinn esfregou sua cabeça grande contra mim, e fomos à parede conjuntamente. Andre pôs no chão a sua rainha e deu um salto por cima com graça e facilidade. Para sua rainha, ele fez pedaços o arame afiado com as mãos meramente cobertas com seu casaco rasgado. Logo baixou e cuidadosamente levantou Sophie Anne.

Ele se congregou a si mesmo e saltou a parede.

-Pois bem, não posso fazer isso,- falei, e inclusive a meus ouvidos, soei resmungona.

-Posso parar sobre suas costas? Tirarei meus saltos-. Quinn acomodou contra a parede, e passei meu braço pelas fivelas da sandália. Não quis machucar ao tigre pondo uma grande quantidade de peso em suas costas, mas também quis sair dali mais do que quis algo, só isso.

Então, tratando de ter pensamentos ligeiros, balancei-me no tigre e consegui segurar a mim mesma, finalmente, à parte superior da parede. Olhei para baixo, e me pareceu um comprido trecho até a calçada.

Depois de tudo que tinha confrontado esta tarde, pareceu estúpido resistir a cair alguns pés. Exceto que estive sentada sobre a parede, dizendo a mim mesma que era uma idiota, por um longo momento. Logo consegui me virar em cima de meu estômago, me deixei pendurar o mais que pude, e falei em voz baixa, -Um, dois, três!- Logo caí.

Por um par de minutos jazi ali, aturdida por como a tarde tinha resultado.

Aqui estava, descansando sobre uma calçada na histórica Nova Orleans, com meus seios fora de meu vestido, meu cabelo caindo, minhas sandálias em meu braço, e um tigre grande lambendo minha cara. Quinn tinha saltado em cima com relativa facilidade.

-Acha que valeria mais caminhar de volta como um tigre, ou como um grande homem nu?- Perguntei ao tigre. -Porque de qualquer forma, atrairá a atenção. Acho que terá uma melhor oportunidade de receber um tiro se for um tigre.

-Isso não será necessário,- disse uma voz, e Andre surgiu ameaçadoramente por em cima de mim. -Estou aqui com a rainha em seu carro, e os levaremos onde precise ir.

-Isso é muito agradável de sua parte,- falei, quando Quinn começou a trocar.

-Sua Majestade considera que ela o deve,- disse Andre.

-Não vejo desse modo,- falei. Por que estava sendo tão franca, agora?

Justamente não podia me calar a boca? -Depois de tudo, se não tivesse encontrado o bracelete e a houvesse devolvido, o rei haveria...-

-Iniciado a guerra esta noite de qualquer maneira,- Andre disse, me ajudando a me pôr de pé. Ele estendeu a mão e muito impessoalmente empurrou meu peito sob a escasso tecido verde-limão. -Ele teria acusado à rainha de romper seu lado do contrato, o qual opinou que todos os presentes devem ser conservados com honra como sinais do matrimônio. Ele teria cercado julgamento contra a rainha, e ela teria perdido quase tudo e sido desonrada. Ele estava preparado a passar de uma ou outra maneira, mas quando a rainha levava posta o segundo bracelete, ele teve que estar de acordo com a violência. Ra Shawn o compensou cortando a cabeça do Wybert por topar-se com ele-. Ra Shawn havia sido o nome do Dread, assumi.

Não estava segura de entendê-lo bem, mas estava igualmente segura que Quinn me poderia explicar isso quando tivesse mais neurônios para dedicar a essa informação.

-Ele ficou tão decepcionado quando viu que ela tinha o bracelete! E foi certo!- Andre disse alegremente. Ele se convertia em um arroio balbuciante, esse Andre.

Ele me ajudou a entrar em carro. -Onde estava?- Perguntou a rainha, quem estava deitada em posição horizontal através de um dos assentos. Seu sangramento se havia detido, e só a forma que ela apertava os lábios indicava a dor que ela estava sentindo.

-Estava na lata selada de café,- falei. -Hadley era realmente boa em artes e ofícios, e ela o tinha aberto cuidadosamente, guardou o bracelete dentro, e fechou com um cola-. Houve bastante mais para explicar, a respeito do Sr. Cataliades e Gladíola e Flor de Jade, mas estava muito cansada para oferecer voluntariamente informação.

-Como o passou pela revista?- A rainha perguntou. -Estou segura que os revistadores revisavam em busca disso.

-Levei posto o bracelete sob minha vendagem,- falei. -O diamante me sobressaía muito, entretanto, assim é que tive que separá-lo. Meti-o em uma asa do absorvente. O vampiro que fez a busca não pensou a respeito de arrancar o absorvente, e ela realmente não soube como se supunha que era, desde que ela não tinha tido nenhuma menstruação em séculos.

-Mas foi posto junto,- a rainha disse.

-OH, passei pelo banheiro de senhoras depois que tinham revistado minha bolsa. Tinha um tubo pequeno de super cola em minha bolsa, também.

À rainha não pareceu saber o que dizer. -Obrigada,- ela me disse, depois de uma larga pausa. Quinn tinha subido na parte de atrás conosco, bem nu, e me apoiei contra ele. Andre se meteu no assento do condutor, e nos deslizamos fora.

Ele nos deixou no pátio. Amelia estava sobre o pavimento em sua cadeira de grama, uma taça de vinho em sua mão.

Quando emergimos, ela colocou o copo muito cuidadosamente na terra e logo nos viu dos pés a cabeça.

-De acordo, não sei como reagir,= ela disse, finalmente. O carro grande se deslizou do pátio quando Andre levou a rainha a algum esconderijo claro. Não perguntei, porque não quis saber.

-Te direi amanhã,- falei. -O caminhão de mudanças estará aqui amanhã pela tarde, e a rainha me prometeu pessoas para carregá-lo e conduzi-lo. Tenho que retornar a Bon Temps.

O prospecto de ir a casa pareceu tão doce que o podia saborear em minha língua.

-Assim é que tem muito que fazer em casa?- perguntou Amelia, quando Quinn e eu começamos a subir as escadas. Supus que Quinn podia passar a noite na mesma cama.

Estávamos ambos tão cansados como para mergulharmos em algo; esta noite não era a noite para começar uma relação, se não tinha começado uma já. Talvez se.

-Pois bem, tenho um montão de casamentos para ir,- falei. -Tenho que voltar a trabalhar, também.

-Tem um quarto para convidados disponível?

Detive-me meia costa das escadas. -Poderia. Necessita um?

Foi difícil de dizê-lo com a pouca luz, mas Amelia poderia estar vendo-se envergonhada.

-Provei algo novo com o Bob,- ela disse. -E não resultou exatamente bem.

-Onde está?- Perguntei. -No hospital?

-Não, ali mesmo,- ela disse. Ela apontava um gnomo na horta.

-Me diga que está brincando,- falei.

-Estou brincando,- ela disse. -Este é Bob-. Ela levantou um gato preto grande com peito branco que tinha estado enrolado em um vaso de barro vazio. Incluso não o tinha notado.

-Não é lindo?

-Claro, o traga,- falei. -Sempre gostei dos gatos.

-Bebê,- disse Quinn, -Me agrada te ouvir dizer isso. Estava muito cansado para trocar completamente.

Pela primeira vez, olhei realmente ao Quinn.

Agora ele tinha uma cauda.

-Definitivamente dormirá no chão, falei.

-Ah, bebê.

-Digo em sério. Amanhã poderá ser todo humano, correto?

-Claro. Troquei muitas vezes ultimamente. Só necessito algum descanso.

Amelia tinha à vista na cauda com olhos largos. -Vejo-te amanhã, Sookie,- ela disse. -Teremos uma pequena viagem pela estrada. E logo ficarei contigo por algum tempo!

-Teremos muita diversão,- disse cansadamente, andando com passo pesado o resto das escadas e me senti profundamente contente que tinha inserido a chave da porta em minha roupa interior. Quinn estava muito cansado para me observar pegá-las. Deixei os restos do vestido reacomodar-se enquanto destranquei a porta. -Tal diversão.

Mais tarde, depois que tinha tomado uma ducha e enquanto Quinn estava no banheiro por si mesmo, ouvi um golpe tentativo na porta. Estava o suficientemente decente em minhas calças de dormir e regata. Embora quis ignorá-lo mais que algo, abri a porta.

Bill se via bastante bem para alguém que tinha brigado em uma guerra. O smoking nunca seria funcional outra vez, mas ele não sangrava, e qualquer corte que ele poderia haver-se feito já se curou.

-Tenho que falar contigo,- disse, e sua voz era tão calma e débil que dava um passo fora do apartamento. Sentei-me no chão do corredor, e ele se sentou comigo.

-Tem que me deixar dizer isto, uma vez só,- ele disse. -Te amei-te. Te amo-. Levantei uma mão para protestar, e ele disse, -Não, me deixe terminar. Ela me enviou ali, verdade. Mas quando te conheci- depois que fui te conhecer - eu em realidade... lhe amei.

Quanto tempo depois que ele tinha me levado a cama veio este suposto amor? Como podia acreditar, se ele tinha mentido tão convincentemente do momento que lhe conheci jogando desinteressadamente porque ele podia ler minha fascinação com o primeiro vampiro que alguma vez tinha encontrado?

-Arrisquei minha vida por você,- falei, as palavras saindo fora em uma seqüência hesitante. - Dei ao Eric poder sobre mim para sempre, por seu bem, quando tomei seu sangue. Matei alguém por você. Isto não é algo que dou por concedido, até se você o faz... até se essa é a existência de todos os dias para ti. Não o é, para mim. Não sei se alguma vez possa não te odiar.

Levantei-me, lenta e dolorosamente, e para meu alívio ele não cometeu o engano de tentar me ajudar. -Provavelmente salvou minha vida esta noite,- falei, olhando-o para abaixo.

-E te dou o obrigada por isso. Mas não entre no Merlotte's nunca mais, não fique por aí em meu bosque, e não faça qualquer outra coisa por mim. Não quero verte outra vez.

-Te amo,- ele disse tercamente, como se esse fato fora tão assombroso e uma verdade tão inegável que lhe deveria acreditar. Pois bem, fiz, e olhe onde havia me trazido.

-Essas palavras não são uma fórmula mágica,- falei. -Não vão abrir meu coração para ti.

Bill tinha mais de cento e trinta anos de idade, mas nesse momento senti que o alcançava. Arrastei a mim mesma para dentro, fechei a porta detrás de mim e a tranquei, e me obriguei a ir da sala ao dormitório.

Quinn se secava, e deu a volta para me mostrar seu traseiro musculoso. -Livre de pelagem,- disse. -Posso compartilhar a cama?

-Sim,- falei, e engatinhei dentro. Ele entrou pelo outro lado, e estava dormido em trinta segundos. Depois de um minuto ou dois, deslizei-me pela cama e pus minha cabeça sobre seu peito.

Escutei o batimento de seu coração.

## CAPÍTULO 23

-QUAL ERA O TEMA COM Flor de Jade?- Amelia perguntou ao dia seguinte.

Everett conduzia a U-Haul, e Amelia e eu o seguíamos dentro de seu pequeno carro.

Quinn tinha ido na manhã seguinte para quando tinha me levantado, me deixando uma nota para me dizer que ele ia me chamar depois que tivesse contratado alguém para tomar o lugar do Jake Purifoy e depois de seu seguinte trabalho, o qual era em Huntsville, Alabama - um Rito de Ascensão, disse, embora não tinha idéia o que era isso. Ele acabou a nota com um comentário muito pessoal sobre o vestido verde-limão, o qual não repetirei aqui.

Amelia tinha suas mala feitas para quando tinha me vestido, e Everett dirigia a dois homens corpulentos que carregaram as caixas que quis levar para Bon Temps.

Quando ele retornasse, traria a mobília que não queria para o Goodwill. As tinha oferecido a ele, mas ele tinha olhado as antiguidades falsas e atentamente havia dito que não eram seu estilo. Tinha jogado minhas coisas no automóvel da Amelia, e havíamos saído. Bob o gato estava em sua jaula no assento traseiro. Estava alinhado com toalhas e também tinha comida e água, o qual era um pouco desordenado. A caixa de lixo de Bob estava no chão.

-Minha mentora soube o que tinha feito,- Amelia disse de modo pessimista. -Ela não está, nada contente com comigo.

Não estava surpresa, mas não pareceu discreto dizer nada então, quando Amelia tinha sido de tanta ajuda para mim.

-Ele está perdendo sua vida agora,- apontei, tão brandamente como pude me engenhar.

-Pois bem, é verdade, mas ele está tendo um inferno de experiência,- Amelia disse, na voz de alguém determinado a ver o lado bom das coisas. -O ressarcirei. De alguma forma. Não estava segura que isto fora algo do que poderia "ressarcir" a alguém.

-Apostarei que lhe pode pôr de volta a si mesmo logo,- falei, tratando de soar confiada. -Há algumas bruxas realmente agradáveis em Shreveport que poderiam ajudar.

Se Amelia podia conquistar seu prejuízo contra os Wiccans.

-Grandioso,- disse a bruxa, vendo-se mais alegre. -Enquanto isso, que diabos ocorreu ontem à noite? Me diga em detalhe.

Achei que tinha terminado a comunidade sobrenatural hoje, assim podia igualmente esparramar feijões. Disse a Amelia a história inteira.

-Como soube Cataliades que Flor de Jade tinha matado a Gladíola?- Amelia perguntou.

-Um, eu contei,- falei, minha voz baixa.

-Como sabia?

-Quando os Pelts me disseram que não tinham contratado a alguém para observar a casa, acreditei que o assassino era alguém expedido pelo Peter Threadgill para atrasar a mensagem do Cataliades. Peter Threadgill sabia que a rainha tinha perdido o bracelete com a Hadley. Talvez ele teve espiões entre as próprias pessoas da rainha, ou talvez um de seus seguidores mais estúpidos, como Wybert, deixou isso escorregar. Não era difícil de observar os movimentos das duas garotas demônio que a rainha usou como mensageiros. Quando uma delas veio me dar à mensagem da rainha, Flor de Jade a seguiu e a matou. A ferida era bem drástica, e depois que vi a espada de Flor de Jade e observei ela bater tão rápido que não poderia ver mover-se, acreditei que ela era uma candidata provável para o assassino designado. Mais, a rainha havia dito que se Andre estava em Nova Orleans, todo mundo assumia que ela, também... assim é que ao reverso tinha que ser verdadeiro, correto? Se o rei estivesse em Nova Orleans, todo mundo assumiria que Flor de Jade, também. Mas ela estava fora da minha casa, no bosque-.

Estremeci com a lembrança.

-Fiquei sabendo com segurança depois de chamar uma grande quantidade de estações de gás. Falei com um tipo que definitivamente recordou a Flor de Jade.

-Por que Hadley roubou o bracelete?

-Ciúmes, acho, e o desejo de deixar à rainha em um mau lugar. Não acho que Hadley entendesse as implicações do que ela tinha feito, e para quando o fez, era muito tarde. O rei tinha feito seus planos. Flor de Jade observou Hadley por algum momento, encontrou a oportunidade para pegar o Jake Purifoy e matá-lo. Esperaram que fosse atribuído a Hadley. Algo que desprestigiasse a Hadley desprestigiaria à rainha. Não tiveram forma de saber que lhe daria volta.

-O que ocorrerá ao Jake agora?- Amelia se viu preocupada. -Eu gostava dele. Era uma pessoa estupenda.

-Ele ainda pode sê-lo. Ele é simplesmente um tipo vampiro agradável.

-Não estou segura que acha tal coisa,- minha companheira disse quedamente.

-Alguns dias, não estou segura tampouco-. Fomos de carro por algum momento em silêncio.

-Bem, me conte sobre Bon Temps,- Amelia disse, nos tirando de nosso abatimento coloquial.

Comecei a contar a ela sobre o povoado, e o bar onde trabalhava, e o chá de panela matrimonial ao que tinha sido convidada a assistir, e todas os casamentos próximas a chegar.

-Soa bastante bom,- Amelia disse. -Ouça, sei que sou do tipo que pergunta muito. Não preste atenção, digo, realmente

-Não,- falei, com uma velocidade que me assombrou. -Não, será agradável ter companhia... por algum momento,- adicionei cautelosamente. -O que fará a respeito de sua casa em Nova Orleans enquanto vai?

-Everett disse que não lhe importaria viver no apartamento superior, porque sua mamãe ficava um pouco difícil de aceitar. Desde que ele tem um trabalho tão bom com Cataliades, ele pode permitir o luxo. Cuidará de minhas plantas e coisas até que retorne. Ele sempre me pode enviar um email-. Amelia tinha um computador portátil em seu automóvel, assim pela primeira vez haveria um computador na casa Stackhouse. Houve uma pausa, e logo ela disse, com voz tentativa, -Como te está se sentindo agora? Digo, com seu ex e o demais?

Considerarei. -Tenho um oco grande em meu coração,- falei. -Mas se fechará.

-Não quero soar ao Dr. Phil,- ela disse. -Mas não deixe que a crosta sele a dor dentro, sim?

-Esse é um bom conselho,- falei. -Espero que o possa dirigir.

Tinha ido por alguns dias, e tinham sido infelizes. Quando nos aproximamos de Bom Temps, perguntei-me se Tanya tinha tido êxito em obrigar ao Sam a lhe pedir para sair. Perguntei-me se teria que contar ao Sam sobre o papel da Tanya como espiã. Eric não tinha que estar confuso a respeito de mim mais, desde que nosso grande segredo estava fora. Ele não tinha um aperto em mim. Os Pelts cumpriam com a sua palavra? Talvez Bill iria em uma viagem comprida. Talvez uma estaca acidentalmente caísse sobre seu peito enquanto ele estava fora.

Não tinha escutado do Jason enquanto estava em Nova Orleans. Perguntei-me se ele ainda fazia planos de casar-se. Esperei que Crystal tivesse se recuperado. Me perguntei se Dr. Ludwig aceitou pagamentos de seguro. E o casamento duplo Bellefleur deveria ser um acontecimento interessante, até se estava trabalhando enquanto estava ali.

Respirei profundamente. Minha vida não era tão má, disse a mim mesma, e começava a acreditar que isso era verdade. Tinha um novo namorado, talvez; tinha uma amiga nova, certamente; tinha acontecimentos para estar desejando. Isto era tudo bom, e deveria estar agradecida.

Assim que o que ocorria estava compelida a assistir a uma convenção de vampiros como parte do cortejo da rainha? Hotel seletto, me vestir bastante, assistir a reuniões bastante aborrecidas, se tudo o que outras pessoas tinham me contado sobre convenções era certo.

Carambe, que tão mau podia ser?

Melhor não pensar a respeito disso.

**\*Revisado e Traduzido por Aninha Lizaso – [www.aninhalizaso.blogspot.com](http://www.aninhalizaso.blogspot.com)**